



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Samarone Carvalho Marinho

**Os conceitos da natureza:  
ideia e experiência nos sistemas de Schelling e Humboldt**

Rio de Janeiro  
2021

Samarone Carvalho Marinho

**Os conceitos da natureza:  
ideia e experiência nos sistemas de Schelling e Humboldt**



Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cristina Ferreira Gonçalves

Rio de Janeiro  
2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

S322

Marinho, Samarone Carvalho.

Os conceitos da natureza: ideia e experiência nos sistemas de Schelling e Humboldt / Samarone Carvalho Marinho. – 2021.  
190 f.

Orientadora: Márcia Cristina Ferreira Gonçalves.

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Schelling, Friedrich Wilhelm Joseph von, 1775-1854. 2. Humboldt, Alexander von, 1769-1859. 3. Filosofia da natureza – Teses. 4. Ideia (Filosofia) – Teses. I. Gonçalves, Márcia Cristina Ferreira, 1962-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 113/119

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Samarone Carvalho Marinho

**Os conceitos da natureza:  
ideia e experiência nos sistemas de Schelling e Humboldt**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Aprovada em 22 de outubro de 2021.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Márcia Cristina Ferreira Gonçalves (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

---

Prof. Dr. Vinícius Pereira Bezerra

Instituto Federal do Maranhão

---

Prof. Dra. Karla de Almeida Chediak

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

---

Prof. Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dr. Marcos André Gleizer

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Rio de Janeiro  
2021

## DEDICATÓRIA

A minha família, que me acompanha, ainda que em *ausência geográfica*.

*In memoriam*, aos muitos meus que partiram nesse contexto de *inflexão da vida*.

## AGRADECIMENTOS

Escrito à luz de um ponto de inflexão ontológico (a pandemia em curso no mundo) em cujo contexto se quer reconhecida a realização deste trabalho, agradeço:

À Márcia Gonçalves, pela paciência filosófica. Minha gratidão e respeito.

Às professoras e professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, obrigado pelo aprendizado. E, também, ao corpo técnico do Programa de Pós-graduação em Filosofia, grato pelo apoio.

Aos colegas do DINTER/Filosofia, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que me permitiram um profundo diálogo com a filosofia. Em especial, ao Nertan-Silva, o artista-filósofo, pelo desenho em nanquim s/papel casca de ovo, 21 x 29,5 cm.

Ao Márcio Schäfer, pela disposição em contribuir com a revisão das traduções das cartas entre Schelling e Humboldt e do prefácio, feitas a partir do original em alemão *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*.

Ao Kouassi Loukou Maurice, pela gentileza em revisar a tradução do *Ensaio sobre Geografia das Plantas*, feita a partir do original em francês *Essai sur la Géographie des Plantes*.

À Lourdes Brefin, pela partilha de leituras e diálogos.

Ao Rafael Barra e ao Carlos Santos que, de certa forma, acompanharam em algum momento esse percurso.

Ao Ubiratane e Roger, por aqueles momentos de escuta ao processo de investigação.

Ao Vinicius, Eduardo e Arnaldo, pelos diálogos críticos em situações críticas ou não.

Enfim, ao trabalho que se quis *exercício entre duas fronteiras*: a filosofia e a geografia.

É verdade que a química nos ensina a ler os elementos; a física, as sílabas; e a matemática, a natureza; mas não nos devemos esquecer que cabe à filosofia interpretar aquilo que se leu.

*Friedrich Schelling*

Nesta pintura da natureza, reúno todos os fenômenos apresentados pela superfície do nosso planeta e pelo círculo de ar que o envolve. Os naturalistas que conhecem o estado atual de nosso conhecimento empírico, especialmente o da meteorologia, não ficarão surpresos de ver tantos assuntos tratados em tão poucos arcos.

*Alexander von Humboldt*

## RESUMO

MARINHO, S. C. *Os conceitos da natureza: ideia e experiência nos sistemas de Schelling e Humboldt*. 2021. 190 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Este trabalho tem por objetivo demonstrar a hipótese de um diálogo entre os sistemas filosófico-científicos de Friedrich Schelling (1775-1854) e Alexander von Humboldt (1769-1859), a partir da análise das obras *Ideen zu einer Philosophie der Natur* (1797) de Schelling e *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen/Essai sur la Géographie des Plantes* (1805 [1807]) e *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse das Ansichten der Natur* (1808) de Humboldt. Para tanto, iniciaremos com o estudo das cartas trocadas entre Schelling e Humboldt. Em seguida, analisaremos as teses schellinguianas da “*natureza como um todo*”, das “*potências da natureza*” e da “*organização da natureza*”. Em momento subsequente, elucida-se um ponto de convergência entre ambas as filosofias da natureza. Apresentaremos, então, uma primeira comparação entre as filosofias da natureza de Schelling e Humboldt por meio da análise dos conceitos humboldtianos de “*formas da natureza*”, “*fisionomia da natureza*” e “*pinturas da natureza*”, presentes em suas obras de 1805 e 1808. Demonstraremos, por fim, o esboço do diálogo entre Schelling e Humboldt, por meio da compreensão dos conceitos de natureza e imaginação, expostos respectivamente nas obras de Schelling, de 1797, e de Humboldt, de 1805.

Palavras-chave: Schelling. Humboldt. Ideia. Experiência. Filosofia da natureza. Geografia das plantas.

## ABSTRACT

MARINHO, S. C. *The concepts of nature: idea and experience in Schelling and Humboldt systems*. 2021. 190 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

This work aims to demonstrate the hypothesis of a dialogue between philosophical-scientific systems of Friedrich Schelling (1775-1854) and Alexander von Humboldt (1769-1859), based on the analysis of the works *Ideen zu einer Philosophie der Natur* (1797) by Schelling and *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen/Essai sur la Geographie des Plantes* (1805 [1807]) and *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse* from *Ansichten der Natur* (1808) by Humboldt. Therefore, we will start with a study of the letters exchanged between Schelling and Humboldt. Then, we will analyze the Schelling theses of “nature as a whole”, the “powers of nature” and the “organization of nature”. In a subsequent moment, a point of convergence between both philosophies of nature is elucidated. We will then present a first comparison between Schelling’s and Humboldt’s philosophies of nature through the analysis of Humboldtian concepts of “forms of nature”, “physiognomy of nature” and “paintings of nature” present in their works of 1805 and 1808. Finally, we will demonstrate the strength of the dialogue between Schelling and Humboldt through the understanding of the concepts of nature and imagination, presented respectively in the works of Schelling in 1797 and Humboldt in 1805.

Keywords: Schelling. Humboldt. Idea. Experience. Philosophy of nature. Geography of plants.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 PREÂMBULO – CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA DA NATUREZA EM SCHELLING E HUMBOLDT POR MEIO DA LEITURA DE DUAS CARTAS.....	19
1.1 Termos do problema.....	19
1.2 Sobre as duas cartas.....	21
1.3 Schelling a Humboldt, fim de janeiro de 1805.....	22
1.4 Humboldt a Schelling, início de fevereiro de 1805.....	28
2 A IDEIA DE NATUREZA.....	35
2.1 A natureza como um todo.....	36
2.2 As potências da natureza.....	51
2.3 A organização da natureza.....	68
3 INTERLÚDIO – UM PARECER DE CONVERGÊNCIA ENTRE A FILOSOFIA DA NATUREZA DE SCHELLING E A DE HUMBOLDT.....	85
3.1 Termos do problema.....	85
3.2 Parecer de convergência.....	86
4 A APRESENTAÇÃO DA NATUREZA.....	92
4.1 Formas da natureza.....	93
4.2 Fisionomia da natureza.....	113
4.3 Pinturas da natureza.....	130
5 FECHO – ESCORÇO SOBRE NATUREZA E IMAGINAÇÃO EM SCHELLING E HUMBOLDT ATRAVÉS DE ALGUMAS PASSAGENS.....	148
5.1 Termos do problema.....	148
5.2 A natureza e a imaginação.....	149
CONCLUSÃO.....	157
REFERÊNCIAS.....	162
APÊNDICE A – Versão de estudo do “Prefácio” e do “Ensaio sobre a Geografia das Plantas” a partir dos originais “ <i>Préface</i> ” e “ <i>Essai sur la Géographie des Plantes</i> ” (1805 [1807]).....	167
APÊNDICE B – Versão de estudo do “Prefácio” a partir do original “ <i>Vorrede</i> ”	

em “ <i>Ideen zu einer Geographie der Pflanzen</i> ” (1807 [1805]).....	182
<b>ANEXO A</b> – Transcrição dos originais das cartas entre Schelling e Humboldt (1805).....	186
<b>ANEXO B</b> – Reprodução da <i>Naturgemälde</i> que acompanha os originais (1805 [1807]).....	190

## INTRODUÇÃO

### Os termos dos problemas

O presente trabalho é pensado como uma pequena contribuição aos estudos de filosofia da natureza que, através do diálogo proposto entre os estudos filosófico-científicos de Friedrich Schelling e Alexander von Humboldt, tem como objetivo a exposição de um conjunto de conceitos construídos sobre a natureza a partir das obras *Ideen zu einer Philosophie der Natur als Einleitung in das Studium dieser Wissenschaft*<sup>1</sup>, de Schelling, e *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen nebst Einem Naturgemälde der Tropenländer* (no seu original em alemão)/*Essai sur la Géographie des Plantes, accompagné d'un Tableau Physique des Régions Équinoxiales* (no seu original em francês)<sup>2</sup> e as *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*<sup>3</sup> das *Ansichten der Natur*, de Humboldt. Com o apoio de tais obras, em seus originais e mediados por versões em português, chegou-se à construção dos conceitos. Inevitavelmente, para a exposição filosófica de tal conjunto de conceitos, foi preciso privilegiar a filosofia da natureza de Schelling, o que de antemão já determina o campo científico de nossa pesquisa. Ciência esta que, ao longo deste trabalho, é amplamente compreendida como uma perspectiva filosófica diferenciada acerca do conceito de natureza.

Tal aproximação entre o conceito schellinguiano de natureza e a experiência humboldtiana da mesma teve como ponto de partida a tese schellinguiana de intuição intelectual da natureza, como modo de apreensão imediata da totalidade da natureza, por meio da unificação entre espírito ou a ideia interior e matéria ou a natureza em sua exterioridade.<sup>4</sup> Essa tese foi incorporada ora como princípio de compreensão das análises aqui feitas, em que é possível compreender como a intuição pode realizar sua *significância* passando (e não se encerrando) pela (na) realidade empírica, ora compreendida como força ativa que se *direciona*

---

<sup>1</sup> Daqui em diante, essa obra será denominada de *Ideias*.

<sup>2</sup> Daqui em diante, essa obra, tanto do original em alemão quanto do original em francês, será denominada de *Geografia das Plantas*. O porquê do uso dos dois originais (em alemão e em francês) será explicado a seguir, na subseção *As fontes*.

<sup>3</sup> Daqui em diante, essa obra será denominada de *Fisionomia das Plantas*.

<sup>4</sup> Nas *Ideias*, no percurso de algumas passagens sobre essa questão exposta na parte da tese intitulada *A ideia de natureza*, partindo de diálogo com Espinosa, mas diferentemente dele, Schelling afirma que: “[...] a conexão das nossas ideias com as coisas fora de nós [...]” (*der Zusammenhang unsrer Ideen mit den Dingen außer uns*), tem como intermédio a intuição intelectual que faz as ações ao mundo da matéria serem deduzidas a partir do espírito. (Cf. SCHELLING, F. W. J. *Ideen zu einer Philosophie der Natur als Einleitung in das Studium dieser Wissenschaft*. SW, I, 2, 35).

ao mundo da realidade empírica ora regressando em forma de conceitos objetivamente idealizados.<sup>5</sup> Na filosofia da natureza de Schelling, nem só pelo intelecto se tem o acesso ao conhecimento da natureza, muito menos nem só pela experiência advém tal conhecimento. A intuição intelectual exerce o papel de unir aquilo que a reflexão separa, conceito e imagem e, por extensão, ideia e experiência, permitindo-nos pensar que ela é parte constituinte da própria natureza (e de sua ideia). Natureza, esta, que efetiva – por atividade livre e espontânea, que põe a si mesma e a seus produtos orgânicos – a unidade do mundo inteligível com o mundo empírico, unidade abarcada por princípios do saber, tanto advindos do puro saber quanto da experiência.<sup>6</sup> Ao que pese, então, descobriremos, por meio de tal intuição, que, também, como uma força *ex nihilo*, se vê reivindicada à natureza uma forma originária da unidade de si com o saber. O caminho, então, é como se anuncia à *senda* schellinguiana das *Ideias*, compreender filosoficamente essa unidade em termos de exposição da ideia de natureza.<sup>7</sup>

Outra determinação de conceitos é derivada da filosofia humboldtiana da natureza, aderente à primeira determinação, e se quer um esforço intelectual de mediação a um diálogo com a filosofia schellinguiana. Suas disposições são concernentes, principalmente, à *Geografia das Plantas*, quando essa ciência é compreendida como uma modalidade especial de “física geral” (*physique générale*) que tenta captar a interconexão de vários fenômenos naturais observados na superfície terrestre e na atmosfera com a natureza, como uma rede de vida.<sup>8</sup> O que só mediante a subsunção da empiria pela matemática, e, ambas, pela filosofia da

---

<sup>5</sup> Dentre comentadoras e comentadores de Schelling, Márcia Gonçalves (em seu texto *Construção, criação e produção da filosofia da natureza de Schelling*, p. ex.) e Xavier Tilliette (em seu ensaio *La nature, l'esprit, le visible et l'invisible: note sur une sentence de Schelling*, p. ex.) possibilitam, como citados no percurso da tese, compreender o conceito schellinguiano de intuição intelectual como unidade de ideia e experiência ou como “[...] um ato energético de liberdade que estreita a afinidade do espírito e da natureza [...]” (TILLIETTE, 2015, p. 51), a evidenciar “[...] certo paralelismo entre o espírito e a natureza [...]” (GONÇALVES, 2015, p. 16), que conduz ao surgimento filosófico da ideia de natureza sob forma de um conhecimento unitário sobre a natureza.

<sup>6</sup> Com Schelling, nas *Ideias*, o percurso de exposição da ideia de natureza, no seu horizonte, mostra os limites da filosofia da reflexão (*Reflexionsphilosophie*), à forma desta de prover conhecimento cisionante sobre a natureza. Contribuindo, esta última, para que o homem separe “[...] aquilo que a natureza desde sempre uniu, [que o homem] separe objeto e a intuição, o conceito e a imagem [...]” (*was die Natur auf immer vereint hat, trennt den Gegenstand von der Anschauung, den Begriff vom Bilde*). (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 13).

<sup>7</sup> Esse intuito schellinguiano se dá como compreendido no Prefácio (*Vorrede*) das *Ideias*, quando o filósofo alemão anuncia que vai expor filosoficamente a ciência da natureza. (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 6).

<sup>8</sup> Em *Geografia das Plantas*, obra analisada no percurso de alguns fragmentos sobre a exposição dessa questão na parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”, Humboldt tem consigo a necessidade de expor a geografia das plantas como uma disciplina que é “[...] uma parte essencial da física geral [...]” (*une partie essentielle de la physique générale*) e que “[...] contém os materiais mais interessantes da história do nosso planeta [...]” (*welche die interessantesten Materialien zur Geschichte unsers Planeten enthält*), isto ao contributo de interpretar a natureza como uma rede de vida. (Cf. HUMBOLDT, A. von; BONPLAND, A. *Essai sur la Géographie des plantes. Accompagné d'un Tableau Physique des Régions Équinoxiales*. Paris: Chez Levrault, Schoell et Compagnie, Libraires, 1805 [1807], p. 13) (Cf. HUMBOLDT, A. von; BONPLAND, A. *Ideen zu*

natureza – afastando-se, assim, da relação sensível com o mundo – é que tal projeto de Humboldt alça-se a um grau maior de realização. Nesse ínterim, garantir às ciências da natureza empíricas uma participação colaborativa na exposição e na compreensão de fenômenos específicos – tais como as características superficiais do globo terrestre (fisiografia), a dinâmica do desenvolvimento das formas vegetais (fisiologia), o processo fotossintético à reprodução das plantas (biologia vegetal), a incidência climática à variação da fisionomia das plantas (climatologia), a distribuição geográfica de formas vegetais sobre a superfície do planeta (fitogeografia) etc. – é remetê-las ao concurso intelectual ativo, cujas interpretações, daí advindas, concorrem para mostrar a relação dinâmica entre produtos naturais (em termos sintéticos, a relação das variáveis fisiográfico-climáticas que interagem para a formação das plantas) postos pela natureza na conformação de uma rede de vida.<sup>9</sup> E o princípio matemático-aritmético surgido em Humboldt está em sintonia com específica expressão imagética (*Naturgemälde*),<sup>10</sup> a fim de expor pictórico-cientificamente as interconexões do todo orgânico (a natureza) com as partes (os produtos naturais em geral, orgânicos e inorgânicos). A ideia, nesse sentido, ganha, com esse aspecto apresentacional, uma forma intelectual-empírica em sua visualização efetivada.

O conceito schellingiano de ideia (*Idee*), tal como apresentado em sua obra *Ideias*, de 1797, conduz-nos a compreender que a unidade da natureza e do espírito se faz exigência para que se realize a *vida* fora de nós, e, com ela, o seu percurso *em* nós. Realização essa, na qual o pensamento reflexivo, como modo de pensar que se baseia muito na experiência, é *suspense* para o acesso ao conhecimento da natureza e, por igual, são suspensos os seus equívocos de exposição das analogias das formas da natureza pautadas no excesso de descritivismo. Com Schelling, de início, o espírito *idêntico* à natureza é, nessa unidade, a *ciência* tanto da natureza como organismo vivo quanto da própria vida do saber que a compreende enquanto organismo. Em suas palavras: “Na medida em que eu próprio sou *idêntico* à natureza, entendo aquilo que é uma natureza viva, tanto quanto entendo a minha própria vida [...]”.<sup>11</sup> Ao que, como depreendido desse movimento, tem-se a vida da natureza, como todo orgânico, que se põe

---

*einer Geographie der Pflanzen nebst einem Naturgemälde der Tropenländer*. Tübingen, F. G. Cotta, 1807 [1805], p. 2).

<sup>9</sup> Dentre comentadoras e comentadores, Andrea Wulf (em seu livro sobre Humboldt intitulado *A invenção da Natureza*) e Stephen T. Jackson (em ensaio introdutório *Humboldt, Ecology, and the Cosmos* à edição inglesa de *Geografia das Plantas*) dão-no a ler, no percurso da exposição da tese, que a ciência humboldtiana dá ênfase na natureza “[...] como um organismo vivo [...]” (WULF, 2016, p. 196), cuja visão “[...] abrange espaço, tempo, elementos físicos e bióticos da terra e cultura e percepção humana [...]” (JACKSON, 2009, p. 5).

<sup>10</sup> Conceito construído e exposto na subseção “Pinturas da natureza” da parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”.

<sup>11</sup> SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

universalmente através dos seus produtos orgânicos particulares (a planta, o ser humano, p. ex.). Esse movimento, para nós, encontra na apresentação (*Darstellung*), através de uma forma de expressão imagética diferente (a *Naturgemälde*) em *Geografia das Plantas*, uma maneira intelectual-empírica de visualizar a ideia de natureza. Intelectual, porque Humboldt entende que os graus de compreensão das informações geográfico-botânicas obtidas durante suas viagens científicas<sup>12</sup> passam pelo crivo de uma intelecção que reúne a coleta descritiva de dados numa imagem capaz de afastar estes últimos da mera relação sensível. Empírica, por ter, ainda, sua validade no apoio de tais informações, obtidas das ciências naturais empíricas, sendo que, ao enlace filosófico, o mundo da experiência é redirecionado para uma compreensão da analogia das suas formas, pautada na exposição pictórica das interações dos produtos orgânicos com aquelas informações geográfico-botânicas. Alude-se, portanto, que, através da apresentação da ideia de natureza humboldtiana, evidencia-se a visão geral da própria natureza, compreendida pelo intelecto e pela experiência. Pois, o que busca Humboldt com tal apresentação, é, em suas palavras, expor “[...] todos os fenômenos que a superfície do nosso planeta e o círculo de ar que o envolve [...]”.<sup>13</sup>

Nossa hipótese interpretativa é de que haveria a convergência entre os conceitos de natureza de Schelling e Humboldt. Uma convergência que, equalizaria ambos os autores como filósofos da natureza. Essa hipótese permite-nos lançar inicialmente um parecer *provisório* às suas ideias sobre natureza, que só poderão ser plenamente inferidas após a compreensão plena de nossa tese da unidade entre ideia e experiência presente tanto em Schelling quanto em Humboldt. Inicialmente, os conceitos de ideia e de experiência têm uma posição transitória a depender de como as ideias sobre a natureza serão conduzidas em cada um dos filósofos da natureza. Do lado de Schelling, investigaremos principalmente a Introdução de sua obra *Ideias para uma Filosofia da Natureza*, de 1797, e, também, em medida de apoio à exposição, sua obra de 1799 intitulada *Introdução ao Projeto de um Sistema de Filosofia da Natureza*<sup>14</sup>, buscando compreender a possibilidade do conhecimento da natureza por meio de um campo científico necessário à compreensão do que será demonstrado. Do lado de Humboldt, investigaremos o conceito de natureza enquanto um organismo conectado aos fenômenos naturais, tal como apresentado em sua obra *Geografia*

<sup>12</sup> Faz-se menção a viagem científica feita às Américas entre os anos de 1799-1804 que, juntamente com o pintor e botânico francês Aimé Bonpland, resultou na elaboração da *Geografia das Plantas* (1805 [1807]).

<sup>13</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, [1807] 1805, p. III.

<sup>14</sup> No original intitulada *Einleitung zu dem Entwurf eines Systems der Naturphilosophie oder über den Begriff der speculativen Physik und die innere Organisation eines Systems dieser Wissenschaft*. Publicada em 1799, no arco de exposição do sistema sobre filosofia da natureza, a qual a partir de agora denominaremos abreviadamente de *Introdução ao Projeto* e que contextualizaremos na subseção *As fontes*.

*das Plantas*, e repostos por meio da tese da identificação dos traços fisionômicos de tal conexão em sua obra *Fisionomia das Plantas*, de modo que a apresentação da natureza se faz através da investigação das formas da natureza. Podemos aludir, para ambos, que a força *integradora* latente nas duas filosofias da natureza concorre para nos *mostrar* a síntese da compreensão da natureza, que, como um *todo* orgânico, é permanente devir.

### **As fontes**

Para o desenvolvimento de nossa tese, utilizamos como fontes principais a Introdução da obra *Ideias para uma Filosofia da Natureza* (1797) e, de maneira complementar, a obra *Introdução ao Projeto de um Sistema de Filosofia da Natureza* (1799), de Schelling, e as obras *Geografia das Plantas* (1805 [1807]) e *Fisionomia das Plantas* (1808) de Humboldt.

Utilizamos a versão eletrônica das “obras completas” de Schelling, editadas por seu filho Karl Friedrich Schelling entre 1856-1861 como apoio para a leitura da tradução para língua portuguesa feita por Carlos Morujão, em edição bilingue de 2001 do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, no caso das *Ideias para uma filosofia da natureza*, e a tradução feita por Kleber Carneiro Amora editada em 2010 pela Revista Princípios, Natal-RN, v. 17, n. 28, intitulada *Introdução ao Projeto de um Sistema da Filosofia da Natureza ou Sobre o Conceito da Física Especulativa e a Organização interna de um Sistema desta Ciência*. Observamos, também, que em pontos específicos e complementares ao trabalho, por entender que tais obras enfeixam-se num mesmo período de elaboração das *Ideias* e da *Introdução ao Projeto*, utilizamos, ainda, para apoio à compreensão dos conceitos, as *Vorlesungen über die Methode des akademischen Studiums* (1803), no tocante à leitura e entendimento da lição IV – que trata do estudo das ciências racionais puras, das matemáticas e da filosofia – e da lição XI – que trata da ciência da natureza em geral – presentes em *sämtliche Werke*; e os cursos que levaram à publicação póstuma da *Philosophie der Kunst* (publicação que reúne os cursos em Jena, de 1802-03, e em Würzburg, de 1804-1805). Para a compreensão desta última obra, para compreensão sobre o problema do *alegórico* e do *simbólico*, utilizamos a tradução feita por Márcio Suzuki, editada em 2010 pela Editora da Universidade de São Paulo (USP), intitulada *Filosofia da arte*.

Para o diálogo com as obras do naturalista alemão, consultamos, para compreensão dos conceitos, os originais da obra *Geografia das Plantas* (*Ideen zu einer Geographie der*

*Pflanzen*, 1807 [1805], editada por F. G. Cotta, em Tübingen; e *Essai sur la Géographie des Plantes* 1805 [1807], editado por Chez Levrault, Schoell et Compagnie, Libraires, em Paris.). Bem como consultamos a edição da obra *Fisionomia das Plantas*, como parte integrante das *Ansichten der Natur*, publicadas pela primeira vez em 1808, a qual comparamos com a edição de 1849, por F. G. Cotta, em Stuttgart e Tübingen. Para exposição do trabalho, elaboramos tradução do prefácio da obra de Humboldt *Geografia das Plantas* com revisão de Márcio Schäfer do “Prefácio”, apresentado como “APÊNDICE B – Versão de estudo do ‘Prefácio’ a partir do original ‘Vorrede’ em ‘Ideen zu einer Geographie der Pflanzen’ (1807 [1805])”. Do original em francês, apresentamos uma versão de estudo com revisão de Kouassi Loukou Maurice do “Prefácio” e do “Ensaio sobre a Geografia das Plantas”, que segue como “APÊNDICE A – Versão de estudo do ‘Prefácio’ e do ‘Ensaio sobre a Geografia das Plantas’ a partir dos originais ‘Préface’ e ‘Essai sur la Géographie des Plantes’ (1805 [1807])”. Para leitura e compreensão da obra *Fisionomia das Plantas*, utilizamos amplamente a tradução para língua portuguesa, presente nos “*Quadros da natureza*”, feita por Assis Carvalho à edição de 1965 da W. M. Jackson Inc., no Rio de Janeiro.

Das obras de Schelling utilizamos para compreensão das teses sobre “*a natureza como um todo*”, “*as potências da natureza*” e “*a organização da natureza*”, os prefácios, a introdução e o adendo à introdução daquela que é a primeira obra do filósofo alemão sobre a *Naturphilosophie*, as *Ideias para uma Filosofia da Natureza* (primeira edição de 1797, e segunda edição de 1803), que são anteriores aos “*Aphorismen zu Einleitung in die Naturphilosophie*” e aos “*Aphorismen über die Naturphilosophie*”, escritos em 1806<sup>15</sup>, e se situa como uma obra de abertura que apresenta uma forma de conhecer a natureza sob o prisma da *unidade* de espírito (*Geist*) e da natureza (*Natur*). E, neste aspecto, essa obra se posiciona como um dos primeiros textos de Schelling que se contrapõe aos preceitos da chamada física mecanicista para compreensão da natureza. Para leitura e compreensão desta obra utilizamos a tradução portuguesa do original em alemão – em sua edição de 1803 – que contem o “Prefácio” (*Vorrede*), que situa o objetivo do escrito, a “Introdução” (*Einleitung*), que expõe a forma unitária do conhecimento da natureza como resolução dos problemas acerca desse conhecimento, e o “Aditamento à introdução” (*Zusatz zur Einleitung*), os acréscimos à exposição da ideia de natureza. No caso específico da *Introdução ao Projeto de um Sistema de Filosofia da Natureza*, sendo sua edição de 1799, trata-se de um texto que

---

<sup>15</sup> Essas duas obras estão reunidas em uma edição em língua portuguesa, com tradução e introdução de Márcia C. F. Gonçalves, num volume intitulado *Aforismos para Introdução à Filosofia Natureza e Aforismos sobre Filosofia da Natureza*, editado pela Editora PUC-Rio, junto com as edições Loyola, no ano de 2010, no Rio de Janeiro.

apresenta a filosofia da natureza como uma física especulativa, afirmando a possibilidade de seu estudo e expondo, também, o conceito de natureza tanto como produtividade (*Natura naturans*) e tanto como produto (*Natura naturata*). Ambas as obras, *Ideias* e *Introdução ao Projeto*, contribuem para enfeixar outra forma de se conhecer a natureza.

Das obras de Humboldt utilizadas para compreensão de suas teses acerca das “*Formas da natureza*”, “*Fisionomia da natureza*” e “*Pinturas da natureza*”, enquanto figurações do conceito de natureza no naturalista, trabalha-se com aquela que é uma de suas primeiras obras, a *Geografia das Plantas*, nos originais em alemão – *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen nebst Einem Naturgemälde der Tropenländer* (1807 [1805]) – e em francês – *Essai sur la Géographie des Plantes, accompagné d'un Tableau Physique des Régions Équinoxiales* ([1805] 1807) – obra esta que é anterior às obras intituladas *Ansichten der Natur* (1808) e *Kosmos. Entwurf einer Physischen Weltbeschreibung* (5 volumes – 1845-1862), e se posiciona como uma obra de síntese investigativa, expressão filosófico-científica da viagem feita com o pintor francês Aimé Bonpland pelas Américas entre os anos de 1799-1804. O original em alemão é composto pelo “Prefácio” (*Vorrede*), pelo ensaio que dá título à obra *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, pelo ensaio *Naturgemälde der Tropenländer* e pela imagem (*Naturgemälde*) na sua versão francesa, que é aludida homonimamente, nessa edição, a este último ensaio.<sup>16</sup> O original em francês é composto pelo “Prefácio” (*Préface*), pelo ensaio que dá título à obra *Essai sur la Géographie des Plantes*, pelo ensaio *Tableau physique des Régions Équatoriales*, pelo *Tableau physique des Andes et Pays voisins* e pela imagem, no francês, referente à *Naturgemälde*<sup>17</sup>, elaborada a partir do entendimento das formas e dos dados obtidos de sua investigação empírica nos Andes (nas montanhas Chimborazo e Cotopaxi).

<sup>16</sup> No site do projeto Humboldt, organizado pela Universidade de Potsdam, a edição em alemão da obra de 1807 [1805] contém a imagem na versão em francês (*Tableau physique des Andes et Pays voisins*), cujo referente à versão em alemão é *Naturgemälde der Tropenländer*. (Cf. link: <https://www.biodiversitylibrary.org/page/9869129#page/196/mode/1up>).

<sup>17</sup> No original em francês, para a composição da imagem, participaram, além de Humboldt e de Bonpland, nos esboços da imagem, outros desenhistas (Schönberger e Turpin), impressores e gravadores (Langlois, Bouquet), todos devidamente referenciados na *Naturgemälde (Tableau physique des Andes et Pays voisins)*, datada de 1805, e que, junto com os dois ensaios e o prefácio, acompanha a obra no original em francês. Mas, tomando de Andrea Wulf, que se refere à imagem na sua elaboração francesa correlata à *Naturgemälde*; e de Stephen T. Jackson, que vê a *Naturgemälde* como “operativo” alemão do “*Tableau*”, usa-se, indistintamente no trabalho a *Naturgemälde* como correlato alemão da imagem *Tableau physique des Andes et Pays voisins*. (WULF, 2016, p. 195) (JACKSON, 2009, p. 18). E, por fim, o que reforça as suspeitas da não elaboração da figura em sua versão em alemão é que os editores das versões em inglês (*Essay on the Geography of Plants*, 2009) e em espanhol (*Ensayo sobre la Geografía de las Plantas. Acompañado de un cuadro físico de las regiones equinocciales*, 2016) em nenhum momento mencionam a existência da elaboração da imagem na versão alemã. Segue a imagem no “ANEXO B – Reprodução da *Naturgemälde* que acompanha os originais (1805 [1807])”.

Diante de um problema curioso, a *Geografia das Plantas* ter dois originais (alemão e francês), leva-nos a operar o estudo do naturalista alemão em circunstâncias de complementaridade da própria questão – a existência da obra em dois originais. O fato é que mesmo se tratando de dois originais com conteúdos símiles entre si (iguais na quase totalidade), aquilo que é eclipsado no original em francês é evidenciado no original em alemão, como o traço schellinguiano que se faz sentir em colocações pontuais durante a exposição de Humboldt. O naturalista alemão faz menções ao sistema schellinguiano, tanto no “Prefácio” (*Vorrede*), quando anuncia não ver empecilhos às investigações empíricas em diálogo possível com a *Naturphilosophie*<sup>18</sup> de Schelling, quanto no ensaio *Ideen zu einer der Geographie der Pflanzen*, ao pontuar a dinâmica da natureza impactando na própria história humana, bem como no ensaio *Naturgemälde der Tropenländer* que compõe o volume, ao provocar os físicos mecanicistas, deixando-nos ler a necessidade destes fazerem o enlace ideal-real da compreensão de sua ciência.<sup>19</sup> O que pode levar a uma dissensão do porquê Humboldt ter escrito dois originais nos quais, em um deles – o francês *Essai sur la Géographie des Plantes* –, os traços da *Naturphilosophie* schellinguiana não se deixam perceber, exigiria uma discussão em torno da gênese do contexto da produção dos originais. Assim como discussão no tocante ao ano da publicação de ambos os originais (da incerteza das datas: se original em francês é de 1805 ou de 1807, se original em alemão é de 1807 ou de 1805),<sup>20</sup> remontaria a esforços historiográficos mais aprofundados (cotejamento de discussões entre comentadores sobre a exatidão das datas da publicação, estudos de documentos, como cartas entre Humboldt e colaboradores que inferem a tal exatidão etc.). Ambas as situações extrapolaram, em muito, o objetivo central deste trabalho: expor os conceitos construídos sobre a natureza a partir da hipótese de um diálogo entre as filosofias da natureza de Schelling e Humboldt. Importante, para nós, aqui, é situar que os dois originais mostram as dinâmicas

---

<sup>18</sup> Questão que anunciamos no “Preâmbulo” deste trabalho e que aprofundaremos na parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”.

<sup>19</sup> Essa questão é aludida na subseção “Formas da natureza” da parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”.

<sup>20</sup> Ainda que Stephen T. Jackson, comentador recorrentemente acionado no percurso da parte da tese “A apresentação da natureza”, mencione que o original em francês tenha sido impresso com a data de 1805, ele só foi posto em circulação em 1807 (JACKSON, 2009, p. 16). O registro na contracapa do original em francês ser 1805, bem como sua leitura à turma de ciências físicas e matemáticas, ocorrida no Instituto Nacional de Paris no XIIIº ano da Revolução Francesa (1805), só nos faz pensar que as incertezas quanto a data da publicação do original em francês da *Geografia das Plantas*, ainda permanecem. Assim, como permanece uma incerteza a data da publicação do original em alemão, haja vista que ao final do Prefácio (*Vorrede*) está pontuado o lugar, o mês e o ano: Roma, julho de 1805, o que difere ao que está registrado na contracapa do original em alemão, 1807. Para efeito de exposição ao nosso trabalho, utilizaremos recurso simples: a) ao original em francês (*Essai sur la Géographie des Plantes*), na incerteza da data de publicação, fazemos chamada por 1805[1807]; e b) ao original em alemão (*Ideen zu einer der Geographie der Pflanzen*), na incerteza da data de publicação, fazemos chamada por 1807 [1805].

da distribuição de produtos orgânicos (as plantas, como centralidade) no globo terrestre. Em termos específicos, deixamos claro, quando for importante situar a influência schellinguiana sobre a obra de Humboldt, articulamos as ideias a partir do original em alemão. Do contrário, em termos de conteúdos comuns a ambos os originais, articulamos as ideias, em paralelo, com os dois originais.

# 1 PREÂMBULO – CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA DA NATUREZA EM SCHELLING E HUMBOLDT POR MEIO DA LEITURA DE DUAS CARTAS

## 1.1 Termos do problema

O ano é 1805. As aspirações filosóficas do jovem Friedrich Schelling estavam em pleno vigor. Então, com 30 anos, transferindo-se da Universidade de Jena para a Universidade de Würzburg, o filósofo alemão já tinha dado ao público as duas versões das *Ideias* (a versão de 1797 e a versão de 1803) e, ainda, a *Introdução ao Projeto* (de 1799). Os seus diálogos críticos, com algumas descobertas de cientistas da natureza (como as do físico italiano Luigi Galvani sobre bioeletricidade – estudo de padrões elétricos sobre corpos orgânicos –, e as do biólogo alemão Karl Friedrich von Kiemeyer sobre a teoria das forças orgânicas fundamentais – sensibilidade, irritabilidade e reprodução), foram profícuos e viriam a constituir uma importante base para seu pensamento filosófico sobre a natureza.<sup>21</sup> Somadas a esses diálogos, e internas aos textos aqui estudados, as menções tanto à física de Georges-Louis Le Sage – nos limites da base mecânica que lhe dá apoio<sup>22</sup> –, quanto à filosofia sensualista de Tomas Reid e James Beattie – cujo fundamento é a percepção<sup>23</sup> – evidenciam o difícil percurso de síntese sobre a natureza a ser feito pelo jovem filósofo.

---

<sup>21</sup> Márcia Gonçalves, em sua tradução e estudo introdutório dos “Aforismos para Introdução à Filosofia da Natureza” e “Aforismos sobre Filosofia da Natureza” (*Aphorismen zur Einleitung in die Naturphilosophie* e *Aphorismen über die Naturphilosophie*, ambos de 1806), esclarece que as influências ao desenvolvimento da Filosofia da Natureza de Schelling extrapolam as adquiridas pelas ciências da natureza empíricas – em Luigi Galvani (1737-1798) e Karl Friedrich von Kiemeyer (1765-1844) –, recebendo contribuições de teorias filosóficas advindas da Grécia antiga (em leitura sobre o *Timeu* de Platão), passando pelo medievo (com a ideia de alma do mundo presente em Giordano Bruno) e chegando a Espinosa (sobre a substância absoluta), a Leibniz (sobre a harmonia preestabelecida) e a Kant (concepção sobre a constituição da matéria). (Cf. GONÇALVES, M. C. F. “Introdução”. In: SCHELLING, F. W. J. *Aforismos para introdução à filosofia da natureza e aforismos sobre filosofia da natureza*. Tradução e introdução de Márcia C. F. Gonçalves – Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio: Loyola, 2010. p. 7-39).

<sup>22</sup> Em seu prefácio à edição brasileira da “Dedução geral do processo dinâmico” (*Allgemeine Deduction des dynamischen Processes*, de 1800), Manuel Moreira da Silva observa que para Schelling seria irrealizável a ideia de uma física especulativa sobre bases mecânicas, como propostas pelo físico suíço Georges-Louis Le Sage (1724-1803) que tentou articular a teoria da gravitação de Newton com preceitos do atomismo epicurista. (Cf. SILVA, M. M da. “Sobre o lugar sistemático da ‘Dedução geral do processo dinâmico ou das categorias da física’ na concepção schellinguiana da filosofia da natureza”. In: SCHELLING, F. W. J. *Dedução geral do processo dinâmico*. Tradução de Gabriel Almeida Assumpção. São Paulo: LiberArs, 2018. p. 7-30).

<sup>23</sup> Schelling faz menção crítica à filosofia do senso comum nas *Ideias* (SW, I, 2, 31), cujos fundadores são os filósofos escoceses Thomas Reid (1710-1796) e James Beattie (1735-1803), contemporâneos de David Hume (1711-1776) e que, deste, recepcionaram o método experimental. Em artigo sobre a percepção em Reid, José Aparecido Pereira permite-nos compreender que a filosofia do senso comum sustenta as *crenças naturais* que seriam reguladas por princípios inatos da mente e descritas pela observação e pela experimentação. (Cf. PEREIRA, J. A. A percepção em Thomas Reid. *Kínesis*, Vol. I, n 2, out. 2009. p. 133-143).

No início daquele mesmo ano, em Paris, Alexander von Humboldt, o já famoso naturalista alemão regressado à pouca de viagem ao continente americano (1799-1804)<sup>24</sup> – cujos primeiros resultados foram dados ao público na *Geografia das plantas* (nos originais em francês e alemão de 1805[1807]) –, preparava-se para uma expedição científica rumo à Itália (março a novembro de 1805)<sup>25</sup>, onde, na oportunidade, com o físico e químico francês Joseph Louis Gay-Lussac, fazia várias observações sobre magnetismo terrestre e sobre medições meteorológicas para comparação com as que havia feito na viagem anterior, bem como sistematizaria algumas de suas ideias sobre a natureza nas *Ansichten der Natur*, de 1808, e, que, para nós, neste trabalho, a *Fisionomia das Plantas* ganha realce para a exposição da relação de formas particulares da natureza como um todo.

No percurso entre Würzburg e Paris, duas cartas: uma escrita por Schelling, em fins de janeiro de 1805; e outra escrita por Humboldt, em início de fevereiro de 1805.<sup>26</sup> Missivas que poderiam passar despercebidas senão contivessem alguns elementos para aproximação ao tema central da nossa tese: os conceitos da natureza, cujos significados se fizeram notar em obras de Schelling (as *Ideias* e a *Introdução ao Projeto*) e Humboldt (a *Geografia das Plantas* e a *Fisionomia das Plantas*) e que, para nós, revela-se a gênese para outra forma de conhecer a natureza, onde uma modalidade de filosofia da natureza – a *Naturphilosophie* – apresenta-se como outra forma de fazer ciência sobre a natureza. Apoiado na leitura das cartas, este preâmbulo apresenta, em termos preliminares, o conjunto de ideias em torno da natureza com o qual Schelling e Humboldt permitem aproximarmos do temário que será desenvolvido na parte “A ideia de natureza”, e na parte “A apresentação da natureza”.

A menção, nas missivas, dos problemas científicos enfrentados à época, das ideias compartilhadas sobre a filosofia da natureza, sobre a doutrina da natureza (*Naturlehre*) e sobre o Organismo (*Organismus*) anuncia, via comentários genéricos, o que nas duas partes subsequentes da tese se apresentará: a compreensão da natureza a partir da hipótese de um diálogo entre os sistemas filosófico-científicos de Schelling e Humboldt, nos quais um conjunto de conceitos é elaborado. Desta feita, da filosofia da natureza schellinguiana,

---

<sup>24</sup> Faz-se referência à viagem científica feita por Humboldt e o botânico e pintor de paisagem francês Aimé Bonpland às Américas, desde o desembarque em 16 de julho de 1799 em Cumaná, atual Venezuela; e regresso à Europa, saindo da Filadélfia, Estados Unidos, no final de junho de 1804. (Cf. HUMBOLDT, A. von. *Cartas americanas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1998, p.13 e p. 119).

<sup>25</sup> Andrea Wulf relata-nos esse percurso que Humboldt e Joseph Louis Gay-Lussac (1778-1850) fizeram, partindo primeiro para o interior da França (Lyon e Chambéry), depois cruzando os Alpes italianos, hospedando-se em Roma, Nápoles, Florença, Bolonha e Milão, e, por fim, chegando em novembro de 1805 a Berlim. (Cf. WULF, A. *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt*. Tradução: Renato Marques. São Paulo: Planeta, 2016. p. 171-189).

<sup>26</sup> Comentários às cartas e sua edição, contextualizaremos logo a seguir na subseção *Sobre as duas cartas*.

constrói-se: “a natureza como um todo”, “as potências da natureza” e “a organização da natureza”; e da filosofia da natureza humboldtiana, elabora-se: “formas da natureza”, “fisionomia da natureza” e “pinturas da natureza”. A leitura das cartas, nesse sentido, faz a mediação inicial para o que a filosofia da natureza schellinguiana apresenta-nos – o elo, ineliminável, entre natureza (*Natur*) e espírito (*Geist*), via construção dos conceitos –, sendo que ela transita, *in medias res*, até se *imprimir* na forma mais elaborada de sua apresentação – “a pintura da natureza” (*Naturgemälde*), no sentido humboldtiano.<sup>27</sup>

## 1.2 Sobre as duas cartas

Coetâneas às cartas íntimo-pessoais, vinculadas a sentidos confessionais, as cartas de cunho filosófico-científico – marca de algumas importantes correspondências escritas nos séculos XVIII e XIX<sup>28</sup> – revelam-nos, muitas vezes, a gênese de descobertas e debates que acabam por reverberar, posteriormente, em foros públicos das ciências e das artes. Assim, podemos ler, p. ex., as correspondências de Schelling com Fichte e Hegel, entre os anos de 1799-1807, que elucidam alguns pontos de divergências filosóficas; tanto quanto assim podemos ler, p. ex., a reunião das cartas científicas e literárias de Humboldt (1792-1859), que estreita o diálogo entre ciências da natureza e arte. A condução das ideias por cartas concorre para a relativa clareza da exposição do conteúdo das mesmas, pois, enquanto material de ressonância científico-filosófica, as cartas permitem-nos o estudo inicial ao resgate de temários que, em nosso trabalho, evidenciam o percurso de uma tese<sup>29</sup>, a saber, mais uma vez: a exposição de um conjunto de conceitos construídos a partir da compreensão da natureza, nos sistemas de Schelling e de Humboldt.

---

<sup>27</sup> A “pintura da natureza” (*Naturgemälde*), como uma forma de apresentação da *Naturphilosophie*, é uma hipótese desenvolvida na subseção “Pinturas da natureza” da parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”.

<sup>28</sup> A título de observação, pontuamos aqui, p. ex., as correspondências de Schelling com Fichte e de Schelling com Hegel (na edição colombiana intitulada *Kant, Fichte, Schelling, Hegel: correspondencia*, com tradução de Hugo Ochoa Disselkoe e Raúl Gutiérrez, para Universidad Nacional de Colombia, Departamento de Filosofia, em Bogotá, publicada no ano de 2011) e as correspondências literário-científicas de Humboldt entre os anos de 1792-1859 (na edição francesa intitulada *Correspondance inédite: Scientifique et Littéraire* feita por M. de La Roquette, publicada por Legrand, Pomey et Crouzet Libraires-Éditeurs, em Paris, em dois volumes, no ano de 1859).

<sup>29</sup> Essa afirmação é tributária – e aí nos apoiamos – a Schelling em sua *observação preliminar* (*Vorerinnehmung*) às cartas de 1795 quando o mesmo fala que escolheu a forma epistolar por acreditar que ela expõe mais claramente os conteúdos do que qualquer outra forma. (Cf. SCHELLING. *Obras Escolhidas*. Seleção, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 5. Os pensadores.) (SCHELLING. *Dogmatismus und Kriticismus*, SW, I, 1, 284).

As duas cartas<sup>30</sup> apresentadas neste preâmbulo, para além do tom elogioso-formal que as acerca, permitem-nos lastrear e compreender, de maneira precípua, alguns dilemas filosófico-científicos enfrentados por Schelling e por Humboldt. Ao primeiro, os desafios em tornar suas ideias filosóficas fundamentos para interpretação da natureza como um organismo vivo. Ao segundo, as provas para demonstrar como elementos orgânico-botânicos, espalhados pelo mundo, levam ao entendimento da natureza como uma rede de vida. No caminho de ambos, um mundo cujas descobertas científicas e artísticas viriam a se mostrar à contrapelo das convulsões sociais de então<sup>31</sup> para mais transformações culturais e comportamentais porvir. Ambas as cartas se inserem, portanto, num contexto de grandes avanços científicos no campo da matemática, da química, da biologia, bem como das ciências sociais.<sup>32</sup>

### 1.3 Schelling a Humboldt, fim de janeiro de 1805

Würzburg, janeiro de 1805

Entre os muitos, que com ansiedade esperaram pelo seu retorno à Europa, também eu posso me contar. Não apenas a admirável diversidade

<sup>30</sup> As duas cartas (a de Schelling, datada de fim de janeiro de 1805 e a de Humboldt, do início de fevereiro de 1805) encontram-se no volume dedicado a Schelling da coleção “*Philosophie Jetzt!*”, editada por Peter Sloterdijk e publicada pela editora Diederichs, de Munique. A seleção dos textos de Schelling e a introdução deste volume são de responsabilidade de Michaela Boenke. As cartas trabalhadas na tese – traduzidas aqui para o português com revisão e correção de Márcio Schäfer), fazem parte da primeira seção deste volume (*Einlesen in Schelling Welt – Briefe und kleinere Texte/Lendo o mundo de Schelling – Cartas e textos menores*) de um total de seis seções. (Cf. SCHELLING, F. W. J. von. *Schelling. Ausgewählt und vorgestellt von Michaela Boenke*. München: Diederichs, 1995, p. 85-88).

<sup>31</sup> Em capítulos específicos sobre a arte e a ciência (Capítulo 14 – As artes; Capítulo 15 – A ciência) e todo impacto de revoluções sociais ocorridas entre 1789 e 1848 que engendraram mudanças radicais na forma de entendê-las (menciona-se principalmente, aqui, as revoluções industrial e francesa), Eric J. Hobsbawm, em *A era das revoluções 1789-1848*, remonta-nos todo um painel do que tanto arte quanto ciência foram refletidas (pelo mundo) e refletiram (no mundo) os aspectos gerais de mudanças científico-artísticas circunstanciadas (direta ou indiretamente) por tais revoluções. O autor nos menciona desde as mudanças estéticas que incidiram na difusão das criações dos mais variados grupos de artistas (de Beethoven a Schubert, na música, passando por Goethe a Schiller, na literatura, indo até os pintores franceses, dentre eles Ingres e Delacroix) até a demonstração dos diversos progressos científico-filosóficos consonantes às transformações da sociedade que os rodeavam (menciona-se aqui desde os avanços na química produzidos por Lavoisier, passando pelas contribuições científicas de Humboldt, indo até o difícil esforço de síntese entre a intuição e a ciência empírica de então, tentado pela “filosofia natural” de Schelling). (Cf. HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções, 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 391-454).

<sup>32</sup> Alan. F. Chalmers, em seu livro *O que é ciência afinal* (1993), permite-nos lastrear – desde as descobertas provenientes do indutivismo (ciência como conhecimento derivado dos dados das experiências), passando pela revolução copernicana de uma nova astronomia, chegando até os sentidos da ciência como uma prática social – que os sentidos da *natureza* da ciência são diversos e estão em permanentes mudanças. O que, igualmente, com o autor, permitem-nos dizer que os desenvolvimentos modernos na filosofia da ciência (seja da química, da física, da matemática, da biologia, da geografia etc.) transitam entre as dificuldades de associar a ideia de ciência fundada em pressupostos de exatidão e a ideia de tipos de inferências que possibilitam derivar teorias científicas relativamente confiáveis. (Cf. CHALMERS, A. F. *O que é a ciência afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 19).

[de coisas] que o senhor trouxe de regiões distantes, semelhante a um conquistador, tornarão o período de seu retorno eternamente memorável para a ciência: também em relação ao estado em que o senhor encontra a doutrina da natureza na pátria, seu retorno será das consequências mais benevolentes.

Ouso falar com o senhor sobre filosofia da natureza, dado que me foi assegurado que o novo curso de filosofia<sup>33</sup>, pelo qual ela retomou a sua antiga posse, a natureza, também já despertou sua atenção. Na Alemanha, como sempre contra tudo o que é novo, reagiu-se contra esse tema. Primeiramente, ela foi incompreendida e distorcida e espalharam-se os preconceitos mais grosseiros [contra ela]. Afirmou-se que a filosofia da natureza desdenha a experiência e inibe o seu progresso, e isso ao mesmo tempo em que alguns naturalistas fizeram o melhor uso das ideias da mesma para suas experiências e as regularam conforme [ela]. Até agora faltou, na Alemanha, do lado dos pesquisadores empíricos, aquele que tivesse compreendido a visão de um todo e a tivesse julgado de acordo. No máximo, levantaram-se dúvidas sobre pontos individuais, talvez com razão: mas estas não podem mudar por inteiro nada na posição, que é mais profundamente fundamentada.

Se um homem de sua mente, a partir dessa profundidade e abundância de conhecimento, que nele, se isso em geral fosse possível, a totalidade do mesmo pudesse parecer alcançada, cujo conhecimento não se limita ao presente e à era anterior, que conhece o grandioso de séculos passados e é nutrido pelo espírito da antiguidade – se um espírito de tal verdadeira universalidade quisesse submeter à prova essa nova posição, que decisão rápida, que ganho para o espírito humano!

Razão e experiência nunca podem se conflitar de outro modo do que de maneira apenas aparente, e por isso tenho a firme confiança de que o senhor não deixará de reconhecer em muitos pontos a concordância mais surpreendente da teoria com a experiência na nova doutrina. Já no meio da era do empirismo, sua mente se esforçou tão poderosamente além dos limites da física daquele tempo, que as ideias mais ousadas da visão atual lhe devem ser conhecidas e é impossível que [lhe] sejam estranhas. Se o senhor, fiel ao seu caráter de cientista natural empírico, com sábio comedimento, não permitiu acesso a essas ideias em suas obras antes que elas tenham se confirmado pela experiência: então, por essa razão, o senhor agora não desconhecerá o valor delas, depois que o senhor obteve a aprovação da razão por meio da filosofia.

Tomo a liberdade de lhe enviar o anúncio de um empreendimento para doutrina natural orgânica e medicina<sup>34</sup>, para o qual uma grande parte das melhores mentes, especialmente da nova geração, se uniu. Eu estimaria isso como a maior felicidade, se o senhor pudesse conceder sua aprovação a esse empreendimento e, à maneira como lhe aprouver, pudesse se decidir a colaborar com o mesmo.

Com ansiedade aguardo o momento do seu retorno à Alemanha, onde talvez tenha a sorte de poder aprender e de perguntar ao senhor tanta coisa que para mim é importante.

O ápice da minha alegria seria alcançado se eu pudesse lhe desenvolver oralmente a totalidade da perspectiva da filosofia da natureza e pudesse testá-la em seu espírito aguçado.

<sup>33</sup> Schelling faz aqui alusão aos seus cursos ministrados em Würzburg, entre 1803-1806.

<sup>34</sup> Schelling refere-se ao segundo anúncio dos *Jahrbücher der Medizin als Wissenschaft. Verfasst von einer Gesellschaft von Gelehrten und herausgegeben*, periódico editado por ele juntamente com o médico e físico Adalbert Friedrich Marcus.

Nesse meio tempo eu me ofereço a enviar daqui da Alemanha mensagens por escrito para qualquer comunicação literária que o senhor possa desejar durante o tempo de seu afastamento, e lhe peço, por fim, que receba afetuosamente a certeza da maior admiração que esse escrito inspirou em mim.

Seu servo secreto  
Schelling<sup>35</sup>

Assim, Schelling principia sua carta: “Não apenas a admirável diversidade de coisas que o senhor trouxe de regiões distantes tornarão o período de seu retorno eternamente memorável para a ciência, *mas*, também, em relação ao estado em que o senhor encontra a doutrina da natureza, seu retorno será das consequências mais benevolentes [...]”.<sup>36</sup> Nessa passagem, podemos observar outro *olhar* sobre o *empírico* na forma de pensar os produtos orgânicos interconectadas ao *todo* – e no qual se apoiam muitas das descobertas de Humboldt em suas viagens pelas Américas, p.ex.<sup>37</sup> –, sugestionando o desafio de encarar a “ciência” (*Wissenschaft*) sob outra forma de pensar a “doutrina da natureza” (*Naturlehre*). No “Prefácio” (*Vorrede*) das *Ideias*, Schelling deixa-nos ler essa outra forma de pensar a doutrina da natureza. Deixa-nos ler que não estamos mais diante de uma doutrina assentada na construção de ideias vindas somente da experiência. Deixá-nos ler que não mais estamos diante de uma doutrina apoiada na mera reflexão sobre o mundo, mas em uma outra forma de compreender tal doutrina, sustentada por outro fundamento científico que tem, na unidade de ideia e experiência e com a compreensão às mãos, a tarefa de repensar os destinos da ciência. Como parte integrante do que Schelling chamou de “filosofia *aplicada*” (*angewandte Philosophie*) no prefácio às *Ideias*<sup>38</sup>, o fundamento científico que reconfigura a doutrina da natureza denomina-se “filosofia da natureza”.<sup>39 40</sup>

<sup>35</sup> O original dessa carta vai transcrito ao final da tese, no “ANEXO A – Transcrição dos originais das cartas entre Schelling e Humboldt (1805)”.

<sup>36</sup> O texto no original alemão é: “Nicht nur das viele Herrliche, das Sie, einem Eroberer ähnlich, aus entfernten Regionen zurückgebracht haben, wird die Epoche Ihrer Wiederkehr ewig denkwürdig machen für die Wissenschaft: auch in Bezug auf den Zustand, in dem Sie die Naturlehre im Vaterland finden, wird Ihre Rückkehr von den wohlthätigsten Folgen sein [...]” (SCHELLING, 1995, p. 85).

<sup>37</sup> Ao que iremos expor na parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”.

<sup>38</sup> As *Ideias* são o começo do que pretende ser o plano de Schelling, abranger a totalidade da filosofia *aplicada*, com uma doutrina da natureza efetivada em duas partes: a) a *filosofia da natureza* (*Philosophie der Natur*), como fundamento científico; e b) a filosofia do homem (*Philosophie des Menschen*), como fundamento histórico. Nas *Ideias*, essa questão, na íntegra, se escreve assim: “[...] Com a elaboração da *filosofia da natureza* e da *filosofia do homem* espero abranger, portanto, a totalidade da filosofia *aplicada*. A doutrina da natureza deve receber da primeira o seu fundamento científico, e a história, da segunda [...]”. (Cf. SCHELLING, F. W. J. *Ideias para uma filosofia da natureza*. Prefácio, Introdução e Aditamento à Introdução. Tradução, prefácio, notas e apêndices de Carlos Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, p. 29). (SCHELLING, *Ideen*, SW, I, 2, 4).

<sup>39</sup> Jacob e Wilhelm Grimm, em seu dicionário (Cf. GRIMM, J.; GRIMM, W. *Deutsches Wörterbuch*. Leipzig: S. Hirzel, 1854-1960.), descrevem a *Naturphilosophie*, no que concerne especificamente a Schelling, como aquele

Diz Schelling, ainda, na carta: “[...] Ouso falar com o senhor sobre filosofia da natureza [...]”.<sup>41</sup> Ao que depois observa: “[...] Afirmou-se que a filosofia da natureza desdenha a experiência e inibe o seu progresso [...]”.<sup>42</sup> A exposição das “[...] ideias para uma filosofia da natureza [...]” (*Ideen zu einer Philosophie der Natur*)<sup>43</sup>, proposta pelo filósofo alemão, não ignora a importância das ciências empíricas (dentre elas, a física e a química)<sup>44</sup>, parte do limite delas, corrigindo-as a partir de um ponto de vista filosófico e, quando não possível, atua no próprio limite de tais ciências através de suas linguagens figuradas.<sup>45</sup> Qual seria, então, o ponto de vista filosófico? A filosofia da natureza, que se propõe fazer a “ciência da natureza” (*Naturwissenschaft*) surgir filosoficamente, sendo ela própria uma ciência da natureza. Ou como nos deixa ler Schelling: “[...] O meu objetivo é, antes, deixar que a própria ciência da natureza surja apenas filosoficamente, e a minha filosofia não é senão ciência da natureza [...]”.<sup>46</sup> Uma ciência da natureza, sob ordenação filosófica, é uma filosofia que maneja a “[...] totalidade do mundo da experiência [...]”<sup>47</sup> em direção ao sujeito que a intui intelectualmente. Ao que nos faz pensar, então, Schelling, em estarmos diante de uma filosofia que deduz a possibilidade da natureza a partir do espírito. E, sendo exposta

---

que apreendeu a natureza “como totalmente autônoma uma alma do mundo” (*der die natur ganz autonomisch mit einer weltseele faszte*), tratando-se da contraparte de sua “filosofia do espírito ou transcendental” (*geistes oder transzendental philosophie*). (Cf. *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm*, versão digital em: <https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB#3>).

<sup>40</sup> Nicola Abbagnano diz que, em Schelling, o significado de filosofia da natureza (*Naturphilosophie*) designa uma disciplina que estuda a natureza sobre o prisma da *ideia* de natureza em geral, resolvida na unidade com o espírito. (Cf. ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos por Ivone Castilho Benedetti. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 817).

<sup>41</sup> O trecho completo se subscreve assim: “Ich wage, Ihnen von Naturphilosophie zu sprechen, da mir versichert worden ist, dieser neue Gang der Philosophie, wodurch sie ihr altes Besitzthum, die Natur, wieder ergriffen hat, habe bereits auch Ihre Aufmerksamkeit erregt.” (SCHELLING, 1995, p. 85). Ao que nesse trecho Schelling faz menção a Humboldt sobre seus cursos em Würzburg.

<sup>42</sup> O texto no original é: “[...] Man hat vorgegeben, die Naturphilosophie verschmähe die Erfahrung und hemme ihre Fortschritte [...]” (SCHELLING, 1995, p. 85).

<sup>43</sup> Ao que iremos analisar essa questão na parte “A ideia da natureza”, deste trabalho.

<sup>44</sup> Christian Danz contextualiza o conjunto de palestras de Schelling em Würzburg que foram ministradas nos semestres de inverno e verão, entre os anos de 1803 a 1806 (semestre de inverno de 1803/04, semestre de verão de 1804, semestre de inverno 1804/05, semestre de verão de 1805 e semestre de inverno de 1805/06). Entre essas palestras, duas fazem menção a aplicações da filosofia da natureza sobre ciências empíricas da natureza: 1) *Kritik der bisherigen Anwendung der Naturphilosophie auf die Medizin* [Crítica à aplicação até hoje feita da filosofia da natureza à medicina], apresentada no semestre de inverno de 1804/05; 2) e *Anwendung der Naturphilosophie auf Physik, Chemie und organische Naturlehre* (Aplicação da filosofia da natureza à física, química e doutrina da natureza orgânica), apresentada no semestre de verão de 1805. (Cf. DANZ, C. Schelling in Würzburg. Ein Prospekt. In: DANZ, C. (Hrsg). *Schelling in Würzburg*. Stuttgart: Bad Cannstatt, 2017, p. 1-20).

<sup>45</sup> Essa questão é explicitada na íntegra da seguinte maneira: “[...] Na primeira parte deste escrito, tive de deixar na sua indeterminação todos os conceitos vagos e ilegitimamente introduzidos em física, dado que eles só podem ser corrigidos de um ponto de vista filosófico. Em vez disso, preferi, nesta parte, deter-me nos limites da física e da química e, portanto, procuro também exprimir-me na sua linguagem figurada [...]” (SCHELLING, 2001, p. 29-31) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 5).

<sup>46</sup> SCHELLING, 2001, p. 33. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 6.

<sup>47</sup> SCHELLING, 2001, p. 35. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 11.

assim, apresenta-se como uma filosofia que revoga para si a unidade de natureza e espírito, fazendo-se, nesse sentido, a natureza ser pensada filosoficamente. São, nesses termos, que ela se contrapõe à “filosofia natural” tradicional que diz respeito, *strictu sensu*, à física ou às ciências naturais, em geral, ao se utilizarem, estas, exclusivamente de prismas empírico-experimentais para se ter acesso ao conhecimento da natureza.<sup>48</sup> A estas, “[...] a doutrina experimental da natureza [...]”<sup>49</sup> lhe é determinante às suas investigações empíricas, enquanto, à *Naturphilosophie*, a doutrina da natureza já se sustenta na unidade de especulação e experiência para investigações sobre a natureza da ordem de que esta já aparece como filosofia. Dessa maneira, como diz o filósofo: “[...] razão e experiência nunca podem se conflitar de outro modo do que de maneira apenas aparente [...]”.<sup>50</sup>

Em sua obra a *Diferença entre os sistemas filosóficos de Fichte e Schelling* (1801), Hegel já advertia para a necessidade de não esquecer filosoficamente a natureza.<sup>51</sup> A razão, em concordância à natureza – ao que resulta uma concordância entre ideia e experiência, para nós – já aponta para um percurso filosófico no qual a reconciliação do real com o ideal, construída por Schelling, apresenta-se como proposição unificadora sobre o conhecimento da natureza. No que tange principalmente às *Ideias*, o horizonte desse percurso filosófico tem com a filosofia da natureza uma forma científica superior que conduz à exposição da natureza através daquela proposição unificadora. Do contrário, se insistirmos em uma objetividade da natureza separada do ideal, a tendência é levar o *filosófico* e o *empírico*, na condução dessa exposição, a um estágio de oposição extremada entre ambos.<sup>52</sup> A razão, assim, tem por tarefa

<sup>48</sup> Conforme Nicola Abbagnano, a expressão *Naturphilosophie* se diferencia da tradicional “filosofia natural” que designa a física e as ciências naturais em geral. (ABBAGNANO, *op. cit.*, p. 817).

<sup>49</sup> SCHELLING 2001, p. 29. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 5.

<sup>50</sup> O trecho completo se subscreve assim: “[...] Vernunft und Erfahrung können sich nie anders als bloß scheinbar widerstreiten, und so habe ich das festeste Zutrauen, Sie werden in vielen Punkten die überraschendste Übereinstimmung der Theorie mit der Erfahrung in der neuen Lehre nicht verkennen [...]” (SCHELLING, 1995, p. 86).

<sup>51</sup> Referimo-nos à passagem final da *Advertência prévia* dessa obra (*Differenz des Fichteschen und Schellingschen Systems der Philosophie*) em que, numa referência a Schleiermacher, Hegel pontua que a necessidade de uma filosofia, além de dar o verdadeiro âmbito à poesia e à arte, faz com que a razão se poste em concordância com a natureza. (Cf. HEGEL, G. W. F. *Diferença entre os sistemas filosóficos de Fichte e de Schelling*. Tradução, introdução e notas de Carlos Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p. 32).

<sup>52</sup> É basicamente nas *Vorlesungen über die Methode des akademischen Studiums* (1803), contemporâneas à segunda edição das *Ideias* (1803), que essa questão da separação entre natureza real e o ideal é posta claramente, quando na lição sobre a ciência da natureza em geral (Lição XI), Schelling menciona os dois modos de conhecimento e contemplação da natureza em oposição: 1) o ponto de vista *filosófico*, que considera a “[...] natureza como o instrumento das ideias [...]” (*die Natur als das Werkzeug der Ideen*), como o lado real do absoluto na unidade entre ideal e real; e 2) o ponto de vista *empírico*, que contempla “[a natureza como] outra, a qual ela [seria] por si como separada do ideal [...]” ([die Natur] *andere welche sie für sich als getrennt vom Idealen*) e em seu caráter relativo. Se do lado do empirismo resulta considerar a existência material de uma maneira apartada do seu significado, cabe à construção filosófica compreender “[...] a natureza como nascimento universal das ideias, temos que retornar à origem e ao significado destas ideias [...]”. (*Um die Natur als die*

deixar que sua concordância com a natureza se efetive por meio da unidade entre objeto e sujeito, com a qual, por sua vez, a natureza abranja tanto a ideia quanto a experiência. As ideias ligadas às experiências soam o melhor inquirido da razão, aprovada por princípios filosóficos unificadores.<sup>53</sup> Em termos schellinguianos, tal intento se apresenta com a intuição intelectual, princípio realizador dessa identidade que, como força que se direciona ao *mundo exterior (empírico)*, faz regressar ao espírito a totalidade natural, já intuída intelectualmente.<sup>54</sup>

Em outro trecho da carta, Schelling complementa: “[...] E, por isso, tenho a firme confiança de que o senhor não deixará de reconhecer muitos pontos à concordância mais surpreendente da teoria com a experiência na nova doutrina [...]”.<sup>55</sup> Compreender a ideia de *natureza como um todo*, através de princípios filosóficos unificadores, é recompor a doutrina da natureza no horizonte de uma investigação sobre a natureza para além do mecanicismo.<sup>56</sup> Ou seja, o constituinte, mesmo de uma das formas da filosofia da natureza compreender a natureza, tem no elo dinâmico dos produtos orgânicos (e também, dos produtos inorgânicos), com o *todo* orgânico que é o mundo, a razão própria de sua forma unificadora de *querer* conhecer a totalidade experienciada pela inteligência que a intui intelectualmente.<sup>57</sup> Assim,

---

*allgemeine Geburt der Ideen zu fassen, müssen wir auf den Ursprung und die Bedeutung von diesen selbst zurückgehen.*) (Cf. SCHELLING, F. W. J. *Vorlesungen über die Methode des akademischen Studiums*. In: F. W. J. von Schellings sämmtliche Werke – 1856-1861 – Hrsg. Karl Friedrich Schelling. Elektronische Version, Total Verlag, 1997. I, 5, 217-218).

<sup>53</sup> Na carta, Schelling menciona a Humboldt o valor das ideias que podem mediar filosoficamente as investigações empíricas. A passagem da carta, aludida no trecho acima, subscreve-se, assim, no original: “[...] Wenn Sie, Ihrem Charakter als empirischer Naturforscher getreu, mit weiser Enthalsamkeit, jenen Ideen in Ihren Werken keinen Eingang verstatteten, als so weit sie sich durch Erfahrung bestätigten: so werden Sie deßhalb ihren Werth jetzt nicht verkennen, nachdem Sie die Sanction der Vernunft, durch Philosophie, erhalten haben [...]”. (SCHELLING, 1995, p. 86). Em versão livre de estudo, tem-se: “[...] Se o senhor, fiel ao seu caráter de cientista natural empírico, com sábio comedimento, não permitiu acesso a essas ideias em suas obras antes que elas tenham se confirmado pela experiência: então, por essa razão, o senhor agora não desconhecerá o valor delas, depois que o senhor obteve a aprovação da razão por meio da filosofia [...]”.

<sup>54</sup> Márcia Gonçalves, a partir de sua leitura sobre os conceitos de construção, criação e produção na filosofia da natureza de Schelling, faz-nos ler que o filósofo interpreta o conceito fichteano de intuição intelectual como “[...] um movimento de uma força, que parte do eu para fora do eu e, novamente, reflete dentro de si mesmo, após deparar-se com o *mundo exterior* [...]” (Cf. GONÇALVES, M. C. F. *Construção, criação e produção na filosofia da natureza de Schelling. Dois pontos*: Revista dos Departamentos de Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos. Curitiba, São Carlos, v. 12, n. 2, p.16, out. 2015. p. 13-26).

<sup>55</sup> O texto no original é: “[...] Sie werden in vielen Puncten die überraschendste Übereinstimmung der Theorie mit der Erfahrung in der neuen Lehre nicht verkennen [...]” (SCHELLING, 1995, p. 86).

<sup>56</sup> À leitura introdutória de Carlos Morujão à edição bilígue de *Ideen (Ideias)*, 2001), a “ideia” de Natureza em *Ideias* de Schelling, diz respeito a uma “visão de natureza como atividade produtora”. Com essa visão, supõe-se que, na natureza, há um “interior” cujas relações entre os organismos e a natureza como *todo* vão para além das relações mecânicas estabelecidas pela física de então. (Cf. SCHELLING, F. W. J. *Ideias para uma filosofia da natureza*. Prefácio, Introdução e Aditamento à Introdução. Tradução, prefácio, notas e apêndices de Carlos Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, MORUJÃO, 2001, p. 9).

<sup>57</sup> Observa-se, de antemão, e no que tange a nossa leitura da *Introdução ao Projeto* (1799), que a *Naturphilosophie*, enquanto uma física especulativa, além de estudar a dinâmica entre os produtos orgânicos com o *todo* orgânico, apresenta o “mundo *não produtivo*” (inorgânico), como postulado para explicação do mundo produtivo (orgânico). Ao que daí, a física especulativa tem como tarefa mais geral: “[...] *exprimir em*

afasta-se a própria experiência do pensamento reflexivo com o qual as ciências naturais empíricas inicialmente abarcam os sentidos daqueles produtos.<sup>58</sup> Em termos schellinguianos, pensamos que aquele elo dinâmico só pode ser verdadeiramente construído, quando as *potências da natureza* (matéria, luz e organismo) participam ativamente do autodesenvolvimento da natureza, demonstrável no “curso da natureza” (*Naturlauf*),<sup>59</sup> no qual estão reconhecidos os diferentes modos da produtividade infinita da natureza em que seus produtos, tanto inorgânicos como orgânicos, que aparecem como aparentemente finitos, a realizam de modo infinito. Estes últimos produtos, por sua vez, são partes que integram a *organização da natureza* que produz a si mesma, nas formas diversas da matéria, da energia e da vida<sup>60</sup>, superando assim a oposição entre inorgânico e orgânico. Eis que especulação e experiência já são partes concordantes na compreensão dinâmica da natureza que, via uma doutrina da natureza unificadora, já contém sua própria *ideia*.

#### 1.4 Humboldt a Schelling, início de fevereiro de 1805

Paris, 1 de fevereiro de 1805.

Como posso e devo lhe agradecer o suficiente pela carta espirituosa e ao mesmo tempo lisonjeira com a qual o senhor me honrou ontem! Tão perto da minha partida para Roma e distraído por trabalhos químicos que devo concluir antes, apresso-me tão rápido quanto possível em lhe demonstrar a certeza de minha mais profunda admiração e deferência. O Sr. Walter<sup>61</sup>, por cuja amizade me sinto extremamente honrado, indiscutivelmente lhe disse o

---

*comum a construção dos produtos orgânicos e inorgânicos [...]*” (Cf. SCHELLING, F. W. J. Introdução ao Projeto de um Sistema da Filosofia da Natureza ou Sobre o Conceito da Física Especulativa e a Organização interna de um Sistema desta Ciência. Tradução de Kleber Carneiro Amora. *Princípios*, Natal, v. 17, n. 28, jul./dez. 2010, p. 288). (SCHELLING, *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 305-306).

<sup>58</sup> Seguindo Schelling, a partir das *Ideias* (2001), podemos compreender que uma doutrina da natureza, sustentada pela intuição intelectual, dá seu contributo à aproximação da filosofia com as ciências matemáticas, na qual a suprema cientificidade (como unidade do ideal e real) em ambas se realiza. O trecho que alude a essa questão subscreve-se assim: “[...] Numa palavra: aquela compreensão segundo a qual o absolutamente ideal é o absolutamente real é a condição de toda suprema cientificidade, não só em filosofia, mas também na geometria e na totalidade da matemática [...]” (SCHELLING, 2001, p. 125) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 60).

Diferentemente do que ocorre com as ciências naturais empíricas, cuja construção de seus conceitos, em muito, está circunscrita a uma relação sensível, aprofundando o elo mecânico (e não dinâmico) para com a natureza.

<sup>59</sup> Nas *Ideias* (2001), Schelling expõe sua tese sobre as três potências (matéria, luz e organismo) constituintes da natureza e que se manifestariam ideal-objetivamente no “curso da natureza” (*Naturlauf*). A compreensão dessas três potências no sistema schellinguiano será desenvolvida na subseção “As potências da natureza”, da parte da tese intitulada “A ideia de natureza”.

<sup>60</sup> Nas *Ideias* (2001), Schelling trata da *organização da natureza* como princípio para se compreender a natureza organizando a si mesma, pondo a si mesma e a totalidade de seus produtos orgânicos e inorgânicos como natureza organizada. (SCHELLING, 2001, p. 89) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40).

<sup>61</sup> Humboldt refere-se aqui ao médico e anatomista alemão Johann Gottlieb Walter (1734-1818).

quanto eu desejo apropriar o que o senhor conquistou, nos últimos anos, de grande e belo através da fundamentação de uma filosofia da natureza. De fato, o que deveria atrair mais minha atenção do que uma revolução naquelas ciências às quais toda a minha vida é dedicada. Distante da Europa faz seis anos<sup>62</sup>, sem livros, ocupado apenas com a natureza, disponho de uma visão mais imparcial do que algum físico, para quem, por corrupção moral, a qual as guerras literárias acarretam, as suas antigas opiniões se tornaram mais estimadas do que o próprio objeto, a natureza.

Não! Eu tomo a revolução, que o senhor ensinou nas ciências naturais, por uma das épocas mais bonitas desses tempos velozes. Oscilando entre a química e a teoria da excitação, eu sempre pressenti que deveria haver algo melhor e mais alto para o qual tudo pudesse ser reconduzido, e esse mais alto devemos agora às suas descobertas.

Não se deixe responsabilizar, porém, que essas descobertas, como tudo o que é benéfico no mundo, se tornaram veneno para muitos. A filosofia da natureza nunca pode ser prejudicial aos avanços das ciências empíricas. Pelo contrário, ela reconduz o descoberto a princípios, assim como fundamenta novas descobertas. Se com isso se levanta uma classe de pessoas, que tomam por mais conveniente fazer química com a força do cérebro do que molhar as mãos, assim isso não é culpa sua nem da filosofia da natureza.

Pode-se condenar a análise porque nossos moleiros frequentemente constroem máquinas melhores do que aquelas que o matemático calculou? Não é a matemática, não, somente a sua aplicação apressada, não filosófica e os elos intermediários faltantes que têm culpa.

Aqui o senhor tem, homem excelente, uma declaração franca sobre um objeto tão importante para a humanidade. Sempre se esforçando para o exterior, ninguém mais do que eu sente admiração por aquilo que o homem cria e produz a partir de sua própria profundidade e abundância. Mas o que pode minha voz, o que ela deve provocar na Alemanha? A verdade finalmente irradia pela escuridão, e de fato temos a sorte de pertencer a uma nação cuja atividade espiritual parece novamente inspirada a cada década.

Antes de deixar a Europa novamente e me enterrar no gelo polar, espero ainda ter desfrutado de sua presença. Reassegure o Sr. Walter, senhor Marcus<sup>63</sup> e senhor Steffens<sup>64</sup> de minha mais profunda estima. Aguardo com ansiedade o seu periódico, na qual o senhor nos revelará o segredo do organismo.

Seu  
Alex. Humboldt.<sup>65</sup>

Em trecho da carta, Humboldt fala da sua intenção para com o sistema filosófico de Schelling: “[...] o quanto eu desejo apropriar o que o senhor conquistou, nos últimos anos, de grande e belo através da fundamentação de sua filosofia da natureza [...]”.<sup>66</sup> Humboldt, de fato, viu na filosofia da natureza schellinguiana a possibilidade de revolucionar seus estudos

<sup>62</sup> Humboldt faz aqui alusão à viagem exploratória pelas Américas entre 1799-1804.

<sup>63</sup> Humboldt refere-se aqui ao médico e físico alemão Adalbert Friedrich Marcus (1753-1816).

<sup>64</sup> Humboldt refere-se aqui ao filósofo norueguês Henrich Steffens (1773-1845).

<sup>65</sup> O original dessa carta vai transcrito ao final da tese no “ANEXO A – Transcrição dos originais das cartas entre Schelling e Humboldt (1805)”.

<sup>66</sup> O texto no original é: “[...] was Sie durch Begründung einer Naturphilosophie in den letzten Jahren Großes und Schönes errungen haben [...]” (SCHELLING, 1995, p. 87).

nas ciências da natureza empíricas.<sup>67</sup> No tocante a isso, no seu “Prefácio” (*Vorrede*) ao original em alemão (*Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*), o naturalista deixa-nos depreender que, a partir do empreendimento filosófico de Schelling, é-se capaz de encontrar os nexos dinâmicos (não atomistas) entre as forças fundamentais opostas da matéria (atração e repulsão) que formam o organismo vivo que é a natureza.<sup>68</sup> Tais forças não são meros acidentes à composição da natureza, mas admitem-se, ainda, que, sob conflito sem fim, a constituição de relação entre os produtos orgânicos e a natureza.<sup>69</sup> Ao que já se vislumbra na *Geografia das Plantas*, nessa unidade de forças opostas à dinâmica da natureza – em passo definitivo a ser dado no *Kosmos* – a conformação da filosofia humboldtiana da natureza, que é a busca pela reconciliação do mundo intelectual à materialidade do mundo físico.<sup>70</sup> O que pensamos que tal conciliação só poderá ser verdadeiramente posta à prova quando especulação e experiência são convocadas para compreensão unitária da dinâmica da natureza.

Observa, ainda, Humboldt: “[...] A filosofia da natureza nunca pode ser prejudicial aos avanços das ciências empíricas [...]”.<sup>71</sup> Para, em seguida, completar: “[...] Pelo contrário, ela reconduz o descoberto a princípios, assim como fundamenta novas descobertas [...]”.<sup>72</sup> Esse percurso filosófico é reafirmado no prefácio do original em alemão da *Geografia das Plantas*, quando o naturalista acena para um modo de visualizar a ideia da natureza, como uma forma diferente de apresentar as conexões ideais-empíricas dos fenômenos naturais na superfície

<sup>67</sup> Andrea Wulf relata-nos que Humboldt, ao referenciar a filosofia da natureza schellinguiana no prefácio da edição em alemão da *Geografia das Plantas*, permite ao naturalista aprofundar, via diálogo com o Iluminismo e com Schelling, uma compreensão da natureza como unidade, como organismo vivo (WULF, 2016, p. 196).

<sup>68</sup> O fragmento que pontua no original essa questão subscreeve-se assim: “[...] Nicht völlig unbekannt mit dem Geiste des Schellingischen Systems, bin ich weit von der Meynung entfernt, als könne das ächte naturphilosophische Studium den empirischen Untersuchungen schaden, und als sollten ewig Empiriker und Naturphilosophen als streitende Pole sich einander abstoßen [...]” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. IV). Numa tradução própria, tem-se: “[...] Não totalmente familiarizado com o espírito do sistema de Schelling, estou longe da opinião de que o estudo genuíno da filosofia da natureza poderia prejudicar as investigações empíricas e que empiristas e filósofos naturais deveriam repudiar-se para sempre como polos em conflito [...]”.

<sup>69</sup> Compreendem-se as passagens em *Ideias* sobre as forças de atração e repulsão serem pontos de partidas, constitutivas, para explicar “o movimento dos corpos no mundo” (*die Bewegung der Weltkörper*), e, com a ideia (*Idee*), explicar a possibilidade do “sistema do mundo” (*Weltsystems*). (SCHELLING, 2001, p. 59) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 23-24).

<sup>70</sup> Essa questão já é apresentada por Lucia Ricotta, em sua interpretação da obra *Kosmos* de Humboldt, que compreende a unidade na harmonia entre o “mundo da intuição pensada” e o “mundo da intuição empírica”, o esforço humboldtiano à apresentação (*Darstellung*) poética dos conteúdos científico-artísticos, de modo a espelharem aquela unidade. (Cf. RICOTTA, L. *Natureza, ciência e estética em Alexander von Humboldt*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 84).

<sup>71</sup> O texto no original é: “[...] Die Naturphilosophie kann den Fortschritten der empirischen Wissenschaften nie schädlich sein [...]” (SCHELLING, 1995, p. 87).

<sup>72</sup> O texto no original é: “[...] Im Gegentheile, sie führt das Entdeckte auf Principien zurück, wie sie zugleich neue Entdeckungen begründet [...]” (SCHELLING, 1995, p. 87-88).

terrestre.<sup>73</sup> Essa forma de apresentação da natureza requer um tipo diferente e superior de exposição imagética da filosofia da natureza (*Naturphilosophie*) e recebe o nome de pintura da natureza (*Naturgemälde*).<sup>74</sup> No sistema humboldtiano, ela só passa a ter verdadeiro sentido quando concorrem para sua construção formas alegóricas que, pictoricamente, expõem o todo orgânico, sendo significado pelas suas partes.<sup>75</sup> A partir dela, e com Humboldt, aquela unidade de natureza e espírito ganha conformidade numa expressão imagética que abarca tanto a realidade experienciada, na sua forma de exposição dos fenômenos naturais na particularidade, quanto a especulação, na sua forma espiritualizada *universal*. O que se apresenta aos olhos de quem vê essa forma pictórico-científica, que é a *Naturgemälde*, são os polos aparentemente conflitivos que, à maneira humboldtiana, já não são mais nem repulsos nem atraídos unilateralmente, unem-se para minar a forma unilateral de pensar a natureza<sup>76</sup>, a forma mecânica, sendo, por compreensão, apresentados tais polos como uma organicidade significada.

O que Humboldt quer evitar, então, na *Geografia das Plantas*? Ele quer evitar que sua ciência da natureza seja reduzida a um mecanismo que acaba por levar aos equívocos de exposição dos fenômenos naturais na superfície terrestre. O uso apressado de quaisquer descobertas advindas das ciências empírico-matemáticas, na óptica humboldtiana, apenas tende a reforçar os aspectos cisionantes à compreensão do mundo, não por culpa da

---

<sup>73</sup> “[...] Dieses Geständnifs, welches den Standpunkt bezeichnet, von welchem ich beurtheit zu werden hoffen darf, soll zugleich auch darauf hinweisen, dafs es möglich seyn wird, einst ein Naturgemälde ganz anderer und gleichsam höherer Art naturphilosophisch darzustellen [...]“ (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. IV). Numa tradução própria, tem-se: “[...] Esta confissão, que indica o ponto de vista a partir do qual posso esperar ser julgado, pretende, ao mesmo tempo, indicar que um dia será possível apresentar uma pintura da natureza de um tipo completamente diferente e, ao mesmo tempo, superior de uma forma filosófica natural [...]”.

<sup>74</sup> Faz-se menção à pintura da natureza (*Naturgemälde*), termo aludido por Alexander von Humboldt no original em alemão *Geographie der Pflanzen* e que se refere a uma imagem, a uma apresentação pictórica da natureza (em seus elementos orgânicos e inorgânicos), cuja composição advém tanto da ideia quanto da experiência. Cf. “ANEXO B – Reprodução da *Naturgemälde* que acompanha os originais (1805 [1807])”. Mais detalhes conferir nota de rodapé 652.

<sup>75</sup> No desenvolvimento da subseção “Pinturas da natureza” da parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”, daremos atenção às conexões das resultantes alegóricas para a sua construção. Aí, filosofia, subsumindo a matemática (aritmética) a um fluxo intelectual, concorre para *afastar o empírico* da relação sensível com a natureza, repondo-o em uma direção colaborativa com ambas (filosofia e matemática) na construção ideal-objetiva do conceito *Naturgemälde*. Tais leituras dialogam com algumas passagens sobre a relação entre filosofia e matemática, fornecidas por Schelling em *Ideias*, e, de maneira complementar, aos argumentos, passagens, presentes em *Filosofia da arte* e nas *Vorlesungen über die Methode des akademischen Studiums*.

<sup>76</sup> “[...] Eine solche Möglichkeit nähmlich, an der ich vor meiner Rückkunft nach Europa fast selbst gezweifelt; eine solche Reduction aller Naturerscheinungen, aller Thätigkeit und Gebilde, auf den nie beendigten Streit entgegengesetzter Grundkräfte der Materie, ist durch das kühne Unternehmen eines der tiefstinnigsten Männer unsers Jahrhunderts begründet worden [Schelling] [...]” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. IV-V). Numa tradução própria, tem-se: “[...] Tal possibilidade que quase duvidei de mim mesmo antes de meu retorno à Europa. Essa redução de todos os fenômenos naturais, de todas as atividades e formações, ao conflito sem fim entre as forças fundamentais opostas da matéria, foi justificada pelo empreendimento ousado de um dos homens mais profundos de nosso século [Schelling] [...]”.

matemática em si, mas de quem, mecanicamente, lhe provem ao uso.<sup>77</sup> Em termos schellinguianos, isto só é possível evitar quando a filosofia concorre para retirar a matemática (na forma aritmética) da condição de relação sensível que mantém com o mundo, que torna tanto as ciências matemáticas quanto as ciências empíricas subordinadas a uma *ideia* advinda apenas do exterior para prover o acesso ao conhecimento da natureza.<sup>78 79</sup> Logo, é possível se pensar que há, no horizonte de investigação científica de Humboldt, um processo de subsunção dos dados empíricos, decifrados matematicamente, que, a princípio, estão subordinados a uma relação sensível, e que só passam a ganhar *sentidos* mais elevados quando a ideia as torna colaborativas para a apresentação desses mesmos dados, agora, em uma imagem que os alegoriza, no caso humboldtiano, em uma pintura da natureza (*Naturgemälde*). E tais *sentidos* só podem continuar a ser pensados porque se direcionam à natureza, via seu conceito máximo, que é ser organismo.<sup>80</sup>

Tal expectativa, tanto aguardada por Humboldt na carta<sup>81</sup>, em que a natureza é aludida a ser revelada como organismo vivo<sup>82</sup>, aparece imediatamente depois nos desdobramentos especulativo-experenciados, tanto da *Geografia das Plantas* quanto da *Fisionomia das Plantas*. Em ambos os textos, nos quais tais conceitos foram analisados, a natureza como um organismo vivo e uma rede de vida é apresentada em seus contornos, traços e aparências. Apresentar as *formas da natureza*<sup>83</sup>, cujo elemento humboldtiano central à compreensão da

<sup>77</sup> Faz-se um paralelismo à passagem na carta que menciona os usos apressados das ciências matemáticas por parte de uma gama de cientistas empíricos (físicos e químicos, p. ex.). A passagem no original se subscreve assim: “[...] Nicht die Mathematik, nein, ihre voreilige, unphilosophische Anwendung und die fehlenden Zwischenglieder haben allein die Schuld [...]” (SCHELLING, 1995, p. 88).

<sup>78</sup> Em nota à edição bilingue das *Ideias*, Carlos Morujão, fala-nos: “[...] Schelling aproxima o método filosófico do método matemático, contrapondo-os ao método empírico das ciências da natureza. Este último, mais não pode do que constatar a infinita dependência das coisas relativamente umas às outras, de acordo com o princípio de causalidade, enquanto aqueles se situam num plano construtivo, procedendo por dedução a partir de um primeiro princípio evidente [...]”. (*Ideias*, MORUJÃO, 2001, p. 158).

<sup>79</sup> Esse sentido de subordinação e limitação das ciências matemáticas a uma relação sensível, provida as ideias de conexões mecânicas, pode ser lido em Schelling nas *Vorlesungen über die Methode*, na seguinte passagem: “[...] Foi observado anteriormente que as formas matemáticas são de uso puramente mecânico. Não são as razões essenciais dos próprios fenômenos, que antes residem em algo estranho, empírico, como no que diz respeito aos movimentos dos corpos celestes em um solavanco que receberam de lado [...] A chamada teoria matemática da natureza é, portanto, até agora um formalismo vazio no qual nada de uma verdadeira ciência da natureza pode ser encontrado [...]”. (SCHELLING. *Vorlesungen über die Methode*, SW, I, 5, 321-322). (tradução nossa).

<sup>80</sup> Em termos schellinguianos, pressupõe-se que o organismo é o conceito constituinte superior da natureza que subsume o mecanismo. Conferir notas de rodapé 273 e 274.

<sup>81</sup> Aludimos ao trecho final da carta, quando Humboldt cria uma expectativa de diálogo mais aprofundado com Schelling, a partir das publicações na revista *Jahrbücher der Medizin als Wissenschaft. Verfasst von einer Gesellschaft von Gelehrten und herausgegeben*.

<sup>82</sup> Não nos deixa escapar a afirmação de Andrea Wulf, de que Humboldt reconhece no conceito de *organismo* de Schelling o alicerce para a compreensão unificadora da natureza. Diz ela: “[Para Humboldt] em vez de considerar a natureza como um sistema mecânico, ela deveria ser vista como um organismo vivo [...]” (WULF, *op. cit.*, p. 196).

<sup>83</sup> Esse conceito é apresentado na subseção “Formas da natureza” da parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”.

dinâmica dos contornos da superfície terrestre é a cobertura vegetal, remete-nos a um primeiro momento de visualização da ideia de natureza por meio da interconexão entre “formas das plantas” (*Pflanzenformen*)<sup>84</sup> e variáveis fisiográfico-climáticas. Expor a *fisionomia da natureza*<sup>85</sup>, cujos pontos centrais a serem evidenciados são os traços fisionômicos das formas vegetais que ocorrem no curso da natureza (*Naturlauf*), mostra-nos um segundo momento de visualização da natureza por meio da ocorrência das fisionomias das plantas (*Physiognomie der Pflanzen*),<sup>86</sup> no âmbito de mutualidade de sucessão e fenômeno. E, por último, apresentar as *pinturas da natureza* (*Naturgemälde*),<sup>87</sup> cuja forma pictórico-científica se quer imagem *maior* da filosofia da natureza e se conforma como um modo de sintetizar o conhecimento sobre a natureza. Eis, então, que o organismo é apresentado intelectualmente.

Somada a essas informações preliminares ao trabalho, o *Preâmbulo* aqui construído teve o intuito de apresentar argumentos ao diálogo proposto entre os sistemas de Schelling e de Humboldt, que serão aprofundados em partes separadas – *A ideia de natureza*, e a *A apresentação da natureza*. O preâmbulo, assim, serviu como uma *planta baixa* aos conceitos estudados nas referidas partes. No *Interlúdio – um parecer de convergência entre a filosofia da natureza de Schelling e a de Humboldt*, mostra-se um *ponto de convergência* às duas filosofias da natureza, principalmente no que diz respeito à compreensão da filosofia da natureza, enquanto uma física especulativa, e à compreensão da *Geografia das Plantas* como uma disciplina *especial* da física geral. O parecer levantado, a partir de tais compreensões, expressa o trânsito das ideias do sistema schellinguiano para *dentro* (no âmbito de comparação) do (com o) sistema humboldtiano, retornando em formas de ideias objetivadas: os conceitos compreendidos, da parte *A ideia de natureza* à parte *A apresentação da natureza*. Por último, no *Fecho – esboço sobre natureza e imaginação em Schelling e Humboldt através de algumas passagens*, pensa-se em outro caminho de diálogo entre ideia e experiência, cuja potência *imaginação* (*Einbildung/Einbildungskraft/Phantasie*) tem papel importante ao assumir outra forma de *comunicar* o conhecimento sobre a natureza.<sup>88</sup> Já se apresenta, aí, a própria experiência em processo de ressignificação, quando a imaginação,

---

<sup>84</sup> Conceito compreendido a partir da *Geografia das Plantas*, presente também na subseção “Formas da natureza”.

<sup>85</sup> Esse conceito é apresentado na subseção “Fisionomia da natureza” da parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”.

<sup>86</sup> Noção construída a partir da *Fisionomia das Plantas*, presente também na subseção “Fisionomia da natureza”.

<sup>87</sup> Este conceito é apresentado na subseção “Pinturas da natureza” também da parte “A apresentação da natureza”.

<sup>88</sup> No *Fecho*, serão expostos os significados da imaginação (*Einbildung/Einbildungskraft/Phantasie*) em Schelling e Humboldt.

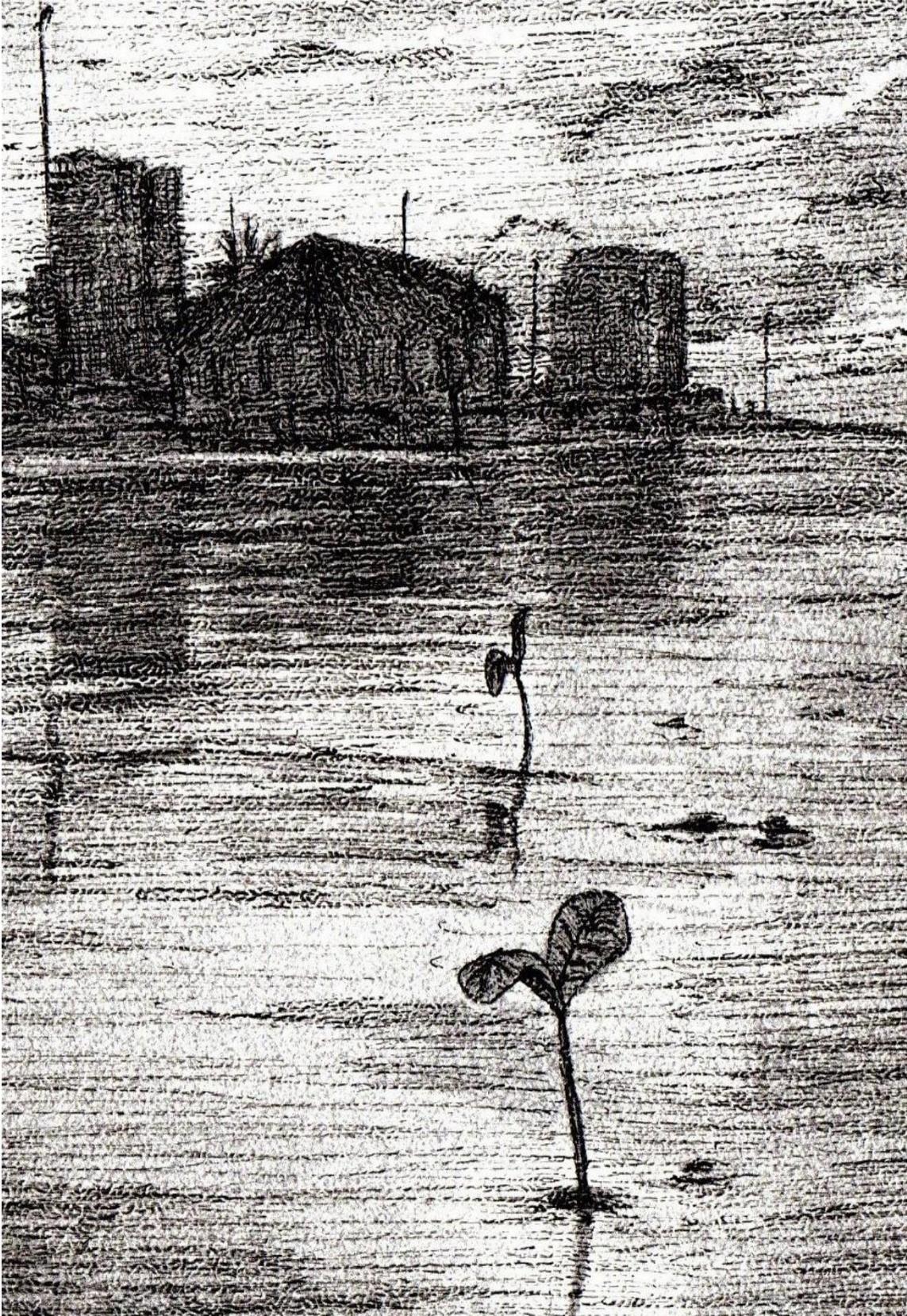
junto com a ideia, contribui para um esboço da *Naturgemälde* “simbólica” depreendida de Humboldt ao fim da *Geografia das Plantas*, para além dela.<sup>89</sup> A intuição, nesse ínterim, como esboçaremos igualmente no *Fecho*, já será compreendida como uma “intuição estética” construída por Schelling no alargamento do seu projeto filosófico<sup>90</sup>. Juntas, intuição estética e *Naturgemälde* simbólica, são *porvir* para uma outra hipótese interpretativa.

---

<sup>89</sup> Esboço esse de *Naturgemälde* “simbólica” que aponta para hipótese interpretativa no *Kosmos. Entwurf einer Physischen Weltbeschreibung* (Vol. 1 – 1845).

<sup>90</sup> Compreensão essa de intuição presente no *System des transzendentalen Idealismus* (1800) de Schelling, como preliminarmente será sintetizada no *Fecho*. Obra, essa, que se conforma dentro do *marco* da *filosofia da identidade* do filósofo, onde espírito e natureza são desdobramentos de momentos sintéticos entre sujeito e objeto.

## 2 A IDEIA DE NATUREZA



Fonte: NERTAN-SILVA (2021)

## 2.1 A natureza como um *todo*<sup>91</sup>

Aquilo que Schelling denomina de “*mera reflexão*” (*bloÙe Reflexion*)<sup>92</sup> não é capaz de apreender o *todo*. É um modo de pensar abstrato. É um modo de pensar que separa sujeito e objeto, mente e mundo, espírito e natureza.<sup>93</sup> Essa separação pode e deve ser superada, não sendo a reflexão um fim. A insistência de fazer dela um fim concorre, segundo Schelling, para “[...] atormentar a razão com quimeras [...]”.<sup>94</sup> Sob esse signo, a reflexão teria tornado permanente a cisão entre o homem e o mundo, em que este, para aquele, seria uma *coisa em si*<sup>95</sup>, nunca acessível, seja pela intuição (*Anschauung*) ou pela imaginação (*Einbildungskraft*), seja pelo entendimento (*Verstand*) ou pela razão (*Vernunft*).<sup>96</sup> Como diz o filósofo, ela “[...] é uma doença espiritual [...]”.<sup>97</sup> Não é na reflexão, portanto, que se encontra qualquer princípio de unidade – de sujeito e objeto ou de espírito e natureza. Uma filosofia, e por extensão uma filosofia da natureza que queira apreender o *todo*, lança-se primeiro contra os tormentos causados pela cisão reflexionante. Assim, abrem-se as *Ideias* de Schelling para a possibilidade de nossa investigação sobre o conhecimento da natureza.

[...] pressuponho que uma filosofia da natureza *deveria* deduzir, de princípios, a possibilidade da natureza, ou seja, da totalidade do mundo da experiência. Porém, não manejarei este conceito de forma analítica, nem pressuporei a sua correção, nem retirarei dele quaisquer consequências, mas investigarei, antes de qualquer outra coisa, se ele tem realidade e se ele exprime alguma coisa que se pode também *realizar*.<sup>98</sup>

Deduzida de princípios – não operados analiticamente –, a possibilidade da natureza como um *todo* (em sua totalidade de mundo experienciado e da natureza como absoluta)

<sup>91</sup> A tese da “natureza como um *todo*” ao longo das *Ideias*, ora compreendida como permanência entre mecanismo e finalidade ora realizada na união de sujeito e objeto, tem seu percurso pensado nesta subseção. (SCHELLING, 2001, p. 113) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 54).

<sup>92</sup> SCHELLING, 2001, p. 39. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 13.

<sup>93</sup> SCHELLING, 2001, p. 39. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 13.

<sup>94</sup> SCHELLING, 2001, p. 41. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 14.

<sup>95</sup> Em Kant, a “coisa em si” (*Ding an sich*) é a coisa em sua existência pura e que independe de leis empíricas para que se faça valer como *númeno* (*Noumenon*), ambos em oposição ao *fenômeno* (*Erscheinung*), o objeto dos sentidos, o objeto de experiência possível. (Cf. KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 337; p. 344-345; p. 361).

<sup>96</sup> SCHELLING, 2001, p. 41. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 14.

<sup>97</sup> SCHELLING, 2001, p. 39. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 13.

<sup>98</sup> No original: “[...] setze ich indeÙ voraus, eine Philosophie der Natur *solle* die Möglichkeit einer Natur, d. h. der gesamten Erfahrungswelt, aus Principien ableiten. Diesen Begriff aber werde ich nicht analytisch behandeln, oder ihn als richtig voraussetzen und Folgerungen aus ihm herleiten, sondern vor allen Dingen untersuchen, ob ihm überhaupt Realität zukomme, und ob er etwas ausdrücke, das sich auch *ausführen* läÙt [...]”. (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 11) (SCHELLING, 2001, p. 35).

apresenta-se no plano de uma idealidade objetiva, quando a filosofia da natureza se põe a perguntar pela possibilidade “[...] de um mundo *fora* de nós, da natureza e, com ela, da experiência [...]”,<sup>99</sup> da natureza propriamente dita. Ao que, *in media res*, por inferência, essa mesma filosofia da natureza se põe em nível *superior* ao método empírico da ciência da natureza (*Naturwissenschaft*), justamente por não operá-la com a análise empírica, esta, marca daquela última. Tal possibilidade de um mundo *fora* de nós só é realizável quando um princípio absoluto, cuja natureza é a totalidade, efetiva a unidade entre mundo sensível e mundo inteligível. No contexto das *Ideias* e da *Introdução ao Projeto* há uma resposta de Schelling ao conceito fichteano de natureza que teria sua origem na pura atividade da consciência do eu (autoconsciência). Ao que a natureza (como não eu) não teria nenhuma ideia de produtividade, seria posta pelo eu.<sup>100</sup> Para Schelling, pelo contrário, no curso da própria natureza, níveis variados de inteligência contribuem para o seu desenvolvimento, não mais tomada como pura exterioridade, mas como força que põe a si própria e cujos produtos orgânicos que dela advém se desenvolvem em modos diversos de espírito inconsciente e consciente. A partir da identidade entre mundo ideal e mundo real, Schelling reconhece que no mundo da natureza estão contidas inteligência, idealidade e racionalidade.<sup>101</sup> Ao filósofo da natureza, cabe a demonstração da efetividade de tal princípio no qual a união de objeto e de “representação” (*Vorstellung*) se realiza objetivamente, não havendo mais a supressão da identidade entre ambos. Em Schelling, tal princípio é pensado em contraposição ao idealismo subjetivo (em especial o de Fichte) que tende a inverter a relação causal, segundo a qual as causas de minhas representações subjetivas seriam as coisas reais.<sup>102</sup> Como diz Schelling, “[...] o filósofo [idealista subjetivo] suprime esta identidade entre o objeto e a representação [...]” e, ao suprimi-la, continuará a inverter a relação causal entre ambos. Só a unidade, portanto, entre objeto e representação, inverte a relação de causalidade. Essa união de objeto e

<sup>99</sup> SCHELLING, 2001, p. 35. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 11.

<sup>100</sup> Tal preceito pode ser verificado na *Doutrina da ciência* de Fichte, quando, da exposição de seus princípios, a natureza – tendo como referente imediato o mundo exterior, surgido, este, como produto da consciência do Eu – é posta como Não-Eu, negação do Eu, sem produtividade. (Cf. FICHTE, J. G. Tradução, Introdução e notas: Juan Cruz y Cruz. *Fundamento de toda la Doctrina de la Ciencia - 1794*. Pamplona, 2005. p. 41-70). Uma resposta mais programática do sistema schellinguiano à posição fichtiana sobre a produtividade da natureza, com seus diversos elementos físico-orgânicos, é apresentada na *Introdução ao Projeto*, principalmente no que concerne às faculdades que fazem progredir a natureza orgânica (sensibilidade, irritabilidade, impulso de formação), bem como a progressão de sua produção advinda do magnetismo, da eletricidade e do processo químico. (SCHELLING, 2010, p. 302) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 321).

<sup>101</sup> Márcia Gonçalves esclarece que por trás desse princípio está o “idealismo objetivo” de Schelling, cuja finalidade é reconhecer que no mundo da natureza há também aquilo que comumente se confere somente ao ser humano: inteligência, idealidade, racionalidade. Solução que Schelling encontrou para superar a dicotomia entre ideal e real e que, desenvolvida gradualmente na sua filosofia da natureza, resultará na tese da identidade entre espírito e natureza. (Cf. GONÇALVES, M. C. F. A construção do conceito schellinguiano de natureza a partir do diálogo crítico com a filosofia transcendental. *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 46, 2014, p.318).

<sup>102</sup> SCHELLING, 2001, p. 43. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 11.

representação, assim é, quando reside na realidade do nosso saber das coisas<sup>103</sup>, em que a representação já está subsumida a estas últimas que a precedem e que estão unidas às causas.<sup>104</sup> Assim observa Schelling: “[...] é só nesta união que reside a realidade do nosso saber das coisas exteriores [...]”.<sup>105</sup> Seria o saber da natureza quem retém tal princípio unificador entre o objeto (a ser representado) e a representação. Nestes termos: “[...] Logo, não podemos tomar as coisas como efeito das nossas representações [...]”.<sup>106</sup> E, mais longe, tal saber é quem unifica, numa idealidade objetiva, espírito e natureza – base para se compreender em detalhes o todo formativo ao conhecimento da própria natureza que vai para além de leis empíricas.

Da natureza pensada como princípio absoluto, duas perguntas se apresentam em termos de exposição da ideia de natureza. Como ela pode ser (ou é) uma totalidade que não está circunscrita na relação de causa e efeito? E por que devemos pensá-la como unidade de sujeito e objeto? Se as coisas forem causas das representações e as representações efeitos das coisas, e se tornam ambas *reais* na relação entre si, é sob o preceito de um sujeito *livre* que tal união se realizará e poderá ser desfeita. Separar e unir objeto e representação são da ordem do ato *livre* (por liberdade) do sujeito que faz a pergunta *como é que acontece a representação?*<sup>107</sup> Tal pergunta (que em muito diz da ideia de natureza e das representações daí advindas) já implica em um ato *livre* do sujeito que ultrapassa, também, as meras relações de causa e efeito ocorridas pelos objetos. E, no preceito schellinguiano, é muito mais como um ato *livre* do próprio sujeito que busca o conhecimento das coisas através da/na representação<sup>108</sup>, que a ideia da natureza se verte em uma totalidade em nós. São essas coisas que podem ser precedentes às representações, elas são a própria *causa* da representação.<sup>109</sup> Segundo Schelling, “[...] o objeto e a representação estão inseparavelmente unidos [...]”.<sup>110</sup> Ao descrever criticamente o processo do pensamento reflexivo, o filósofo alemão faz-nos pensar como o sujeito *livre* ao se perguntar “[...] como é que acontece que represento? [...]” vai mais além, pois eleva-se “*acima* da representação”, o que lhe dá um sentido “[...] originariamente *livre* relativamente a todo representar [...]”<sup>111</sup> Pode *cessar* em algum

<sup>103</sup> SCHELLING, 2001, p. 45. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 16.

<sup>104</sup> SCHELLING, 2001, p. 43. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 16.

<sup>105</sup> SCHELLING, 2001, p. 45. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 16.

<sup>106</sup> SCHELLING, 2001, p. 43. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 16.

<sup>107</sup> SCHELLING, 2001, p. 43. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 16.

<sup>108</sup> SCHELLING, 2001, p. 45. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 16.

<sup>109</sup> SCHELLING, 2001, p. 45. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 16.

<sup>110</sup> SCHELLING, 2001, p. 45. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 16.

<sup>111</sup> SCHELLING, 2001, p. 45. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 16.

momento o ato de representar, mas não cessa o ato *livre* do sujeito que o repõe durante o fluxo interminável de (querer o) conhecimento da natureza.

Na filosofia da natureza, Schelling descreve criticamente esse ato de unir e separar objeto e representação, desse sujeito *livre*, através dessa mesma pergunta (“como é que acontece que represento?”), que passa a ter (*hat*) “um ser em si mesmo” (*ein Sein in sich selbst*) que independe das coisas *fora dele*<sup>112</sup> e se põe “*acima da representação*” (*über die Vorstellung*).<sup>113</sup> Schelling propõe então, que compreendamos a ideia de natureza a partir da resolução da distinção entre espírito e natureza para que o *todo* de tal ideia se torne possível e, com ela, se torne possível a *quebra* de leis (da causa de do efeito externa a nós) que tornam o sujeito “mera obra do mecanismo” (*bloßes Werk des Mechanismus*),<sup>114</sup> <sup>115</sup> reduzido ou a uma coisa (*Ding*) ou a um *objeto* (*Objekt*). “[...] Não sou nenhuma coisa, nenhum objeto [...]”,<sup>116</sup> afirma Schelling ao lançar sua crítica à reflexão como modo de pensar que separa sujeito e objeto. Ele mostra que responder à pergunta sobre a origem das representações em nós só é possível pelo fato do eu ser *livre*, colocando tal questão como prova suficiente da *sua* unidade (do eu) com o mundo e da sua liberação daquelas leis<sup>117</sup> que o tornam *objeto*. Essa resposta aparece, para nós, como momento indistinto, vertido como *tradução* da ideia de natureza que – não como um vão entre consciência e sua realização como coisa *exterior* – faz parte do espírito que revoga a compreensão unitária da natureza. Schelling fala: “[...] Deve-se, dessa maneira, pensar que quem coloca esta questão renuncia, por isso mesmo, a explicar suas representações pela ação de coisas exteriores [...]”.<sup>118</sup> Nas *Ideias*, portanto, argumenta Schelling que uma das primeiras tarefas da filosofia da natureza é de justamente a de relacionar objeto e representação (do sujeito) de tal modo que nem tomemos as coisas como efeitos das nossas representações (como se unilateralmente as coisas *externas* agissem sobre nós) nem tomemos as coisas independentes de nossas representações (como se

<sup>112</sup> SCHELLING, 2001, p. 45. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 16.

<sup>113</sup> SCHELLING, 2001, p. 45. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 16.

<sup>114</sup> SCHELLING, 2001, p. 47. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 17.

<sup>115</sup> Aqui “[...] resolver a distinção entre espírito e natureza [...]” está consonante com o que, em 1798, no prefácio de *Da Alma do Mundo (Von der Weltseele)*, Schelling diz-nos que, em termos gerais: “Assim que nossa consideração se eleva até a ideia de natureza como um *todo* desaparece o antagonismo entre mecanismo e organismo [...]” (*sobald nur unsere Betrachtung zur Idee der Natur als eines Ganzen sich emporhebt verschwindet der Gegensatz zwischen Mechanismus und Organismus*). (SCHELLING. *Von der Weltseele*, SW, I, 2, 348) (tradução nossa). Por outra via, no comentário de Márcia Gonçalves sobre a hipótese de paralelismo entre espírito e natureza, pode-se aludir a um equilíbrio entre as operações da mente e as operações da natureza objetiva, fazendo com que a filosofia da natureza se desenvolva tanto com princípios pressupostos racionalmente quanto com a dualidade própria de princípios materiais existentes na natureza. (GONÇALVES, 2015, p.16).

<sup>116</sup> SCHELLING, 2001, p. 47. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 17.

<sup>117</sup> SCHELLING, 2001, p. 47-49. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 18.

<sup>118</sup> SCHELLING, 2001, p. 47. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 18.

unilateralmente apenas coisas *internas* agissem em nós).<sup>119</sup> Em verdade, o filósofo alemão considera ambas (coisa e representação) não mais sob a perspectiva (mecanicista) da causalidade, mas, sim, como inseparáveis e unidas. Colocar a questão, e pensá-la na inteireza da unidade, é libertar-se dos limites impostos pelas leis do mecanismo. É considerar a natureza como um todo na relação de simultaneidade das causas e dos efeitos, simultaneidade esta que, conforma a natureza em um sistema fechado. Como diz Schelling,

Se, por fim, consideramos a natureza como um todo, então permanece face a face o *mecanismo*, quer dizer, uma série descendente de causas e de efeitos, e a *finalidade*, quer dizer, a independência do mecanismo simultaneidade das causas e dos efeitos. Na medida em que ainda unimos ambos os extremos, surge em nós a ideia de uma finalidade do *todo*, a natureza torna-se uma linha circular que regressa sempre a si mesma, é um sistema fechado em si mesmo.<sup>120</sup>

O elo dessa unidade das coisas com o mundo, em suas causas e efeitos simultâneos, se dá intuitivamente de maneira ativa. Intuir ativamente as coisas é intuí-las intelectualmente, permite-nos pensar Schelling.<sup>121</sup> Tal intuição se apresenta como superação da cisão presente no pensamento reflexivo. Isso só ocorre, quando deixamos de ser *objeto* da própria reflexão e a unidade entre representante e representado se faz presente em nós. Pensar ativamente tal unidade implica “[...] abandonar o modo comum de representar próprio do seu tempo [...]”,<sup>122</sup> e de como se representa as coisas do mundo. Ou seja, abandonar a separação das representações do conhecimento é abandonar aquilo que torna as representações meros produtos de uma ação exterior que, sob a ordem de um saber *estritamente* empírico, transforma o mundo dogmaticamente, posto em oposição ao sujeito.<sup>123</sup> Caberá, então, ao

<sup>119</sup> SCHELLING, 2001, p. 45. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 17-18.

<sup>120</sup> No original: “[...] Fassen wir endlich die Natur in Ein Ganzes zusammen, so stehen einander gegenüber *Mechanismus*, d. h. eine abwärts laufende Reihe von Ursachen und Wirkungen, und *Zweckmäßigkeit*, d. h. Unabhängigkeit vom Mechanismus, Gleichzeitigkeit von Ursachen und Wirkungen. Indem wir auch diese beyden Extrem noch vereinigen, entsteht in uns die Idee von einer Zweckmäßigkeit des *Ganzen*, die Natur wird eine Kreislinie, die in sich selbst zurückläuft, ein in sich selbst beschloßnes System ist [...]” (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 54) (SCHELLING, 2001, p. 113).

<sup>121</sup> Schelling, em um dos seus primeiros escritos sobre a intuição intelectual (referimo-nos às cartas sobre dogmatismo e criticismo), já deixa-nos entender ser ela um tipo de construção advinda do espírito que, ao se introduzir em nós, já não somos mais *objeto* para nós, permitindo que o sujeito que intui seja idêntico ao sujeito intuído. Nas *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo* (1795), assim fala-nos o filósofo alemão: “[...] Essa intuição intelectual se introduz, então, quando deixamos de ser *objeto* para nós mesmos e quando retirado em si mesmo, o eu que intui é idêntico ao eu intuído [...]” (Cf. SCHELLING, F. W. J. *Obras Escolhidas*. Seleção, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 24).

<sup>122</sup> SCHELLING, 2001, p. 49. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 19.

<sup>123</sup> Leonardo V. Distaso, em interpretação sobre *Ideias*, faz-nos depreender que o sujeito postula a si mesmo essa oposição, enquanto posiciona tal oposição através da reflexão, o que resulta na separação dogmática entre conceito e objeto, intuição e imagem, sujeito e mundo. No que “[...] essa oposição é o espelho em cuja imagem refletida a distância entre objeto e conceito, intuição e imagem, experiência e julgamento é reproduzida e

filósofo da natureza saber qual o modo comum de representar: se será uma representação que se dá por meio de princípios externos, como imperativos da força do mecanismo, fortalecendo a cisão e negando à natureza uma produtividade, ou se será um modo de representar quando a intuição intelectual surge como conceito que nos permite entender o equilíbrio entre as forças próprias da natureza e os princípios racionais que a ela idealizamos objetivamente.<sup>124</sup> Schelling escolherá a segunda opção, mostrando a intuição intelectual *leva-nos* a um passo a mais ao passo dado por Espinosa, que considera, segundo Schelling, o espírito e a matéria como uma coisa só e inseparável e cuja ideia de infinito seria apenas objetiva.<sup>125 126</sup>

Podemos derivar da análise schellinguiana que nem menos se tem nessa intuição um solipsismo. Não é uma força solipsista que advoga apenas, pelo contato com a sensação, a existência de si e que reduz o outrem (seres e objetos) à mera impressão sem existência própria. Pelo contrário, é a atividade do sujeito que corre em paralelo à materialidade que a edifica e a reflete dentro de si.<sup>127</sup> Corre essa atividade para ir ao encontro da natureza, tomando-a como ponto fundamental do sistema schellinguiano. Ela, a natureza, faz com que “[...] nenhuma representação *possa* surgir por meio de uma ação externa [...]”.<sup>128</sup> Assim, também, avança-se um ponto a mais ao sistema de Leibniz, que, segundo Schelling, só encontrava a unidade entre ideal e real no interior dos sujeitos, ou dos “seres que

---

duplicada [...]”. No original: “[...] This opposition is the mirror on whose reflected image the distance between object and concept, intuition and image, experience and judgment is reproduced and doubled [...]” (Cf. DISTASO, L. V. *The paradox of existence: philosophy and aesthetics in the Young Schelling*. Kluwer Academic Publishers: New York: Boston: Dordrecht: London: Moscow: 2004, p. 135, tradução nossa) (Topoi Library: vol 5).

<sup>124</sup> Em leitura de Carlos Morujão, a intuição intelectual de Schelling permite-nos ir em *direção* aos objetos externos e “reentrar” em si mesmos, sendo atividades idênticas, pois, “[...] intuir um mundo inteligível é intuir um mundo sem objetos [externos], sem limites [...]”. (Cf. MORUJÃO, C. *Schelling e o problema da individuação*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2004, p. 132).

<sup>125</sup> SCHELLING, 2001, p. 51; p. 81. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 20; 36.

<sup>126</sup> Ao menos em *Von Ich*, texto de Schelling de 1795, há uma valorização do conceito de Espinosa da intuição intelectual de Deus. Em uma passagem desse texto, Schelling diz: “[...] O nível mais baixo de conhecimento é para ele [Espinosa] a mera imaginação das coisas individuais, o mais elevado e puro, a intuição intelectual dos atributos infinitos da substância absoluta, e o resultante conhecimento adequado da essência das coisas. Este é o ponto mais alto de seu sistema. Mera imaginação confusa é para ele a fonte de todos os erros, a intuição intelectual de Deus é a fonte de toda verdade e perfeição no sentido mais amplo da palavra [...]” (SCHELLING. *Von Ich*. SW, I, 1, 185). (tradução nossa).

<sup>127</sup> A intuição intelectual, atividade originária de uma força que parte do sujeito para *fora* do sujeito, refletindo depois *em si* o mundo, atravessa o percurso do jovem Schelling. Márcia Gonçalves na sua leitura da interpretação de Schelling do conceito fichteano de intuição intelectual permite-nos ler tal conceito como modo de construção ou dedução, a partir do espírito. Nas *Ideias* (1797) – em que a matéria já é um conceito mais dinâmico e autônomo em relação à atividade do eu –, e desembocando no tratado de 1802/03 – em que Schelling recorre mais uma vez ao conceito de intuição intelectual de Fichte – a construção do conceito de matéria através da concepção de intuição intelectual evidencia certo *parelismo* entre o espírito e a natureza. Assim, a intuição intelectual se enfeixa como movimento de uma força, que parte do eu para fora do eu e, novamente, reflete para dentro de si mesmo o mundo. (GONÇALVES, 2015, p. 15-16).

<sup>128</sup> SCHELLING, 2001, p. 53. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 21.

*representam*” (*vorstellende Wesen*),<sup>129</sup> pressupondo uma harmonia preestabelecida entre nossas representações e o mundo, fundada em um deus externo a nós. Schelling critica a tese leibniziana da harmonia preestabelecida como não aplicada.<sup>130</sup> <sup>131</sup> Tentar explicar a concordância entre representação e os fenômenos do mundo, através de tal princípio, seria não explicar.<sup>132</sup> Pensar que a harmonia entre o mundo inteligível e o mundo sensível se dá no interior da consciência não é nenhuma solução. Para Schelling, ao contrário, a unidade do mundo *fora de nós* e das representações *em nós* ocorre através de um princípio intelectual, cujo objeto é a natureza como unidade entre ideal e real, sujeito e objeto.<sup>133</sup> Esse princípio é, pois, uma atividade originária na qual o sujeito tanto constrói a si quanto é construído; tanto é sujeito, quanto objeto.<sup>134</sup>

Como são representados os fenômenos que estão *fora de nós* ou *em nós*, vindos ou não do exterior, e como se tornam reais *para nós*, ao espírito? Eis a questão central ao sistema da doutrina da natureza (*Naturlehre*), criticada por Schelling, e da filosofia que explica a representação como sucessão de causas e de efeitos,<sup>135</sup> haja vista que o importante é saber, na observação de Schelling, como “[...] o sistema e aquela conexão de fenômenos encontraram o caminho para o nosso espírito [...]”.<sup>136</sup> Assim, é igualmente importante explicar como o curso da natureza (*Naturlauf*) se tornou real para nosso espírito<sup>137</sup> – dado que este, em nossa representação, pertence àquele e é essencial pensá-lo – passa pela compreensão de que o fundamento das representações está nas coisas e tais coisas não dependem estritamente de nós. Essa questão propriamente dita, no argumento de Schelling, traz a evidência de que a representação se realiza no âmbito de plena interação entre sucessão e fenômeno, pois “[...] encontram-se em relação mútua, ambos são, um relativamente ao outro, reciprocamente

<sup>129</sup> SCHELLING, 2001, p. 83. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 38.

<sup>130</sup> SCHELLING, 2001, p. 85. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 38.

<sup>131</sup> Na *Monadologia* de Leibniz, escrita em 1714, a harmonia preestabelecida entre os “reinos naturais” (das causas eficientes e das causas finais) é formada pelo sistema das mônadas, formas substanciais simples que estabelecem a harmonia entre o “reino físico da Natureza” e o “reino Moral da Graça”, e cuja gênese é “Deus”. (§ 87, p. 63) (LEIBNIZ, G. W. *Monadologia*. Tradução e apresentação: Adelino Cardoso. Lisboa: Edições Colibri, 2016).

<sup>132</sup> SCHELLING, 2001, p. 85. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 38.

<sup>133</sup> SCHELLING, 2001, p. 85. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 38.

<sup>134</sup> A interpretação de Luiz Bicca sobre o conceito schellinguiano de intuição intelectual enfatiza o aspecto de “auto-atividade” de um sujeito puro que se produz como uma realidade absoluta (síntese original, identidade sujeito-objeto), bem como “síntese primordial”, cujo sujeito é construtor e é construído, é sujeito e é objeto. (Cf. BICCA, L. *Do Eu Absoluto à Filosofia da Natureza: a trajetória da primeira filosofia de Schelling -1794-1804. Síntese Nova Fase*, n. 45, p.76, 1989. p. 71-88).

<sup>135</sup> SCHELLING, 2001, p. 69. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 29. Voltaremos à subseção 2.2 desta parte da tese para explicar o curso da natureza e suas potências: matéria, luz, organismo.

<sup>136</sup> O texto é: “[...] como é que aquele sistema [da teoria da natureza] e aquela conexão de fenômenos encontraram o caminho para o nosso espírito; e como é que, na nossa representação, atingiram a necessidade com a qual somos forçados a pensá-los [...]” (SCHELLING, 2001, p. 69) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 30).

<sup>137</sup> SCHELLING, 2001, p. 69. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 29.

necessários [...]”.<sup>138</sup> O fato de o fenômeno do relâmpago preceder o fenômeno do trovão, e não o suceder, é um exemplo dado por Schelling para a sucessão de nossas representações de causa e efeito e das formas que se tornam reais ao espírito, observando apenas que o seu fundamento não se busca só *em nós*, pois, ao mesmo tempo, este se encontra nas coisas e a sucessão destas não depende somente das representações que o sujeito faz delas.<sup>139</sup> Num sistema da teoria da natureza em que o curso da natureza está envolvido, fica claro que a sucessão não pode ser separada do fenômeno. Estão ambos, portanto, em relação mútua, tornando real *para nós* tal curso. Essa mutualidade caracteriza a ideia do *todo* (subjetivo-objetivo), necessária para inteligibilidade objetiva da sucessão dos fenômenos, haja vista que “[...] só na medida em que os *próprios* fenômenos se sucedem uns aos outros assim e não de outra maneira, é que somos obrigados a representá-los *nesta* ordem [...]”.<sup>140</sup>

A filosofia da natureza de Schelling propõe-se a apresentar a natureza como atividade originária de todas as coisas que, num processo de produtividade inconsciente (ainda presente nela) em direção à produtividade consciente (no âmbito de sua representação intelectual), existe como relação mútua, de modo que sucessão e fenômeno são, igualmente, concebidos pelo espírito.<sup>141</sup> Esse espírito seria um princípio criador da natureza que está no mundo e transita de forma “inconsciente”, num percurso de representação, desde suas determinações individuais (produtos naturais) menos complexas, até chegar ao plano da produtividade “consciente” da inteligência, no qual o ser humano seria a determinação individual mais complexa.<sup>142</sup> Schelling pensa que o fenômeno não pode ser separado da sucessão e apresenta dois sistemas diferentes capazes de resolver o problema da representação do *todo*. São duas formas possíveis de compreender a unidade de sucessão e fenômeno e, por extensão, são duas

<sup>138</sup> SCHELLING, 2001, p. 71. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 30.

<sup>139</sup> SCHELLING, 2001, p. 71. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 30.

<sup>140</sup> SCHELLING, 2001, p. 71. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 30.

<sup>141</sup> Essa decifração do inconsciente na natureza para o consciente na natureza – que cabe aqui entender de certa forma como uma decifração da relação mútua entre sucessão e fenômeno no percurso dos graus diversos de desenvolvimento da natureza – remete ao entendimento de Jair Barboza sobre as *Ideias*, segundo o qual a natureza seria una com o sujeito que a representa e, nos graus diversos de seu desenvolvimento, se constitui ao mesmo tempo ligada a este sujeito e só aparentemente desligada dele. A partir dessa gênese unitária, aí, vai aparecendo a série de representações que nasce e desfila diante de nós; posto que, assim, nenhuma separação entre experiência e especulação, mundo exterior e intelectual, se sustentará. (Cf. BARBOZA, J. Polaridade, alma cósmica, graus de desenvolvimento da natureza: o nascimento da *Naturphilosophie* de Schelling. *Discurso: Revista de Filosofia*. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo-USP, n° 32, p.251-252, 2001. p. 249-287).

<sup>142</sup> Nicolai Hartmann deixa-nos ler que Schelling, ao criar sua filosofia da natureza, transita entre aquela Natureza que é uma força criada irrefletidamente, externa ao sujeito, (de traço fichteano) e aquela Natureza que é uma criação inconsciente em curso para o consciente, colocada-a como um princípio de unificação entre real e ideal (o objetivo-real), sendo o princípio criador espiritual do *todo* (portanto, fora do Eu fichteano). (Cf. HARTMANN, N. *A filosofia do idealismo alemão*. Tradução de José Gonçalves Belo. 2. ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1983, p. 135-136).

formas que se apresentam como possibilidade de compreendermos a representação que fazemos das coisas. Assim, deixa-nos ler Schelling, nas *Ideias*, as duas formas possíveis para compreender tal unidade, esse *todo*: 1) ou a sucessão e os fenômenos surgem externamente a nós; 2) ou a sucessão e os fenômenos surgem internamente em nós<sup>143</sup>. Dois caminhos de duas perspectivas diferentes sobre o entendimento de tal unidade entre sucessão e fenômeno. Unidade (externa ou interna *em* nós) que nos permite chegar à natureza como um *todo*, como interpela Schelling a seguir a respeito desses sistemas de representação do *todo*:

Ora, se nem os fenômenos podem ser separados da sua sucessão, nem inversamente, a sucessão pode ser separada dos seus fenômenos, então, só, duas coisas são possíveis: Ou a sucessão e os fenômenos surgem ambos, ao mesmo tempo e inseparavelmente, *fora* de nós; Ou a sucessão e os fenômenos surgem ambos, ao mesmo tempo e inseparavelmente, *em* nós.<sup>144</sup>

Ao primeiro caminho, o problema do senso comum se sobressai e com ele o empirismo que se turva mais, ainda, a uma forma reflexionante (e incompreensível) do mundo. Nas *Ideias*, Schelling faz menção a David Hume, em seu ceticismo, e aos leitores deste, como dois representantes da filosofia do senso comum (Thomas Reid e James Beattie), em que a questão do *mero* observar a sucessão se sobressai; observando que saber como a representação do *todo* vem até nós, seria uma questão incompreensível para tal filosofia.<sup>145</sup> Tem-se uma visão que *separa* e não une o entendimento e as representações em nós. Não seria da ordem desse caminho ultrapassar a *mera* observação da sucessão das coisas externas a nós. Em resposta a esse caminho, Schelling é incisivo ao deixar ler que o mais importante é saber como determinada sucessão – que tem independência relativa a nós – é “[...] representada por nós *enquanto* tal e, nessa medida, com absoluta necessidade [...]”.<sup>146</sup> Pois, contrário a essa visão que deposita no primado da *mera* observação das representações que vem até nós, mostrar que a sucessão dos fenômenos se encontra em nossas representações seria outro caminho. O fenômeno não tem uma existência independente de sua representação e, por isso, negar o primeiro caminho seria desnudar a representação e demonstrar que a ela pertencem a sucessão, a causa, o efeito e *toda* representação de espaço e de extensão.<sup>147</sup> Por

<sup>143</sup> SCHELLING, 2001, p. 71. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 30-31.

<sup>144</sup> No original: “[...] Wenn nun weder die Erscheinungen von ihrer Succession, noch umgekehrt die Succession von ihren Erscheinungen getrennt werden kann, so sind nur folgende zwey Fälle möglich: *Entweder*, Succession und Erscheinungen entstehen beyde zugleich und ungetrennt *auffer* uns: *Oder*, Succession und Erscheinungen entstehen beyde zugleich und ungetrennt *in* uns [...]” (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 30-31) (SCHELLING, 2001, p. 71).

<sup>145</sup> SCHELLING, 2001, p. 71. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 31.

<sup>146</sup> SCHELLING, 2001, p. 73. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 31.

<sup>147</sup> SCHELLING, 2001, p. 75. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 32-33.

isso, como marca Schelling, é preciso despir: “[...] *os fenômenos* de tudo aquilo que pertence somente às propriedades da nossa faculdade representativa [...]”.<sup>148</sup> Está aí o fulcro da objeção schellinguiana ao conceito de *coisa em si* kantiano<sup>149</sup>, no qual o fenômeno teria sua existência independente de sua representação, posto que, para Schelling, as “coisas em si” (*Dinge an sich*)<sup>150</sup> devem existir, e agem, e causam as nossas representações. Pois, é assim que “[...] as coisas são captadas na medida em que as representamos [...]”.<sup>151</sup>

Efetiva-se, nesse sentido, a demonstração do segundo caminho, aquele segundo o qual os fenômenos resultariam e surgiriam com a sucessão das representações. Sucessão, esta, que não remete à ideia da representação enquanto imitação. Esse caminho, de que sucessão e fenômenos surgem *em nós*, concorre com o primeiro caminho, pois não se toma mais as representações como fundo de imitação alheio *a nós* e nem apartada *de nós*. Dele depreende-se que sucessão, causa, efeito etc. dos fenômenos se dão como elo efetivo da natureza, quando nossas representações correspondem a um mundo objetivo, não apenas imerso no *eu próprio*, ligado *somente* a um mundo subjetivo (ao modo fichteano). A princípio, diz Schelling, seria necessário ultrapassar a concepção de que: “[...] todas as representações de um mundo exterior têm de desenvolver-se a partir de *mim* mesmo [...]”.<sup>152</sup> Nesse ponto, em reação a um *eu* que põe mentalmente as coisas (formas) de maneira *a priori*, a questão da representação voltar-se-á para a explicação do curso da natureza. Em como a partir das coisas *fora* de *mim*, nasce em *nós* a sucessão das nossas representações. Sucessão, esta, que não é *só* para mim, mas um elo necessário que nos dá a conexão do espírito com a natureza e que significa o próprio curso da natureza.<sup>153</sup> Já que nos permite pensar Schelling, ao não ser visto como elo do espírito com a natureza, o próprio curso da natureza ficará preso a uma consciência que imaginará que a sucessão das representações se dá por um elo só com a subjetividade.<sup>154</sup> Ao que, a partir desse entendimento, ignorar-se-á que “a sucessão de nossas representações”<sup>155</sup> se dá no próprio curso da natureza. Para a explicação de tal curso, a filosofia da natureza de Schelling converter-se-á em uma física especulativa. O que isso significa?

<sup>148</sup> SCHELLING, 2001, p. 75. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 32.

<sup>149</sup> Cf. nota de rodapé 95.

<sup>150</sup> SCHELLING, 2001, p. 77. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 34.

<sup>151</sup> SCHELLING, 2001, p. 77. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 34.

<sup>152</sup> SCHELLING, 2001, p. 77. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 33-34.

<sup>153</sup> SCHELLING, 2001, p. 77. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 34.

<sup>154</sup> SCHELLING, 2001, p. 77. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 34.

<sup>155</sup> SCHELLING, 2001, p. 77. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 34.

Ao contrário da física empírica que junto à reflexão ascende ao mundo dicotomicamente, a filosofia da natureza, enquanto uma física especulativa,<sup>156</sup> é um fundamento que repõe a unidade originária de espírito e natureza<sup>157</sup> no percurso da sucessão dos fenômenos. Na *Introdução ao Projeto*, Schelling permite-nos ler que a filosofia da natureza, enquanto física especulativa, não se realiza seguindo a via mecânica, mas, sim, seguindo a via dinâmica, segundo a qual o movimento (curso da natureza) brota tanto do movimento da natureza quanto de seu repouso.<sup>158</sup> Schelling pensa na física especulativa como a unidade entre o movimento e o repouso da matéria.<sup>159</sup> Ou seja, o movimento surge tanto do próprio movimento quanto do repouso da natureza. A matéria, nesse sentido, não é mais pensada como *inerte* e nem tão somente movida por uma causa exterior<sup>160</sup>, mas já é imanente a um fundamento que se encontra interna e qualitativamente nos corpos que se contraem e se repulsam. Por inferência, na argumentação de Schelling, nas *Ideias*, o princípio da física especulativa se subscreve nas forças de atração e repulsão entre os corpos, em que nem uma força (atração) nem a outra (repulsão) existem fora de um fundamento que se encontra *no interior e na qualidade* dos corpos. Assim compreendido, esse princípio faz Schelling ressituar o fundamento da força de atração no plano da interioridade e, conseqüentemente, da dependência qualitativa da atração entre os corpos. O mesmo se daria no âmbito da repulsão, quando a dependência qualitativa da repulsão entre os corpos agiria para a ocorrência dessa força.

Nas palavras do filósofo alemão, essa questão se põe, assim: “[...] Supondes, portanto, que o fundamento desta atração [e da repulsão] não pode ser procurado, nem na gravidade, nem na superfície do corpo movido deste modo; o fundamento teria de ser algo de interior e depender da *qualidade* dos corpos [...]”.<sup>161</sup> Essa *qualidade* dos corpos, pois, fundamenta-se não apenas na “sensação” (*Empfindung*), mas “em um ser interior” (*ein innerer seyn*) que

<sup>156</sup> Na *Introdução ao Projeto*, Schelling desenvolve a tese da filosofia da natureza enquanto física especulativa. (SCHELLING, 2010, p. 260) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 274).

<sup>157</sup> Acompanhando leitura de Márcia Gonçalves sobre a filosofia da natureza de Schelling, e nesta, com a física especulativa ser um momento oposto à reflexão, fica implantada uma proposta de combate a uma física empírica que se move por relação dicotômica com o mundo. (Cf. GONÇALVES, M. C. F. Schelling: filósofo da natureza ou cientista da imanência? In: PUENTE, F. R.; VIEIRA, L. A. (orgs.). *As filosofias de Schelling*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 78).

<sup>158</sup> Na *Introdução ao Projeto*, Schelling, sobre a filosofia da natureza enquanto física especulativa, diz: “[...] para a fundação efetiva de uma Física especulativa, apenas um caminho aberto, a saber, o dinâmico, com a condição de que o movimento brotaria não apenas do movimento, mas mesmo do repouso [...]” (SCHELLING, 2010, p. 260) (*Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 274).

<sup>159</sup> SCHELLING, 2010, p. 260. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 274.

<sup>160</sup> Em uma interpelação ao sistema gravitacional de Newton – onde o movimento dos corpos que o explica estaria circunscrito ao movimento superficial (e mecânico) dos corpos – Schelling faz o seguinte comentário: “[...] Pensais a matéria como *inerte*, quer dizer, como algo que não se move por si mesmo, mas que só pode ser movido por meio de uma causa exterior [...]” (SCHELLING, 2001, p. 63) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 26).

<sup>161</sup> SCHELLING, 2001, p. 65. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 27.

demarca o “fato objetivo” (*objektiven Faktum*) de que esse ser interior acontece fora de nós, extrapolando, portanto, o âmbito da *mera* sensação.<sup>162</sup> Tudo isto se coloca claramente, na *Introdução ao Projeto*, demarcando a diferença entre a física especulativa e a física empírica.

[...] diferença esta que se reduz fundamentalmente ao seguinte, que aquela [Física especulativa] se ocupa pura e simplesmente com as causas originárias do movimento da natureza, portanto, somente com os fenômenos dinâmicos; a última [a Física empírica], pelo contrário, dado que ela jamais alcança na natureza uma última fonte de movimento, lida apenas com os movimentos secundários e mesmo com os originários somente enquanto mecânicos (portanto, também aptos à construção matemática).<sup>163</sup>

O movimento e o repouso dos corpos já não são *meras* grandezas matemáticas, mas internamente e qualitativamente evidenciadas. Daí a preocupação da física especulativa, revelada depois na *Introdução ao Projeto*, em ocupar-se com as causas originárias do movimento da natureza, ou seja, com os fenômenos dinâmicos, inversa da preocupação da física empírica, que se ocupa com movimentos secundários e com causas mecânicas, de ordem matemática. Ora, as implicações desses argumentos da filosofia da natureza, nos termos do princípio da física especulativa que a modula, concorrem para demonstração diversa das qualidades dos corpos e da matéria não dependentes somente das sensações. A relação de atração e repulsão existente nos corpos poderá ser demonstrada *independentemente* das chamadas leis da gravidade, conforme Schelling<sup>164</sup>, pois, essa relação estaria fundada nas qualidades próprias de um corpo, ou na qualidade com a “matéria-prima” (*Grundstoffen*).<sup>165</sup> O que isso significa? Por aproximação a Schelling, significa que a matéria e as forças de atração e repulsão se diferenciam umas das outras pelas qualidades de matéria que as compõem.<sup>166</sup> Qualidades de matéria, diga-se de passagem, não mais dependentes somente da sensação, mas em equilíbrio com a teoria. No prisma da distinção de três movimentos (peso, movimento químico e movimento mecânico), inerentes a certa “tábua de categorias” (*Kategorientafel*),<sup>167</sup> é que tais qualidades de matérias compõem, em igual medida, uma doutrina da natureza

<sup>162</sup> SCHELLING, 2001, p. 65. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 27.

<sup>163</sup> No original: “[...] welcher Unterschied sich hauptsächlich darauf reducirt daß jene einzig und allein mit den ursprünglichen Bewegungsursachen in der Natur, also allein mit den dynamischen Erscheinungen, diese dagegen, weil sie nie auf einen letzten Bewegungs-Quell in der Natur kommt, nur mit den sekundären Bewegungen, und selbst mit den ursprünglichen nur als mechanischen (also auch der mathematischen Konstruktion fähigen) [...]” (SCHELLING, *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 275) (SCHELLING, 2010, p. 261).

<sup>164</sup> SCHELLING, 2001, p. 65. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 27.

<sup>165</sup> SCHELLING, 2001, p. 67. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 28.

<sup>166</sup> SCHELLING, 2001, p. 67. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 28.

<sup>167</sup> SCHELLING, 2001, p. 67. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 28.

(*Naturlehre*) que, ao mesmo tempo, compreende o *todo* e está em diálogo com a doutrina empírica propriamente dita.

Schelling afirma que é a partir desses três movimentos “[...] que a teoria da natureza faz surgir e desenvolver-se na totalidade de seu sistema [...]”.<sup>168</sup> Desses movimentos que compõem as diferentes qualidades da matéria na compreensão da natureza como um *todo*, se sobressai o desenvolvimento da teoria da natureza que nos faz compreender que “[...] a doutrina *geral* do movimento não pertence, de forma alguma, à doutrina empírica da natureza [...]”.<sup>169</sup> Nesse sistema, a estática se ocupa do *peso*, da proporcionalidade de quantidade de matéria – tem-se o movimento *quantitativo* que é “proporcional à quantidade de matéria”<sup>170</sup>; a química é meio auxiliar para deduzir a diversidade específica da matéria – tem-se o movimento *qualitativo* que é “adequado às características internas da matéria”<sup>171</sup>; e a mecânica aplica, dá propriedades gerais aos corpos em comunicação com o exterior – tem-se o movimento *relativo, mecânico* que é “comunicado ao corpo”.<sup>172</sup> Com essa tábua de categorias, as qualidades entre a “multiplicidade infinita de matérias”<sup>173</sup> já concorrem aí para explicar a unidade que engloba o *todo* orgânico, posto que explicar a totalidade do desenvolvimento desse sistema é entendê-lo como intelectualmente intuído.

A tábua de categorias apresentada por Schelling permite o caminho pela qual a teoria da natureza atinge sua completude, ao que leva à convergência de teoria e experiência, de espírito e natureza, permitindo, igualmente, compreender como esse sistema pode existir (e tornar-se real) *para* nós. Da atração química entre os corpos que funciona como meio de diversidade presente na matéria (*movimento qualitativo*), mediando a proporcionalidade e o peso entre os corpos (*movimento quantitativo*), até o encadeamento do movimento mecânico propriamente dito (*movimento relativo*), o percurso dessa teoria da natureza resulta de como ela possa vir a existir *para* nós, consentindo a comunicação entre corpos e ação do exterior. Eis que o curso da natureza, a série de causa e efeitos, já é com esses movimentos uma realidade para nós. Realidade necessária, e que é resolvida na unidade subjetiva-objetiva de sucessão e fenômenos. O sistema da natureza, assim, é construído de forma unívoca. Isso permite a Schelling afirmar: “[...] De agora em diante não há mais qualquer cisão entre experiência e especulação [...]”.<sup>174</sup> Não havendo, por extensão, mais cisão entre a experiência

<sup>168</sup> SCHELLING, 2001, p. 67. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 28.

<sup>169</sup> SCHELLING, 2001, p. 69. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 29.

<sup>170</sup> SCHELLING, 2001, p. 67. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 28

<sup>171</sup> SCHELLING, 2001, p. 67. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 28

<sup>172</sup> SCHELLING, 2001, p. 67. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 28.

<sup>173</sup> SCHELLING, 2001, p. 67. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 28.

<sup>174</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 39.

e a ideia. No que diz, ainda, o filósofo: “[...] O sistema da natureza é, simultaneamente, o sistema do nosso espírito [...]”.<sup>175</sup> E, sabendo disso, é que a filosofia da natureza constrói a natureza como um todo e tem a tarefa, no curso da natureza, de transitar do inconsciente ao consciente, para reconciliar a idealidade com a realidade, ambas unidas para realização do *todo*.<sup>176</sup>

A questão da natureza como um todo se torna real para nós nessa reconciliação, uma vez que nela está presente tanto o âmbito de sua possibilidade, a partir de uma base empírica (experiência), quanto o papel originário do ato de filosofar no horizonte existencial do homem através da teoria (especulação).<sup>177</sup> A natureza, nesse sentido, não é vista como um mecanismo que advém de um jogo superficial de causas e de efeitos e nem uma finalidade externa a esse processo. Pelo contrário, como observa Schelling, mecanismo e finalidade estão face a face e são repostos pela ligação recíproca de seus meios e fins por meio da filosofia natureza.<sup>178</sup> A união de ambos – mecanismo e finalidade – é referendo para que surja a ideia de uma finalidade do *todo*, compreendendo que a natureza sempre volta a si mesma<sup>179</sup>, e sua totalidade seja ao mesmo tempo produto e produtiva.<sup>180</sup> Surgida a ideia de uma finalidade do *todo*, segundo Schelling, “[...] a natureza torna-se uma linha circular que regressa sempre a si mesma, é um sistema fechado em si mesmo [...]”.<sup>181</sup> Essa finalidade da totalidade da natureza, compreendida como *necessária* pelo filósofo<sup>182</sup>, concorre para uma ideia da natureza capaz de contemplar, ao mesmo tempo, o todo em sua singularidade e o singular em sua totalidade, um não se realiza sem o outro.<sup>183</sup> Ou como diz o filósofo: “[...] nem o singular se pode tornar *real* sem o todo, nem o todo sem o singular [...]”.<sup>184</sup> Ainda que opostos, espírito e matéria são conectados por um princípio superior (inteligível) no qual se prevê que na intuição intelectual,

<sup>175</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 39.

<sup>176</sup> Remete-se, mais uma vez aqui, à compreensão do inconsciente na natureza para o consciente na natureza que agora, junto a interpretação de Jair Barboza sobre as *Ideias*, a tarefa da filosofia da natureza percorre, desde o princípio, todo o caminho do *eu* da natureza, no que é “exterior a si” até à “consciência suprema”. Percurso, este que, por esta e outras vias, a filosofia da natureza auxilia na reconciliação entre idealismo e realidade. (Cf. BARBOZA, J. *op. cit.*, p. 249-287).

<sup>177</sup> Em Leonardo V. Distaso, o problema geral da filosofia da natureza de Schelling deve ser entendido “[...] não apenas do ponto de vista empírico e experimental, mas também por meio da reflexão filosófica [...]”. No original: “[...] not only from an empirical and experimental point of view, but also through a philosophical reflection [...]” (DISTASO, *op. cit.*, p. 134).

<sup>178</sup> SCHELLING, 2001, p. 113. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 54.

<sup>179</sup> SCHELLING, 2001, p. 113. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 54.

<sup>180</sup> SCHELLING, 2010, p. 262. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 2, 277.

<sup>181</sup> SCHELLING, 2001, p. 113. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 54.

<sup>182</sup> SCHELLING, 2001, p. 113. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 54.

<sup>183</sup> SCHELLING, 2001, p. 113. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 54.

<sup>184</sup> SCHELLING, 2001, p. 113. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 54.

e na compreensão própria da filosofia da natureza ser uma física especulativa, “espírito e matéria se tornam um só”<sup>185</sup>; uma organicidade em curso.

Elevar a ideia de natureza como um todo afasta, também, a oposição entre mecanismo e organismo, pois, no sistema schellinguiano, a filosofia da natureza se engaja a explicar o primeiro (mecanismo) a partir do segundo (organismo).<sup>186</sup> A finalidade da totalidade da natureza se conforma em uma organicidade em curso.<sup>187</sup> Enquanto percurso *devindo*, e ao tomar o princípio da física especulativa para si, as forças (de atração e de repulsão) que já lhes são imanentes na relação de singular com o todo, concorrem para “[...] a aparente oposição à finalidade de se tornar, noutra perspectiva, em [outra] finalidade [...]”, isto num ciclo de progressão.<sup>188</sup> Como diz Schelling, a cessão provisória da oposição é circunstanciada a favor do que, só em união de espírito e natureza, de mecanismo e organismo, pode depois surgir: a natureza como um *todo*, onde as coisas são partes que a compõe. Assim, a natureza, sendo unidade originária dessas coisas, é condição do surgimento do espírito consciente (humano) nela.<sup>189</sup> A natureza como um todo, na qual a inteligência inconsciente já está presente, é tributária das perguntas finais de Schelling em *Ideias* sobre como em nós aparece a ideia de natureza e por que ela é original e necessária a tudo que pensamos sobre a natureza. Pois, como diz o filósofo: “[...] não desejamos saber como é que surgiu uma tal natureza fora de nós, mas, sim, como é que apareceu *em nós* a ideia de uma tal natureza [...]”.<sup>190</sup> Sua origem está no elo inevitável do que, em união, sua organicidade e suas potências se apresentam, via dedução do espírito, para intelecção do que está *fora* de nós: a própria natureza em sua diversidade de produtos naturais que a compõem durante o curso da natureza. Admitir que a natureza deve exprimir, ela própria, as leis ao nosso espírito tanto quanto realizá-las, é admitir

<sup>185</sup> SCHELLING, 2001, p. 111. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 53.

<sup>186</sup> Em *Da Alma do Mundo (Von der Weltseele)*, Schelling deixa-nos ver essa questão do mecanismo ser explicável a partir do organismo, ao nos falar que: “[...] então nossa filosofia não pode partir do mecanismo (como sendo negativo), mas tem de partir do organismo (como sendo positivo) [...] somente a partir deste [do organismo] aquele [o mecanismo] se torna explicável [...]” (colchetes nossos) (tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho no volume XXVI da coleção *Os Pensadores*.) (Cf. SCHELLING/FICHTE. *Escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 228) (Cf. SCHELLING, F. W. J. *Von der Weltseele: Eine Hypothese der höhern Physik zur Erklärung des allgemeinen Organismus*. Hamburg, 1798 [1806], p.VIII.).

<sup>187</sup> A este respeito, Luiz Bicca deixa-nos entender que o conceito de organismo diz do conceito de fim, de finalidade. O mundo como um organismo, conhecido a partir da física especulativa, torna-se conceito básico para identificar o transcurso de algo teleológico (o mundo em sua organicidade, p. ex.) sem prouver de algo exterior para sua decifração. (BICCA, *op. cit.*, p.76).

<sup>188</sup> SCHELLING, 2001, p. 113. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 54.

<sup>189</sup> Nicolai Hartmann esclarece que há na natureza a condição prévia do espírito consciente. Segundo ele, as refutações de Schelling contra Kant (que pensa os produtos naturais segundo a teleologia) e contra Fichte (que concebe a natureza como um não eu) o permite reconhecer na natureza a produtividade de uma inteligência inconsciente capaz de criar produtos naturais com graus distintos de desenvolvimento. (HARTMANN, *op. cit.*, p. 135).

<sup>190</sup> SCHELLING, 2001, p. 115. SCHELLING. *Ideen*, I, 2, 55.

que o vínculo estabelecido entre a natureza *fora* de nós (de mim) e a natureza *em* nós (em mim) seja expresso na identidade entre espírito e a natureza na própria natureza. Daí, encontramos no lema final das *Ideias*, “[...] a natureza deve ser o espírito visível, o espírito a natureza invisível [...]”,<sup>191</sup> <sup>192</sup> o princípio de compreensão da totalidade da natureza significada *para* nós.

Para Schelling, a natureza deve exprimir, ela própria, as leis ao nosso espírito tanto quanto realizá-las.<sup>193</sup> Afinal, nas palavras dele, “[...] não queremos que a natureza concorde *ocasionalmente*, mas, sim, *ela própria*, não só *exprima*, necessária e originariamente, essas leis, mas também que as *realize* [...]”.<sup>194</sup> O espírito consciente da natureza se realiza *em* nós. Os produtos orgânicos se processam, morrem e ressurgem, a cada ciclo de dias. A natureza, assim é nosso espírito visível. O que criamos como inteligência consciente é com ela (nela). Na vida do espírito está o início da própria natureza, está o *pensar* desde a natureza. E como tal, incondicionada, põe a si e os demais produtos no curso próprio da natureza. Nestes termos, a natureza enquanto todo, num primeiro passo de seu entendimento mais profundo, revela-se no curso da natureza. Este que, já posto no transcurso de modos de inteligência inconsciente e consciente, é compreendido, igualmente, por meio das potências que o compõe.

## 2.2 As potências da natureza<sup>195</sup>

Tendo o curso da natureza nascido, criado e produzido em nós, atribuímos, em igual medida, realidades *ideais* às potências que dele participam. Matéria em si (*Materie*), luz

<sup>191</sup> SCHELLING, 2001, p. 115. SCHELLING. *Ideen*, I, 2, 55.

<sup>192</sup> Xavier Tilliette, interpreta a famosa máxima de Schelling de que que “[...] A natureza deve ser o espírito visível, o espírito a natureza invisível [...]”, como um lema de toda uma filosofia que, ao mesmo tempo, refere-se à coincidência entre o espírito da natureza e a natureza espiritual, e não só, refere-se, também, a um princípio da solução da identidade da “Natureza fora de nós” e do “Espírito dentro de nós”, que tem que ser buscado na ideia da Natureza. Portanto, uma dialética dual se estabelece entre Espírito e Natureza, Invisível e Visível (superior à dialética interior e exterior), capaz de conduzir à solução de tal identidade. No original: “[...] La sentence que nous étudions est la devise d’une philosophie avant d’être un aphorisme réussi. Elle affirme certes une correspondance et même une coincidence entre l’Esprit de la Nature et la Nature spirituelle. Mais elle énonce davantage: l’identité de la Nature hors de nous et de l’Esprit en nous – et que le principe de solution doit être cherché dans l’idée de Nature [...] A dialectique de l’Esprit et de la Nature, de l’invisible et du visible, se superpose la dialectique de l’intérieur et de l’extérieur [...]” (p. 45). (Cf. TILLIETTE, X. La nature, l’esprit, le visible et l’invisible: Note sur une sentence de Schelling. In: TILLIETTE, X. *L’Absolu et la philosophie: essais sur Schelling*. Paris: Presses Universitaires de France. 1987, p. 44-55.).

<sup>193</sup> SCHELLING, 2001, p. 115. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 107.

<sup>194</sup> SCHELLING, 2001, p. 115. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 107.

<sup>195</sup> A tese das “potências da natureza” diz respeito às relações internas à construção da filosofia da natureza e será apresentada ao longo desta subseção. (SCHELLING, 2001, p. 139) (SCHELLING. *Ideen*, I, 2, 68).

(*Licht*) e organismo (*Organismus*) são fenômenos que expressam as potências da natureza que são conformadoras, igualmente, da filosofia da natureza schellinguiana. Como referentes das unidades que compõem a natureza, essas três potências são, assim, anunciadas por Schelling:

Estas unidades [da natureza], que designam, cada uma delas, um determinado grau de in-formação do infinito no finito [da natureza produtiva nos produtos naturais], serão expostas em três potências [Matéria, Luz, Organismo] da filosofia da natureza.<sup>196</sup>

No curso da natureza, as potências constituintes da natureza são *meios* que, em processo dialético entre invisível e visível, põem os produtos naturais em sua singularidade a cada momento de *síntese* de espírito e natureza. Elas, as potências, como referentes às unidades que as acompanham, designam graus diferenciados de “in-formação” (*Einbildung*) da natureza infinita (ou universal) nos produtos finitos (singulares).<sup>197</sup> A matéria em si<sup>198</sup>, expressão da primeira potência, tem sua construção junto às outras duas potências (luz e organismo), revelada no pôr e repor a si mesma através de “forças originárias” (*ursprüngliche Kräfte*) que a expandem (repulsão) ou a contraem (atração). Como um todo, ela apresenta-se por meio da “estrutura universal do mundo” (*allgemeine Weltbau*) – o mundo como totalidade –, e enquanto singular, ela apresenta-se por meio da “série dos corpos” (*Körperreihe*) que constituem tal mundo.<sup>199 200</sup> Sendo assim, nessa espécie de dinamismo dual, a matéria é uma potência originária da natureza e, como tal, tem as forças originárias para ora tornar coeso o movimento da natureza ora expandir tal movimento da natureza. Schelling nos dá conta que essas forças não são meramente acidentais à composição da matéria, pois a matéria não tem força, mas é ela mesma força. Schelling critica a habitual expressão: “A matéria tem força”.<sup>201</sup> diz ele. Segundo Schelling, força e matéria aceitam-se mutuamente para se representarem<sup>202</sup>, pois, admite o filósofo: “[...] nem a força é representável sem a matéria, nem a matéria é

<sup>196</sup> No original: “[...] Diese Einheiten, deren jede einem bestimmten Grad der Einbildung des Unendlichen ins Endliche bezeichnet, werden in drei Potenzen der Naturphilosophie [Materie, Licht, Organismus] dargestellt [...]” (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68) (SCHELLING, 2001, p. 139) (colchetes nosso).

<sup>197</sup> Utilizada aqui a tradução de Carlos Morujão para o termo *Einbildung* – normalmente traduzido por imaginação. Carlos Morujão esclarece que se trata de um termo-chave da “filosofia da identidade” de Schelling, na qual ele procura pensar a relação do infinito com o finito e a identidade da diferença (entre os indivíduos no seio do Todo) e da indiferença (do Todo relativamente aos indivíduos). (*Ideias*, MORUJÃO, 2001, p. 158).

<sup>198</sup> Em leitura da filosofia da natureza, Leonardo Alves Vieira permite-nos entender que a matéria é algo dinâmico, tem vida própria, e tem seu próprio movimento. Sendo, portanto, base para síntese das forças de atração e repulsão. (Cf. VIEIRA, L. A. *Schelling*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2007, p. 31-32).

<sup>199</sup> SCHELLING, 2001, p. 139. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68.

<sup>200</sup> Em compreensão do dinamismo dual (duplicação) do mundo em dois paralelos, Márcia Gonçalves tece comentário sobre a “universalidade cósmica” e a “singularidade natural” que abarcam tal dinamismo. (GONÇALVES, 2010. p. 24).

<sup>201</sup> SCHELLING, 2001, p. 57. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 23.

<sup>202</sup> SCHELLING, 2001, p. 57. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 23.

representável sem a força [...]”.<sup>203</sup> As forças de “atração” (*Anziehung*) e “repulsão” (*Zurückstoßung*) equilibram-se entre si para formar o dinamismo próprio da matéria.<sup>204</sup> <sup>205</sup> As forças físicas básicas (de atração e de repulsão) são pertencentes, pois, à essência da matéria, e trazem também consigo o dinamismo próprio da vida que impulsiona as relações entre os produtos naturais e o mundo.<sup>206</sup>

É assim que Schelling critica a definição kantiana de matéria como algo externo que preenche o espaço e interpreta a própria matéria como espaço preenchido, afirmando ser impensável a existência de matéria sem força, e vice-versa. Nas *Ideias*, Schelling pergunta acerca dessa força (que são forças) a impulsionar a existência da própria matéria: “[...] não pressuporão elas [forças de atração e de repulsão] já o espaço preenchido quer dizer, a matéria?”<sup>207</sup> E na *Introdução ao Projeto*, Schelling redireciona esse sentido da matéria como espaço preenchido, ao mencionar: “[...] O que *preenche* o espaço não é a matéria, pois a matéria é o próprio espaço preenchido [...]”.<sup>208</sup> A força e a matéria não podem ser entendidas apenas através do *sentir*, quando o domínio do empírico, mais uma vez, remontaria àquela cisão reflexionante e, conseqüentemente, erigiria na natureza a conotação de algo exterior ao sujeito. É, por isso, então, que, ambas, no espectro de uma natureza como totalidade, se fazem essenciais à busca do domínio superior – que é a ideia de natureza – para fazer o *sentir* chegar à consciência como conceito objetivo.<sup>209</sup> Afinal, como diz Schelling, “[...] o sentir, por si só, não vos dá qualquer conceito objetivo [de natureza] [...]”.<sup>210</sup> Por isso, é preciso ir à consciência para elevar a sensação.<sup>211</sup> O real não se reduz ao sentir e, mais ainda, com ele, a matéria se faz *sentir*, quando elevada à consciência.

<sup>203</sup> SCHELLING, 2001, p. 57. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 23.

<sup>204</sup> A respeito do equilíbrio entre essas forças, é importante conferir certa influência do conceito de matéria (*Materie*) de Kant, submetido às funções do entendimento, segundo o qual as determinações dos movimentos dos objetos advêm dos sentidos externos. (Cf. KANT, I. *Primeiros Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza*. Lisboa: Edições 70, 1990).

<sup>205</sup> O comentário de Márcia Gonçalves a respeito do conceito schellinguiano de matéria, de inspiração kantiana, faz-nos compreender não mais um conceito de matéria como “algo extenso”, mas, um conceito de matéria mais dinâmico e autônomo em relação à atividade do eu e que é “forma de uma ciência superior” – a filosofia da natureza. (GONÇALVES, 2015, p. 16).

<sup>206</sup> De um lado, Xavier Tilliette permite-nos ler que forças de atração e repulsão, sendo “[...] desenhos *ideais* de uma realidade anterior produzida [...]” (no original: “[...] les épreuves *idéales* d’une réalité antérieure produite [...]”), pertencem à “essência da matéria” (no original: “[...] l’essence de la matière”). (Cf. TILLIETTE, X. *Schelling: une philosophie en devenir. I Le Système vivant*. 2. édition augmentée. Paris, Librairie Philosophique, 1992, p. 143). De outro lado, Nicolai Hartmann permite-nos entender que, justamente por não constituírem uma oposição fundamental, mecanismo e organismo contêm, por meio das forças básicas, o princípio da vida. (HARTMANN, *op. cit.*, p. 137).

<sup>207</sup> SCHELLING, 2001, p. 57. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 23.

<sup>208</sup> SCHELLING, 2010, p. 276. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 321.

<sup>209</sup> SCHELLING, 2001, p. 59. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 23.

<sup>210</sup> SCHELLING, 2001, p. 61. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 25.

<sup>211</sup> SCHELLING, 2001, p. 61. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 25.

Em que pese se observar o limite da própria experiência – enquanto base de um pensamento empírico –, para se perceber o dinamismo da vida em sua estrutura universal, é somente através do dinamismo da vida em sua singularidade que a matéria se realiza efetivamente como conceito idealizado de forma objetiva. O que significa, então, que a produção da matéria está sujeita ao dinamismo dual (dialética dual) que perscruta “o movimento dos corpos celestes” (*die Bewegung der Weltkörper*)<sup>212</sup> nos mais variados graus de desenvolvimento. As forças básicas (de atração e de repulsão) já não se reduzem a um “fundamento de explicação física” (*physischer Erklärungsgrund*) que se mostra insuficiente para explicar o movimento dos corpos, mas tais forças entram na compreensão do “sistema do mundo” (*Weltsystems*) equilibradas com a ideia de natureza, para que não sejam vertidas somente ao domínio da experiência.<sup>213</sup> Nas palavras de Schelling, essa questão é, assim, sintetizada:

Mas como fundamento explicativo de caráter físico [*physischer Erklärungsgrund*], a força de atração não é nem mais nem menos do que uma qualidade obscura. Simplesmente, devemos examinar, em primeiro lugar, se, em geral, os princípios empíricos são suficientes para explicar a possibilidade de um sistema do mundo [*Weltsystems*].<sup>214</sup>

A ideia de natureza retendo o dinamismo próprio da vida impõe os limites dos princípios empíricos à explicação do sistema do mundo (o curso da natureza, por extensão), e, com ele, impõe os limites da experiência à compreensão da matéria que compõe tal sistema. Schelling usa o termo *ideia* (*Idee*) para conceber à sua filosofia da natureza um *status* de conhecimento superior à ciência da natureza<sup>215</sup>, e, com isso, *ressituar* a um equilíbrio entre especulação e experiência, a própria *ideia* de matéria. A matéria nem estaria reduzida ao campo da experiência, nem estaria circunscrita só à ideia em si, presa à pura subjetividade do sujeito. A construção da matéria revela-se, igualmente, por meio de sua qualidade<sup>216</sup>, cujo *sentir* (a experiência) já faz parte da idealidade objetivada. Diz Schelling: “[...] Àquilo que sentis da matéria, chamais *qualidade*, e só na medida em que ela tem uma qualidade determinada é que é real para vós [...]”.<sup>217</sup> Essa qualidade concorre para o aparecimento de

<sup>212</sup> SCHELLING, 2001, p. 59. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 23-24.

<sup>213</sup> SCHELLING, 2001, p. 59. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 24.

<sup>214</sup> No original: “[...] Als physischer Erklärungsgrund aber ist die Anziehungskraft nichts mehr und nichts weniger, als eine dunkle Qualität. Allein, laßt uns erst zusehen, ob denn überhaupt empirische Principien hinreichen können, die Möglichkeit eines Weltsystems zu erklären [...]” (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 24) (SCHELLING, 2001, p. 59).

<sup>215</sup> SCHELLING, 2001, p. 59. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 24.

<sup>216</sup> SCHELLING, 2001, p. 61. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 25-26.

<sup>217</sup> SCHELLING, 2001, p. 61. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 25-26.

uma “multiplicidade de *características*” (*Mannichfaltigkeit von Beschaffenheiten*) que irá remeter a qualidades diversas para a matéria e para os corpos singulares que ela qualifica.<sup>218</sup>

<sup>219</sup> O que provoca tal qualidade é uma característica interna da matéria, ao que é presumível sua existência nos fenômenos (eletricidade, magnetismo, processos químicos) que qualificam dinamicamente os produtos orgânicos à construção da natureza. A qualidade da matéria só é explicável a partir do entendimento das qualidades diversas da matéria a serem comunicadas entre os corpos que se contraem (e se repulsam) mutuamente e que lhes são próprias ou não.<sup>220</sup>

Uma questão levantada por Schelling nas *Ideias* é saber como um corpo mecanicamente comunica seu movimento e, também, saber como “[...] um corpo, totalmente desprovido de qualidades, comunica qualidade a outro [...]”.<sup>221</sup> Ele descreve a qualidade, na *Introdução ao Projeto*, como uma “[...] potência mais elevada da matéria para a qual ela própria se eleva com reciprocidade [...]”,<sup>222</sup> destacando uma única qualidade, a qualidade própria da matéria, capaz de mostrar os corpos em relação mútua à sua construção.<sup>223</sup> A concepção da qualidade dos corpos remete-nos a entender que os fenômenos diversos da própria matéria participam *ativamente* também da construção desses corpos. A ideia schellinguiana de matéria tira do campo da inércia a própria matéria. A partir de Schelling, ao pensarmos assim, a matéria não é mais apenas “fundamento” (*Grund*) e “solo” (*Boden*), cuja pressuposição do domínio empírico teria um peso forte.<sup>224</sup> Nas *Ideias*, observa-se o limite de a matéria ser pensada apenas como preenchendo espaço (na forma kantiana), quando, nesse contexto, fundamento e solo, externamente concebidos, seriam suas determinações. Daí, por esse motivo, que a construção *real* da matéria advém do seu próprio *interior* e não de ‘alguma coisa’ exterior a si,<sup>225</sup> como diz o filósofo alemão. O “edifício da natureza” (*Gebäude der Natur*),<sup>226</sup> no qual está assentada a matéria, já é *inteligível interiormente* nas mais plenas qualidades elevadas à consciência que o constrói. A matéria, nesse sentido, já tem um princípio de vida que a envolve e tudo nela já se determina a partir do que lhe é interno. Originária, por si própria, ao dinamismo que a circunda, faz com que as forças de atração e

<sup>218</sup> SCHELLING, 2001, p. 61. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 25.

<sup>219</sup> Márcia Gonçalves deixa-nos entender que a ideia da formação de tais corpos singulares da natureza decorre de um processo dialético e circular que vai do infinito ao finito e regressa do particular ao universal. (GONÇALVES, 2010. p. 24).

<sup>220</sup> SCHELLING, 2001, p. 67. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 28.

<sup>221</sup> SCHELLING, 2001, p. 67. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 28.

<sup>222</sup> SCHELLING, 2010, p. 278. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 394.

<sup>223</sup> SCHELLING, 2010, p. 278-279. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 394-395.

<sup>224</sup> SCHELLING, 2001, p. 61. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 25.

<sup>225</sup> SCHELLING, 2001, p. 61. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 25.

<sup>226</sup> SCHELLING, 2001, p. 61. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 25.

repulsão tomem parte de sua essência, fazendo impulsionar os movimentos qualitativos (processos magnéticos, elétricos e químicos) dos corpos (produtos naturais) essenciais também à construção da matéria (natureza).<sup>227</sup>

Importante ressaltar que a matéria não é posta em movimento por uma força externa.<sup>228</sup> Schelling se afasta da clássica noção platônica de matéria, como receptáculo a receber todas as coisas (forças) advindas do exterior por um demiurgo, mas que, ao mesmo tempo, não se confunde com tais coisas.<sup>229</sup> A matéria é inteligível por si própria, as suas forças são atribuídas internamente. Ao que, nos termos de Schelling, “[...] a matéria *sendo* o substrato último do vosso conhecimento [...]”,<sup>230</sup> não resulta reduzir sua compreensão ao campo do empírico ou a uma força transcendente. Sua explicação se dá inteligivelmente, questionando tanto o primado de uma força exterior como resultante de sua existência quanto o primado de uma força reduzida à imaginação do sujeito para sua determinação.<sup>231</sup> Equilibram-se ambas, resultantes pelo elo que o conhecimento da matéria (a *ideia* de matéria) e de suas qualidades possa circunstanciar para mediar tais forças. A força da matéria do carvão, exemplo citado por Schelling, não se encontra em algo exterior, “[...] mas, sim, em algo que está contido e como que escondido nesta matéria e a que só vós comunicais essas qualidades [...]”.<sup>232</sup> A matéria, então, nos impele a pensar que, sendo movimento interno ao todo da natureza, as alterações dos corpos materiais (produtos naturais, como o carvão), que tomam parte nela, passam pela compreensão do dinamismo dos movimentos qualitativos (dos processos magnéticos, elétricos e químicos) que fazem variar a forma e o conteúdo daqueles mesmos corpos.

Se matéria em si se apresenta como domínio do espaço físico, quem potencializa a variabilidade (na singularidade) dos movimentos qualitativos aos corpos nesse espaço é a luz.<sup>233</sup> Se a matéria domina a esfera de universalidade cósmica, a luz domina a singularidade

---

<sup>227</sup> Em dois momentos distintos da leitura das *Ideias*, com Xavier Tilliette, observamos: a) que o dinamismo presente na ideia de natureza é de que, nesta, as forças de atração e repulsão pertencerem à essência da matéria; b) e que nesse dinamismo movimento e repouso, em mutualidade, se aplicariam dinamicamente (incluindo tanto movimento mecânico quanto movimento químico) à alteração dos corpos (produtos naturais, por extensão) na construção do “sistema universal da Natureza” (no original: “système universel de la Nature”). (TILLIETTE, 1992, p. 143; p. 145).

<sup>228</sup> SCHELLING, 2001, p. 61. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 25.

<sup>229</sup> É Carlos Morujão que nos deixa ler esse afastamento de Schelling ao princípio platônico da matéria, quando pontua que há, aí, uma redução do mundo a uma espécie de mecanismo posto habilmente em movimento por um demiurgo exterior a ele. (*Ideias*, MORUJÃO, 2001, p. 153-154).

<sup>230</sup> SCHELLING, 2001, p. 57. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 23.

<sup>231</sup> SCHELLING, 2001, p. 57. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 23.

<sup>232</sup> SCHELLING, 2001, p. 65. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 28.

<sup>233</sup> De sua análise sobre a filosofia da natureza de Schelling, Wolfdietrich Schmied-Kowarzik deixa-nos ler que as três potências (matéria, luz, organismo) descrevem o conjunto da natureza na sua totalidade concreta e, portanto, enquanto formas determinadas da natureza, elas detêm domínios diferentes às regiões da mesma.

natural dos corpos.<sup>234</sup> A matéria em si, posta no seu dinamismo cósmico pelas forças de atração e repulsão, tem sua própria força, tem uma “força vital” (*Lebenskraft*) em relação de repouso e de movimento.<sup>235</sup> Essa força, que para Schelling é um princípio finito nos “corpos vivos” (*lebenden Körper*), arranca-os às leis da química.<sup>236</sup> A luz é uma potência que impulsiona essa força, fazendo progredir o sistema da natureza. Juntas, impulsionam a vida em suas formas específicas para uma vida em sua organização mais geral, a saber, o organismo. Descobre-se, então, que matéria não vive sem luz. E, sob o olhar filosófico de Schelling, a luz, *vivificando* a matéria, dá à natureza um sentido de “[...] sistema que nunca está em repouso [...]”,<sup>237</sup> pois, por meio dela, *animando* a matéria, faz a natureza progredir.<sup>238</sup> Sendo assim, a luz faz “[...] a natureza sair dos limites da química morta [...]”.<sup>239</sup> Na estrutura singular do mundo (da natureza), é a luz que imprime – via processos magnéticos, elétricos e químicos – dinamismo *real* à matéria. Ela constrói e espargue a reprodução da matéria. A luz interage com matéria, concorrendo, ambas, para a demonstração das primeiras *sínteses* formativas da natureza. Sobre esta segunda potência, à maneira dela ser referente de uma segunda unidade que compõe a natureza, Schelling diz:

A outra unidade da refiguração do particular no universal ou essência exprime-se (mas sempre subordinada à unidade real, que é dominante na natureza) no *mecanismo universal*, em que o universal ou essência se projeta como luz, o particular como *corpo*, de acordo com todas as determinações dinâmicas.<sup>240</sup>

A luz<sup>241</sup>, expressão da segunda potência, é “refletida pelos corpos materiais”<sup>242</sup> que, atravessando-os em todas as direções, qualifica-os elevando a matéria a uma relação com

---

Assim: a) matéria domina a esfera sideral dos acontecimentos celestes (em termos de universalidade cósmica), b) luz domina as dimensões dinâmicas dos processos magnéticos, elétricos e químicos (em termos de singularidade natural dos corpos), e c) organismo domina a região dos processos da vida (em termos de permanente *devir*). (Cf. SCHMIED-KOWARZIK, W. A alma humana enquanto ponto central enigmático entre natureza e espírito. *Kriterion*. Belo Horizonte, n. 130, p.723, dez. 2014. p. 715-737).

<sup>234</sup> SCHMIED-KOWARZIK, *op. cit.*, p. 723.

<sup>235</sup> SCHELLING, 2001, p. 105. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 49.

<sup>236</sup> SCHELLING, 2001, p. 105. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 49.

<sup>237</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 49.

<sup>238</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 49.

<sup>239</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 49.

<sup>240</sup> No original: “[...] Die andre Einheit der Zurückbildung des Besondern in das Allgemeine oder Wesen drückt sich, aber immer in der Unterordnung unter die reale Einheit, welche die herrschende der Natur ist, in dem *allgemeinen Mechanismus* aus, wo das Allgemeine oder Wesen als Licht, das Besondere sich als *Körper*, nach allen dynamischen Bestimmungen, herauswirft [...]” (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68) (SCHELLING, 2001, p. 139).

<sup>241</sup> Para Leonardo Alves Vieira, a luz é a manifestação de uma segunda potência ainda que, a rigor, não receba um nome próprio. Em termos, a luz atravessa os corpos materiais em todas as direções. (VIEIRA, *op. cit.*, p. 32).

<sup>242</sup> SCHELLING, 2001, p. 63. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 26.

fenômenos que contribuem para sua construção. Tomando-a como potência que participa da/na já mencionada “estrutura universal do mundo” (*allgemeine Weltbau*) e, em acordo com as determinações dinâmicas (forças de coesão e expansão), a luz adentra como fenômeno que difunde claridade no âmbito do universal (à matéria) e no âmbito do singular/particular (ao corpo).<sup>243</sup> Dessa forma, a luz difunde-se sobre todos os produtos naturais. O exemplo citado nas *Ideias*, do nervo óptico em meio à presença da luz que interage com ele e o qualifica<sup>244</sup>, é uma pequena demonstração dessa difusão que é essencial para a *vida* da matéria e dos corpos que dela advém. A luz penetra na matéria e se distribui nos corpos materiais. Sem luz, não há série de corpos em sua *vivacidade* capaz de manter a própria ideia de matéria viva. Como a luz se difunde na matéria? Conforme exposto nas *Ideias*, isso ocorre por meio dos processos magnéticos, elétricos e químicos que fornecem a base para o trânsito da inorganicidade da matéria à matéria viva.<sup>245</sup> Trânsito este que pode ser analisado, também, como o trânsito entre as relações dos corpos materiais nas diversas qualidades assumidas por cada um. Schelling descreve a condição da luz, na *Introdução ao Projeto*, como oposição presente no interior dos processos elétricos, galvânicos e químicos em prol da demonstração dos limites interpostos a cada qualidade de cada corpo material que contribui à produtividade da natureza.<sup>246</sup> E essa condição da luz, mesmo sem a nossa intervenção – como no fenômeno da produtividade de luz solar, p. ex. –, pressupõe aquela oposição.<sup>247</sup>

No conceito schellingiano de luz, está pressuposta essa oposição, pois nela está contida, ao mesmo tempo, imaterialidade e materialidade, como um *análogo* do espírito que a idealiza e do mundo (natureza) que a objetiva simultaneamente.<sup>248</sup> Ela realiza-se por meio dessa oposição de forças que se dissipam nela, tudo em prol de *animar* os corpos materiais. Assim, por exemplo, os processos elétricos<sup>249</sup> que nela participam evidenciam, num esquema de dinamismo próprio da natureza, a alternância entre força de atração e força de repulsão com que se propaga, ou se retrai, a sua condição sobre tais corpos. Alternância esta que se

<sup>243</sup> SCHELLING, 2001, p. 139. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68.

<sup>244</sup> SCHELLING, 2001, p. 63. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 26.

<sup>245</sup> Márcia Gonçalves afirma que os fenômenos do magnetismo, da eletricidade e dos processos químicos fornecem a base material para a evolução da matéria inorgânica até a matéria viva, o que nos deixa pensar que as sínteses provenientes daí envolvem a interação das duas potências (matéria e luz) no plano de uma dinâmica que as contém. (GONÇALVES, 2010, p. 24).

<sup>246</sup> SCHELLING, 2010, p. 282. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 299.

<sup>247</sup> SCHELLING, 2010, p. 282. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 299.

<sup>248</sup> Sobre o fenômeno luz se assentar numa dialética entre imaterialidade e materialidade, Márcia Gonçalves permite-nos compreender que, justamente pela presença de tal dialética, o modo de materialidade da luz transcende o conceito tradicional de matéria (de extenso), possuindo ela (a luz) tanto *substância* imaterial, *análoga* ao espírito, quanto *substância* material, *análoga* ao mundo objetivo. (GONÇALVES, 2005, p. 83).

<sup>249</sup> Tais como pensados por Schelling na *Introdução ao Projeto*, os processos elétricos fazem parte da construção dos fenômenos dinâmicos e dos quais participam o magnetismo, a eletricidade e processo químico. (SCHELLING, 2010, p. 290) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 308).

encontra *dissipada* nos processos químicos<sup>250</sup> à medida que, por exemplo, o estado de luz dos corpos em combustão é o máximo de *conectividade* elétrica (positiva) entre os produtos naturais.<sup>251</sup> A luz, onde se faz presente, como estado de oposição inerente a si é, pois, também, o que a faz como um fenômeno do dinamismo da natureza que se inicia (e reinicia) constantemente. Na *Introdução ao Projeto*, Schelling faz-nos compreender que, por ser a luz um fenômeno que está em todo lugar, é, portanto, um “[...] fenômeno da indiferença constantemente superada [...]”, ou seja, um “[...] fenômeno do processo dinâmico constantemente iniciado [...]”.<sup>252</sup> Ela se espalha por todos os lugares enquanto oposição (entre imaterialidade e materialidade) e dissolução (quando processos magnéticos, elétricos e químicos operam suas *sínteses*).

A luz, fonte de energia para os produtos naturais, é, também, meio de comunicação entre todos eles. É ela, com o calor, por exemplo, que retira a matéria do repouso.<sup>253</sup> Nas *Ideias*, conforme Schelling, com “[...] a atração química entre os corpos agindo contra a inércia [...]”,<sup>254</sup> a luz e o calor concorrem para expandir a matéria por todas as direções. A luz não se restringe a ser meio comunicacional de poucos objetos,<sup>255</sup> mas de todos. E, como potência, chega às aparências dos produtos naturais por meio de processos (magnéticos, elétricos, químicos, p. ex.), que atuam para a interação entre os mesmos.<sup>256</sup> Tais processos dizem das maneiras com que a luz interage para produzir a comunicação entre os objetos. Schelling, de certa forma, revela-nos que, para a própria continuidade da natureza, estão presentes nela – por todas as partes – os processos químicos que, enquanto produtos da luz, reclamam a natureza para si ao caminho de sua completude.<sup>257</sup> A essa questão, o filósofo se refere assim: “[...] E porque a natureza, para a sua própria continuidade, tem necessidade de muitos processos químicos, devem estar presentes, em toda a parte [...]”.<sup>258</sup> Logo, pois, o processo de formação da natureza é um constante *devenir*. O oxigênio, por exemplo, como um elemento que participa desse processo químico, citado pelo filósofo na *Introdução ao Projeto*,

---

<sup>250</sup> Tais como pensados por Schelling na *Introdução ao Projeto*, os processos químicos são os mais completos a participarem da construção dos fenômenos dinâmicos, tendo no estado de luz dos corpos em combustão o máximo de seu estado positivamente elétrico. (SCHELLING, 2010, p. 299) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 318).

<sup>251</sup> SCHELLING, 2010, p. 299. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 318.

<sup>252</sup> SCHELLING, 2010, p. 300. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 319.

<sup>253</sup> SCHELLING, 2001, p. 69. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 29.

<sup>254</sup> SCHELLING, 2001, p. 69. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 29.

<sup>255</sup> No seu curso sobre a filosofia da natureza, em capítulo dedicado a Schelling, Maurice Merleau-Ponty descreve a luz, como fenômeno que é, ao mesmo tempo: a) um meio de comunicação entre todos os seres (racional não racional); e b) conceito que passeia nas aparências. (Cf. MERLEAU-PONTY, M. *A Natureza: curso do Collège de France*. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 67; p. 69).

<sup>256</sup> MERLEAU-PONTY, *op. cit.*, p. 69.

<sup>257</sup> SCHELLING, 2001, p. 69. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 29.

<sup>258</sup> SCHELLING, 2001, p. 69. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 29.

nada mais seria que um elemento onde a luz participaria como causa e início de seu processo.<sup>259</sup>

Nas *Ideias*, Schelling afirma a importância da luz para realizar as condições dos processos químicos, dizendo que “[...] o oxigênio, é produto da luz e daquela matéria-prima [Grundstoff] [...]”.<sup>260</sup> A luz, enquanto fenômeno do fator positivo em oposição originária, é confrontado com a exposição do oxigênio como princípio de tipo negativo.<sup>261</sup> Ambos – luz e oxigênio – fazem os “[...] próprios fenômenos orgânicos se entrelaçarem em uma grande conexão [...]”.<sup>262</sup> Ele próprio, o oxigênio, contém eletricidade que retém luz e calor (do fogo, p. ex.)<sup>263</sup> para manter a atração química entre os corpos e, também, manter a expansão da matéria contra a inércia. Assim, misturando-se a elementos como oxigênio, ainda que não visível, a luz está incorporada à natureza ao que faz incidir um movimento, em graus diversos, da/na própria matéria. Ela faz o elo entre o universal e o particular, que se difunde na natureza, projetando-a até atingir (dominar) a singularidade dos corpos materiais. Esse percurso de *síntese* entre matéria e luz, como bem nos deixa observar Schelling, alcança realização efetiva, quando as determinações dinâmicas (forças de coesão e expansão) dirimem as qualidades diversas a cada corpo material<sup>264</sup>, e que sobre ele incidem os processos (magnetismo, eletricidade e processos químicos), fazendo variar a intensidade de luz sobre tal corpo. Desta feita, a vida da natureza é renovada permanentemente. A luz dos corpos em combustão e o calor (a matéria calórica dos corpos), igualmente, realizam-se por meio do ar atmosférico.<sup>265</sup> Aqueles – a luz e o calor – encontram nele – no ar atmosférico –, suas possibilidades a serem *efetivadas*. Encontram nele a “oposição” circunstanciadora da renovação – seja por decomposição mecânica, seja por decomposição química – da vida da natureza.

Por ser fator positivo do processo químico *intuído* por nós, como Schelling anuncia na *Introdução ao Projeto*, e, por inferência, os produtos naturais (o oxigênio, como princípio da

<sup>259</sup> SCHELLING, 2010, p. 300. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 319.

<sup>260</sup> SCHELLING, 2001, p. 69. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 29.

<sup>261</sup> SCHELLING, 2010, p. 300. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 319.

<sup>262</sup> SCHELLING, 2010, p. 301. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 319.

<sup>263</sup> SCHELLING, 2001, p. 69. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 29.

<sup>264</sup> Essa observação segue a linha argumentativa de Schelling nas *Ideias*, quando ele nos põe diante da *posição* assumida pela luz na “estrutura universal do mundo” (*allgemeine Weltbau*). De um lado, tem-se que o universal do mundo [da natureza] se projeta como “luz” (*Licht*) e, do outro lado, tem-se que o particular [da natureza] se projeta como “corpo” (*Körper*), ambos em acordo com a incidência das determinações dinâmicas (forças de atração e repulsão). (SCHELLING, 2001, p. 139) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68).

<sup>265</sup> O ar atmosférico, em interpretação de Xavier Tilliette sobre a Filosofia da Natureza de Schelling, é o “ar vital” (no original: “air vital”), o “fluido universal” (no original: “fluide universel”) que realiza a combustão, a luz e o calor (a matéria calórica dos corpos) para manutenção da vida da natureza. Sendo ele, também, produtor de eletricidade que tem, nessa forma, uma decomposição mecânica e, na forma combustão, uma decomposição química. Ambas incidindo na renovação da vida da natureza. (TILLIETTE, 1992, p. 142).

eletricidade negativa, p. ex.), fatores negativos do processo químico *sentido* por nós<sup>266</sup>, a luz com seu brilho, sua claridade, seu reflexo é posta como aquela potência que faz o elo da unidade originária presente em nós. Ou seja, ela faz o elo entre sujeito e objeto, espírito e natureza, ideia e experiência, cuja produção se difunde sobre os produtos naturais de forma subjetiva-objetiva. Sob o mundo dos produtos naturais, põe-se o equilíbrio difundido pela luz, fazendo se expandir a originalidade da vida da natureza. Ela se distribui nesse mundo como a um contributo em demonstrar o quão são infinitas as partes – com qualidades diversas – que englobam o todo da matéria. Nesse mesmo mundo dos produtos naturais, a luz se *oferta* como força comunicacional entre os corpos, cujos processos (magnético, elétrico e químico) vão dizer da intensidade de atuação dela. A luz *preenche* criativamente a matéria, adere às suas formas por força de atração mútua (e oposta)<sup>267</sup> entre os corpos para, juntas, se integrarem de forma originalmente mais profunda à vida da natureza por meio daquela potência que é princípio: o organismo.<sup>268</sup>

Nas *Ideias*, se matéria e luz atuam em reciprocidade para fazer progredir a vida da natureza muito além da química morta, o organismo participa de tal trama como princípio que dá prosseguimento à luta das forças opostas (atração e repulsão) que faz conservar (e também, progredir) a “obra da natureza” (*Werk der Natur*).<sup>269</sup> Uma tal obra que, no equilíbrio entre espírito e natureza, faz do próprio organismo o movimento de evolução da natureza.<sup>270</sup> O organismo, ao dar prosseguimento a esta luta entre forças opostas<sup>271</sup>, se impele a ser potência composta das outras duas potências (matéria e luz) com as quais participa da formação da natureza. Todas essas potências, nesse sentido, permitem-nos entender a “[...] exposição completa do mundo intelectual nas leis e nas formas do mundo fenomenal [...]”.<sup>272</sup> Tarefa na qual, para que essa duplicidade de ideal-real se efetive, a filosofia da natureza, por meio das três potências (matéria-luz-organismo), deduz as partes (os produtos naturais, p. ex.) da

<sup>266</sup> SCHELLING, 2010, p. 300. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 319.

<sup>267</sup> Na *Introdução ao Projeto*, é exemplar a exposição dos caracteres que envolvem os processos dinâmicos da natureza e que, por oposição das forças de atração (grandeza positiva; repulsão negativa) (no original: “positive Größe”; “negative Anziehung”) e repulsão (grandeza negativa; atração negativa) (no original: “negative Größe”; “negative Zurückstoßung”), a sua produção ocorre. (SCHELLING, 2010, p. 297) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 316).

<sup>268</sup> Márcia Gonçalves interpreta o conceito schellinguiano de organismo como princípio, argumentando que o organismo é ele mesmo o duplo processo de formação e dissolução da matéria em sua individualidade. Gonçalves cita então a passagem das *Ideias* onde Schelling afirma que o organismo é a *réplica perfeita do absoluto* (*das vollkommene Gegenbild des Absoluten*) que é na e para a natureza (*in der Natur und für die Natur ist*). (GONÇALVES, 2010, p. 25).

<sup>269</sup> SCHELLING, 2001, p. 105. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 50.

<sup>270</sup> Carlos Morujão interpreta o conceito de organismo de Schelling como figuração de uma liberdade – posta pelas próprias leis do espírito (do absoluto) – que mesmo suscetível a entraves (resistências) da matéria não pára de se afirmar enquanto movimento de evolução da natureza. (*Ideias*, MORUJÃO, 2001, p. 168).

<sup>271</sup> SCHELLING, 2001, p. 105. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 50.

<sup>272</sup> SCHELLING, 2001, p. 141. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 69.

infinitude da natureza (ela, em seu *todo*) que lhes dão origem. O organismo, encontrando-se em mais alto grau, e sendo a superior potência do processo formativo da natureza, participa diretamente dessa dinâmica. Ele, como princípio, expressa a reciprocidade das potências da matéria e da luz.

Por fim, o *organismo* exprime a figuração recíproca ou indiferenciação de ambas as unidades [potências da matéria e da luz], embora no real, organismo que, considerado de novo, ele próprio, não já como síntese, mas como princípio, é o *em-si* das duas primeiras unidades e a réplica perfeita do absoluto [identidade entre ideal-real], na natureza e para a natureza.<sup>273</sup>

O organismo<sup>274</sup>, expressão da terceira potência, mais do que síntese das potências matéria e luz, é o princípio da natureza. Sendo o *em-si* (*das An sich*) de ambas as potências, é o modelo perfeito da ideia de natureza capaz de expor o ponto de indiferenciação existente entre elas, fazendo progredir no absoluto (na identidade de ideal-real) a produtividade da natureza.<sup>275</sup> Ele é, como diz Schelling, a “[...] réplica perfeita do absoluto que está na e para a natureza [...]”.<sup>276</sup> A filosofia da natureza schellinguiana restitui a indivisão espírito e a natureza como organismo, no qual a filosofia da reflexão insiste romper por meio da *cisão*.<sup>277</sup> O organismo se antepõe a qualquer mecanismo, como constituinte originário da natureza, pois, como faz ler Schelling, ele “[...] reside *nela mesma*, não pode ser separado dela [...]”.<sup>278</sup> Isso faz-nos compreender que a filosofia da natureza de Schelling supera a oposição entre organismo e mecanismo. Nesse sentido, o filósofo alemão afirma que “[...] cada produto orgânico subsiste *por si mesmo*, a sua existência não depende de nenhuma outra existência [...]”.<sup>279</sup> O organismo, põe-se, então, a si próprio, como conceito constituinte superior da

<sup>273</sup> No original: “[...] Endlich die absolute Ineinsbildung oder Indifferenziierung der beiden Einheiten, dennoch im Realen, drückt der *Organismus* aus, welcher daher selbst wieder, nur nicht als synthese, sondern als Erster betrachtet, das An sich der beiden ersten Einheiten und das vollkommene Gegenbild des Absoluten in der Natur und für die Natur ist [...]” (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68) (SCHELLING, 2001, p. 139).

<sup>274</sup> Na leitura da filosofia da natureza feita por Leonardo Alves Vieira, o organismo é a potência superior da natureza que, integrando matéria e luz, tem como resultante a oposição entre produtividade e produto para a formação da natureza. (VIEIRA, *op. cit.*, p. 33).

<sup>275</sup> Em leitura de *Ideias*, e em nota sobre o organismo ser princípio e *em si* (*das An sich*) das potências matéria e luz, Márcia Gonçalves comenta que o organismo é ele mesmo duplo processo de formação e dissolução da matéria em sua individualidade. (GONÇALVES, 2010. p. 25).

<sup>276</sup> SCHELLING, 2001, p. 139. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68.

<sup>277</sup> Para Maurice Merleau-Ponty, é inerente à filosofia da natureza de Schelling restituir essa indivisão que a filosofia da natureza insiste romper. Assim, procura-se: “[...] restituir uma espécie de indivisão entre nós e a Natureza considerada como um organismo, indivisão condicionada pela indivisão sujeito-objeto [...]” (MERLEAU-PONTY, *op. cit.*, p. 75).

<sup>278</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41.

<sup>279</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

natureza, suprimindo a oposição ao mecanismo.<sup>280</sup> A concepção de Schelling da “natureza orgânica” (*organischen Natur*)<sup>281</sup> vai além do mecanicismo, pois supera a representação da conexão mecânica entre causa e efeito dos fenômenos e alcança a ideia de organicidade de toda a natureza. É com essa ideia de organicidade que se faz cessar a ideia de que o mecanicismo seria o único processo da natureza.<sup>282</sup> O organismo é princípio, pulsão de *vida* e o mecanicismo não pode subsistir por si próprio como princípio regulador da vida natural. Pois, como afirma Schelling, “[...] o mecanicismo não é, nem de longe, somente aquilo que constitui a natureza [...]”.<sup>283</sup>

De certa forma, o conceito schellinguiano de organismo reinterpreta aquela concepção kantiana de organismo, indo além da definição de um juízo reflexivo e regulador.<sup>284 285</sup> Em Schelling, a natureza orgânica é princípio de tudo e contém sua própria finalidade.<sup>286</sup> A extensão e a materialidade não esgotam o domínio da natureza orgânica. Schelling analisa então criticamente a teoria das forças orgânicas de Kiehmeyer (sensibilidade, irritabilidade e regeneração ou força de reprodução),<sup>287 288</sup> compreendendo-as como elos qualitativos (e, não necessariamente mecânicos) que, em graus diversos de desenvolvimento e movimentos variados, vão sendo capazes de construir a própria vida orgânica para além da matéria *extensa*. No caso das faculdades dos órgãos animais, está pressuposto um princípio impulsivo

---

<sup>280</sup> Lara Ostaric observa que essa questão será mais adensadamente abordada em *Da Alma do Mundo (Von der Weltseele)*, na qual Schelling dá continuidade ao que iniciou nas *Ideias*, ou seja, sua crítica às concepções mecanicistas da natureza. Crítica que em *Da Alma do Mundo* se centram no aspecto geral do conceito de *vida* na superação da separação entre mecanicismo e organismo. Segundo Ostaric: “[...] In *On the World-Soul*, Schelling continues with his critique of mechanistic conceptions of nature he initiated in the *Ideas*. However, while his critique of mechanism in the *Ideas* developed through the construction of matter and his discussion of the Kantian forces of attraction and repulsion, his central concern in *On the World-Soul* is construction of the concept ‘life’ and the overcoming of the separation between mechanism and organism [...]” (p. 58) (Cf. OSTARIC, L. The concept of life in early Schelling. In: OSTARIC, L. (Edit.). *Interpreting Schelling: Critical Essays*. Cambridge University Press, 2014, p. 48-70).

<sup>281</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>282</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>283</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>284</sup> O “organismo” em Kant consistiria em uma unidade a ser regulada por um princípio reflexivo e, portanto, uma concepção cuja finalidade é posta por algo externo a *nós* e, por isso, impossibilitado de ser conhecido. Essas teses de Kant se encontram nos § 64 a §67 de sua *Crítica da Faculdade do Juízo*. (Cf. KANT, 2002, p. 212-223).

<sup>285</sup> O comentário de Luiz Bicca nos faz compreender o quanto o conceito de organismo schellinguiano é tributário (e vai além) da concepção kantiana ao conceito. Em Kant o organismo consiste em um conceito limite que designa algo que não pode ser concebido, em Schelling, ao contrário, ele é um conceito que possibilita entender a natureza organizada. (BICCA, *op. cit.*, p.85).

<sup>286</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>287</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48.

<sup>288</sup> Para Nicolai Hartmann, em sua leitura da filosofia da natureza de Schelling, essas três faculdades remetem a uma escala gradual, evolutiva, e implicam que as relações entre os organismos mudam através de todo o reino do orgânico. (HARTMANN, *op. cit.*, p. 137). Para Jair Barboza, em sua leitura da filosofia da natureza de Schelling, essas faculdades implicam em forças biológicas fundamentais que fazem avançar o desenvolvimento do mundo orgânico. (BARBOZA, *op. cit.*, p. 261).

com o qual os organismos reagem aos estímulos externos.<sup>289</sup> Ainda que norteadas por tal princípio e inseparáveis, a irritabilidade e a sensibilidade não são suficientes para compreender a *vida* orgânica.<sup>290</sup> Para compreendê-la, diz Schelling, é necessário: “[...] um princípio mais elevado que já não podemos mais explicar a partir da própria matéria [...]”.<sup>291</sup> É necessário, na compreensão schellinguiana, um princípio que esteja além da matéria. O que nos faz ir ao domínio de “um *espírito* ordenador e centralizador”<sup>292</sup> da “organização animada” (*belebte Organisation*),<sup>293</sup> em que tomam parte os movimentos singulares dos corpos orgânicos. O organismo apresenta-se como esse princípio que se depara com a tarefa de unir natureza e espírito. Uma potência que constitui, como indica Schelling, “[...] aquela ligação absoluta entre natureza e liberdade [...]”.<sup>294</sup> Nesse aspecto, o conceito schellinguiano de organismo contém a experiência e a ideia.

Sendo a ideia partícipe no organismo, tanto quanto a experiência partícipe nele, nos princípios de uma teoria geral da natureza, exposta depois na *Introdução ao Projeto*, o organismo é descrito por Schelling como ponto de indiferença entre as forças opostas de atração e de repulsão que faz avançar a própria construção da natureza organizada.<sup>295</sup> <sup>296</sup> Nesse sentido, na natureza, no movimento próprio de sua identidade de produtividade e produto como condição de sua realização, a existência da ideia de organismo sustenta a (ideia de) construção da natureza para além de sua conotação mecânica. Nas *Ideias*, o conceito schellinguiano de ideia (ou razão), é descrito como um “ato absoluto de conhecimento” (*der absolute Erkenntnißakt*)<sup>297</sup> da natureza, que se simboliza no organismo *experenciado* e apresenta-se como o próprio organismo *idealizado* ou transfigurado na “idealidade absoluta” (*absolute Idealität*), ou seja, na ideia (na razão).<sup>298</sup> Com essa circularidade, uma maior identidade entre espírito e natureza vai se conformando, pois, com ela, a constituição própria do organismo, enquanto potência superior, vai situando-o como o domínio dos processos da

---

<sup>289</sup> SCHELLING, 2001, p. 101. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48.

<sup>290</sup> SCHELLING, 2001, p. 101. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48.

<sup>291</sup> SCHELLING, 2001, p. 101. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48.

<sup>292</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48.

<sup>293</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48.

<sup>294</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48.

<sup>295</sup> SCHELLING, 2010, p. 309. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 316.

<sup>296</sup> Carlos Morujão, em apêndice às *Ideias*, afirma que conceito de organismo é uma forma de a natureza impor a unidade originária das forças opostas de atração e repulsão – o seu produzir – a cada um dos produtos naturais que a realiza. (*Ideias*, MORUJÃO, 2001, p. 167).

<sup>297</sup> SCHELLING, 2001, p. 139. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 69.

<sup>298</sup> SCHELLING, 2001, p. 139. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 69.

vida orgânica em sua inteireza<sup>299</sup>, sendo que já não mais se admite uma redução da própria vida a um mecanismo morto. Daí, na *Introdução ao projeto*, pensarmos que o conceito schellinguiano de organismo nos leva permanentemente por momentos constantes de superação e restabelecimento da indiferença<sup>300</sup>, desde a inorganicidade da natureza (presentes nos minerais, p. ex.) até os graus diversos de organicidade da vida (dos organismos sem consciência até os mais conscientes, p. ex.).

No estudo dos princípios de uma teoria geral da natureza, na óptica schellinguiana, o ponto de indiferença aderente ao organismo diz, ao mesmo tempo, da superação da indiferença e – em outro momento – do restabelecimento da indiferença, que é o restabelecimento da dualidade entre as forças opostas. Como diz Schelling: “[...] A indiferença é superada a cada momento e, a cada momento, restabelecida [...]”.<sup>301</sup> Daí podemos derivar que se a natureza orgânica é anterior e se antecipa ao mecanismo (bem como à natureza inorgânica), somente uma potência alçada ao mais alto grau de desenvolvimento poderá cumprir a tarefa restituidora da organicidade presente na natureza em seus mais diversos níveis de consciência. Ao organismo cabe essa tarefa, pois afasta dos produtos naturais todo e qualquer princípio externo, de modo que a *inteligência* da natureza organiza-os no seu curso, no seu *dever* em plano ideal-real. Concebê-lo, assim, mais uma vez, implica um saber da natureza em sua organicidade como um *todo*. Um todo indivisível no qual os produtos naturais organizados já não são produtos reduzidos a um elo mecânico, mas, sim, *ligados* à natureza como organismo, em que o espírito (*Geist*) faz o elo indistinto entre a ideia (o conceito de organismo) e a experiência (o fenômeno do organismo *experienciado*).<sup>302</sup> O conceito schellinguiano de organismo, assim, suplanta qualquer possibilidade redutora de encadeamento mecânico no envolvimento da vida da natureza, pois o que se concebe é o percurso da construção orgânica no qual a unidade originária atravessa espírito e matéria organizada – o próprio organismo, que se quer *perfeito*, já mediado por *imagens* no mundo real.

---

<sup>299</sup> Nessa tópica, é Wolfdietrich Schmied-Kowarzik que nos faz ler o organismo enquanto potência que domina a região inerente aos processos da vida, cuja evolução orgânica é o momento que lhe marca. (SCHMIED-KOWARZIK, *op. cit.*, p.723).

<sup>300</sup> SCHELLING, 2010, p. 294. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 313.

<sup>301</sup> SCHELLING, 2010, p. 294. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 313.

<sup>302</sup> Em interpretação sobre o organismo em *Ideias*, Leonardo V. Distaso nos deixa ler que o organismo, além de ser a unidade original de espírito e matéria, é um todo indivisível, em cujo espírito não há nenhuma distinção entre o conceito (a ideia de organismo) e o objeto (a matéria orgânica). Em suas palavras: “[...] O organismo [...] é um todo indivisível, no qual o espírito não pode ver nenhuma distinção entre forma (o conceito) e conteúdo (o objeto) [...]”. No original: “[...] The organism [...] it is an indivisible whole, in which the spirit cannot see any distinction between form (the concept) and content (the object) [...]” (DISTASO, *op. cit.*, p. 140).

[...] com o organismo perfeito, introduz-se imediatamente também a imagem *ideal* perfeita, embora também esta, de novo, apenas para o mundo *real* na razão, e aqui, no mundo real, os dois lados do ato absoluto de conhecimento mostram-se, tal como acontece no absoluto, como modelo e réplica um do outro [...].<sup>303</sup>

Nas *Ideias*, a sentença: “[...] com o organismo perfeito, introduz-se imediatamente a imagem *ideal* perfeita [...]”,<sup>304</sup> faz-nos compreender que esse organismo perfeito, réplica perfeita da unidade entre espírito e natureza, só tem sentido mais geral quando – como o *em-si* (*das An sich*) das duas primeiras potências (matéria e luz)<sup>305</sup> – realiza-se em forma de *imagens* superiores no mundo real (os seres orgânicos em seus graus variados de complexidade: da planta ao ser humano, p. ex.), que concorrem para maior organização da própria natureza. A unidade, nesses termos, apenas confirma a idealidade absoluta anunciada por Schelling.<sup>306</sup> Aquele mundo real (na forma de produtos da natureza, p. ex) se dissolve na idealidade mais perfeita (na ideia de organismo e de produtividade da natureza, p. ex.), cuja imagem ideal o penetra com intensidade diversa – a depender da incidência de luz na matéria orgânica, p. ex. – para determinar (na particularidade) os variados níveis de natureza organizada.<sup>307</sup> Onde não há organismo, a imagem da natureza não se tem nem como esboço, sua ideia regressa à forma de um mecanismo, cuja determinação reduz-se a fatores externos a ela – à imagem da natureza. Onde não há organismo, o mecanismo se estabelece.<sup>308</sup> Para que isso não ocorra, observamos que o organismo, na filosofia da natureza schellinguiana, é convocado, também, para exercer não mais o papel de *condir* o mundo em dois sistemas (ideal, de um lado, objetivo, de outro), mas para revelar a conexão íntima entre os dois sistemas por meio de princípios inteligíveis e físicos, cujo papel seria dar elementos a uma investigação filosófica da natureza.<sup>309</sup>

<sup>303</sup> No original: “[...] dem vollkommensten Organismus, unmittelbar auch das vollkommene *ideale* Bild, obgleich auch dieses wieder nur die *reale* Welt in der *Vernunft* eintritt, und hier in der realen Welt die zwei Seiten des absoluten Erkenntnisakts sich ebenso, wie im Absoluten, als Vorbild und Gegenbild von einander zeigen [...]” (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 69) (SCHELLING, 2001, p. 139).

<sup>304</sup> SCHELLING, 2001, p. 139. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 69.

<sup>305</sup> SCHELLING, 2001, p. 139. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 69.

<sup>306</sup> SCHELLING, 2001, p. 139. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 69.

<sup>307</sup> Márcia Gonçalves, afirma que, enquanto organismo completo (organismo perfeito), sua “imagem ideal” penetra no “mundo real” – via variação de incidência da luz sobre os corpos materiais – de acordo com a variação da ideia (razão) sobre ele (o organismo). (GONÇALVES, 2010. p. 22).

<sup>308</sup> Xavier Tilliette interpreta a ideia schellinguiana de natureza como um todo que remove o contraste de mecanismo e organismo, e esclarece que sem a presença do organismo o mecanismo se sobressai. No original: “[...] L’idée de la Nature comme totalité supprime le contraste du mécanisme et de l’organisme (ou si l’on veut, de l’organicisme). En effet, dans cette hypothèse, l’organique est le positif, le premier; le mécanisme est le négatif. Là où il n’y a pas d’organisme, il y a mécanisme. L’inverse n’est pas vrai [...]”. (TILLIETTE, 1992, p. 149).

<sup>309</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 49.

Essa conexão íntima dos dois sistemas faz a matéria ser animada, retirando da natureza a condição de ser um sistema em repouso.<sup>310</sup> Como diz Schelling: “[...] com a matéria animada, a natureza sai dos limites da química morta [...]”.<sup>311</sup> E ao sair desses limites, a natureza é um sistema que se movimenta através das forças opostas. Os produtos orgânicos, nesse sentido, participam de tal movimento no âmbito da organização, quando subsistem *por si* e voltam, em ciclos *para si*.<sup>312</sup> O organismo planta, p. ex., em seus aspectos organizacionais comentados pelo filósofo alemão, como produto orgânico, tem seu próprio fundamento constitutivo e regressa infinitamente a si à medida que se põe como imagem *superior* no real de um organismo perfeito *conectado* a princípios que englobam idealidade e objetividade no seu curso formativo.<sup>313</sup> Pensando assim, o organismo planta regressa infinitas vezes a si para organizar a si mesmo, já estando previamente organizado na *pugna* entre as forças opostas (mecânicas e orgânicas) que impulsionam a sua organização.<sup>314</sup> A planta está organizada, tornando-se capaz, não de forma isolada, de assimilar as mais diversas matérias *para si*. Nesse sentido, e conexas tais matérias à planta, diz Schelling: “[...] A sobrevivência dos corpos vivos está ligada à respiração. O oxigênio que respiram é decomposto pelos seus órgãos, para, como fluido elétrico, atravessar os nervos [...]”.<sup>315</sup> Tudo isso é demonstrativo da organização da planta em sua unidade orgânica, cujas partes se relacionam entre si e, para além de si, são assimiladas por ela na unidade entre idealidade e objetividade. Temos, então, aí, uma prévia da subsunção de todas as matérias inorgânicas e mecânicas, como momentos basilares (e anunciativos) do *primário* à vida como um *todo*: a organização dos produtos orgânicos da natureza.<sup>316</sup>

Apresentadas as três potências da natureza, o que se prepara a seguir é a demonstração de outro princípio inerente à ideia de natureza: o princípio da natureza organizada, nos vários produtos orgânicos que a compõe. Como faz-nos depreender Schelling, aqui começamos a nos transportar mais efetivamente para o domínio da natureza orgânica, cujo primado da sua organização é elemento fundamental para entendê-la.<sup>317</sup> E que, nessa concepção, na qual se

<sup>310</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 49.

<sup>311</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 49.

<sup>312</sup> SCHELLING, 2001, p. 105. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 49.

<sup>313</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>314</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>315</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>316</sup> É Nicolai Hartmann que nos faz pensar assim, ao dispor comentário sobre o que é *primário* à organização da vida, é o “orgânico” e não o “inorgânico” (e muito menos o mecanismo). Em graus diversos de inteligência (da planta até os seres humanos, p. ex.), essa base primária *avança* gradualmente à revelação de um caminho (*devir*) que descreve o espírito em ascendência, até seu objetivo final, a autoconsciência (ideia mesma da natureza, na unidade ideal-real). (HARTMANN, *op. cit.*, p. 139-140).

<sup>317</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 39.

suspende a cisão entre experiência e especulação, “[...] o sistema da natureza é, simultaneamente, o sistema do nosso espírito [...]”.<sup>318</sup>

### 2.3 A organização da natureza<sup>319</sup>

A organização da natureza produz a si mesma, surge de si mesma, faz-nos pensar Schelling.<sup>320</sup> A natureza como um todo organizado não mais se assemelha a mecanismo. Logo, como diz o filósofo, “[...] o mecanismo não é, nem de longe, somente aquilo que constitui a natureza [...]”.<sup>321</sup> A natureza vai para além deste, pois, ao estar organizada, coloca a si mesma nas formas mais diversas de organismos, o que a faz ultrapassar qualquer exigência de princípio externo a ela. A organização é imanente à natureza, de modo que a natureza “[...] não se pode organizar a si mesma sem estar já organizada [...]”.<sup>322</sup> Está implícito, nesse sentido, que para que possamos existir é necessário já existir a própria organização da natureza. Segundo Schelling, a natureza organiza a si mesma, produz a si mesma, surge de si mesma, volta infinitamente a si mesma, e a partir de tal ciclo, de sua organização (que é auto-organização em permanente *devir*), a forma e a matéria dos produtos orgânicos se demonstram inseparáveis.<sup>323</sup> Schelling aponta para esse caráter de inseparabilidade de forma e matéria dos produtos orgânicos, quando o princípio de organização remete à produção e reprodução. Por esta via, apresenta a conexão entre indivíduo e espécie como demonstração da tese da circularidade do processo ou do regresso infinito da produção da natureza. Diz ele:

[...] a organização [da natureza] produz a *si mesma*, surge de *si mesma*; cada planta isolada é apenas produto de um indivíduo da sua *espécie* e, assim, cada organização isolada produz e reproduz, até ao infinito, apenas a sua *espécie*. Assim, nenhuma organização *progride*, mas, pelo contrário, regressa infinitamente a si mesma.<sup>324</sup>

<sup>318</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 39.

<sup>319</sup> A tese da “organização da natureza”, ao ser apresentada ao longo desta subsecção, diz respeito à “organização” que é inerente a cada produto orgânico. (SCHELLING, 2001, p. 89) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40).

<sup>320</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>321</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 39.

<sup>322</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41.

<sup>323</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41.

<sup>324</sup> No original é: “[...] Die Organisation aber producirt *sich selbst*, entspringt *aus sich selbst*; jede einzelne Pflanze ist nur Produkt eines Individuums *ihrer Art*, und so producirt und reproducirt jede einzelne Organisation

Ao se organizar, a natureza não mais se separa do “mundo ideal” (*ideelle Welt*), pois, em unidade de opostos (mundo ideal e mundo real),<sup>325</sup> ela já é “como um só mundo” (*als Eine Welt*).<sup>326</sup> A natureza tem o fundamento de sua própria existência, fazendo com que o todo orgânico que a constitui perdure nas partes que a compõem, pois “[...] nenhuma parte isolada surge senão *naquele* todo e este todo subsiste somente na ação recíproca das partes [...]”.<sup>327</sup> Quando Schelling diz que a natureza tem o fundamento de sua própria existência significa que há uma relação de reciprocidade entre as partes e o todo.<sup>328</sup> Na natureza organizada, parte e todo são efetivamente realizados no *conceito* (de natureza enquanto organismo),<sup>329</sup> como inerente, como o ponto central da unidade entre ideal-real subjacente à organização da própria natureza, a partir da qual cada produto orgânico se objetiva.<sup>330</sup> Nas *Ideias*, o conceito de organismo é descrito como ligado ideal-realisticamente à organização, pois “o conceito *reside nela*” (*der Begriff wohnt in ihr selbst*), de modo que, igualmente, a organização da natureza “*se organiza a si mesma*” (*organisirt sich selbst*).<sup>331</sup> Assim entendida, na natureza organizada, qualquer organização não pode ser pensada separadamente do produto orgânico que participa dela no processo de sua construção.<sup>332</sup>

Ambos, organização e produto orgânico, subsistindo a si mesmos<sup>333</sup>, têm uma relação ideal-objetiva com a natureza como um todo, para realizá-la como um *todo* organizado. Essa realização da natureza organizada tem, outrossim, na identidade entre sujeito e objeto, seu impulso realizador. Essa mesma identidade será descrita por Schelling na *Introdução ao Projeto* como identidade entre produtividade e produto, implicada à ideia de natureza, na medida em que a totalidade tanto como produto quanto como produtividade se eleva ao conceito de natureza.<sup>334</sup> Daí pensarmos com Schelling que a natureza, para conservação de

ins Unendliche fort nur ihre Gattung. Also schreitet keine Organisation fort, sondern kehrt ins Unendliche fort immer in sich selbst zurück [...]” (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40) (SCHELLING, 2001, p. 89).

<sup>325</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 67.

<sup>326</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 67.

<sup>327</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>328</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>329</sup> É Carlos Morujão que, em um de seus apêndices às *Ideias*, alerta-nos de como a natureza, enquanto organismo, deve ser concebido como *conceito*. Conceito este entendido fora do ponto de vista lógico, mas no ponto de vista transcendental, cuja relação entre real e ideal dará a esse mesmo conceito (da natureza concebida como organismo vivo) o imperativo da forma do seu produzir a cada produto que se objetiva a partir dele (da natureza). (*Ideias*, MORUJÃO, 2001, p. 167).

<sup>330</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41.

<sup>331</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41.

<sup>332</sup> Luiz Bicca, ao discorrer sobre o conceito de organismo e natureza organizada, fala-nos que, no domínio do orgânico, nenhuma atividade ou produção deve ser pensada separadamente de seu produto, o que implica ver tal relação no âmbito de seu processo e de sua realização e não como um fim em si. (BICCA, *op. cit.*, p. 85).

<sup>333</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>334</sup> SCHELLING, 2010, p. 269. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 284.

sua própria obra, encontra no *espírito* (*Geist*) o princípio ordenador da organização<sup>335</sup>, que, como tal, conduz-nos pensar identidade entre produtividade e produto, sujeito e objeto, como processos conformadores da natureza organizada. Tais processos, a partir de alguns apontamentos em *Ideias*, inseridos na ideia de auto-organização da natureza remontam a princípios gregos antigos.<sup>336</sup> Princípios que são revistos por Schelling para compreensão da auto-organização da natureza como ligação originária – de ordem interna – do espírito e da matéria.<sup>337</sup>

Na tradição platônica, o princípio da organização autoprodutiva apresenta a natureza ordenada mecanicamente por uma força demiúrgica. Cada elemento inteligível ao mundo (água, ar, fogo e terra, p. ex.) é gerado por uma força exterior a ele.<sup>338</sup> <sup>339</sup> Para Schelling, a natureza já é internamente inteligível na unidade entre ideal e real, superando, assim, a forma de pensamento reflexionante.<sup>340</sup> Nas *Ideias*, é neste sentido – a partir do reconhecimento de que a *união* de intuição e conceito, forma e objeto, ideal e real deve ser a solução para o principal problema enfrentado pela filosofia da natureza – que Schelling vai “[...] nos *falar* [da natureza] de uma forma tanto mais inteligível quanto menos pensarmos nela de um modo meramente reflexionante [...]”.<sup>341</sup> Isso significa que, desaparecida a oposição entre mecanismo e organismo, as teses schellinguianas sobre o princípio de auto-organização da natureza e da natureza como um todo organizado, o possibilita superar a oposição “entre experiência e especulação”.<sup>342</sup> <sup>343</sup> Ficando dito, aí, que na sua origem se torna inexplicável, após todo o percurso de sua organização, a natureza ser compreendida por um pensamento que atua por

<sup>335</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48.

<sup>336</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>337</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>338</sup> É no *Timeu* de Platão que o conceito de auto-organização da natureza é entendido a partir do princípio de *alma do mundo* em que, este, penetraria aquele em sua totalidade. Importante conferir as passagens 30a-34b para entendimento dos elementos sob a influência da força demiúrgica e da *alma do mundo*. (Cf. PLATÃO. *Timeu-Críticas*. Tradução do grego, introdução e notas Rodolfo Lopes. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2010).

<sup>339</sup> Márcia Gonçalves, em comentário sobre a filosofia da natureza, permite-nos ler que a tese schellinguiana da criação do mundo dialoga com a concepção do mito da criação do mundo enquanto organização da matéria por um demiurgo. Com a influência de Kant (e indo mais adiante que este) ao entendimento de tal tese é que o jovem Schelling traduz o princípio platônico no âmbito do que é interno (do que é inteligível) à organização da matéria e não ao que lhe é externo (sobre a força exterior de um demiurgo). (GONÇALVES, 2015. p. 16-17).

<sup>340</sup> SCHELLING, 2001, p. 101. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>341</sup> SCHELLING, 2001, p. 101. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>342</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 39.

<sup>343</sup> Em seu comentário sobre o conceito de *vida* apresentado tanto nas *Ideias* quanto em *Da alma do mundo* (*Von der Weltseele*), Lara Ostaric afirma que, superada a dicotomia entre organismo e mecanismo, o “jogo livre” entre as forças de oposição (atração e repulsão) impulsiona e serve de base de *união* para que a natureza estabeleça suas ações *livremente*, ao que vai se autoproduzindo livremente. No original: “[...] Schelling introduced the concept of life as the free play of forces in his *Ideas*. In the *World-Soul*, the concept of life as a ‘free play’ serves as a ground of the unity of mechanism and organism, of nature that is ‘free in its blind lawfulness’ and ‘lawful in its freedom’ [...]” (OSTARIC, *op. cit.*, p. 61).

*cisão*. Schelling redireciona o princípio da organização para expor o problema da “origem dos corpos organizados” (*Ursprung organisirter Körper*).<sup>344</sup> Em seu sistema tal princípio está ligado a uma natureza inteligível (unidade de forma e objeto, ideal e real) e não a uma natureza meramente reflexiva. Nas palavras do filósofo alemão: “[...] desde tempos remotos o espírito humano foi conduzido à ideia de uma matéria que se organiza *a si mesma* e, porque a organização só é representável em relação a um espírito, à ideia de uma ligação originária, nas coisas, entre o espírito e a matéria [...]”.<sup>345</sup>

A organização teria, segundo Schelling, um movimento inteligível, interno e originário a ela, compreendido como o espírito ou como princípio ordenador e unificador de sujeito e objeto, produtividade e produto. Essa compreensão de que o princípio ordenador imanente à matéria é o espírito afasta decisivamente quaisquer resquícios de um pensamento reflexivo que cinde natureza e espírito. Ao contrário de buscar na unilateralidade subjetiva a ligação entre espírito e matéria, Schelling afirma que essa unidade se encontra nas próprias coisas, ou seja, “*na própria natureza*” (*in der Natur selbst*), como seu próprio fundamento.<sup>346</sup> Por outro lado, Schelling admite que tal fundamento seja buscado também em “um princípio elevado acima da natureza” (*in einem über die Natur erhabenen Prinzip*).<sup>347</sup> A filosofia da reflexão (*Reflexionsphilosophie*) baseia-se na *cisão* entre espírito e natureza, e tenta reconhecer a origem da representação e da organização dos corpos organizados no interior da subjetividade em nós.<sup>348</sup> Schelling encontra, então, o fundamento da natureza na íntima conexão de espírito e matéria. Esse fundamento, que explica a *vida* organizada, só pode ser concebido por uma filosofia da natureza (*Naturphilosophie*).<sup>349</sup>

Nesse sentido, Schelling revela-nos a necessidade de pensarmos “[...] o espírito e a matéria como um só [...]”.<sup>350</sup> Unidade que é expressa pela *ideia* e traz na origem o que são uma e mesma coisa: a intuição e o conceito, a forma e o objeto, o ideal e o real.<sup>351</sup> Essa unidade é o próprio princípio de organização realizado na natureza. A realização da organização da natureza demonstra que há na natureza um princípio inteligível e não meramente um conceito reflexionante. Nesses termos, os processos conformadores de produtividade e produto da natureza ganham acento para entender como a natureza, enquanto *todo* organizado, é inteligivelmente posta pelo/com o espírito. Admite-se, portanto, que “[...] a

<sup>344</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>345</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>346</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>347</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>348</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>349</sup> SCHELLING, 2001, p. 101. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>350</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>351</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

organização em geral só é representável em relação a um *espírito* [...]”.<sup>352</sup> Tal organização é, assim, concebida como espírito que se encontra em unidade originária com a natureza organizada. Esta, por sua vez, é compreendida como o processo de sua produtividade *infinita* que informa os produtos orgânicos *finitos* que dela surgem. Nas *Ideias*, Schelling descreve a “natureza eterna” (*ewige Natur*)<sup>353</sup> e a “natureza fenomenal” (*erscheinende Natur*)<sup>354</sup> como expressões *antecipadas* do que ele expõe posteriormente na *Introdução ao Projeto*<sup>355</sup> e em *Da Alma do Mundo*<sup>356</sup>, como identidade entre produtividade e produto, entre organismo e mecanismo. Tais expressões participam da tese schellinguiana da organização da natureza, descrita como unidade entre sua universalidade e sua individualidade.

Quando Schelling expõe no aditamento à introdução das *Ideias* seu próprio conceito de absoluto<sup>357</sup> como identidade de subjetivo e objetivo ou como “*pura identidade*” (*reine Identität*) entre sujeito (*Subjekt*) e objeto (*Objekt*)<sup>358</sup> – fazendo com que a “absolutidade” (*Absolutheit*)<sup>359</sup> apareça-nos como princípio da filosofia da natureza, que engendra essa concepção e identidade –, uma derivação importante assumimos aqui: realizada no absoluto, a natureza autoprodutiva é igual a si mesma e se desenvolve por si mesma. Schelling concebe então sua filosofia da natureza como um saber absoluto, no qual sujeito e objeto são idênticos<sup>360</sup>, e a natureza é concebida por meio de sua organização como igual somente a si mesma, realizando-se a identidade da natureza eterna e da natureza fenomenal. Essa identidade se realiza, segundo Schelling, de acordo com o “grau de in-formação do infinito no finito” (*Grad der Einbildung des Unendlichen ins Endliche*),<sup>361</sup> <sup>362</sup> que tem aparentemente dois lados: um ideal e outro real. Em verdade, a filosofia da natureza possibilita-nos compreender que só existe um único mundo, de modo que o grau de “in-formação”

<sup>352</sup> SCHELLING, 2001, p. 91. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 42.

<sup>353</sup> SCHELLING, 2001, p. 136. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 66.

<sup>354</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 67.

<sup>355</sup> Na *Introdução ao Projeto*, o movimento de identidade entre produtividade e produto da natureza é analisado sob o prisma da exposição do conceito da natureza originariamente entendido como “[...] o meio entre a produtividade e o produto [...]”. (SCHELLING, 2010, p. 283) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 299).

<sup>356</sup> Em *Da Alma do Mundo (Von der Weltseele)*, Schelling fala que a condição da superação da separação entre organismo e mecanismo revela-se através do *organismo universal* que é a própria condição positivada de subsunção do mecanismo ao organismo. (SCHELLING, 1973, p. 228) (SCHELLING, 1798 [1806], p. X).

<sup>357</sup> SCHELLING, 2001, p. 127. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 61.

<sup>358</sup> SCHELLING, 2001, p. 127. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 61.

<sup>359</sup> SCHELLING, 2001, p. 127. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 62.

<sup>360</sup> SCHELLING, 2001, p. 127. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 62.

<sup>361</sup> SCHELLING, 2001, p. 133. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 65.

<sup>362</sup> Adicionando comentário ao já pontuado na nota de rodapé 197, esse grau de “in-formação” (*Einbildung*), além de termo-chave para se pensar a relação entre infinito e finito, diz da unidade absoluta (a absolutidade) em seu processo formativo de idealidade e objetividade, cujas formas universais e particulares dependem dele. (SCHELLING, 2001, p. 133) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 65).

(*Einbildung*) é a unidade tanto do infinito no finito quanto da *Natura naturans* na *Natura naturata*. O infinito, manifesto na natureza em si ou na natureza eterna, se apresenta no “ato absoluto do conhecimento” como *Natura naturans* propriamente dita.<sup>363</sup> O finito, manifesto como natureza fenomenal, se apresenta como “mero corpo ou símbolo” do ato absoluto, como *Natura naturata*.<sup>364</sup> Ambos, *unidos*, realizam a filosofia como ciência da ideia de natureza. Com essa condição, nas palavras de Schelling, “[...] a filosofia é ciência do absoluto [...]”,<sup>365</sup> que tem, também, a tarefa de expor os “dois lados” como um só, em unidade. E assim:

No absoluto, ela [a *Natura naturata*] é, como uma unidade, com a unidade oposta [*Natura naturans*] – que é aquela do mundo ideal –, mas, justamente por isto, no absoluto, nem a natureza é como natureza, nem o mundo ideal como mundo ideal, mas sim, ambos como um só mundo.<sup>366</sup>

Como alternativa à concepção espinosana sobre a natureza<sup>367</sup>, Schelling desenvolve sua tese da “in-formação do infinito no finito” segundo a qual a passagem do infinito, absoluto, para o finito, fenomenal, se dá na própria natureza de maneira ideal-objetiva.<sup>368</sup> Se no infinito, a *Natura naturans* (ao que Schelling chama também de natureza eterna), na sua identidade com o ato absoluto do conhecimento, se torna um particular<sup>369</sup>, no finito, essa mesma *Natura naturans* se torna *Natura naturata* (ao que Schelling chama de natureza fenomenal) ao produzir seus produtos e se corporificar neles.<sup>370</sup> Ambas, *Natura naturans* e *Natura naturata*, são compreendidas pela filosofia da natureza como *estando* em unidade absoluta, pois, assim, o são como um só mundo concebido por um “idealismo absoluto” (*absoluter Idealismus*),<sup>371</sup> para o qual a conexão entre as duas naturezas é plenamente

<sup>363</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 67.

<sup>364</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 66-67.

<sup>365</sup> SCHELLING, 2001, p. 135. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 66.

<sup>366</sup> No original: “In dem Absoluten ist sie mit der entgegengesetzten Einheit, welche die der ideellen Welt ist, als Eine Einheit, aber eben deßwegen ist in jenem weder die Natur als Natur noch die ideelle Welt als ideelle Welt, sondern beide sind als Eine Welt” (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 67) (SCHELLING, 2001, p. 137).

<sup>367</sup> Tomando o *Breve Tratado* (1660), que antecipa a *Ética* (escrita entre 1661-1675) e a concepção de Baruch de Espinosa sobre a Natureza, resumidamente temos os aspectos sintéticos da definição dos conceitos espinosanos de *Natura naturans* e *Natura naturata*. Sobre a *Natura naturans*, Espinosa diz: “[...] Por *Natura naturans* entendemos um ser que concebemos clara e distintamente (por si mesmo e sem ter de recorrer a algo diferente dele, como todos os atributos [*Attributa*] que descrevemos até aqui), o qual é Deus [...]” (p. 83). Sobre a *Natura naturata*, Espinosa diz: “[...] Dividiremos em duas a *Natura naturata*, em uma universal e outra particular. A universal consiste em todos os modos que dependem imediatamente de Deus, [...]; a particular consiste em todas as coisas particulares que são causadas pelos modos universais [...]” (p. 83) (Cf. ESPINOSA, B. de. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Tradução e notas: Emanuel Ângelo da Rocha Fragoço, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. Coleção FILÔ/Espinosa.).

<sup>368</sup> SCHELLING, 2001, p. 133-139. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 65-69.

<sup>369</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 67.

<sup>370</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 67.

<sup>371</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 67-68.

*idealizada* na identidade entre as mesmas. Se de um lado a natureza fenomenal (*Natura naturata*) conforma-se como um símbolo, no finito, da natureza eterna (*Natura naturans*), por outro lado, esta, na sua absolutidade, se torna particular para si mesma,<sup>372</sup> no que é conferida a unidade entre ambas as naturezas, via o idealismo schellinguiano.

Nesse horizonte, da idealidade absoluta que a natureza intui a si própria nos seus graus diversos de desenvolvimento, está presente um sentido de *indivisão* entre “mundo ideal” (*ideelle Welt*) e “mundo real” (*reale Welt*), se realizando, assim, “um só mundo” (*als Eine Welt*). Com isso, podemos compreender a idealidade absoluta também como *minha própria natureza*.<sup>373 374</sup> Em tal medida, nessa unidade indivisa e originária, é que consiste na inseparabilidade dos dois mundos e, também, entre infinito (*Natura naturans*) e finito (*Natura naturata*). Nisso consiste “[...] a natureza do nosso espírito e a totalidade da nossa existência espiritual [...]”.<sup>375</sup> Em Schelling, portanto, infinito e finito se encontram na (como) essência da natureza, originariamente ligados, para determinação da ideia de natureza.<sup>376</sup> O infinito já está na natureza, não mais divinamente *fora* de nós. O finito já é o símbolo daquele, sob o aspecto das várias formas orgânicas que poderá assumir. Eis a compreensão possível da tese de Schelling como complemento à concepção de natureza em Espinosa.<sup>377</sup>

A natureza, como ato absoluto (e infinito) de conhecimento, simplesmente não se exaure e tem nas formas corporeo-simbólicas (e finitas) assumidas por ela a expressão do elo *ineliminável* entre os produtos orgânicos e a produtividade mesma da natureza. Como pensado depois na *Introdução ao Projeto*, esse argumento nos redireciona para entender o movimento da identidade entre natureza eterna e natureza fenomenal, como movimento de identidade da produtividade e do produto.<sup>378</sup> Nesse texto, o conceito de natureza é definido sob o *prisma* “[...] de uma produtividade compreendida na transição para o produto, ou de um produto que é produtivo ao infinito [...]”.<sup>379</sup> Tal definição apresenta-se para entendermos, de um lado, a

<sup>372</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68.

<sup>373</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 67.

<sup>374</sup> É Maurice Merleau-Ponty que nos permite aludir ao aspecto de que reencontrar o sentido da natureza é reencontrar a *nossa* própria natureza no estado de indivisão (*inseparabilidade*) no qual exercemos nossa representação (com) *nela*. (MERLEAU-PONTY, *op. cit.*, p. 63).

<sup>375</sup> SCHELLING, 2001, p. 81. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 36-37.

<sup>376</sup> SCHELLING, 2001, p. 81. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 37.

<sup>377</sup> Joãozinho Beckenkamp, em artigo sobre o que ele entende serem leituras teístas (de Jacobi) e panteístas (de Goethe) da filosofia alemã em fins do XVIII ao sistema espinosano, observa que o próprio Schelling *paga* um débito a certa tradição que concebe matéria e espírito inseparáveis, tendo em Espinosa um moderno iniciador (p. 24). Ainda de acordo com o comentador, Goethe encontraria nas primeiras obras de Schelling (dentre elas, as *Ideias e Da Alma do Mundo*) uma reverberção para sua leitura panteísta do sistema espinosano. (p. 13). (Cf. BECKENKAMP, J. A penetração do panteísmo na filosofia alemã. *O que nos faz pensar, Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio* [S.l.], v. 14, n. 19, p. 7-27, sep. 2004).

<sup>378</sup> SCHELLING, 2010, p. 283. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 299.

<sup>379</sup> SCHELLING, 2010, p. 283. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 299.

natureza enquanto *produtividade* (*Natura naturans*), que tem o sentido da natureza enquanto *sujeito*, apreendida somente pela teoria; do outro lado, para entendermos a natureza enquanto *produto* (*Natura naturata*), que tem o sentido da natureza enquanto *objeto*, apreendida pela experiência sensível, fenomênica e empírica.<sup>380</sup> Na *Introdução ao Projeto*, todo esse percurso de identidade, da natureza enquanto produtividade e da natureza enquanto produto, é apresentado, também, como momento em que a filosofia da natureza – sendo uma física especulativa – debruça-se ao *desvendamento* da totalidade dos objetos como a condição que realiza a natureza enquanto um *todo* organizado.<sup>381</sup> A produtividade, como conjunto de forças organizadas, não finda quando o produto se forma pelo processo formativo da natureza.<sup>382 383</sup> Em verdade, produtividade e produto se imbricam mutuamente para nos dizer que, em unidade de infinito e finito, o mundo ideal e mundo real são inseparáveis.<sup>384</sup>

A identidade entre produtividade e produto remete-nos, mais uma vez, a saber o quanto o conceito *originário* (absoluto) da natureza contempla uma totalidade em permanente devir,<sup>385</sup> pois esse conceito, em *Ideias*, p. ex., é justamente resultante da tentativa da filosofia da natureza de relacionar objeto e sujeito, quando nessa relação ambos são aderentes ao ato *livre* de perguntar sobre a ideia da natureza que os une.<sup>386</sup> Reside no saber essa conexão, quando objeto e sujeito estão inseparavelmente unidos. A natureza como ato absoluto do conhecimento reúne os dois lados (objetivo e subjetivo), em simultâneo. O conceito *originário* da natureza transita para o produto e não se deixa separar dele.<sup>387</sup> Isso é o que se nota, também, na *Introdução ao Projeto*, no qual conceito (no sujeito) e realização (no objeto) são simultâneos e idênticos, e quando nem produtividade desaparece no produto e nem produto desaparece na produtividade.<sup>388</sup> Para fins didáticos, Schelling utiliza a representação tradicional de causa e efeito para descrever a interação entre *Natura naturans* e *Natura naturata*, de modo que a natureza, enquanto objeto (*Natura naturata*), seria o *efeito* que ao fim recolhe-se em forma de matéria orgânica permanentemente posta pelo ato absoluto do

<sup>380</sup> SCHELLING, 2010, p. 269. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 284.

<sup>381</sup> SCHELLING, 2010, p. 269. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 284.

<sup>382</sup> SCHELLING, 2010, p. 269. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 284.

<sup>383</sup> Em forma de adendo, remetemo-nos a uma reflexão de Ricardo Barbosa que parte de Schelling, e ainda mencionando Bloch e Marx, para chegar a uma concepção de filosofia da natureza capaz de superar a oposição entre inconsciente e consciente. Essa tarefa passa por, ademais, entender que os conceitos de *Natura naturans* e *Natura naturata*, no diálogo promovido pelo comentador com os três filósofos, se atravessam mutuamente e, portanto, em nexos ambos se interpenetram. (Cf. BARBOSA, R. Sobre a tarefa da filosofia da natureza: uma reflexão a partir de Schelling. In: PUENTE, F. R.; VIEIRA, L. A. (orgs.). *As filosofias de Schelling*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 243-244).

<sup>384</sup> SCHELLING, 2010, p. 269. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 284.

<sup>385</sup> SCHELLING, 2010, p. 269. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 284.

<sup>386</sup> SCHELLING, 2001, p. 45. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 17-18.

<sup>387</sup> SCHELLING, 2010, p. 269. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 3, 284.

<sup>388</sup> SCHELLING, 2010, p. 269. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 284.

conhecimento, transitado simultaneamente *para* a natureza enquanto sujeito (*Natura naturans*), que dele seria a *causa*.

Ademais, a filosofia da natureza já presume o desaparecimento da conexão mecânica causal que possa ainda subsistir nesse movimento de identidade entre produtividade e produto. À filosofia da natureza, a partir das *Ideias*, cabe demonstrar a presença daquele mundo intelectual das leis *naturais* (*Natura naturans*) nas formas do mundo fenomenal (*Natura naturata*) e compreender ambos a partir do ato absoluto do conhecimento que os unifica na sua expressão maior (o mais elevado grau de in-formação de infinito no finito): a razão (*Vernunft*).<sup>389</sup> Por meio dela, o “mundo real” (*reale Welt*) e o “mundo ideal” (*ideelle Welt*) mostram-se modelo e réplica um do outro, o que, em termos de absoluto conhecimento da natureza eterna, simboliza-se no organismo, e, este, por sua vez, transfigura-se na idealidade absoluta, a própria razão.<sup>390</sup> A unidade oposta entre mundo ideal e mundo real remete-nos, também, a um infinito organizar-se e reorganizar da natureza cuja oposição estabelecida entre os dois polos (ideal e real) faz com que, na *Natura naturans*, subsista uma inteligência inconsciente que engloba a aparição de todos os produtos e fenômenos<sup>391</sup>, e estes últimos assumam a forma de *Natura naturata*. Na idealidade absoluta, esta *última* é manifestação da *primeira*.

Os produtos e fenômenos se apresentam como particularidades (e singularidades) da inteligência inconsciente que estão presentes no *universal* da natureza. E é, neste ponto, nas *Ideias*, que ambos os lados (mundo ideal e mundo real) da natureza são impensáveis um sem o outro, pois se querem realizar a natureza na dualidade de seus opostos.<sup>392</sup> A unidade é como unidade entre opostos, e assim se realiza, também, a *Natura naturans* que, na tensão entre os polos, faz ascender em graus diversos de desenvolvimento as formas primárias da organização da natureza. O *primevo*, aí, é o orgânico, assumido na forma de *Natura naturata*, e que a ela o inorgânico está subsumido. Este é a matéria física que, de base enrijecida, transita para elemento em subsunção à organização da natureza. Os fenômenos do “mundo orgânico” (*der organischen Welt*), como nos faz pensar Schelling, decorrem, junto com “a essência do absoluto e das ideias” (*Wesen des Absoluten und der Ideen*), para realizar a “[...] natureza no

<sup>389</sup> SCHELLING, 2001, p. 141. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68.

<sup>390</sup> SCHELLING, 2001, p. 141. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68.

<sup>391</sup> Importante observarmos, com Nicolai Hartmann sobre a filosofia da natureza de Schelling, que “[...] em todo conflito de forças domina uma força primordial unitária em que a polaridade só significa cisão secundária. Ela é idêntica à própria natureza, é *Natura naturans* por detrás de todos os produtos e fenômenos [*Natura naturata*].” (HARTMANN, *op. cit.*, p. 139).

<sup>392</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68.

seu todo, assim como no particular [...]”.<sup>393</sup> Os produtos orgânicos, que daí surgem, são símbolos dessa unidade de opostos, que é uma unidade originária duplamente concebida como tensão da oposição entre a natureza na sua forma universal (*Natura naturans*) e a natureza na sua forma particular (*Natura naturata*). O surgimento de quaisquer produtos orgânicos se põe no âmbito de uma dialética dual, pois a origem de um produto orgânico em face do outro é dada no caráter de uma oposição diante de outra oposição, daí serem símbolo, quaisquer produtos orgânicos, da unidade de opostos.<sup>394</sup>

Até aqui, então, podemos pensar, novamente, que a natureza encontra no absoluto, onde ideal e real são unidades opostas nele, o princípio que conserva suas formas universal e fenomenal no horizonte dialético no qual as forças opostas (sujeito e objeto; produtividade e produto) superpõem-se entre si para nela – na natureza – continuar existindo e, ao existirem, contribuir para sua organização; sendo tal organização uma necessidade em que a filosofia da natureza parte de princípios ideias para a conexão entre os fenômenos orgânicos e o todo. Afinal, como diz Schelling:

Com esta necessidade, compreende-se na conexão universal do sistema e no tipo, que para a natureza no seu todo, assim como no particular, decorre da própria essência do absoluto e das ideias, não só os fenômenos da natureza universal, dos quais, até agora, só se conheciam hipóteses, mas também, com a mesma simplicidade e certeza, os fenômenos do mundo orgânico [...].<sup>395</sup>

Pensar a organização da natureza, no prisma de sua particularidade, tem como princípio intuir como os produtos orgânicos, no plano do real, se reproduzem e se expandem para, ao mesmo tempo, revelaram-se, no plano do ideal, unidos intelectualmente ao espírito. O exemplo da planta que nos oferta Schelling nas *Ideias*, mais uma vez aparece como momento, na particularidade, de como a vida da natureza desenvolve o seu percurso em modos de inteligência não conscientes e, também, em modos distintos (e mais elevados) de inteligência consciente.<sup>396 397</sup> O filósofo nos permite observar que compreender a organização

---

<sup>393</sup> SCHELLING, 2001, p. 143. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 71.

<sup>394</sup> Em comentário sobre a filosofia da natureza de Schelling, Jair Barboza verifica que há uma dialética que se baseia na duplicidade originária da identidade entre sujeito-objeto. Esta, por sua vez, têm nos produtos da natureza seus símbolos que se revelam como pares dialéticos na produtividade infinita da natureza. (BARBOZA, *op. cit.*, p. 255-256).

<sup>395</sup> No original: “Mit dieser Nothwendigkeit begreifen sich in dem allgemeinen Zusammenhang des Systems und dem Typus, der für die Natur im Ganzen wie im Einzelnen aus dem Wesen des Absoluten und der Ideen selbst fließt, die Erscheinungen nicht nur der allgemeinen Natur, über welche man zuvor nur Hypothesen kannte, sondern eben so einfach und sicher auch die der organischen Welt [...]”. (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 71) (SCHELLING, 2001, p. 143).

<sup>396</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

da planta passa por compreender os processos que atuam nela e que são, por sua vez, reveladores da inseparabilidade da forma e da matéria.<sup>398</sup> A planta, como produto orgânico e previamente organizado, sintetiza sua própria matéria e sua própria energia, simbolizando, nesse sentido, a unidade (ou síntese) entre matéria e luz. Sua sobrevivência, determinada por processos físico-químicos (a respiração de suas partes, a decomposição de oxigênio através de seu organismo, a transmissão do ar via suas folhas etc.),<sup>399</sup> se dá na forma de natureza organizada. Essa dinâmica forma o *todo* organizado, pois a planta organizada tem uma unidade em si.<sup>400</sup>

Nesse sentido, como diz Schelling, “[...] cada organização é um *todo*; a sua *unidade* reside em si mesma, não depende do arbítrio pensá-la como uma ou como variada [...]”.<sup>401</sup> E, assim como qualquer outro produto orgânico que tem uma unidade em si, a sua “forma” (*Form*) e a sua “matéria” (*Materie*) são inseparáveis, devendo, aí, a organização já existir.<sup>402</sup> Na ótica schellinguiana, sem o processo de organização, nenhum produto orgânico existe, de tal modo que se organiza num processo onde forma e matéria são inseparáveis.<sup>403</sup> Isso significa que a sua organização tem naquela unidade uma unidade do conceito que relaciona a forma e a matéria. Posto isso, essa unidade do conceito, quando assumida em formas particulares, encontra-se no curso *variado* de formas orgânicas, como a planta ou qualquer outro organismo (de base animal, p. ex.) que simbolizam, igualmente, os modos diversos de organização da natureza. Tais formas orgânicas (sejam vegetais, sejam animais), como organismos, são símbolos do absoluto.<sup>404</sup> Na natureza orgânica, cada produto orgânico se

---

<sup>397</sup> Em comentário sobre a ideia da unificação entre matéria e forma, quando apresenta ainda o conceito de matéria no contexto de uma filosofia transcendental, Márcia Gonçalves permite-nos ler, em argumentos antecipados nos *Abhandlungen zur Erläuterung des Idealismus der Wissenschaftslehre* (1796/1797), que nessa ideia reside a tese inicial de Schelling da origem espiritual da matéria, em que a natureza infinita produz formas finitas a partir de si mesma, como autoformação da matéria. Isso ocorreria, no subscrito do filósofo alemão pela comentadora, porque no ato absoluto de unificação de matéria e forma (ideal e real) há em cada organização algo de “simbólico”. Ao que na planta tem-se uma forma de vida em aperfeiçoamento pleno que se direciona e se efetiva na vida humana do espírito. (GONÇALVES, 2014, p. 318).

<sup>398</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>399</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>400</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41.

<sup>401</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41.

<sup>402</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41.

<sup>403</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41.

<sup>404</sup> Nesse trecho dialogamos com Xavier Tilliette, quando ele nos observa que a “forma interna” do espírito é encontrada no curso das formas orgânicas (sejam vegetais sejam animais) que simbolizariam modos diversos de organização. No tocante aos antecedentes do animismo vegetal, p. ex., o comentador observa que Schelling tem como antecedentes Plotino, Leibniz e Goethe (da *Metamorfose das plantas*), e que herda destes a visão de que as plantas teriam uma “característica confusa” (*verschlungener Zug*) da alma, e que a chamada “planta originária” (*Urpflanze*) não é mais passível da intuição sensível e se abre, ao contrário, apenas “aos olhos do espírito”. Sobre este último aspecto, assim nos fala o comentador: “[...] La plante recèle un ‘trait confus’ (*verschlungener Zug*) de l’âme. Cet animisme végétal, outre l’arrière-plan plotinien et leibnizien, évoque la plante originelle (*Urpflanze*)”

auto-organiza, independentemente de nossa vontade arbitrária, e é *real* e tem com o *todo* uma relação ideal-objetiva, na qual não se realiza o produto orgânico sem a precedência de uma organização prévia.<sup>405</sup>

Nas *Ideias*, Schelling faz-nos ler que em cada organização está implícito o conceito (da unidade de sujeito e objeto), e, com ele, toda a relação entre parte e todo, e vice-versa.<sup>406</sup> Daí o argumento de que, nos “seres orgânicos” (*organisirten Wesen*), encontra-se a relação ideal-objetiva entre parte e todo, uma relação mútua e necessária (entre parte e todo), não arbitrária, em que subjaz um *conceito*.<sup>407</sup> Nesses termos, uma planta, na ótica schellinguiana, por ser uma organização que regressa infinitamente a si mesma, no processo de pôr e repor a si mesma, tem seu fundamento na sua própria existência e, não necessariamente, é dependente de algo que lhe é externo.<sup>408</sup> Schelling dá um passo a mais em relação a Kant, que reconhece apenas um aspecto regulativo e exterior à determinação da organização da planta.<sup>409</sup> Schelling, ao contrário, concebe o organismo – por exemplo, a planta – como não tendo uma conexão com a natureza que se assemelhe a um mecanismo, mas como tendo uma conexão com o *universal* da natureza que parte do fundamento de sua própria existência.<sup>410</sup> É por isso que, nas palavras de Schelling, “[...] uma organização, enquanto tal, não é, nem *causa*, nem *efeito* de uma coisa exterior a si, não é, portanto, nada que se assemelhe à conexão de um mecanismo [...]”.<sup>411</sup>

A planta, no seu percurso formativo, é expressão de uma organização em aperfeiçoamento que terá na vida humana do espírito o seu maior grau de produtividade da natureza. Pensar assim é compreender o mundo da planta, o seu mundo empírico, em trânsito intermediário – de “característica confusa” da alma<sup>412</sup> – para o concurso da organização *plenamente* animada, que tem na vida humana o elemento revelador da complexidade conformadora do mundo espiritual que fará o enlace superior com a natureza.<sup>413</sup> <sup>414</sup> Schelling

de la *Métamorphose des plantes, Urbild, Urphänomen*, qui dépasse l’intuition sensible et s’ouvre à l’oeil de l’esprit [...]” (TILLIETTE, 1987, p. 50).

<sup>405</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40-41.

<sup>406</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40-41.

<sup>407</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40-41.

<sup>408</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>409</sup> Aqui mencionamos o § 64 de *Crítica da Faculdade do Juízo* no qual Kant analisa a formação de um corpo orgânico, como a árvore, na descrição de seu caráter específico como um fim natural (finalidade, conformidade afins) plenamente reflexionado e regulado por fluxos de causas e efeitos externos a ele. (KANT, 2002, p. 212-214).

<sup>410</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>411</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>412</sup> Assim, faz-no falar Xavier Tilliette, em seu comentário sobre a planta no ensaio “*La nature, l’esprit, le visible et l’invisible: Note sur une sentence de Schelling*”. (TILLIETTE, 1987, p. 50).

<sup>413</sup> SCHELLING, 2001, p. 103. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48.

nos apresenta o processo formativo da planta para deixar-nos pensar que o seu todo não prescinde de uma organização com modos diversos de inteligibilidade, antecipatórios, em direção ao curso da vida humana do espírito.<sup>415</sup> Assim, nas *Ideias*, quando Schelling apresenta-nos a planta como exemplo de uma organização que produz a si mesma, voltando a si até ao infinito, é para demonstrar que todo um curso da natureza, em que empírico e teórico são convocados para sua apreensão, se forma à organização já prévia das forças que a compõe (o oxigênio que a planta respira, a queima dele por meio de seus órgãos etc.).<sup>416</sup> Forças, essas, para nós em curso de *espiritualização* (intelecção), que evidencia a passagem de um modo intermediário a um modo mais elevado de consciência.

Só é possível compreendermos esse fenômeno nesse sentido porque a filosofia da natureza admite a ideia de uma natureza em sucessão de estágios da vida orgânica que subsiste *por si mesma*.<sup>417</sup> Para Schelling, a planta, em sua particularidade, ultrapassa a sua condição de *mero* objeto empírico-mecânico da natureza para, em elo ideal-real, produzir e organizar a si mesma, em acordo com as leis próprias de sua vida, na busca de uma conexão ideal-objetiva mais universal com a natureza. Os demais seres vivos participam junto a ela para – com todos os fenômenos físico-químicos que os enlaçam (luz, sombra, queima de oxigênio, p. ex.)<sup>418 419</sup> – repercutirem na sua formação, permitindo que a organização da natureza se complexifique a cada passo do seu curso. Aí aludimos, como pensado depois por Schelling na *Introdução ao Projeto*, que a natureza em infinita produtividade não prescinde dos produtos orgânicos que são partes importantes da natureza em sua produção e reprodução igualmente infinitas.<sup>420</sup>

Na *Introdução ao Projeto*, em momento importante da exposição da identidade da produtividade (*Natura naturans*) e do produto (*Natura naturata*), Schelling deixa-nos compreender que a natureza tem que ser pensada como em infinita produtividade, como em

---

<sup>414</sup> Em sua interpretação da filosofia da natureza de Schelling, Xavier Tilliette deixa-nos interpretar que ao mesmo tempo que o mundo empírico é fonte de conhecimento do mundo espiritual, ele expressa a ascensão da natureza em direção ao espírito resultante, este, da ascensão do espírito na natureza. No original: “[...] La montée de l’esprit dans la nature est l’ascension de la nature vers l’esprit. Le monde empirique est un révélateur, une source de connaissance du monde spirituel [...]” (TILLIETTE, 1992, p. 132).

<sup>415</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 39.

<sup>416</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>417</sup> SCHELLING, 2001, p. 87. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 39.

<sup>418</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>419</sup> A questão da relação dos fenômenos luz e sombra com a natureza, p. ex., no aspecto da presença desses fenômenos como enlace ideal-real da união, será elucidada na conferência *Über das Verhältnis der bildenden Künste zu der Natur* de 1807 sobre a relação da natureza com as artes plásticas. (Cf. SCHELLING, F. W. J. *Sobre a relação das artes plásticas com a natureza*. Introdução, tradução e notas de Fernando R. de Moraes Barros. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2011).

<sup>420</sup> SCHELLING, 2010, p. 271. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 287.

uma infinita evolução<sup>421</sup>, cujos produtos que daí se sucedem – por exemplo, as plantas como expressão de um produto da natureza orgânica – não estão em repouso. E, assim, segundo ele, deve-se pensar a natureza (e seus produtos orgânicos e inorgânicos) “não como um repouso absoluto, mas apenas como uma evolução com velocidade infinitamente pequena ou com infinita lentidão”.<sup>422</sup> Podemos interpretar que os produtos orgânicos se manifestam como sucedâneos de um percurso contínuo sem o qual a própria produtividade da natureza não poderia ser pensada. Ao que daí, derivarmos que a vida das plantas, ainda que a encararmos como processo intermediário da vida espiritual da natureza, contém os germes de uma receptividade da natureza inteira<sup>423</sup>, cujas formas e os sentidos à sua reprodução já são repositórios prévios – a ascender – daquele caráter de duplicidade originária (entre produtividade e produto) da natureza, descrito por Schelling como revelação da reciprocidade entre ideia e experiência, sujeito e objeto.<sup>424</sup>

Essa duplicidade originária é colocada como questão para a determinação de qualquer fenômeno originário da natureza, e Schelling, ao respondê-la, expõe que tanto a produtividade (aí, entendida, como movimento de tendência positiva) quanto o produto (aí, entendida, como movimento de tendência negativa) concorrem como expressões que, na duplicidade originária, formam a *identidade* da natureza como todo organizado.<sup>425</sup> Tal duplicidade originária dá à natureza os caracteres de uma infinitude que não cessa de pôr a si e seus produtos, na efetividade de um elo intelectual com o mundo em seu dinamismo de formas e sentidos, e não a ele externo, aderente a um mecanismo de uma atividade já morta. O que, ainda, na *Introdução ao Projeto*, Schelling deixa-nos compreender que tal fenômeno originário da natureza existe enquanto dualidade, cujo caráter de duplicidade da natureza (em referência à *Natura naturans* e à *Natura naturata*) se sobressai, e, assim sendo, contém (e é contida) por produtividade e produto, unidos, na idealidade e na objetividade.<sup>426</sup>

Podemos inferir, na particularidade, esse *traço* de duplicidade à planta (de todo processo vegetal que a organiza) ou a um organismo animal (de todo processo biológico que o organiza), quando descobrimos que seu processo formativo não é conforme a um fim que lhe

<sup>421</sup> SCHELLING, 2010, p. 271. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 287.

<sup>422</sup> SCHELLING, 2010, p. 271. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 287.

<sup>423</sup> Esses sentidos são expostos na conferência de 1807, quando Schelling se reporta aos exemplos das obras da natureza, pontuadas em três formas. Estas são características da natureza desde as origens e abarcam o que podemos aludir: 1) ao *ciclo da pedra* que, sendo minério, está incluída a força do fogo e o brilho da luz refletindo-as em configuração orgânica, mas que volta a imergir em pura forma mineral; 2) ao *ciclo das plantas* que consistem numa silenciosa receptividade da organicidade do mundo; e 3) o *reino animal*, cuja luta entre vida e forma se faz presente para a formação de um *mundo animado* em curso. (SCHELLING, 2011, p. 44).

<sup>424</sup> SCHELLING, 2010, p. 272. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 288.

<sup>425</sup> SCHELLING, 2010, p. 272-273. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 288-289.

<sup>426</sup> SCHELLING, 2010, p. 272. SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 288.

é externo, mas fulcro de idealidade-objetividade, de modo que um elo íntimo com o mundo lhe imprime forma e sentido interno-externo, tramado ineliminável de ideia e experiência. Nas *Ideias*, Schelling diz-nos o quanto a filosofia da natureza, ao admitir a “sucessão de estágios da vida”,<sup>427</sup> demonstra que há *vida* tanto na mais simples das matérias organizadas quanto nas formas mais complexas de *vida*, conduzidas que são por certo princípio vital.<sup>428</sup> A planta, uma dessas formas particulares de vida, movida também por certo vitalismo, tem a necessidade e a contingência como intimamente ligadas para a sua organização. Essa questão, do que podemos chamar formas de vidas e suas diferentes organizações, é posta da seguinte maneira pelo filósofo:

Esta filosofia, portanto, deve admitir que há na natureza uma sucessão de estágios da vida. Também há *vida* na simples matéria organizada; só que se trata de uma de tipo mais limitado [...] Todo fascínio que rodeia o problema da origem dos corpos organizados repousa no fato de que, nestas coisas, a necessidade e a contingência estão intimamente ligadas.<sup>429</sup>

A natureza como unidade<sup>430</sup>, identidade entre ideia e experiência, tem como força expressar-se por meio dos produtos orgânicos cuja origem é rodeada de necessidade e de contingência que contribuem para a organização da natureza nas suas múltiplas formas.<sup>431</sup> Como produto orgânico que se organiza e se forma a si mesmo, a planta também é penetrada por aquele “princípio vital” (*belebenden Princip*) do qual Schelling fala-nos em *Ideias*<sup>432 433</sup>, cuja força *misteriosa* norteia seu desenvolvimento sucessivo no qual ela – a planta – revela-se intimamente ligada ao todo organizado. Enquanto “corpo organizado” (*organisirter Körper*),<sup>434</sup> em sua organicidade, a planta como produto orgânico, tanto em forma quanto em matéria, dispõe-se de maneira unitária à apresentação da organização como um todo. Deixa-

<sup>427</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>428</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>429</sup> No original: “[...] Diese Philosophie also muß annehmen: es gebe eine Stufenfolge des Lebens in der Natur. Auch in der bloß organisirten Materie sey *Leben*; nu rein Leben eingeschränkter Art [...] Der ganze Zauber, der das Problem vom Ursprung organisirter Körper umgiebt, rührt daher, daß in diesen Dingen Nothwendigkeit und Zufälligkeit innigst vereinigt sind [...]” (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47) (SCHELLING, 2001, p. 99).

<sup>430</sup> SCHELLING, 2001, p. 137. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 67.

<sup>431</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

<sup>432</sup> Fazemos referência ao “princípio vital” (*belebenden Princip*) anímico do qual Schelling pede empréstimo da noção de “alma do mundo” (*Weltseele*) no *Timeu* de Platão, para nos dizer que cada organismo tem uma *força* que impulsiona a sua organização e, dela, direciona-se à própria natureza como um todo organizado. (SCHELLING, 2001, p. 99) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47).

<sup>433</sup> Esse vitalismo é comentado por Jair Barboza, quando aponta as influências de Kiehmeyer, Goethe e Kant sobre Schelling no tocante à concepção dinâmica da natureza, cujo vitalismo é a força produtiva originária de onde emanam os graus do devir, as força básica para construção e reprodução da vida. (BARBOZA, *op. cit.*, p. 262).

<sup>434</sup> SCHELLING, 2001, p. 99. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47.

nos pensar Schelling<sup>435</sup> que o processo nela é de mais receptividade *inconsciente* das formas de vidas que, durante o curso da natureza, se entramam para se descobrirem coetaneamente na vida orgânica animal, mais complexas a cada momento da construção da natureza organizada. Ao que depreendemos do filósofo alemão, necessariamente não possuir ela – a planta – um *espírito* plenamente ordenador e centralizador que a domina para sua construção.<sup>436</sup> A forma e a matéria nela, ainda que intimamente mais unidas na necessidade e menos unidas na contingência, é passagem de coexistência com aqueles seres orgânicos (os seres humanos, p. ex.), em que, nestes sim, a “organização animada” (*belebte Organisation*) não mais se diferencia na intuição e na empiria, já é plena na construção *consciente* da natureza.<sup>437</sup> A planta, ainda que seja *estática* aos olhos e não seja reativa no plano da aparência, contém as potências básicas (matéria, luz, organismo) para sua construção. Os processos físicos, elétricos e químicos que as envolve, a impulsiona para fazê-la se realizar enquanto matéria viva. Sua ligação com a natureza depende tanto da respiração decomposta por nervos – o fluido elétrico, mencionado por Schelling<sup>438</sup> – quanto do húmus amalgamado por organismos em decomposição. Sua vida reprodutiva depende tanto da luz que toca suas folhas quanto do alimento que adentra suas raízes no solo. São partes que se tornam reais nesse *todo* orgânico, cuja relação intelectual com a natureza organizada já é previamente apresentada. São partes que se tornam ideais ao *espírito* que a decifra *realisticamente* numa conectividade íntima com a natureza organizada. Compreender a organização desse produto orgânico, no seu dinamismo particular de construção e reprodução, também é meta da filosofia da natureza. Ao que pese, então, debruçarmos sobre alguns aspectos que englobam tal dinamismo.

A planta, na análise schellinguiana, é apenas uma forma finita, de tantas outras formas finitas que a natureza organizada pode possuir.<sup>439</sup> Ela produz a si mesma, como organização na sua particularidade, para *mostrar* que, enquanto organização, todas as causas e efeitos (químicos, físicos, magnéticos) que participam nela concorrem para sua produção, não

---

<sup>435</sup> Mais uma vez recorremos à síntese dos estágios de vida mencionados na conferência de 1807, quando para Schelling a vida das plantas contém momentos de silenciosa receptividade (*Empfänglichkeit*) da vida da natureza, e que, em estágio mais complexo, a vida animal revelar-se-á em forma de luta da vida e da forma. (SCHELLING, 2011, p. 44).

<sup>436</sup> Fazemos alusão ao diálogo com passagens nas *Ideias*, quando Schelling nos deixa ler que o que faz a ligação absoluta entre natureza e liberdade, na “organização animada” (*belebt Organisation*) de um produto da natureza, é o *espírito* ordenador e centralizador que, se pensado como “princípio de vida” (*Princip des Lebens gedacht*), é a “alma” (*Seele*). (SCHELLING, 2001, p. 103; p. 107) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48; 51).

<sup>437</sup> Na conferência de 1807, Schelling diz que no ciclo de vida da esfera animal, na luta entre vida e forma, parece realmente começar o mundo animado. (SCHELLING, 2011, p. 44).

<sup>438</sup> Nas *Ideias*, Schelling refere-se ao “fluido elétrico” (*als elektrisches Fluidum*), como aquele processo de decomposição dos elementos vitais (oxigênio, p. ex.) que atravessam os nervos do organismo (a planta, p. ex.). (SCHELLING, 2001, p. 89) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40).

<sup>439</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

enquanto mecanismo, mas como evidente organismo vivo.<sup>440</sup> Regressa a si, repondo a si, infinitas vezes a sua espécie, pois o constituinte mesmo de sua produção é interminável devir.<sup>441</sup> Diz Schelling: “[...] cada organização isolada [a planta isolada] produz e reproduz, até ao infinito apenas sua *espécie* [...]”.<sup>442</sup> O que nos permite pensar que, nesse contexto, enquanto organismo vivo, a planta traz consigo o fundamento da sua existência que, enquanto produto orgânico, reproduz a si. As suas partes se *mostram* à planta para, em reciprocidade, torná-la um *todo* que sobrevive com elas.<sup>443</sup> E, dessa maneira, ao pensar sobre a planta, com Schelling, afirma-se que: “[...] Nenhuma parte isolada poderia surgir senão neste todo e este mesmo todo subsiste somente na ação recíproca das partes [...]”.<sup>444</sup> Portanto, a planta, enquanto produto orgânico que interage de maneira necessária com as partes que lhes são recíprocas, contém o seu *conceito* para se auto-organizar. Inferimos daí, que, sendo uma organização que é um *todo*, ao seu modo, tem no ciclo que a faz interagir com os fenômenos naturais (oxigênio, fluídos elétricos etc.) a própria condição de se manter organizando unida a esses fenômenos. E, por fim, como nos faz aludir Schelling, enquanto “*todo indivisível*” (*in sich selbst ganzen*), onde forma e matéria atuam para sua organização, a planta não poderá ser explicada mecanicamente.<sup>445</sup>

---

<sup>440</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>441</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>442</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>443</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>444</sup> SCHELLING, 2001, p. 89. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40.

<sup>445</sup> SCHELLING, 2001, p. 91. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41.

### 3 INTERLÚDIO – UM PARECER DE CONVERGÊNCIA ENTRE A FILOSOFIA DA NATUREZA DE SCHELLING E A DE HUMBOLDT

#### 3.1 Termos do problema

Considerar o organismo planta como *figura* de uma exposição que convoca ideia e experiência para compreender sua própria organização, soa-nos caminho razoável para amainar o domínio das investigações das ciências naturais ligadas estritamente às análises empíricas. Reconhecer os esforços de Humboldt em apresentar as formas vegetais como *ponto central* de um novo campo científico – a *Geografia das Plantas* (*Geographie der Pflanzen/ Géographie des Plantes*) – de certa maneira vai de encontro ao exposto por Schelling, no âmbito mais geral das *Ideias*, que é fazer surgir filosoficamente as conexões entre os produtos orgânicos e a natureza organizada, na unidade de espírito e natureza. Isto apenas é possível de ser efetivado na unidade do absoluto, onde uma visão unitária sobre a natureza se realiza cognitivamente. Nesse horizonte, em trabalho sintético, como a *Geografia das Plantas*, é que Humboldt expõe a conexão interna dos produtos naturais (orgânicos e inorgânicos) e fenômenos naturais que contribuem à formação das plantas sobre a superfície terrestre.

O pequeno pronunciamento aqui feito apenas acena para um *ponto de convergência* entre as filosofias da natureza de Schelling e Humboldt. Uma possibilidade em curso de efetivação, em que alguns elementos teóricos que concorrem para tal são expostos a seguir. A forma como Humboldt procede na *Geografia das Plantas* faz-nos entender a abertura efetiva para o diálogo com a *Naturphilosophie*. O naturalista alemão, ao anunciar os próprios limites das teorias das ciências empíricas naturais, das quais comungava desde o princípio da sua formação<sup>446</sup>, possibilita uma aproximação com a filosofia da natureza de Schelling. Como, então, continuar aprofundando o diálogo? Em qual medida, no questionamento de Humboldt, o sistema schellinguiano é a superação do atomismo e das formas unilaterais de pensar?<sup>447</sup> O parecer que aqui se expõe apresenta a convergência que resulta em resposta às questões.

---

<sup>446</sup> Fazemos alusão ao prefácio do original alemão de *Geografia das Plantas* (*Ideen zu einer der Geographie der Pflanzen*), no qual Humboldt impele aos naturalistas empiristas dialogar com o sistema schellinguiano. (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. V-VI).

<sup>447</sup> Questionamento, tal, feito no próprio Prefácio (*Vorrede*) do original em alemão por Humboldt sobre a importância do sistema schellinguiano aos estudos sobre a natureza. (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. V-VI).

### 3.2 Parecer de convergência

As menções feitas por Schelling em torno da planta, nas *Ideias*,<sup>448</sup> permitem-nos vislumbrar um ponto de convergência com a teoria humboldtiana da distribuição das plantas sobre a superfície terrestre. Se Schelling concebe os produtos orgânicos sob uma perspectiva filosófica que restitui sua interação dinâmica com a organização da natureza, em Humboldt, o desafio se coloca na apresentação dessa interação entre o organismo vivo que é a natureza e seus produtos orgânicos, à luz de um campo científico que privilegia a exposição dos elementos fisiográfico-climáticos que participam nessa interação.<sup>449</sup> Aqui, esboça-se o que pensamos ser um ponto de convergência entre as filosofias da natureza de Schelling e de Humboldt, e que é importante para ser anunciado: a concepção unificadora entre especulação e experiência.<sup>450</sup> Do lado de Schelling, tal percurso é elucidado pela *Naturphilosophie*, enquanto uma “física especulativa” (*spekulative Physik*) que expõe os produtos naturais (orgânicos e inorgânicos) na sua relação dinâmica com a natureza.<sup>451</sup> E, do lado de Humboldt, a sua “geografia das plantas” (*Geographie der Pflanzen/Géographie des plantes*), expressão renovadora da “física geral” (*physique générale*),<sup>452</sup> propõe-se ao estudo da disposição das plantas na superfície terrestre numa dinâmica com fenômenos naturais (como clima, água, luz solar, pressão atmosférica etc.), principalmente, mas, também, com outros seres organizados (animais e seres humanos).

Não se pretendendo conformar como movimento empírico-mecânico no qual estão atreladas certas teorias atomistas<sup>453</sup>, a *Naturphilosophie* schellinguiana se quer uma física

<sup>448</sup> Fazemos alusão aos trechos em que processos físico-químicos, compreendidos dinamicamente, revelam a inseparabilidade de forma e matéria que, juntas, constituem a organização da natureza e de organismos que desta participam – a planta, um deles. Conferir as notas de rodapé 398 e 399.

<sup>449</sup> Percurso esse a ser exposto na parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”.

<sup>450</sup> Concepção esta já anunciada por Schelling nas *Ideias*, quando “[...] o sistema da natureza é, simultaneamente, o sistema do nosso espírito [...]”, cuja unidade entre experiência e especulação é chamada para nortear tal sistema a uma compreensão da totalidade da natureza. (SCHELLING, 2001, p. 87) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 39).

<sup>451</sup> O que em *Ideias* é apenas acenado ao fim da “Introdução” (*Einleitung*), em ser a filosofia da natureza uma física especulativa sem pretensões de fazê-la aderir à física mecânica (SCHELLING, 2001, p. 141) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 70); na *Introdução ao Projeto*, a exposição da filosofia da natureza como física especulativa é sistematizada, tendo como ponto de partida para seu entendimento a articulação de movimento e de repouso para a investigação dos fenômenos dinâmicos da natureza. (SCHELLING, 2010, p. 260) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 274-275).

<sup>452</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes* 1805 [1807], p. 13. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 2.

<sup>453</sup> O termo “atomista” utilizado abrange a impossibilidade de realização da ideia de uma física especulativa por causa do seu elo estritamente empírico. O exemplo de uma teoria atomista, segundo Schelling, seria a física de Georges-Louis Le Sage de base mecânica, mencionada tanto nas *Ideias* quanto na *Introdução ao Projeto*. (SCHELLING, 2001, p. 141) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 70). (SCHELLING, 2010, p. 260) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 274).

especulativa<sup>454</sup> que busque uma aplicação filosófica aos estudos sobre a natureza, capaz de ultrapassar o *mero* preceito empírico sobre os fenômenos naturais. Distingue-se das ciências da natureza empíricas propriamente ditas, ao expor de maneira intelectualmente ativa esses mesmos fenômenos, mostrando os seus movimentos dinâmicos, e os movimentos da natureza, tanto no movimento quanto no repouso.<sup>455</sup> Se pensarmos a partir da geografia das plantas de Humboldt, no âmbito da irritabilidade, enquanto faculdade orgânica<sup>456</sup>, p. ex., que exerce dinamismo no desenvolvimento das plantas, observaremos que não está pressuposta a elas somente repouso. O naturalista alemão, ao contrapor o movimento das plantas ao movimento dos animais,<sup>457</sup> permite-nos compreender que, no movimento dinâmico de ambos, mobilidade e repouso coexistem e impulsionam a formação dos seres organizados. No caso específico das plantas, a mobilidade é engendrada numa dinâmica de interação com fenômenos naturais e com seres organizados para sua fixação em outros lugares (dos ventos, das correntes, dos pássaros e, principalmente, do próprio ser humano, que contribuem para a mobilidade das plantas pela superfície terrestre, p. ex.).<sup>458</sup> Um ciclo, tal, que seus significados se apresentam para mostrarem a dinâmica de interação desses fenômenos e desses seres interagindo intensamente na formação das plantas.

<sup>454</sup> A *Naturphilosophie* ser uma física especulativa, em contraponto a essa mencionada tradição atomista, aparece assim em *Ideias*: “[...] Considerada ao lado do conhecimento especulativo da natureza, enquanto tal, ou como física especulativa, a filosofia da natureza não tem nada de semelhante diante de si, a não ser que se pretenda incluir nela a física mecânica de Le Sage, a qual, como todas as teorias atomistas, é um emaranhado de ficções empíricas e de hipóteses arbitrárias, sem qualquer filosofia [...]” (SCHELLING, 2001, p. 141) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 70).

<sup>455</sup> Alude-se a três momentos: 1) o primeiro, presente nas *Ideias*, quando Schelling diz que a “[...] filosofia da natureza se distingue de tudo o que até agora se chamou teorias dos fenômenos da natureza [ciências da natureza empíricas] [...]” (SCHELLING, 2001, p. 141) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 70), e, outros dois, presentes na *Introdução ao Projeto*, 2) um, quando Schelling diz que a filosofia da natureza enquanto física especulativa, “[...] se ocupa pura e simplesmente com as causas originárias do movimento da natureza, portanto, somente com os fenômenos dinâmicos [...]” (SCHELLING, 2010, p. 261) (SCHELLING, *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 275); e, também, 3) outro, quando ele observa que: “[...] para a fundação efetiva de uma Física especulativa, apenas um caminho aberto, a saber, o dinâmico, com a condição de que o movimento brotaria não apenas do movimento, mas mesmo do repouso [...]” (SCHELLING, 2010, p. 260) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 274).

<sup>456</sup> A questão da irritabilidade como faculdade orgânica é mencionada por Schelling em alguns momentos das *Ideias*, e é apresentada na parte da tese “A ideia de natureza” da tese (particularmente nas notas de rodapé 287 e 288), ganhando outros apontamentos ao final da subseção “Fisionomia da natureza” da parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”.

<sup>457</sup> A contraposição surge, principalmente, em termos de mobilidade e é anunciada, assim, por Humboldt: “[...] As plantas, tão análogas aos animais quanto à irritabilidade de suas fibras e aos estimulantes que as excitam, diferem essencialmente em relação à sua mobilidade [...]” (tradução nossa). O texto no original em francês situa-se em: (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 24). O texto no original em alemão situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 16).

<sup>458</sup> O anúncio da participação de fenômenos naturais e de seres organizados na dinâmica de formação das plantas (mobilidade e repouso), Humboldt anuncia assim: “[...] As plantas, ao contrário, fixadas ao solo após seu desenvolvimento, só podem viajar enquanto ainda estão contidas no ovo, cuja estrutura promove a mobilidade. Mas não são apenas os ventos, correntes e pássaros que ajudam na migração das plantas; é o homem acima de tudo que cuida disso [...]” (tradução nossa). O texto no original em francês situa-se em: (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 24). O texto no original em alemão situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 16).

A filosofia da natureza, sendo uma formação que se dá no percurso do aparecimento de sua própria história natural<sup>459</sup>, tem na geografia das plantas de Humboldt seu *aparecer* revelado – sendo significado – por meio de produtos orgânicos particulares, como as plantas, que são centrais para exame filosófico específico. Uma ciência geográfica que, em termos gerais, quer evitar o estudo isolado das formas vegetais individuais e realizar o estudo sobre esses indivíduos em conexão com a totalidade da natureza.<sup>460</sup> Enquanto campo científico, o estudo das plantas em sua relação com a história natural – ou mais especificamente, em sua interação com fenômenos naturais que permitem, por exemplo, sua distribuição, de maneiras variadas, ao longo de diferentes lugares – torna-se parte essencial da física geral, como pretendida por Humboldt, à medida que expõe a vida vegetal ao concurso da apresentação dos elos intelectuais-empíricos que dirimem sua distribuição sobre a superfície terrestre. A geografia das plantas, fazendo o percurso dessa história natural aparecer através do conhecimento de seres previamente organizados, como as plantas sobre o globo terrestre, se conforma, também, agora, como um fértil campo científico em diálogo com a *Naturphilosophie*, redirecionando, juntas, a própria história natural para uma compreensão filosófica – e não apenas descritiva – aplicada ao estudo da natureza.

No prefácio ao original em alemão de *Geografia das Plantas*, Humboldt pergunta: “Quem prometia espalhar luz brilhante sobre o organismo, calor, fenômenos magnéticos e elétricos tão inacessíveis à pequena história natural?”<sup>461</sup> Um nome que, para Humboldt, respondeu ao desafio de recolocar a história natural sob um caminho não atomista de compreensão da natureza: Schelling. A física especulativa restitui a unidade originária de

---

<sup>459</sup> Assim, Xavier Tilliette faz-nos ler também a *Naturphilosophie* schellinguiana, quando ele alude ser ela uma “[...] grande formação, no sentido geológico do termo, poderosa, mas composta [...]” (*grande formation, au sens géologique du terme, puissante mais composite*) (TILLIETTE, 1992, p. 187).

<sup>460</sup> Assim, faz-nos pensar Sylvie Romanowski, em seu ensaio “Humboldt’s Pictorial Science: An Analysis of the Tableau physique des Andes et pays voisins” que acompanha a edição inglesa da *Geografia das Plantas* (*Essay on the Geography of Plants*, 2009), ao apontar que essa ciência deve evitar, entre outras coisas, fazer “[...] o estudo das plantas individuais e diminuir a classificação [...]” (*the study of individual plants and deemphasizing classification*) em prol de “um estudo da natureza em sua totalidade” (*a study of nature in its totality*) (p. 158). (Cf. ROMANOWSKI, S. Humboldt’s Pictorial Science: An Analysis of the Tableau physique des Andes et pays voisins. In: HUMBOLDT, A von; BONPLAND, A. *Essay on the geography of plants*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009, p. 157-197.).

<sup>461</sup> Imediatamente após aludir às contribuições que a *Naturphilosophie* schellinguiana pode dar às investigações empíricas, Humboldt, em tom ao mesmo tempo desafiador e conciliatório, pergunta: “Quem pode, portanto, alegrar-se e compartilhar de maneira mais sincera do que eu, em um sistema que mina o atomismo e a forma unilateral de pensar que uma vez segui, toda diferença de matéria a ser rastreada até a mera diferença no preenchimento e densidade do espaço, distante, prometia espalhar luz brilhante sobre o organismo, calor, fenômenos magnéticos e elétricos tão inacessíveis à pequena história natural?” (tradução nossa). O texto no original em alemão situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. V-VI).

espírito e natureza.<sup>462</sup> A partir daí, sua trama é tecida em prol de desarticular o pensamento sobre uma relação dicotômica que se estabelece entre especulação e experiência com base em um pensamento reflexivo que se quer um fim em si.<sup>463</sup> Vista sobre o prisma de restituição de unidade, a física especulativa, faz-nos pensar sobre a possibilidade de outra forma de análise sobre o estudo da história natural, não mais sobre a égide do descritivismo – quando os elos mecânicos entre os produtos orgânicos e a natureza são realçados – mas um estudo conduzido dinamicamente, quando o elo entre os produtos orgânicos individuais e a natureza universal é estabelecido por meio da intuição intelectual do universal ou do infinito no finito, permitindo, assim, que uma nova compreensão sobre a história natural surja, passando, esta, necessariamente, pela indeterminação entre o todo orgânico (a natureza que se auto-organiza e se autoproduz infinitamente) e seus produtos (aparentemente finitos); ambos inseparáveis. Esse todo absoluto põe ou produz seus produtos orgânicos que, segundo Schelling, são símbolos do absoluto, remetendo, assim, de volta à organização infinita da natureza, formando um ciclo interminável.<sup>464</sup>

A geografia das plantas de Humboldt toma a forma de diálogo entre a *Naturphilosophie* e as ciências naturais empíricas, exercendo um papel importante na articulação entre ideia e experiência. A física humboldtiana move-se, assim, sobre pressupostos dinâmicos. As causas determinadoras da distribuição das plantas sobre o globo terrestre, por exemplo, seguem a tese schellinguiana anteriormente descrita sobre a interação entre movimento e repouso. Humboldt, ao exortar que as investigações empíricas devem ir além da catalogação e da classificação de espécies de plantas – sendo estes assuntos apenas uma pequena parte do fazer científico, *strictu sensu* à atividade do botânico taxonômico – e chegar a um estudo que considere as plantas sob as relações de sua associação fisiográfico-climática<sup>465</sup>, concorre para estabelecer a conexão dinâmica entre as partes das plantas que

---

<sup>462</sup> Conferir passagens à parte “A ideia de natureza” sobre a física especulativa que discorrem ao entendimento mais intrínseco às *Ideias* e, principalmente, à *Introdução ao Projeto* (particularmente as notas de rodapé 156, 157, 158 e 159).

<sup>463</sup> É bastante elucidativa a leitura de Márcia Gonçalves em torno da *Naturphilosophie* schellinguiana ser uma física especulativa. Diz ela a respeito: “[...] Essa proposta [da física especulativa] tem por fundamento exatamente combater a visão mecanicista da natureza, produzida por uma física que se move sobre os pressupostos da reflexão [...]” (GONÇALVES, 2005, p. 78).

<sup>464</sup> Medeia-se uma aproximação à ideia da organização da natureza que regressa a si mesma, infinitamente, no processo de pôr e repor a si mesma, e, portanto, por e repor os seus produtos orgânicos e, que, também, neles estão presentes produção e reprodução intermináveis. Cf. nota de rodapé 323.

<sup>465</sup> Sobre o limite das ciências naturais empíricas (em particular, menção à botânica taxonômica) e o que vem a ser a geografia das plantas, Humboldt diz: “[...] As pesquisas de botânicos são geralmente direcionadas a objetos que abrangem apenas uma parte muito pequena de sua ciência. Eles estão ocupados quase exclusivamente com a descoberta de novas espécies de plantas, o estudo de sua estrutura externa, os caracteres que as distinguem e as analogias que as unem em classes e famílias [...] [A Geografia das Plantas] É essa ciência que considera as plantas sob as relações de sua associação local em diferentes climas [...]” (tradução nossa). O texto no original

compõem o seu todo para sua organização. É nesse horizonte que a geografia das plantas de Humboldt reafirma a importância colaborativa das ciências naturais empíricas (tais como a botânica taxonômica e a geologia descritiva, mencionadas algumas vezes por Humboldt na *Geografia das Plantas*), não apenas para subordiná-las à repetição de uma relação mecânica, mas para torná-las participes, ressitando-as no movimento dinâmico da exposição dos fenômenos naturais (clima, água, luz solar etc.) que interagem para fazer variar os contornos (formas) e os traços (fisionomias) das plantas nos mais diversos lugares. Assim, tais ciências adentram ao sistema da filosofia da natureza humboldtiana, na medida que, já redirecionadas, tomam partido da história natural, compreendida filosoficamente e não apenas descritivamente. Nestes termos, as hipóteses sobre a analogia das formas das plantas não são mais arbitrárias e as ficções cessam.

Para Humboldt, a compreensão das analogias das formas vegetais, ao significá-las em grupos diferenciados uns dos outros, de acordo com a situação geográfica, privilegia a intersecção de ideia e de experiência.<sup>466</sup> Filosoficamente, Humboldt remete os significados empíricos e matemáticos apreendidos das observações de campo (subordinados inicialmente à relação sensível) para *dentro* de uma compreensão intelectual que faça realizar a unidade de ideia e de experiência<sup>467</sup>, cuja relação, aí, é reconduzida para uma condição colaborativa (da intersecção de formas de acesso ao conhecimento da natureza) entre teoria e empiria. As semelhanças entre as formas vegetais identificadas por proximidade espacial fazem-nos pensar que humboldtianamente as analogias dessas formas são capturadas tanto teórica quanto empiricamente, haja vista que, na *Geografia das Plantas*, são expostos sinteticamente, ao mesmo tempo, tanto os elos dinâmicos formadores dos contornos e dos traços das plantas (o regime físico-químico que envolve água e luz para interação com as formas vegetais, p. ex.) quanto os elos empíricos *strictu sensu* (a aparente unilateralidade da influência climática

---

em francês situa-se em: (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 13-14). O texto no original em alemão situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 1; p. 3).

<sup>466</sup> Assim, permite-nos aludir à questão Sylvie Romanowski, quando, esta, a partir de sua leitura de *Geografia das Plantas*, comenta que a noção de analogia é “[...] um modo de cognição que é visual, combinatório e utiliza as semelhanças [...]”, e, portanto, “[...] uma visão de relações ordenadas articuladas como semelhança-na-diferença [...]”. No original da comentadora, tem-se: “[...] It is a mode of cognition that is visual, combinatory, and utilizes resemblances: analogy is the vision of ordered relationships articulated as similarity-in-difference [...]” (ROMANOWSKI, *op. cit.*, p. 185).

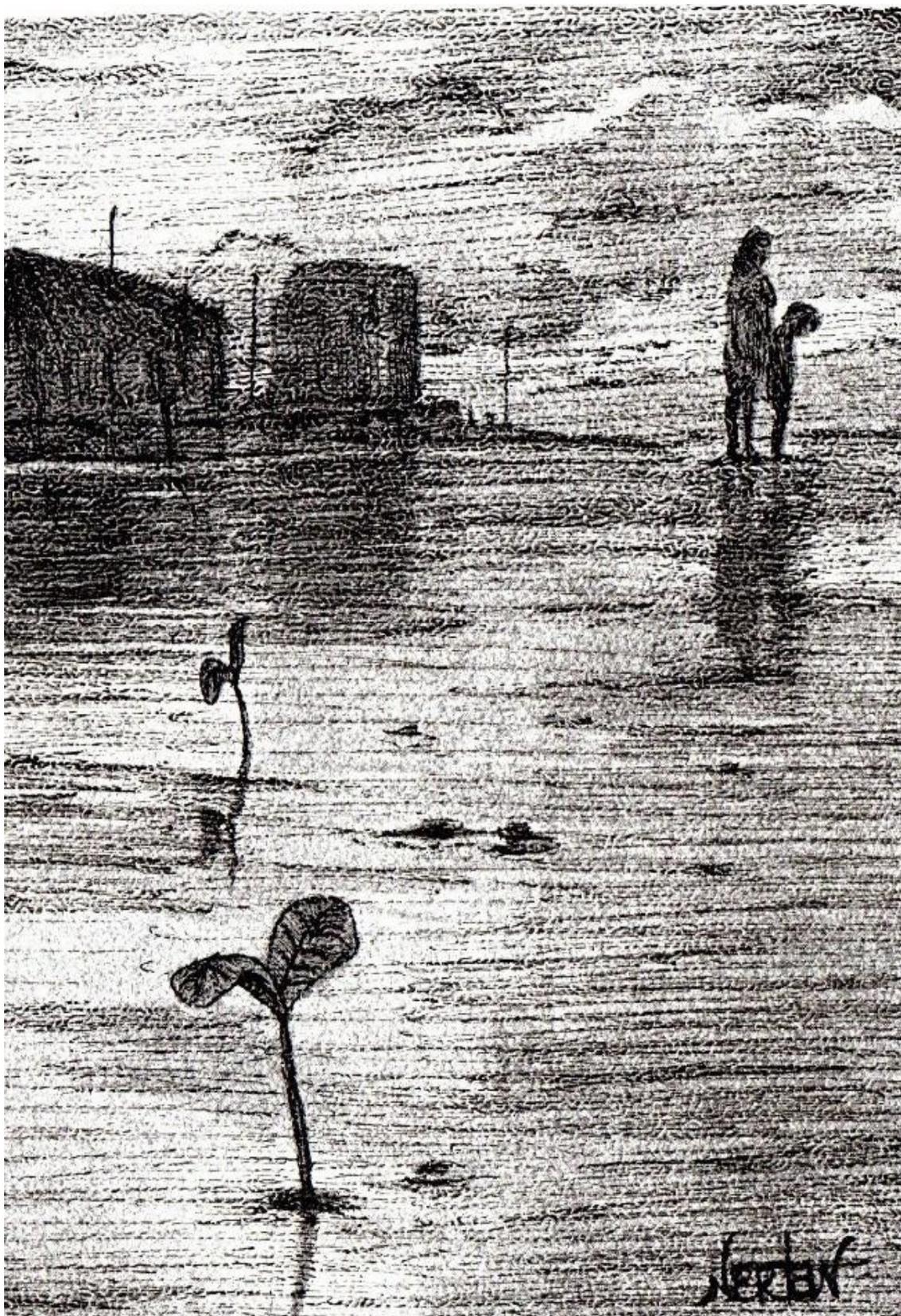
<sup>467</sup> No tocante basicamente à questão da unidade (do que lhes é indiferente) do ideal e do real como *outro* modo de conhecer a natureza, Schelling nos faz ler que só é possível a mesma, quando afastada da relação sensível. Ocorrido, tal afastamento, faz-se valer, via filosofia, “o sentido mais elevado e mais geral” dessa unidade (dessa indiferença) entre ideal e real. Nos termos schellinguianos, a questão é posta assim: “[...] A mesma indiferença do real e do ideal, que as ciências matemáticas aceitam num sentido subordinado, a filosofia fá-la valer apenas no sentido mais elevado e mais geral, portanto, em si mesma, depois de ser afastada dela toda a relação sensível [...]” (SCHELLING, 2001, p. 125). (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 60).

sobre as formas das plantas, p. ex.),<sup>468</sup> sendo estes últimos subsumidos pelos primeiros. Descobre-se, provisoriamente, que as analogias são regidas pela compreensão, no horizonte, dessa fazer se aproximar de si, a experiência, levando ao aprofundamento das próprias analogias. Ao que aproximadas aquelas, contribuem para vislumbrar a física especulativa no sistema de Humboldt. E o que antes se tinha como *ex nihilo*, passa a ser compreendida como uma ideia que se intrusa na experiência e uma experiência que se vê atravessada pela ideia.

---

<sup>468</sup> Como exporemos na parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”, se apresentará para nós um ciclo de subsunção: da experiência, *significada* pela matemática (aritmética), e, ambas, postas numa relação intelectual com a *Naturphilosophie*.

#### 4 A APRESENTAÇÃO DA NATUREZA



Fonte: NERTAN-SILVA (2021)

#### 4.1 Formas da natureza<sup>469</sup>

Em nossa análise, a possibilidade de investigação sobre o conhecimento da natureza tem no estudo do conhecimento das suas formas, de seu contorno em si, um momento inicial de evidência de sua interpretação. Tal estudo é a base principal da história natural a ser feita, como nos permite ler Humboldt: “[...] Este conhecimento das formas em que aparecem os seres organizados é indiscutivelmente a base principal da história natural [...]”.<sup>470 471</sup> Em termos de compreensão das formas orgânicas particulares, as “formas das plantas” (*Pflanzenformen*),<sup>472</sup> o estudo de Humboldt sobre a morfologia das plantas<sup>473</sup> contribui para sua tese sobre a distribuição das formas orgânicas e a organização da natureza na superfície terrestre. Ademais, a dinâmica de interação dessas formas em seus traços, no “estudo fisionômico dos seres organizados”,<sup>474</sup> visa aprofundar o conhecimento da natureza. O ápice

---

<sup>469</sup> As formas da natureza especificamente analisadas por Humboldt, tanto em *Geografia das Plantas* quanto em *Fisionomia das Plantas*, em variantes nos originais, são as formas das plantas (*Pflanzenformen*) (*formes végétales*). Por diálogo com a *Naturphilosophie* de Schelling, as formas das plantas entre as outras formas orgânicas da natureza, contribuem, enquanto particular, para a organização da natureza. As formas da natureza (*Naturformen*) enfeixam-se à organização da natureza em sua totalidade. No dicionário de Jacob e Wilhelm Grimm (Cf. GRIMM, J.; GRIMM, W. *Deutsches Wörterbuch*. Leipzig: S. Hirzel, 1854-1960.), no que diz respeito a Humboldt, o verbete *Naturform* refere-se às “formas naturais características” (*charakteristische naturformen*), às “formas naturais maiores” (*größeren naturformen*). (Consultar a versão digital do *Deutsches Wörterbuch* {verbete *Naturform*}, no link: <https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB#1>).

<sup>470</sup> HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 13.

<sup>471</sup> Ao termo *forma* propriamente dito, aproximamo-nos da leitura schellinguiana onde o *espírito* faz a unidade de forma e matéria para, inseparáveis, ocorrerem na organização dos produtos orgânicos como síntese de ideal e real. (SCHELLING, 2001, p. 89) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41).

<sup>472</sup> O conceito humboldtiano de *Pflanzenformen* (formas das plantas) é exposto na *Geografia das Plantas*, como “parte essencial de uma física geral” não mecânica que estuda a morfologia das plantas em sua distribuição sobre a superfície terrestre. Essa ciência se diferenciaria dos estudos taxoconômicos clássicos de então que classificavam as plantas sem lhes engendrar as conexões devidas com o ambiente. (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 13).

<sup>473</sup> A obra que antecipa as investigações sobre morfologia das plantas, inserindo-as como estudo efetivo na ciência moderna, é *Metamorphose der Pflanzen* (1790) de J. W. von Goethe. Após estadia em Nápoles e na Sicília, o poeta alemão dedicou-se a pesquisas sobre a metamorfose das plantas e a investigar o gradual desenvolvimento dos vegetais, observando o crescimento e transformação das partes constituintes das plantas. (Cf. GOETHE, J. W. *Versuch die Metamorphose der Pflanzen zu erklären*. Gotha: C. W. Ettinger, 1790). Humboldt, já em sua obra de 1793, intitulada *Florae Fribergensis Specimen*, reinterpreta a taxonomia clássica (de Lineu), após verificar dinâmicas próprias de auto-organização de certas plantas em ambientes a princípio desfavoráveis ao seu crescimento. Nas minas de Freiberg, o naturalista alemão pesquisou o desenvolvimento de musgos, fungos e plantas vasculares. (Cf. HUMBOLDT, A. von. *Florae Fribergensis Specimen. Plantas cryptogamicas praesertim subterraneas*. Berolini: Henr. Augustum Rottmann, 1793).

<sup>474</sup> Humboldt chama de fisionomia da natureza (*Naturphysiognomie*), e em particular de fisionomia das plantas (*Physiognomie der Pflanzen*), um estudo fundamental para a compreensão e descrição da natureza orgânica. Esse tema será melhor desenvolvido na segunda seção desta parte da tese. Humboldt nos diz, a respeito: “[...] Este estudo fisionômico dos seres organizados [*physiognomische Studium der organischen Geschöpfe*] é indiscutivelmente o fundamento mais importante de toda descrição da natureza [...]” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 1, tradução nossa).

da realização da possibilidade de sua apreensão é a pintura da natureza (*Naturgemälde*),<sup>475</sup> enquanto expressão pictórico-científica da morfologia e da fisionomia da natureza. Essas sínteses são situações filosóficas interpretadas a partir da *Geografia das Plantas* e são advindas do contexto da elaboração das grandes obras de Alexander von Humboldt.<sup>476</sup>

A natureza em Humboldt não é um objeto morto. No processo de apresentação da sua vida como *todo*, o particular que melhor lhe afigura, na esteira da *Geografia das Plantas*, é a forma vegetal.<sup>477</sup> Esta é uma forma particular cuja interconexão com a natureza se dá pela subsunção das formas das plantas à natureza previamente organizada.<sup>478</sup> O ensaio do naturalista alemão debruça-se em apresentar as formas orgânicas da natureza, as formas vegetais em sua particularidade, na tentativa de analisar, de um lado, o contorno delas, e de outro lado, os traços fisionômicos. Ambos, contorno e traço, resultam de contextos particulares para a formação do todo da natureza. A diversidade de partes que compõe esse todo traz, com os processos físico-químicos da vida que lhes são inerentes<sup>479</sup>, a expressão do conhecimento das formas orgânicas (as plantas, propriamente ditas, no ensaio) na variedade de sua distribuição na superfície terrestre. O estudo morfológico de “criaturas orgânicas” (*organischen Geschöpfe*) como as plantas é indiscutivelmente, do ponto de vista humboldtiano, o fundamento primeiro para se pensar como a natureza se efetiva enquanto um todo organizado.<sup>480</sup> A associação da variedade das formas das plantas, na *Geografia das*

<sup>475</sup> Na terceira seção desta parte da tese, analisaremos com maior profundidade o papel da pintura da natureza (*Naturgemälde*) como apresentação pictórica da fisionomia da natureza.

<sup>476</sup> Referimo-nos aqui, além das primeiras sínteses das investigações científicas de Humboldt pelas Américas (1799-1804), apresentadas no *Ensaio sobre a Geografia das Plantas*, às *Ansichten der Natur* (1808) e ao *Kosmos. Entwurf einer Physischen Weltbeschreibung*. Sendo que esta última obra foi publicada em 5 volumes, entre os anos de 1845 a 1862. (Vol. 1 – 1845. Vol. 2 – 1847. Vol. 3 – 1850. Vol. 4 – 1858. Vol. 5 – 1862, póstumo). Essas três obras mostram o percurso investigativo de Alexander von Humboldt que apresenta a natureza como um *todo* em sua diversidade orgânico-inorgânica.

<sup>477</sup> Na introdução para a edição inglesa da *Geografia das Plantas (Essay on the Geography of Plants, 2009)*, intitulada “Humboldt, Ecology, and the Cosmos”, o editor Stephen T. Jackson esclarece que: “[...] A vegetação está no cerne de uma ‘física geral’ da superfície da Terra. A vegetação cobre sua superfície e governa troca de energia e materiais, entre a atmosfera e a superfície [...]” No original: “[...] Vegetation is at the heart of a “general physics” of the earth’s surface. Vegetation cloaks that surface and governs exchange of energy and materials between the atmosphere and the surface [...]” (p. 22) (Cf. JACKSON, S. T. Introduction: Humboldt, Ecology, and the Cosmos. In: HUMBOLDT, A. von; BONPLAND, A. *Essay on the Geography of Plants*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009, p. 1-46).

<sup>478</sup> Recordemos que, nas *Ideias* de Schelling, a natureza é originariamente organizada, pondo a si e seus produtos orgânicos. (SCHELLING, 2001, p. 89) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40-41). Sendo as formas vegetais, um desses produtos.

<sup>479</sup> Humboldt permite-nos depreender da *Geografia das Plantas* que processos fisiográficos-climáticos (altura, pressão atmosférica, temperatura, incidência de luz solar) interferem na dinâmica das formas das plantas, fazendo variar sua distribuição nos lugares.

<sup>480</sup> Em *Geografia das Plantas*, a constituição das formas vegetais tem na evidência da conexão de suas partes com o todo da natureza, um *princípio* importante à decifração de sua variedade sobre a superfície terrestre. Essa questão pode ser aludida figurativamente no original em francês da seguinte forma no ensaio: “[...] La géographie des plantes fournit des matériaux précieux pour ce genre de recherches: elle peut, jusqu’à un certain point, faire reconnoître les îles qui, autrefois réunies, se sont séparées les unes des autres; elle annonce que la

*Plantas*, está diretamente ligada a elementos como clima e altura que impactam nas mudanças de suas formas e, em consequência, na determinação de níveis de variação dessas formas, levando-se em conta processos fisiográficos-climáticos (elevação do solo, temperatura, incidência de luz solar).

Humboldt apresenta os termos sintéticos de atuação de uma possível geografia das plantas, levando em conta o grau de interação entre elementos como clima e local (sua altura) que incidem sobre as formas das plantas. Em termos figurativos, o naturalista diz da importância da geografia das plantas nos estudos da interação das formas orgânicas com o clima e o local da seguinte maneira:

É essa ciência [geografia das plantas] que considera as plantas sob as relações de sua associação local em diferentes climas. Vasto como o objeto que abraça, pinta de maneira ampla a imensa extensão ocupada pelas plantas, desde a região de neve perpétua até o fundo do oceano e até o interior do globo, onde vegetam, em cavernas escuras, criptógramas tão pouco conhecidas quanto os insetos que as alimentam.<sup>481</sup>

Uma rede de vida se conforma no ato da natureza em se auto-organizar no devir.<sup>482</sup> As diversidades de organismos que a compõem e fazem variar espaço-temporalmente a sua organização são intermináveis. Não é mera descrição da disposição das plantas sobre a superfície terrestre que Humboldt nos dar a ver.<sup>483</sup> Apresenta a dinâmica com que certos organismos vegetais fazem variar suas partes e maneiras de estar nos lugares, através de uma intuição contempladora da totalidade da natureza que vai para além da postura descritivo-

séparation de l’Afrique et de l’Amérique méridionale s’est faite avant le développement des êtres organisés [...]” (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 19). No original em alemão, o equivalente a “êtres organisés” é “[...] *organischen Geschöpfe*” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 9).

<sup>481</sup> No original em francês: “[...] C’est cette science qui considère les végétaux sous les rapports de leur association locale dans les différents climats. Vaste comme l’objet qu’elle embrasse, elle peint à grands traits l’immense étendue qu’occupent les plantes, depuis la région des neiges perpétuelles jusqu’au fond de l’Océan, et jusque dans l’intérieur du globe, où végètent, dans des grottes obscures, des cryptogames aussi peu connues que les insectes qu’elles nourrissent [...]” (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 14). No original em alemão, o trecho equivalente situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 2).

<sup>482</sup> Faz-se alusão ao sentido schellingiano da natureza que organiza a si mesma já estando previamente organizada, e que produz a si mesma, pondo, na idealidade e objetividade, seus produtos orgânicos como expressões individuais da auto-organização em permanente devir. (SCHELLING, 2001, p. 89) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40-41). Cf. notas de rodapé 319 e 320.

<sup>483</sup> Aqui se menciona, ao largo da *Geografia das Plantas*, todo o *quadro* vegetal que remete às dinâmicas de cada parte do planeta terra, pois os modos de vidas de plantas se adequam a cada uma dessas partes. Assim, o naturalista alemão nos remete à variação das dinâmicas das formas de plantas. Ao que, de um lado, tem-se a diversidade de espécies de plantas isoladas e dispersas da Europa (*Solanum dulcamara*, *Lychnis dioica*, *Polygonum bistorta*, *Fucus saccharinus*, *Agaricus paludosa*, etc.), do outro lado, a diversidade de espécies de plantas unidas na organicidade que lhes cercam, a exemplo das que existem nos trópicos (*Fragaria vesca*, *Pinus sylvestris*, *Rhizophora mangle*, *Croton argenteum*, *Convolvulus brasiliensis*, etc) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 15) (HUMBOLDT, 1807 [1805] p. 3-4).

classificatória.<sup>484</sup> De imediato, mais próximas ou mais distantes umas das outras, as formas das plantas coexistem não na superação de uma em face da outra, mas ou associadas umas às outras na construção de um conjunto vegetal mais compacto (o caso de muitas formas vegetais na zona temperada, segundo Humboldt)<sup>485</sup> ou mais uniforme umas às outras em que a construção do conjunto vegetal é mais contínua (o caso de muitas formas vegetais dos trópicos, conforme Humboldt).<sup>486</sup> O *domínio* de uma forma vegetal sobre outra forma vegetal, em níveis de adaptação de uma em face da outra, se estabelecerá quando da conformidade dessas formas particulares à dinâmica dos lugares.<sup>487</sup> Esta foi uma questão sintetizada depois em *Fisionomia das Plantas*, quando o naturalista alemão permite-nos identificar que elementos da natureza como clima (no que diz respeito à temperatura, à pressão atmosférica e aos ventos) e a elevação do solo (no tocante à altitude)<sup>488</sup> fazem variar, em maior ou menor grau de desenvolvimento, as formas vegetais. Cabendo, aí, *outra* forma de busca ao entendimento da interação de tais elementos à dinâmica dos seres organizados.

Humboldt, ao antagonizar relativamente com os cientistas da natureza (principalmente nas figuras do botânico descritivo e do físico clássico),<sup>489</sup> em termos de acesso ao

---

<sup>484</sup> Assim nos faz ler Sylvie Romanowski, quando comenta que Humboldt adota um ponto de vista filosófico que se opõe à classificação, e que se baseia em uma “contemplação da natureza”, ao que, por aproximação, lhe seja afigurada tal contemplação via intuição. No original: “[...] This is clearly stated in the *Essay* and in the ‘Physical Tableau’: this is a *philosophical point of view* that is opposed to classification, a contemplation of nature rather than its description, which embraces nature as a totality in a *tableau* [*Naturgemälde*], as he says in the only use of the word in this preliminary *Essay* [...]” (ROMANOWSKI, *op. cit.*, p. 183).

<sup>485</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 16. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 4-5.

<sup>486</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 16. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 4.

<sup>487</sup> Sobre esse aspecto de adaptação das plantas ao ambiente, Stephen T. Jackson aposta que Humboldt, por meio de sua intuição, estava correto na ênfase sobre os padrões geográficos de ocorrência e dominância (lugar, ambiente) de diferentes formas de plantas, pois indicaria tanto a compreensão da adaptação do organismo vegetal quanto a influência na forma das plantas. (JACKSON, *op. cit.*, p. 20). Em termos de histórias das ideias, Sylvie Romanowski deixa-no intuir que, sobre a questão da adaptação, ter-se-ia em Humboldt um predecessor em termos de impulso à imaginação da adaptação e, em Darwin, ter-se-ia, o consolidador da ideia da adaptação e evolução de seres organizados. (ROMANOWSKI, *op. cit.*, p. 184).

<sup>488</sup> Em *Fisionomia das Plantas* (um dos livros que compõe as *Ansichten der Natur*), o aspecto da relevância desses elementos naturais à participação ativa na dinâmica das formas orgânicas em geral (as vegetais, em particular), pode ser compreendido de Humboldt em algumas passagens, tal como a seguinte: “[...] Esses fetos gigantes [referindo-se as ervas de samambaias] pertencem quase exclusivamente aos trópicos. E, todavia, preferem, nas regiões equinociais, um clima relativamente temperado; e, posto que o abaixamento de temperatura não pode ser senão a consequência da elevação do solo, deve considerar-se como principal lugar dos fetos arbóreos as montanhas de 650 a 975 metros acima do nível do mar [...]” (p. 296) (todos os fragmentos em português de *Fisionomia das Plantas* aqui trabalhados, advém da tradução feita por Assis de Carvalho à edição portuguesa intitulada *Quadros da Natureza* {1º volume} {W. M. JACKSON, Rio de Janeiro, 1965}, os quais comparamos com o original *Ansichten der Natur* na edição de 1849, em dois volumes.). (Cf. HUMBOLDT, A. von. *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*. In: HUMBOLDT, A. von. *Ansichten der Natur*. Sweiter band. Stuttgart und Tübingen: F. G. Cotta Verlag, 1849, p. 36).

<sup>489</sup> Em um diálogo de primeiro plano com o *modus operandi* das ciências naturais de sua época (de estas, por um lado, fixarem-se na classificação de novas espécies de plantas – em uma referência direta à botânica descritiva – e, por outro lado, de produzir um conhecimento científico pautado no empirismo mecânico – em uma referência

conhecimento da natureza, expõe o estudo analógico-sintético das formas das plantas realçando processos delineadores de seus contornos em si (de sua morfologia), como incidência de temperatura na distribuição das formas orgânicas, altura na qual se dá o seu crescimento e localização (lugar) onde essa distribuição e crescimento se realizam. Daí o naturalista alemão fundar uma geografia das plantas (*Géographie des plantes/Geographie der Pflanzen*) com bases filosóficas diferentes das do empirismo até então dominante<sup>490</sup>, na qual uma delas, apontada no prefácio à edição em alemão, é a *Naturphilosophie* schellinguiana.<sup>491</sup> Com esse campo científico, Humboldt pretende, além de expor a classificação de plantas em determinados lugares, compreender os graus com que outros elementos da natureza (pressão atmosférica, temperatura, umidade, tensão elétrica) incidem nos contornos e traços das plantas para sua auto-organização. E, quando levada em conta a incidência de tais elementos, apresentar que entre eles surgem variações distintas de formas orgânicas (vegetais, principalmente) em seus “modos de vida” (*manière de vivre/Lebensweise*)<sup>492</sup> que são também variados. Conhecer, portanto, as formas das plantas é saber que, em torno de princípio interativo entre ideal-real (pensamento e realidade) que lhe dá sentido de ser, faz-se necessário apresentar as *variáveis de interação* que influenciam e são próprias à existência das suas formas. Deprendendo do naturalista alemão, essas variáveis de interação, assim as nominamos: clima, altura, localização.

Humboldt deixa-nos ler mais uma vez que a geografia das plantas se efetiva pelo estudo das formas dos seres orgânicos, adquiridas na interação com variáveis (clima, altura e localização) que incidem mudanças sobre esses seres, com enfoque especial aos seres vegetais. O naturalista enfeixa esse sentido geral do escopo de atuação de sua ciência nos seguintes termos:

---

implícita à física clássica), Humboldt impele aos botânicos para ir além da classificação de espécimes vegetais cujos contornos são estudados sem a conexão com o ambiente. O reclame humboldtiano é por uma interação das formas, num contexto alargado onde as plantas vão se mutacionando espaço-temporalmente e vão se conformando em um esforço para se tornarem parte importante da física geral. Esse movimento de interação é comentado por Stephen T. Jackson da seguinte maneira: “[...] In the *Essay*, Humboldt exhorts botanists to go beyond collecting, describing, and classifying plant specimens [...]. But he appeals to the audience to go beyond classification, to focus on the geography of plants, a science he describes as ‘an essential part of general physics’ [...]” (JACKSON, *op. cit.*, p. 18).

<sup>490</sup> Na tocante a essa afirmação, e acerca dos posicionamentos filosóficos de Humboldt, Lúcia Ricotta diz-nos que o naturalista alemão não é nem um empirista nem um idealista na sua inteireza, cabendo-lhe a posição de um “híbrido” que se aproxima da matéria para além de sua fatualidade empírica, à medida que o conhecimento do mundo (e aqui Humboldt se acerca de Schelling) tem uma “[...] identidade *prévia* entre o real e a representação do real [...]”. (RICOTTA, *op. cit.*, p. 88).

<sup>491</sup> No prefácio do original em alemão, Humboldt não vê prejuízo ao diálogo entre as ciências da natureza empíricas (investigações empíricas) e a filosofia da natureza de Schelling para o acesso ao conhecimento da natureza como *todo* por meio de *instrumentos* de ambas as ciências.

<sup>492</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 15. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 3.

A geografia das plantas não apenas classifica as plantas de acordo com as diferentes zonas e alturas em que são encontradas; não está satisfeita em considerá-las de acordo com os graus de pressão atmosférica, temperatura, umidade e tensão elétrica sob os quais vivem: distingue entre elas, como entre os animais, duas classes [de plantas: sociais e individuais] que têm um modo de vida, e se ousarmos dizer, hábitos muito diferentes.<sup>493</sup>

Para determinação de hábitos das plantas, as variáveis de interação atuam intensamente, sendo estas da ordem fisiográfico-climática e decifradas *realisticamente* pelo *espírito* como partes que compõem a auto-organização das plantas. O que isso significa? Inicialmente, significa que a natureza, ao pôr as formas vegetais, leva em conta os caracteres superficiais de contornos físicos e determinantes climatológicos, que contribuem para que seres orgânicos como as plantas se inscrevam de maneiras variadas na superfície terrestre.<sup>494</sup> Ao menos o naturalista, em *Geografia das Plantas*, faz-nos depreender esse questionamento dessa maneira, quando intui que as plantas, nas relações de altura e incidência de luz solar alterando suas formas, têm seu crescimento inerente à disposição de suas partes sob certas condições fisiográficas e climáticas. Humboldt figura essa questão da inscrição dos demais seres organizados ao perceber os limites superiores e inferiores de interação das plantas nos hemisférios, cuja a variação de suas formas leva em conta tais limites de interação. Essa observação de Humboldt é atestada quando, ao apontar a variação dos limites da vegetação de acordo com a distância dos locais, diz que: “[...] o interior do globo é animado onde quer que os seres organizados encontrem um espaço específico para o seu desenvolvimento, um alimento análogo à sua organização [...]”.<sup>495</sup> O passar dos tempos da inscrição dos seres organizados, através de modos de inteligência variados, influencia nos contornos das formas

---

<sup>493</sup> No original em francês: “[...] La géographie des plantes ne range pas seulement les végétaux selon les zones et les hauteurs différentes auxquelles ils se trouvent; elle ne se contente pas de les considérer selon les degrés de pression atmosphérique, de température, d’humidité et de tension électrique, sous lesquels ils vivent: elle distingue parmi eux, comme parmi les animaux, deux classes [de plantas: plantas sociais et plantas isolées] qui ont une manière de vivre et, si l’on ose le dire, des habitudes très-différentes [...]” (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 14-15, colchetes nosso). No original em alemão, o trecho equivalente situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 3).

<sup>494</sup> Jean-Marc Besse, ao analisar a herança humboldtiana do conceito de fisionomia na geografia, contribui para pensar esse problema da inscrição orgânica (de formas vegetais, em uma chave de leitura) sobre a Terra, compreendendo-a como totalidade expressiva, quando seu sentido fisionômico (e, por derivação, sua forma) é animado por um “espírito interno”. (Cf. BESSE, J-M. A Fisionomia da Paisagem, de Alexander von Humboldt a Paul Vidal de La Blache. In: BESSE, J-M. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo, Perspectiva, 2006, p. 61-74).

<sup>495</sup> HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 14. No original em alemão, o trecho equivalente situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 2).

vegetais<sup>496</sup>, imprimindo, a estas, outras infundáveis formas e conteúdos que, com o clima e com a altura do local, as mudam constantemente.

Importante observar que, atrelada a esse dinamismo espaço-temporal, as forças fisiográficas originárias da natureza permitem-nos vislumbrar, com o naturalista alemão, o quão as formas das plantas – herdando (ou não) contornos e traços de formas mais antigas – são suscetíveis (para mais ou para menos) a alterações no curso de um tempo geológico. Nesse dinamismo espaço-temporal, a geografia das plantas faz o exame das formas vegetais primitivas através da investigação da variedade das formas vegetais atuais. Em suas palavras: “[...] É esta ciência que examina se, através da imensa variedade de formas vegetais, podemos reconhecer algumas formas primitivas [...]”.<sup>497</sup> O quão, também, no plano da apresentação dessa ideia de natureza, joga-se peso aos olhos humanos para lhes fazer imaginar as mudanças ocorridas ao longo do percurso da história natural da terra. Sob esse aspecto, de seu elo com o tempo geológico, é que Humboldt no diz da importância da geografia das plantas, pois ela: “[...] ao lançar luz sobre a história primitiva do globo, oferece à imaginação do homem um campo tão rico quanto interessante de cultivar [...]”.<sup>498</sup> Quando ligada às forças geológicas, como observa o naturalista<sup>499</sup>, as discussões em torno da distribuição das formas das plantas requerem um olhar que perquiria o sucedâneo das suas partes que vão se superpondo ao longo do tempo.

Em relação a essa identificação de superposição das partes das formas vegetais, o naturalista alemão, de um lado, pontua que, com o passar do tempo de origem mais antiga, do “fato geológico” (*fait géologique/älterer Formation*), a interferência de certas formas de plantas (Humboldt, já nesse ponto, dá-nos a ver uma espécie de musgo comum aos pântanos

---

<sup>496</sup> Em termos de uma moderna fitogeografia exposta por Orlando Graeff, no estudo da vegetação e sua distribuição geográfica, leva-se em conta o ajuste de entendimento do *tempo geológico* na determinação da história dos seres vivos (as espécies de plantas, alguns desses seres vivos) que integram a natureza, suas mudanças de contornos, e sua paisagem. (Cf. GRAEFF, O. *Fitogeografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015).

<sup>497</sup> HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 20. No original em alemão, o trecho equivalente situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 10).

<sup>498</sup> HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 24. No original em alemão, o trecho equivalente situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 15-16).

<sup>499</sup> Humboldt quer também com a geografia das plantas lançar comentários sobre o problema da migração das plantas, tomando como ponto de partida a história da natureza nos seus registros geológicos (fósseis de monumentos antigos, camadas de carvão da terra) que, por sua vez, contariam as alterações de suas formas ocorridas no tempo geológico. Em termos figurativos, assim ele se põe o desafio à resolução da questão da migração das plantas: “[...] Para resolver o grande problema da migração das plantas, a geografia das plantas desce ao interior do globo: ali consulta os monumentos antigos que a natureza deixou na petrificação, nos bosques fósseis e nas camadas de carvão da terra, que são o túmulo da primeira vegetação em nosso planeta [...]” (tradução nossa) (HUMBOLDT, 1805 [1807] p. 22-23). No original em alemão, o trecho equivalente situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 13-14).

dos trópicos e da Europa, o *Sphagnum palustre*)<sup>500</sup> pode impactar no regime de reprodução de outras formas de vida<sup>501</sup>; de outro lado, deixa-nos compreender que mudanças fisiográficas e climáticas sob incidência do tempo humano (Humboldt, já nesse ponto, faz alusão à redução da umidade do clima devido ao corte de cobertura vegetal das florestas por parte de povos aráveis)<sup>502</sup> alteram gradualmente os regimes de reprodução das plantas.<sup>503</sup> O que se apresenta para nós, à esteira de diálogo filosófico-científico, é que o desvendamento da organização da natureza passa pela conjugação de uma intuição instruída pela experiência (esteio em ciências da natureza como a geologia que se debruça sobre a história natural, p. ex) com uma intuição instruída pelo intelecto (esteio em uma ciência como a *Naturphilosophie* schellinguiana que contribui à ideia unificadora entre especulação e experiência, p. ex), capaz de trazer à tona variáveis teórico-empíricas às analogias das formas da natureza, cujos elementos fisiográfico-climáticos (elevação do solo, pressão atmosférica, temperatura), elementos fisionômicos (traços, gestuais) e suas intelecções (representação, apresentação) agem para decifram o curso da natureza (*Naturlauf*) em suas determinações individuais elementares (mundo inorgânico) e em suas determinações individuais complexas (mundo vegetal e mundo animal).<sup>504</sup>

Nesse ponto, e em apoio ao diálogo entre as filosofias da natureza schellinguiana e humboldtiana, no original em alemão da *Geografia das Plantas* a tópica que os aproxima a uma análise unificadora da natureza, da parte de Humboldt, gira em torno de existir na *Naturphilosophie* um conhecimento capaz de apreender o que é comum a todos os fenômenos

---

<sup>500</sup> Humboldt refere-se ao “fato geológico” (*fait géologique/älterer Formation*) em torno do musgo *Sphagnum palustre* comum aos pântanos dos trópicos e aos da Europa que sofreu alteração em eras geológicas. (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 18.) (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 8).

<sup>501</sup> Figurativamente, o naturalista alemão expõe esse fato geológico impactante na alteração da dinâmica de cobertura vegetal nos trópicos e na Europa, da seguinte maneira: “[...] As turfeiras mais antigas, aquelas que são misturadas com muriato de refrigerante e conchas do mar, devem suas origens a *ulvae* e *fucus*: as mais novas, ao contrário, e as mais difundidas, surgem do *sphagnum* e do *mnium serpillifolium*; e sua existência prova o quanto essas criptógramas abundaram no mundo [...]” (tradução nossa) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 18). No original em alemão, o trecho equivalente situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 8).

<sup>502</sup> Humboldt refere-se às práticas agrícolas de povos que, após corte de cobertura vegetal, plantas criptógramas (aquelas que não produzem sementes, flores ou frutos e que se reproduzem por meio de esporos), como *Mnium serpillifolium*, abundaram mundo afora. (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 18.) (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 8).

<sup>503</sup> Na sua participação em relação às alterações de ordem fisiográfico-climática à cobertura vegetal, esse tempo humano pode ser aludido figurativamente assim: “[...] Ao derrubar florestas, os povos agrícolas reduziram a umidade do clima; os pântanos secaram e as plantas úteis ganharam gradualmente as planícies ocupadas por essas criptógramas, ao contrário do cultivo [...]” (tradução nossa) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 18). No original em alemão, o trecho equivalente situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 8).

<sup>504</sup> Depreendendo das *Ideias*, Schelling permite-nos pensar a natureza como curso do inconsciente para o consciente. Esse curso das formas básicas da natureza até as mais complexas é decifrado pelo *espírito* (*Geist*). A ideia da unificação entre matéria e forma no interior da autoconsciência, cuja antecipação da ideia de origem espiritual da matéria é-nos ofertada, já está presente nos *Abhandlungen zur Erläuterung des Idealismus der Wissenschaftslehre* (1796/1797), quando a matéria, aí, se autolimita no ato de intuir a si mesma. Conferir nota de rodapé 387, no comentário de Márcia Gonçalves (2014) sobre essa questão.

naturais desconsiderados pelo empirista: a descrição desses fenômenos em sua interação interna. Do que, com Schelling, para a construção da natureza, tal descrição está fundada na luta de forças opostas (atração e repulsão) que apreende esses fenômenos a partir de determinações elementares e complexas.<sup>505</sup> Dos princípios ideais e empíricos, as variáveis de interação (clima, altura, localização) atuarão incisivamente para unir o que, se apreendido de forma unilateral, o empirismo deseja separar. Essa tópica surge da seguinte maneira em Humboldt:

O estudo de várias partes das ciências físico-matemáticas, às quais me dediquei posteriormente, deu-me a oportunidade de ampliar minhas primeiras ideias [...] Fiel ao campo da ciência da natureza empírica ao qual minha vida anterior foi devotada, também nesta obra enumerarei mais de perto os fenômenos múltiplos do que, penetrando na natureza das coisas, descrevendo-os em sua interação interna.<sup>506</sup>

Das variáveis de interação que incidem em graus diversos de inscrição das formas vegetais na natureza, o clima<sup>507</sup> exerce um papel relevante na abordagem da ciência humboldtiana. “Essa ciência considera as plantas sob as relações de sua associação local em diferentes climas [...]”,<sup>508</sup> afirma o naturalista alemão a respeito de sua geografia das plantas. Essa variável interage com as plantas, alterando seus contornos, cuja diversidade de suas formas liga-se aos lugares por meio das disposições fisiográficas e climáticas que aí se apresentam.<sup>509</sup> Elevação do solo, temperatura, pressão atmosférica – enquanto elementos

<sup>505</sup> Conferir notas de rodapé 206 e 207 sobre as forças opostas (atração e repulsão) que atuam para a construção da natureza.

<sup>506</sup> No original em alemão: “[...] Ich darf nur schmeicheln, daß selbst dem Naturphilosophen, der alle Mannigfaltigkeit der Natur den Elementaractionen Einer Materie zuschreibt, und der den Weltorganismus durch den nie entschiedenen Kampf widerstrebender Kräfte begründet sieht, eine solche Zusammenstellung von Thatsachen wichtig seyn muß. Der Empyriker zählt und mifst, was die Erscheinungen unmittelbar darbieten: der Philosophie der Natur ist es aufbehalten, das allen Gemeinsame aufzufassen und auf Principien zurückzuführen [...]” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 89-90).

<sup>507</sup> A partir de J. O. Ayoade, do ponto de vista de uma definição estritamente climatológica, tem-se que o *clima* é medido de maneira contínua durante um período longo (geralmente entre 30-35 anos), refere-se às características gerais da atmosfera nesse período. Seu complemento climatológico, *strictu sensus*, que é o *tempo*, é entendido como o registro das condições atmosféricas num lapso temporal curto e em um lugar. Por último, no enfeixe de sentidos climatológicos aos termos, a *temperatura* é uma condição que determina o grau de calor que um corpo possui em face de outro, e grau de calor este medido por termômetro. (Cf. AYOADE, J.O. *Introdução a climatologia para os trópicos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 2).

<sup>508</sup> HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 14. No original em alemão, o trecho equivalente situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 2).

<sup>509</sup> Em comentários sobre os fundamentos da ordenação natural (da superfície da Terra) em Humboldt, A. C. Vitte & R. W. D. Silveira observam que já na geografia das plantas, a diversidade vegetal encontra-se associada às variações de relevo e clima que, por sua vez, passam por processos de construção e redefinição permanentes, dadas às disposições gerais de cada região. (Cf. VITTE, A. C.; SILVEIRA, R. W. D. *Natureza em Alexander von Humboldt: entre a ontologia e o empirismo Revista Mercator*, n, 20, v. 9, p.185, 2010; set./dez.). Para nós, por extensão, muitas dessas disposições dizem respeito aos caracteres fisiográficos de cada lugar que interagem de maneiras distintas aos caracteres climáticos que aí incidem.

dessas disposições fisiográfico-climáticas – já concorrem para dinamizar, em lapsos temporais, a diversidade das formas.<sup>510</sup> Nesse sentido, num vislumbre schellinguiano, como em determinados processos físico-químicos (de queima de oxigênio, de transmissão de ar pelas partes da planta etc.),<sup>511</sup> pode-se inferir que o clima e demais elementos tornam-se os elos que enfeixam as formas vegetais, na particularidade, à auto-organização da natureza, na universalidade. O que se tem com o clima é a relação de semelhança ou diferença que possa ser assumida pelas formas das plantas e que, geograficamente, sob o campo de sua influência, essa interação se expressará em termos de área, quando tal variável já se converterá numa soma de caracteres atmosféricos nessa mesma área.<sup>512</sup> <sup>513</sup> Ao que, nos termos da ciência humboldtiana, e derivando de nota específica já na *Fisionomia das Plantas*, “[...] a pressão atmosférica exerce influência decisiva na forma e vida das plantas [...]”,<sup>514</sup> <sup>515</sup> pois, enquanto elemento de disposição climática, explicita a interação que as formas das plantas têm com a

---

<sup>510</sup> Reportemos essa questão a Humboldt, quando, na *Geografia das Plantas*, faz-nos entender que esses elementos dinamizadores das formas vegetais não são em *causa sui*, mas interagem com altura (*hauteur*) e posição dos lugares (*position des lieux*), p. ex., para que os modos de vida (*manière de vivre*) das plantas se realizem de fato. No prefácio em francês, ao fazer observações de distâncias entre lugares durante a navegação nos rios Orinoco, Cassiquiare e Rio Negro (1800), esse ponto é realçado quando altura e localização dão uma medida das especificidades de interação dessas variáveis com os modos de vida vegetal. (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. X-XI).

<sup>511</sup> O vislumbre a que fazemos menção está nas *Ideias* de Schelling, e diz respeito às passagens sobre a planta no que, previamente organizada, assimila diversos processos físico-químicos que a fazem se reproduzir e que atuam nela para revelar a inseparabilidade da forma e matéria. (SCHELLING, 2001, p. 89) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40). Cf. nota de rodapé 399.

<sup>512</sup> Essa interpretação, por mediação, deriva da leitura morfológica da paisagem feita por Carl O. Sauer, que deixá-nos depreender que a semelhança ou diferença entre as formas naturais (estendendo para a forma vegetal esse significado), em geral, é primeiro uma questão de clima. Com Sauer: “[...] Podemos afirmar com confiança que a semelhança ou contraste entre as paisagens naturais em geral é primeiramente uma questão de clima [...]” (p. 46). Este clima, por sua vez, em termos de climatologia, se expressa tanto como forma em uma área quanto soma das características atmosféricas da área. Em Sauer: “[...] Como uma forma o clima é uma expressão em área, o somatório das características atmosféricas da área.” (p. 51) (Cf. SAUER, C. O. A morfologia da paisagem [...]. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 12-74).

<sup>513</sup> Os caracteres atmosféricos a que nos referimos dizem respeito à composição da atmosfera em sua mistura mecânica (e intuída) de gases, onde se sobressaem o nitrogênio, o oxigênio, o argônio, o bióxido de carbono, o ozônio e o vapor d’água (AYOADE, *op. cit.*, p. 15).

<sup>514</sup> HUMBOLDT. *Quadros da natureza, Fisionomia das plantas*, 1965, p. 331. O trecho no original se situa em: (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 150).

<sup>515</sup> No original, em alemão, da *Geografia das Plantas*, e em tom provocativo aos físicos mecânicos, Humboldt, ao falar da “pressão atmosférica” (*Luftdruck*) sobre um lugar (uma área), faz direta menção a Schelling, pontuando, com este, a intrínseca relação de incidência de luz solar sobre a pressão atmosférica e, desta, por consequência, no lugar onde é emitida a radiação solar. A relação entre a empiricização de tal fenômeno (através de um medidor de pressão do ar como o barômetro, p. ex.) e a ideia de natureza fundada no encontro entre teoria-empíria, indica, ao que fica sugestionado, o reclame humboldtiano ao enlace ideal-real que sua ciência deveria percorrer. O texto vertido para o português é: “[...] Consequentemente, se a mudança periódica na pressão do ar depende quase exclusivamente da posição do sol, e se as razões para isso não são atribuídas nem à atração de massa desta estrela central, nem aos efeitos do calor que irradia dela ou pelo menos animado por isso: então talvez alguém possa fazer punir a influência da *luz solar* na atmosfera. As idéias da filosofia da natureza dão a essas hipóteses um peso maior e, em vários lugares de sua obra, o senhor Schelling sensatamente aponta a correspondência entre o movimento do barômetro e da agulha magnética [...]” (tradução nossa). (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 107-108).

área que as rodeia. Isto é dado pela força exercida pelo ar atmosférico em determinada área (pressão atmosférica), fazendo com que, no âmbito da interação, as plantas, aí localizadas, intercambiem modos de respirar, de evaporar, de absorver e reabsorver os líquidos (e, também, o oxigênio) que as mantem vivas.<sup>516</sup>

A temperatura, essa condição que determinado fluxo de calor passa de um organismo a outro<sup>517</sup>, interage com as formas vegetais condicionando estas à intensidade de energia térmica (calor) que elas possam vir a suportar para níveis de sua adaptação nos lugares (numa área). Limitada pela latitude<sup>518</sup>, como nos deixa ler Humboldt em *Fisionomia das Plantas*, é um elemento em âmbito localizado que influencia no desenvolvimento de diversos organismos – sendo, em alusão, as formas vegetais alguns desses organismos. Estando associada à incidência da luz solar, a temperatura faz com que a ação do clima se pontencialize para mudanças das formas, e as variações térmicas (diurnas e noturnas) as dinamizam via alteração de suas moléculas orgânicas que implicam, por sua vez, em impactos fisiológicos às plantas.<sup>519</sup> Impactos, estes, que dependerão da maior ou menor correlação entre variação de temperatura e radiação solar nos lugares, que permitirá aparecer tipos diversos de formas das plantas.<sup>520</sup> Num diálogo à *Naturphilosophie* schellinguiana, os graus distintos de variações das formas das quais poderão influenciar o clima e a temperatura fazem a organização das plantas voltar a si, fazendo a mesma, num ciclo infinito, repor a si, nas quais, já em plena interação com o clima e a temperatura, as causas e efeitos circunstanciados por tais elementos

---

<sup>516</sup> Humboldt faz-nos observar essa interação das plantas com o ambiente que as circundam, sendo resultante de trocas físico-químicas que dependem do ar atmosférico: “[As plantas] vivem, sobretudo, na superfície e por ela; e outro tanto depende, pois, do ambiente que as rodeia. [...] Uma espécie de respiração cutânea, é, nas plantas uma das funções vitais mais ativas, e esta respiração, como tem por fim a evaporação, absorção e reabsorção dos humores aquosos, depende da pressão atmosférica [...]” (HUMBOLDT. *Quadros da natureza, Fisionomia das plantas*, 1965, p. 331). No original, o trecho situa-se em: (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 150-151).

<sup>517</sup> Pedimos um empréstimo à definição de J. O. Ayoade, quando, em termos basilares, define a temperatura como condição determinante do fluxo de calor que passa de um corpo a outro. Em suas palavras, tem-se: “[...] O calor desloca-se de um corpo que tem temperatura mais elevada para outro com temperatura mais baixa [...]” (AYOADE, *op. cit.*, p. 50).

<sup>518</sup> HUMBOLDT. *Quadros da natureza, Fisionomia das plantas*, 1965, p. 288. No original, o trecho situa-se em: HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 24.

<sup>519</sup> À título de moderna fitogeografia apresentada por Carlos T. Rizzini, a ação conjunta de temperatura e radiação solar (ao que chamamos de incidência da luz solar) interferem na dinâmica da acumulação de glicídios (moléculas orgânicas que exercem funções energéticas na estrutura da planta) e da interação de ambos elementos às mudanças fisiológicas propriamente ditas, tais como: nanismo, espessamento foliar, desenvolvimento dos órgãos subterrâneos, pigmentação etc. (Cf. RIZZINI, C. T. *Tratado de Fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Âmbito Cultura Edições Ltda, 1997. p. 232).

<sup>520</sup> Duas circunstâncias são relatadas por Carlos T. Rizzini, no que concerne à interação entre temperatura e radiação solar produzirem variações nas formas das plantas: 1) A primeira, diz respeito ao relato sobre espécies de plantas árticas e plantas alpinas (Europa) que sofrem alterações de forma (morfologia) e estrutura (fisiologia), levando-se em conta as alternâncias das temperaturas diurna e noturna; 2) A segunda, sintetizando uma experiência do fitogeógrafo Binet, revela as variações sofridas por duas espécies herbáceas do Saara, devido à mudança de temperatura, induzido, p. ex., às florações diferentes dessas duas espécies. (RIZZINI, *op. cit.*, p. 232-233).

tornam-se figuras da conexão das plantas com o *universal* da natureza, efetivado com o enlace ideal-objetivo.<sup>521</sup> A partir da ideia schellinguiana da organização da natureza (ou organização de formas particulares como as plantas) *progredir* regressando infinitamente a si, é reafirmar que as causas e os efeitos em que ocorre a sucessão dos fenômenos (em diálogo aqui, o clima e a temperatura) estão subsumidos à própria organização e não contrário.<sup>522</sup> Assim sendo, em diálogo, é impensável a não relação desses elementos em níveis ao mesmo tempo intelectual e empírico, na qual, de um lado, concorre a apresentação (em textos, imagens e gráficos)<sup>523</sup> e, do outro lado, a empiricização em si (dada em medições de instrumentos).<sup>524</sup> O que ambas atuam em diálogo para elaborarem a ideia mais acabada de natureza.

A altura, como uma variável de interação que influencia na dinâmica organizacional das formas das plantas, é um elemento de ordem fisiográfica, com incidência climática.<sup>525</sup> Assim, deixa-nos ler Humboldt em *Geografia das Plantas*, quando dá-nos amostra de que o espetáculo da distribuição das plantas em diferentes lugares está conforme a elevação do solo que impacta na variação de temperatura. Os processos químicos (advindos da mistura química de elementos, p. ex.) e físicos (advindos da magnitude dos raios solares, p. ex.) fazem, com a altura, variar o espetáculo da distribuição das plantas sobre os lugares. Ou como diz Humboldt: “[...] A grande altura a que se elevam as terras junto ao equador, dá aos habitantes dos trópicos o curioso espetáculo de plantas cujas formas são as mesmas das plantas da Europa [...]”.<sup>526</sup> Daí pensarmos que essa variável contribui na inscrição das formas vegetais sobre a superfície terrestre por meio da ligação de si com outras formas naturais de base inorgânica (rios, montanhas, planícies) que, igualmente, fazem variar a extensão e a

<sup>521</sup> Especificamente sobre a organização da planta como forma particular que se auto-organiza, conferir: (SCHELLING, 2001, p. 89) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40).

<sup>522</sup> A respeito da ideia de organização da natureza conferir a subseção “A organização da natureza” da parte da tese intitulada “A ideia de natureza”.

<sup>523</sup> Em termos de apresentação de variações espaciais de temperatura, climatologicamente falando, os dados obtidos podem ser mostrados ou por meio de linhas isotérmicas (linhas representadas num mapa e que significam a passagem pelos pontos de semelhante temperatura média anual ou mensal) que mostram a distribuição da temperatura numa área ou por meio de gráficos de radiação solar (determinados a partir do estudo geométrico da insolação, traçados a partir dos ângulos de incidência do sol em função da latitude) que mostram a variação de temperatura na escala temporal. (AYOADE, *op. cit.*, p. 52).

<sup>524</sup> Muitas das variáveis fisiográfico-climáticas encontram em instrumentos de medição um referente capaz de aludir, de maneira matemática, o fenômeno empiricamente estudado. Pode-se mencionar, p. ex., o termômetro que mede a temperatura do ar, o barômetro que mede a pressão atmosférica do ar, o altímetro que mede a altura, o pireliômetro que mede a intensidade solar, a radiação solar de raios diretos etc. (AYOADE, *op. cit.*, p. 34; p. 46).

<sup>525</sup> A partir de entendimento de moderna fitogeografia proposta por Carlos T. Rizzini, quando fala de fatores fisiográficos, deixa-nos observar que a altura (elevação do solo) desempenha um papel interativo à dinâmica das formas das plantas, pois se integra ao clima agindo no local. (RIZZINI, *op. cit.*, p. 82-83).

<sup>526</sup> HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 33. No original em alemão, o trecho situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 30-31).

uniformidade da distribuição da cobertura vegetal.<sup>527</sup> Toda uma base inorgânico-orgânica, aí, é atravessada por esse conteúdo elementar altitudinal cujas alterações de algumas plantas a ele estão condicionadas. Exemplos dessa influência da altitude sobre as plantas giram em torno da analogia das formas nos Andes e em países europeus, como nos permite ler Humboldt: “Nesta região temperada das *quinquinas*, e mais acima em direção à *escalônia*, erguem-se carvalhos, abetos, *berberis*, *alnus*, *rubus* e uma série de gêneros que acreditávamos pertencer apenas aos países do Norte [...]”.<sup>528</sup> Os elementos de ordem climática (temperatura, vento) aderentes à elevação do solo (de ordem fisiográfica) ofertam como resultante uma gama variada das formas vegetais (em sua série de gêneros, p. ex.) que oscilam em consequência da interação entre tais processos (fisiográfico-climáticos). A partir da *Fisionomia das Plantas*, e compreendendo de Humboldt, assim, afiguram-se nas regiões equinociais algumas plantas (em alusão às samambaias por parte do naturalista) que preferem clima relativamente temperado, pois o abaixamento da temperatura ocasionada tem, por elevação do solo, uma maior consequência que afeta a dinâmica das formas vegetais.<sup>529</sup> Em paralelismo a uma interpretação da *Geografia das Plantas*, essa dinâmica de interação de processos faz-nos pensar que o quadro daquelas regiões equinociais propicia uma visão analógico-sintética do conhecimento das formas orgânicas que variam em relação ao aspecto altitudinal.<sup>530</sup>

Esse aspecto altitudinal, enquanto variável fisiográfica que incide nas formas vegetais, é valorizado mais ainda por Humboldt, quando da apresentação pictórico-científica<sup>531</sup> (a *Naturgemälde/o Tableau*) onde um dos elementos *desvendados* à apreensão intelectual-empírica da natureza é a altura com que as formas das plantas se dispõem na superfície terrestre. Na *Geografia das Plantas*, as figurações dessa variável são as mais diversas, e perpassam várias elevações do solo no tocante às influências destas ao que o naturalista

<sup>527</sup> No elo entre plantas e formas inorgânicas à variação de distribuição daquelas na natureza, Humboldt permite-nos figurá-lo de algumas maneiras: 1) assim é com a cadeia dos Andes que fazem germinar espécies de plantas específicas (*Brathis juniperina*, *Escalloia myrtilloides*); 2) bem como assim é com as planícies que separam o rio Amazonas do rio Chinchipe de onde se encontram espécies de *bougainvillea*, *godoya* e *Croton argenteum*; 3) e ainda com as savanas do rio Orinoco, onde certas palmas crescem; 4) e, por último, com o reino de Nova Granada (cujos correspondentes modernos são: Panamá, Colômbia, Equador e Venezuela) em que a *bambusa* e a *heliconia* se encontram em faixas uniformes de terras. (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 19) (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 9).

<sup>528</sup> HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 34. No original em alemão, o texto situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 31).

<sup>529</sup> HUMBOLDT. *Quadros da natureza, Fisionomia das plantas*, 1965, p. 296. No original, a passagem situa-se em: HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 36.

<sup>530</sup> Referimo-nos ao comentário de Sylvie Romanowski, quando ela expõe sua visão geral de alguns aspectos sobre a *Geografia das Plantas*, incluindo a observação de que os conhecimentos apresentados no “*Tableau/Naturgemälde*” são conformes em como os fenômenos sobre as regiões equinociais variam em relação à altura. (ROMANOWSKI, *op. cit.*, p. 158-159).

<sup>531</sup> A exposição pictórico-científica das variáveis fisiográficas (altura, declive) e climáticas (clima, temperatura) em sua interação com a vegetação será desenvolvido na terceira seção.

alemão deixará entender como zonas ou escalas de vegetação – da distribuição das plantas em raios de altimetrias diferentes.<sup>532</sup> No bojo desse entendimento, e admitindo a elevação (ou declive) do solo como expressão fisiográfica da inorganicidade-organicidade da terra<sup>533</sup>, apresentar o enlace ideal-real da altura (bem como da declividade), em conformidade com a interação nas mudanças das formas vegetais, tem na pista schellinguiana de interação da planta com processos físico-químicos (oxigênio, fluido elétrico, respiração) outra maneira de entender a inscrição delas (das formas vegetais) na natureza. A altura, ao incidir na magnitude de trocas desses processos, faz, sob radiação solar mais intensa em lugares de elevada altitude, a temperatura interferir, também, no dinamismo fisiológico das plantas.<sup>534</sup> Todos esses movimentos só ocorrem, por diálogo à acepção schellinguiana de natureza, porque as plantas já estão previamente organizadas<sup>535</sup> e inscrevem-se de maneiras posicionalmente diferentes nos lugares cujas trocas físico-químicas entre gases (nitrogênio, oxigênio, gás carbônico etc.) e vapor d’água, p. ex, são elementos participativos às dinâmicas das formas das plantas que, com maior ou com menor intensidade, impulsionam vida a elas.

Sobre a localização, enquanto elemento que atua nas formas vegetais, Humboldt nos diz que “[...] a posição dos lugares e sua altura influenciam todos os fenômenos das regiões que visitei [...]”.<sup>536</sup> Como uma terceira variável de interação à inscrição das formas das

<sup>532</sup> Na introdução de Charles Minguet e Jean-Paul Duviols para a 2ª edição em espanhol, datada de 2016 (1ª edição em espanhol datada de 1997), da *Geografía das Plantas (Ensayo sobre la Geografía de las Plantas. Acompañado de un cuadro físico de las regiones equinocciales, 2016)*, as zonas ou escalas de vegetação são dispostas em vários níveis altimétricos (em várias medidas) onde específicas formas de plantas tropicais, aí, se distribuiriam. Dos exemplos citados pelos comentadores, dispomos: 1) do nível do mar a 1.000 metros, corresponderiam às altitudes das fomas vegetais de palmeiras e de pisang; 2) de 1.000 m a 2.500 m, referente às altitudes de climas temperados, encontrar-se-iam, aí, a quinquina (chinchona); 3) de 2.500 m a 2.800 m, referente às altitudes de *weinmannia* e das *barnadesias*; 4) de 2.800 m a 3.300 m, referente às altitudes das magnoliáceas *Wintera granadensis*; 5) De 3.300 m a 4.100 m, referente às altitudes dos *pajonales*; 6) De 4.600 m ao limite das neves eternas, referente às altitudes dos líquens. (p. 20) (Cf. MINGUET, C.; DUVIOLS, J-P. Introducción. In: HUMBOLDT, A. von. *Ensayo sobre la Geografía de las Plantas. Acompañado de un cuadro físico de las regiones equinocciales*. 2. ed. México: Siglo XXI/Universidad Autónoma de Sinaloa, 2016, p. 17-31).

<sup>533</sup> Em termos de especialidades sugestionadas pelas ciências do solo (pedologia e edafologia), a inorganicidade-organicidade da terra ganha incisivo interesse, quando o solo passa a ser estudado tanto como corpo natural (pedologia) composto por diversos fatores (clima, organismos, nutrientes, materiais de origem, relevo) quanto em seus aspectos práticos para utilização humana (edafologia).

<sup>534</sup> Carlos T. Rizzini, ao estudar fitogeograficamente fatores fisiográficos que incidem nas plantas, deixa-nos ver que a elevação do solo, associada ao clima, age de maneira local e regionalmente na variação de suas formas e estruturas. No caso em tela, estudado por Rizzini, no âmbito de declives e de elevações no planalto central do Brasil, as condições fisiográfico-climáticas (água, nutrientes no solo, temperatura) influem nas formas e estruturas, ora fazendo variar em densas coberturas vegetais, ora fazendo variar em escassas coberturas vegetais. (RIZZINI, *op. cit.*, p. 82).

<sup>535</sup> Faz-se alusão mais uma vez à planta como uma unidade particular orgânica que tem nos processos físico-químicos (respiração, oxigênio, transmissão de ar) os elementos participativos e inerentes à sua organização, constituintes próprios no movimento infinito de auto-organização das plantas. (SCHELLING, 2001, p. 89) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40).

<sup>536</sup> HUMBOLDT, 1805 [1807], p. X. No original em alemão, o texto situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. IX).

plantas na natureza, Humboldt deixa-nos compreender a posição dos lugares, a localização em si, como elemento que, em associação às duas variáveis anteriores, revela a distribuição das plantas sobre a diversidade fisiográfica (montanhas, planaltos, superfícies, vales, depressões, rios, lagos, lagunas etc.) que lhe é interposta.<sup>537</sup> Em todo percurso da *Geografia das Plantas*, esse dilema das formas vegetais interagindo com a diversidade fisiográfica do planeta é apresentado, já que o naturalista alemão, ao produzir analogias das formas vegetais da natureza, leva em conta, nos casos figurados no ensaio, as comparações (que levam à analogia e à diferenciação) entre formas de plantas existentes na América do Sul e na Europa.<sup>538</sup> Não se trata necessariamente do que em termos geográfico-descritivos poderia se supor: a definição, *strictu sensu*, da localização pelo viés da representação matemática da latitude e da longitude.<sup>539</sup> É, e permite-nos pensar o naturalista alemão, que seja possível ser agregado outro valor a essa definição. Esses dois aspectos, latitudinal e longitudinal, se conjugam à posição dos lugares para nela atuarem com o intuito de marcarem, na superfície terrestre, as distâncias substantivas ou desprezíveis que interagem nas mudanças das formas vegetais. Não apenas estática, mas dinamicamente, essa conjugação entre aspectos latitudinais e longitudinais com a localização tem, numa leitura à *Geografia das Plantas*, uma notória abrangência aos sentidos intuídos pelas outras variáveis.

As formas das plantas, nesse contexto, variam de montanhas até as planícies influenciadas pela altitude, latitude e longitude e fazendo concorrer climas em zonas tropicais e zonas temperadas às formas das plantas. As formas vegetais (como *Croton argenteum*, *bougainvillea* e *godoya*) que se fazem presentes no entorno dos rios Amazonas e do Chinchipe, bem como a *mauritia* e *kyllingia* presentes nas savanas do Orinoco, e a *bambusa* e *heliconia* nas faixas uniformes da Nova Granada (atual Colômbia e países andinos), são

<sup>537</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 15-16. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 3-4.

<sup>538</sup> Um dos exemplos de interação das formas das plantas com a localização subscreve-se assim: “[...] Algumas ficam isoladas e dispersas: na Europa estão o *solanum dulcamara*, o *lychnis dioica*, o *polygonum bistorta*, o *anthericum liliago*, a *crataegus aria*, a *weissia paludosa*, o *polytrichum piliferum*, o *fucus saccharinus*, a *clavaria pistillaris*, a *agaricus procerus*; nos trópicos, *theophrasta americana*, *lysianthus longifolius*, *cinchona*, *hevea* [...] Essas plantas associadas são mais comuns em zonas temperadas do que nos trópicos, cuja vegetação menos uniforme é, portanto, mais pitoresca [...] Na encosta oriental da Cordilheira, nos vales de Xalapa existe uma vasta floresta de liquibamdares: o solo, a vegetação e o clima assumem o caráter de regiões temperadas; uma circunstância que em nenhum lugar é observada na mesma altura na América do Sul [...]” (tradução nossa) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 15-16.). No original em alemão, o texto situa-se em (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 3-4).

<sup>539</sup> Em termos de geografia descritiva, a localização seria convertida em lugar no qual algo, alguém, alguma coisa está situado. Matematicamente é determinada por dois eixos simbólicos (linha do Equador e o meridiano de Greenwich) em relação ao globo terrestre. De convenção matemática, ainda, do eixo da linha do Equador mede-se a latitude (variando entre 0° a 90°, seja para norte ou para sul) e do eixo do meridiano de Greenwich mede-se a longitude (variando de 0° a 180°, seja para leste ou para oeste). Em termos gerais, é um ponto de partida, e não um fim em si, ao entendimento situacional dos seres nos lugares.

exemplos de associações de formas vegetais que variam de maneira abrangente, de acordo com a posição na sua interação com o clima e a altura.<sup>540</sup> Essa abrangência que se faz notar, quando se intui os sentidos de aclimação e de adaptação assumidos pelas formas das plantas<sup>541 542</sup>, que, quando tomados como situações inerentes à posição das plantas nos lugares, impactam nas dinâmicas de sua distribuição. É isso que, em certa medida, mais tarde em *Fisionomia das Plantas*, Humboldt faz-nos compreender que o estudo das formas vegetais interagindo latitudinal e longitudinalmente com os lugares, e a temperatura a esses aspectos subordinados, concorre para que as fisionomias de seres orgânicos como as plantas sejam assumidas, aclimatadas e adaptadas na particularidade, pela natureza como *todo*.<sup>543</sup>

A pressuposição de níveis de adaptação requerida pela forma vegetal remete à compreensão de que seu aperfeiçoamento, enquanto organização natural, ocorre por meio de interação adaptativa com os lugares, fazendo com que não só seus regimes de reprodução sejam alterados, mas os regimes de reprodução de outros produtos orgânicos também sejam alterados. A partir daí, como nos deixa ler Humboldt a respeito dessa interação, o estágio primevo de interação entre os produtos orgânicos “é modificado em toda parte pela natureza do clima e do solo em que habitam”.<sup>544</sup> Ao que, no tocante especificamente à interação das formas vegetais com o ambiente, ele deixa-nos pontuar, ainda, o quanto a espessura vegetativa de certos lugares (a espessura das matas das regiões equinociais entre o Orinoco e o Amazonas, p. ex.)<sup>545</sup> exige níveis de adaptação dos que ali vivem para se manterem reproduzindo. O naturalista alemão, privilegiando a analogia das formas, dá a ver como, em

---

<sup>540</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 19. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 9.

<sup>541</sup> Depreendo de estudo sobre a fisiologia das plantas feito por Lincoln Taiz *et al.*, tanto a aclimação quanto a adaptação mudam a morfologia e a fisiologia das plantas em lapsos temporais diversos. Uma mudança não permanente na fisiologia ou morfologia da planta é representada pela aclimação da planta ao ambiente. Mudanças que impactam gerações de populações vegetais, ocasionadas por seletividade ambiental, representam a adaptação da planta ao ambiente. (Cf. TAIZ, L. *et al. Fisiologia e desenvolvimento vegetal*. Tradução de Alexandra Antunes Mastroberti. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017, p. 733).

<sup>542</sup> Em termos de historicidade, os comentadores Sylvie Romanowski e Stephen T. Jackson permitem-nos ler que Humboldt, através de suas viagens, inspirou Charles Darwin a aprofundar, e sistematizar, anos mais tarde os estudos sobre uma compreensão adaptativa dos organismos da natureza, conformando depois a sua famosa teoria da evolução. (ROMANOWSKI, *op. cit.*, p. 184) (JACKSON, *op. cit.*, p. 2).

<sup>543</sup> Esse entendimento é derivado a partir das passagens de *Fisionomia das Plantas* sobre as dezesseis formas vegetais (dentre elas palmeiras, bananeiras, *malváceas*, orquídeas etc.) observadas por Humboldt durante suas viagens aos dois hemisférios (faz-se alusão desde suas investigações nas minas de Freiberg, nos anos iniciais da década de 1790, às expedições pela América do Sul e pelos Estados Unidos, em companhia de Aimé Bonpland, entre 1799-1804; e, por último, ainda, alusão às suas viagens científicas à França, à Itália e ao interior da Alemanha, em companhia de Gay-Lussac, entre os anos de 1804-1805), quando coloca acento justamente nos aspectos latitudinais e longitudinais que influenciam no desenvolvimento adaptativo dos produtos orgânicos na natureza. (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 22-39).

<sup>544</sup> HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 25. No original em alemão, o texto situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 17).

<sup>545</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 24. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 16-17.

intercâmbios com outros produtos orgânicos (os seres humanos que utilizam algumas plantas para a jardinagem e agricultura, p. ex.),<sup>546</sup> a organização da vida das plantas é permanentemente alterada, a fim de continuar o processo de organização da natureza em formas vegetais específicas. Na figuração humboldtiana em *Geografia das Plantas*, as plantas de *jatropha*, banana, *solanum*, *Carica papaya* e *Arum*, usadas para cultivo de subsistência, são algumas das expressões da organização particular de formas vegetais.

Essa dinâmica da organização das plantas, com a participação humana, reflete-se principalmente na distribuição de partes dos organismos das plantas pela superfície terrestre. O naturalista ao falar que “o homem muda a superfície do globo à vontade e reúne ao seu redor as plantas dos climas mais distantes”,<sup>547</sup> deixa-nos depreender todo o trânsito de distribuição de algumas plantas que acompanham povos (gregos que cultivam videiras e oliveiras, romanos que cultivam o trigo, árabes que cultivam o algodão, toltecas que cultivam o milho, curdos que cultivam romãs e cerejeiras etc.)<sup>548</sup> e que se conforma na expressão contínua da organização das formas vegetais em diversas partes do planeta. Em *Geografia das Plantas*, está sinteticamente exposta essa dinâmica da natureza relacional entre determinações individuais – planta e homem – na conformação da natureza como um *todo*. Aí cabe tudo: o cuidar das plantas por parte de povos originários da sul-américa, a jardinagem e a agricultura como usos metamorfoseados da vegetação, as culturas agrícolas que transformam a natureza. De como as plantas interagem com os seres humanos e de como estes as transportaram pelos séculos adentro, o naturalista alemão deixa-nos compreender o elo ineliminável da constituição de ambos, enquanto formas orgânicas (seus produtos) que inexistem sem o *todo* da natureza e, esta, que, por sua vez, não se efetiva enquanto produtividade sem elas.<sup>549</sup> A participação efetiva do homem no transporte de plantas de um lugar a outro se faz notar, igualmente, no regime da distribuição das formas vegetais que as fazem interagirem intensamente com a sua presença, exigindo graus diversos de adaptabilidade daquelas formas em face dessa presença, quando não há uma subsunção de uma planta *nativa* pelo cultivo de

---

<sup>546</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 25. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 17.

<sup>547</sup> No original em francês: “[...] L’homme change à son gré la surface du globe, et rassemble autour de lui les plantes des climats les plus éloignés [...]” (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 27). No original em alemão, o texto equivalente situa em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 19).

<sup>548</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 25. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 17.

<sup>549</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 25-26. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 17-18.

uma planta *deslocada*, em que a agricultura já seria, aí, uma forma assumida pela natureza em dinâmica criativa produzida pelo ser humano.<sup>550</sup>

No entanto, é a luz, expressa como incidência de luz solar, que conduz ao processo interativo total das formas das plantas com o ambiente. Se extrapolarmos essa sentença a partir de uma pista schellinguiana, compreenderemos que a luz se integra às formas vegetais, atravessando-as em todas as direções e dando-lhes qualidades distintas com as quais os processos fisiográfico-climáticos as impulsionarão.<sup>551</sup> Em termos de filosofia da natureza, a luz se dispõe a ser a potência que atravessa os corpos materiais (para nós, nesse momento, as formas vegetais) em todas as direções, qualificando-os de diversas maneiras através de processos magnéticos, elétricos e químicos, permitindo-nos pensar que são processos que contêm e estão contidos nos processos fisiográfico-climáticos.<sup>552</sup> Pensemos um pouco com Humboldt, pois, numa interação mais abrangente, a luz enfeixa as demais variáveis de interação (clima, altura, localização) para direcionar as funções vitais das plantas em termos morfológicos e fisiológicos,<sup>553 554</sup> uma vez que, observa o naturalista alemão: “[...] É impressionante a influência da luz solar nas funções vitais das plantas, na respiração, na cor e na fixação do nitrogênio nas féculas [...]”.<sup>555 556</sup> O referente imediato a essa influência da luz solar sobre as plantas tem no processo fotossintético a sua própria razão de ser,<sup>557</sup> ou seja, o

<sup>550</sup> Tópica, rapidamente observada por Humboldt e cuja presença humana favorece o domínio das plantas introduzidas pelo cultivo sobre as plantas nativas, mostra o quanto estas últimas são comprimidas a espaços diminutos à sua mobilidade [crescimento, reprodução]. Na *Geografia das Plantas*, essa tópica se subscreve assim: “[...] O homem, favorecendo plantas recém-introduzidas pelo cultivo, as fez dominar as plantas nativas [...]”. (tradução nossa). Nos originais, texto situa-se em: (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 28) (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 21).

<sup>551</sup> Especificamente sobre a potência luz e demais potências (matéria e organismo), conferir a subseção “As potências da natureza” da parte da tese intitulada “A ideia de natureza”.

<sup>552</sup> Relembremos com Schelling que, sendo uma das três potências da natureza, a luz remete qualidades aos corpos na singularidade para construir a matéria. Conferir também as notas de rodapé 240, 241 e 242.

<sup>553</sup> Há a figuração em torno da forma assumida por determinadas plantas alpinas na cordilheira dos Andes que, por incidência da luz solar, assumem um “caráter resinoso e aromático” (*caractere résineux et aromatique/zu ihrem resinösen und aromatischen Charakter beitrage*) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 105) (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 123).

<sup>554</sup> No original em alemão, a aproximação é explícita com Schelling, ao citar experiências deste sobre a influência da luz solar sobre os organismos, e, a partir daí, sugestionando Humboldt que, p. ex., calor e luz se *enlaçam*, como dois estados diferentes, para influenciar a dinâmica dos organismos. No original em alemão da *Geografia das Plantas*, tem-se a referência em nota de rodapé às *Ideias* de Schelling. (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 123).

<sup>555</sup> HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 105. No original em alemão, o texto situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 122-123).

<sup>556</sup> Contemporaneamente, em termos de sistemáticos estudos fisiológicos das plantas por Lincoln Taiz *et al.*, verifica-se o quanto os sinais da luz solar regulam diversos processos do desenvolvimento das plantas: desde germinação de sementes ao desenvolvimento de frutos, passando por respostas sensoriais de seus organismos à entrada de gás carbônico nas folhas, indo até pigmentos fotossintetizantes que são percebidos como cores. (TAIZ *et al.*, *op. cit.*, p. 447-448).

<sup>557</sup> Observa-se, aí, desde os primeiros estudos de Humboldt e da botânica clássica, que o processo fotossintético ocorrido com as plantas é necessário à reprodução das mesmas e, dado o metabolismo de tal fonte de energia solar em forma química, torna-se disponível (e indispensável) à vida dos seres humanos. Em termos de biologia

acúmulo de energia por parte das formas vegetais, via síntese por luz<sup>558</sup>, é vital para continuarem se distribuindo sobre a superfície terrestre e, por consequência, se reproduzindo à manutenção da auto-organização. As figurações dessa dinâmica de distribuição e de reprodução em diferentes lugares do planeta, Humboldt nos dar a ver, quando menciona que as plantas criptógramas (como *Dicranum scoparium*, *Polytrichum commune*, *Verrucaria sanguinea* e *Verrucaria limitata*), assumem os seus germes, pensados sob variações de luz solar, como importantes formas que a natureza desenvolve espontaneamente em diversos climas e lugares ao longo dos hemisférios.<sup>559</sup> <sup>560</sup> Aí, a determinação da luz cumpre o seu papel, toca os organismos, preenchendo-os com matéria viva onde quer que estes estejam.

A incidência de luz solar, interagindo com os organismos, faz com que cada forma particular ganhe em variedade. Toma-se como central, nesse sentido, a radiação solar interagindo nos lugares para animar as plantas. Com posição específica e calor vivificante, figurados em *Fisionomia das Plantas*, a variedade das formas vegetais poderá ser maior ou menor, por supostamente, à luz, aí incidindo, qualificar a força vital inerente às plantas, como organismos particulares, e à própria natureza, como organismo universal.<sup>561</sup> <sup>562</sup> O naturalista

vegetal, Peter Raven, Ray Evert e Susan Eichhorn falam de tal processo assim: “[...] Quando uma partícula de luz excita uma molécula de clorofila, um de seus elétrons absorve esta energia e é lançado para um nível energético mais elevado. Este elétron excitado é então transferido para uma molécula aceptora, iniciando um fluxo de elétrons que, em uma fração de segundo, converte a energia momentaneamente ganha pelo elétron em energia química, quando este elétron retorna ao seu estado fundamental. Este processo é conhecido como fotossíntese. Uma vez que a luz é convertida na forma química, ela se torna disponível como fonte de energia a todos os seres humanos [...]” (Cf. RAVEN, P.; EVERT, R.; EICHHORN, S. *Biologia vegetal*. 5. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 1996. p. 1.). Entendendo como uma leitura filosófica à questão, Márcia Gonçalves nos diz: “[...] Na verdade, essa síntese [entre matéria e luz] que vai além da síntese pode e deve ser compreendida como a fotossíntese, pois, sob a perspectiva da constituição dos processos químicos, é nessa terceira dimensão [do organismo, princípio da natureza] que surge o oxigênio como resultado da síntese promovida na unidade entre matéria e luz ou entre gravidade e luz [...]” (GONÇALVES, 2010. p. 25).

<sup>558</sup> Assim, deixa-nos inferir Lincoln Taiz, quando informa-nos que a “síntese utilizando luz” (fotossíntese) é típica de organismos fotossintetizantes como as plantas que convertem energia solar em energia química para manutenção de sua reprodução. (TAIZ *et al.*, *op. cit.*, p. 172).

<sup>559</sup> Essa figuração cuja interação total dos elementos participa ativamente nas formas das plantas escreve-se assim: “[...] Se ousasse tirar conclusões gerais dos fenômenos que observei nos dois hemisférios, os germes dos criptógramas me pareceriam os únicos que a natureza desenvolve espontaneamente em todos os climas. O *dicranum scoparium* e o *polytrichum commune*, a *verrucaria sanguinea* e a *verrucaria limitata* de Scopoli, vêm em todas as latitudes, na Europa como sob o equador, e, não apenas nas cadeias das montanhas mais altas, mas até ao nível do mar, onde houver sombra e umidade [...]” (tradução nossa) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 20). No original em alemão, o texto situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 10-11).

<sup>560</sup> Em *Geografia das Plantas*, Humboldt fala das plantas fanerogâmicas que, em termos de biologia vegetal, são aquelas que possuem órgãos de reprodução visíveis (gametas) e produzem flores e sementes, sendo o seu contrário – plantas que não produzem flores e sementes – plantas criptógamas. (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 21) (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 10-11).

<sup>561</sup> Humboldt, na *Fisionomia das Plantas*, permite-nos inferir que quanto mais próximo à linha do Equador as formas vegetais, mais o calor age intensamente no seu desenvolvimento. Lemos assim: “[...] O homem, que sabe abraçar a natureza num só olhar e fazer abstração dos fenômenos particulares, reconhece como, à medida que o calor vivificante aumenta, se desenvolvem gradualmente, dos polos ao equador, a força orgânica e a potência vital [...]” (HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 283). No original, o texto

alemão põe-nos diante da variedade das formas das plantas que ganham traços específicos a cada desenvolvimento geral do organismo da natureza que, por sua vez, tem, de maneiras anômalas e magnitudes diferentes, infinitamente os tipos de formas ligados à reprodução das plantas. E realçando a importância dessa interação entre o organismo e os produtos orgânicos (inclusive as plantas) à sua volta, ele diz: “[...] o organismo, em virtude de um poder primordial, submete todos os seres animados e todas as plantas a tipos definidos que se reproduzem eternamente [...]”.<sup>563</sup> A mediação que nos permite fazer Humboldt é de que as partes que compõem o organismo em geral, geograficamente falando, desenvolvem-se dos polos ao Equador. Deixa-nos apontar, então, que a maior intensidade de luz, partindo desse movimento, para fazer variar em beleza as plantas, rege a variabilidade de reprodução (tanto quanto de distribuição) dessas formas da natureza, dizendo-nos o quão as mesmas dependem da posição, do clima e da altura do lugar, quando a incidência daquela luz se fará vivaz. Assim, em certos lugares, mais que em outros, a variedade das formas de plantas será maior. O que, outrossim, tal dinâmica nos faz pensar que as analogias das formas particulares de natureza (das plantas, propriamente ditas) estão intrinsecamente ligadas à radiação solar que diz do seu maior dinamismo (ou não) na superfície terrestre e que dá caracteres particularmente diferentes às formas das plantas a cada ponto do planeta.

Por trás desse conjunto de formas naturais que dão traços superficiais à própria natureza – assumidas, aí, as fisiografias diferenciadas em cada pedaço do globo terrestre – há toda uma dinâmica da natureza que engendra tal conjunto de formas. Esse conjunto de formas naturais perpassa desde a compreensão de fatores de ordem geológica (processos cristalográficos e mineralógicos de origem que fazem a natureza passar por infinitas reconfigurações em sua base inorgânica), passando por fatores de ordem biótica (de interação entre produtos orgânicos – animais, vegetais – e a natureza para a sua transformação), e indo até fatores humanos (num processo de metabolismo orgânico mais intelectual com a natureza). Todos esses fatores, com maior ou menor intensidade, são copartícipes na variação, no âmbito do particular, de outras formas naturais: as formas das plantas, algumas delas. A associação de grupos de plantas da mesma espécie (*Erica vulgaris*, *Erica tetralix*, *Lichen icmadophila* e *Lichen hæmatomma*, p. ex.), para o seu domínio sobre outros grupos, se

---

situa-se em: (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 15-16).

<sup>562</sup> O adendo ao final dessa oração conforma-se àquele sentido schellinguino dado à luz em ser um qualificativo que impulsiona a força vital da matéria, fazendo progredir, juntas, o sistema da natureza como um todo à sua organização mais geral. (SCHELLING, 2001, p. 103) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 49). Cf. nota de rodapé 235.

<sup>563</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 283. HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 16.

fazendo perceber à medida do clima, da altura e da localização, por incidência da luz solar, é uma figuração da qual Humboldt nos permite entender o quanto a síntese de interações de diversos organismos (aqui, colocando particular acento nos animais e nos seres humanos) podem interferir no dinamismo das formas das plantas.<sup>564</sup>

#### 4.2 Fisionomia da natureza<sup>565</sup>

No âmbito das analogias das formas das plantas, caberá ao estudo fisionômico dos traços dar o estofamento situacional a tais formas para realização de sua apresentação, enquanto produtos orgânicos particulares da natureza. Afinal, a partir da *Fisionomia das Plantas*, Humboldt fala que as “[...] formas vegetais servem, sobretudo, para determinar a fisionomia da natureza [...]”.<sup>566</sup> Os contornos da matéria, sua configuração, a aparência externa das formas da natureza – as orgânicas algumas delas – são, portanto, uma parte da apresentação mais geral da natureza. Pensando junto com o naturalista alemão, as formas da natureza – em particular as formas das plantas (*Pflanzenformen*) – são convocadas para determinar a “fisionomia da natureza” (*Naturphysiognomie*),<sup>567</sup> seja no aspecto geral da natureza como um *todo*, ou no aspecto particular, como “fisionomia das plantas” (*Physiognomie der Pflanzen*).<sup>568</sup> Humboldt permite-nos fazer essa derivação, quando contrapõe a importância de se compreender a fisionomia da natureza para reger o que descritivamente foi compreendido

---

<sup>564</sup> Essa questão é mencionada da seguinte maneira: “[...] Essa associação da *Erica vulgaris*, da *Erica tetralix*, do *Lichen icmadophila* e *hematomma*, espalham-se do extremo norte da Jutlândia, passando por Holstein e Lüneburg, até 52° de latitude. De lá, eles vão para o oeste, pelas areias graníticas de Munster e Breda, até as costas do oceano [...]” (tradução nossa) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 17-18). No original em alemão, o texto situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 7).

<sup>565</sup> A fisionomia da natureza especificamente analisada por Humboldt, principalmente a partir da *Fisionomia das Plantas*, em variantes no original, é a fisionomia das plantas (*Physiognomie der Pflanzen*).

<sup>566</sup> Na *Fisionomia das Plantas*, em caso figurativo à descrição física do planeta Terra, Humboldt fala-nos de dezesseis formas vegetais que serviriam para determinar a fisionomia da natureza. São elas: palmeiras, bananeiras, malváceas, mimosas, brejos, cactos, orquídeas, causuarinas, coníferas, aloés, gramíneas, getos, líliáceas, aroídeas, salgueiros, mirtáceas. (HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 287) (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomie der Gewächse*, p. 22-23).

<sup>567</sup> É um dos termos usados por Humboldt à análise da fisionomia das formas dos produtos orgânicos e inorgânicos. Primeira ocorrência no original situada em: (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomie der Gewächse*, 1849, p. 16).

<sup>568</sup> Termo tirado de várias passagens de *Fisionomia das Plantas* (HUMBOLDT, *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomie der Gewächse*, 1849, p. 22). No âmbito de variantes em alemão, citamos também: *Physiognomie der Gewächse* (HUMBOLDT, *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomie der Gewächse*, 1849, p. 22), *Physiognomie der Vegetation* (HUMBOLDT, *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomie der Gewächse*, p. 22), *Physiognomie der Natur* (HUMBOLDT, *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomie der Gewächse*, p. 23).

pela botânica e pela zoologia: a divisão em grupos dos animais e das plantas. E, portanto, com e para além dessas disciplinas, saber que “[...] existe uma fisionomia natural que pertence exclusivamente a cada região da terra [...]”.<sup>569</sup> Eis, então, que as formas são convocadas para participar dos traços fisionômicos animados a partir daquela aparência externa e cujo élan é tecido pelo espírito e pela matéria. A fisionomia da natureza, assim, é uma das principais preocupações de Humboldt.

O curso da natureza (*Naturlauf*), criado em consciência por nós, tem nos traços fisionômicos um momento importante para sua apresentação. Não *strictu sensu* como arte de julgar o interior de algo, tomando o seu exterior<sup>570</sup> e, menos ainda, a expressão facial tomada como evidência de caráter<sup>571</sup>, mas a fisionomia<sup>572</sup> enquanto fisionomia da natureza revela para nós os traços ocorridos no âmbito de relação mútua entre sucessão e fenômeno em que estes se mostram como apresentação da natureza organizada em permanente devir.<sup>573</sup> Sentido, este, advindo das ideias schellinguianas sobre a inseparabilidade de sucessão e fenômeno e a inseparabilidade de forma e matéria, evidências ideais-reais de uma natureza que se organiza infinitamente.<sup>574</sup> Assim, como fundamento mais importante para o estudo dos “seres organizados” (*organischen Geschöpfe*) no âmbito da descrição da natureza<sup>575</sup>, a fisionomia natural contém e é contida pelos contornos das formas de tais seres, cuja matéria e espírito lhes enfeixam traços e gestos que mudam espaço-temporalmente. Ao que reportamos, aqui, a uma pista schellinguiana, de que, para conformação do curso da natureza, convoca-se a

---

<sup>569</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 283-284. HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 16.

<sup>570</sup> Na *Antropologia* de Kant, a fisionomia, circunscrita no âmbito de certa filosofia moral, refere-se à arte de julgar pelos traços visíveis de uma pessoa (pelo exterior), a sua índole sensível, a sua índole moral (o interior). (Cf. KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Tradução de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 191).

<sup>571</sup> Ressituando benjaminianamente Johann Caspar Lavater (1741-1801), fundador da fisionomia moderna (em *Fragmentos Fisiognômicos para o Fomento do Conhecimento e do Amor entre os Homens, 1775-1778*, 4 volumes), Wille Bolle, em citação direta a ele, deixa-nos ler o quanto para Lavater seria possível saber do caráter humano a partir dos seus traços exteriores (em especial, as expressões faciais). (Cf. BOLLE, W. *Fisiognomia da metrópole moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2000, p. 40-41). Aderente ao apontado nesta nota e na anterior, quer-se suspender o jugo moral que possa prescrever (subsistir) em ambas as acepções (kantiana e lavateriana).

<sup>572</sup> Ao termo *fisionomia* propriamente dito, portanto, aproximamo-nos parcialmente da leitura kantiana (esta, de cunho antropológico) cujo interior das formas é decifrado pelos seus traços fisionômicos. (KANT, 2006, p. 191).

<sup>573</sup> Sendo reciprocamente necessários, como deixa-nos entender Schelling, sucessão e fenômeno se evidenciam inseparáveis para apresentação da forma e da matéria dos produtos naturais (os orgânicos, principalmente), em termos de idealidade-objetividade, pois a natureza organiza a si mesma infinitamente, subsumindo, na particularidade, todos os produtos naturais. (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 30) (SCHELLING, 2001, p. 71). (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40-41) (SCHELLING, 2001, p. 89).

<sup>574</sup> Conferir sobre a inseparabilidade da sucessão e do fenômeno na subseção “A natureza com um *todo*” da parte da tese intitulada “A ideia de natureza”.

<sup>575</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 1.

relação mútua entre sucessão e fenômeno<sup>576</sup>, cuja apresentação dos traços fisionômicos, aqui para nós, ocorre no percurso dessa relação. Ao que cabe aqui pensarmos, atravessando a ciência humboldtiana, que as mudanças dos traços das plantas em conformação a elementos da natureza (como água, ar, luz) que se tornam reais ao espírito, só são possíveis, pois seus fundamentos estão, ao mesmo tempo, *em* nós (idealmente falando) e *fora* de nós (realisticamente apresentados), quando tais mudanças são decifradas intelectualmente a partir de *nós* mesmos.<sup>577</sup> Aqui, se sabe inicialmente perguntar: Como expressão continuadora do entendimento da distribuição das formas orgânicas sobre a superfície terrestre, o que nos revelam a fisionomia da natureza nessa relação?

Essa pergunta se soma às perguntas pontuais ao final do ensaio sobre a geografia das plantas, quando Humboldt deixá-nos ler, no geral, que as questões que o físico empírico deveria se ocupar vão desde os caracteres conformadores das formas vegetais, que passam pela distinção fisionômica em determinados lugares, indo até o âmbito da associação que as aproximam. Essas questões são aludidas, assim, pelo naturalista:

Qual é o caráter da vegetação dos trópicos? Que diferença de fisionomia distingue as plantas da África das do novo continente? Que analogia une as plantas alpinas dos Andes às dos altos picos dos Pirineus? São questões que até hoje não foram suscitadas e que, sem dúvida, merecem ocupar o físico.<sup>578</sup>

Sabe-se, a princípio, que, em termos de mediações schellinguianas, na relação de sucessão e fenômeno, a fisionomia, pressupondo ser o aspecto apresentacional dessa relação ocorrida relativamente *fora* de nós, é efetivada *em* nós, no espírito<sup>579</sup>, permitindo-nos ao acesso ideal-real à natureza. Sabe-se, também, com a ciência humboldtiana, que a dinâmica dos traços dos seres organizados dá continuidade à investigação sobre o conhecimento da

---

<sup>576</sup> Conferir nota de rodapé 138, a respeito da sucessão e fenômeno serem reciprocamente necessários à decifração de como o curso da natureza se torna real para o espírito.

<sup>577</sup> Faz-se uma mediação à luz da filosofia da natureza schellinguiana de que todas as representações de um mundo exterior e um mundo interior só ocorrem mediante a intuição intelectual: elo fundamental de conexão do espírito com a natureza. Cf. nota de rodapé 152.

<sup>578</sup> No original em francês: “[...] En quoi consiste le caractère de la végétation des tropiques? Quelle différence de physionomie distingue les plantes de l’Afrique de celles du nouveau continent? Quelle analogie de formes unit les végétaux alpins des Andes à ceux des hautes cimes des Pyrénées? Voilà des questions peu agitées jusqu’à ce jour et qui sont dignes sans doute d’occuper le physicien [...]” (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 30-31). No original em alemão, o texto situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 24).

<sup>579</sup> Schelling fala-nos que, na unidade entre sucessão e fenômeno, o mais importante não é saber como a sucessão de fenômenos (para representação) ocorre fora de nós, mas o mais importante é saber como essa sucessão de fenômenos é representada por nós enquanto tal. (SCHELLING, 2001, p. 73) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 31). Deixá-nos pensar o filósofo alemão que, como elos necessários da conexão do espírito com a natureza, o fundamento da inseparabilidade entre sucessão e fenômeno à representação das coisas do mundo tem que ser buscado na unidade, pelo espírito, entre o *fora* de nós e o *em* nós. Unidade esta, no atual ponto para nós, intelectual-empírica e cuja síntese apresentacional é fisionômica. Cf. nota de rodapé 133.

natureza. Em Humboldt, mais uma vez, esse dinamismo dos traços fisionômicos tem na cobertura vegetal um princípio revelador da apresentação da natureza na sua *forma* universal, enquanto fisionomia da natureza; e na sua *forma* particular, enquanto fisionomia das plantas.<sup>580</sup> O que é apresentado ao fim da *Geografia das Plantas* como perguntas pontuais, em *Fisionomia das Plantas* Humboldt é respondido de maneira analógico-sintética de como as fisionomias das naturezas vão se alterando ao passo que dinâmicas de elementos naturais (como água, ar e luz) vão interagindo para mudá-las. Essa apresentação da natureza na sua *forma* particular resulta da aparência assumida na dinâmica das formas que lhes impulsionam a vida.<sup>581</sup> Daí o porquê de serem convocadas as formas das plantas para atuarem na fisionomia das plantas.

Tanto na *Geografia das Plantas* quanto na *Fisionomia das Plantas*, o realce à cobertura vegetal como elemento de impressão (dos traços, dos gestos) dos lugares, em âmbito de interação com a analogia das formas, é a tônica geral das análises. Seja para agrupá-las em semelhanças de traços seja para separá-las por diferenças de gestos, vice-versa, a cobertura vegetal modula a dinâmica apresentacional da natureza, querendo-nos informar ao modo schellinguiano<sup>582</sup>, aí, que a imagem *ideal* (*ideale Bild*)<sup>583</sup> da natureza tem numa das *imagens* superiores no mundo real – a planta, em termos particulares<sup>584</sup> – o meio principal de fazer aparecer-se (a imagem *ideal*) a quem as *apreende* (a imagem *decifrada* no mundo real). Para nós, a cobertura vegetal (como *particular* de um organismo *universal* que é a natureza como um *todo*) comunica – nos graus diversos de apresentação da natureza onde interagem outros elementos com ela (água, luz, p. ex.) – a fisionomia da natureza por meio da fisionomia das plantas. Assim, a fisionomia da natureza nos dá a expressão (na forma de traços e de

---

<sup>580</sup> O termo *Physiognomie der Pflanzen* (Fisionomia das Plantas), como reportamos em nota anterior, retiramos de algumas passagens de *Fisionomia das Plantas*, entendendo-o como variante, na particularidade, da *Naturphysiognomie* (Fisionomia da natureza). Ao que, sustentados por Humboldt, indicam, ambos, o estudo das expressões (traços, gestos) da natureza e, particularmente, das plantas.

<sup>581</sup> Para essa afirmação, encontramos apoio no tratado de fitogeografia de Carlos T. Rizzini, no qual, fitogeograficamente, dos três aspectos para o estudo da vegetação (fisionomia, estrutura, composição), a fisionomia deve ser entendida como a aparência que a vegetação exhibe, resultando ela do conjunto das formas de vidas presentes nas plantas. A estrutura, por sua vez, diz da ordenação das formas de vida que compõe a vegetação. E, por último, a composição indica a flora envolvida na dinâmica fisionômica e estruturante. (RIZZINI, *op. cit.*, p. 309.).

<sup>582</sup> Relembremos que, em Schelling, a matéria em si, a luz e o organismo sendo fenômenos que se expressam em potências da natureza, designam graus diferentes de “in-formação” (*Einbildung*) da natureza nos produtos naturais. (SCHELLING, 2001, p. 139) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68). Cf. notas de rodapé 195 e 197.

<sup>583</sup> Observar, ainda, que na leitura schellinguiana, a partir das *Ideias*, são *imagens* superiores no mundo real (planta, ser humano) aquelas que realizam a *imagem* ideal do organismo perfeito (a natureza organizada) e que concorrem para melhor organizá-lo (la). (SCHELLING, 2001, p. 139) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 69). Cf. notas de rodapé 303 e 307.

<sup>584</sup> Em Schelling, as *imagens* superiores no mundo real, do organismo perfeito (a natureza organizada), são expressas pelos seres orgânicos em seus graus variados de complexidade, sendo a planta e o ser humano algumas expressões particulares. Cf. nota de rodapé 305.

gestos) que as formas orgânicas vão assumindo ao longo de sua inscrição sobre a superfície terrestre.<sup>585</sup> A fisionomia da natureza revela-nos, então, o próprio organismo sendo decifrado em *imagem* superior no mundo real. A fisionomia das plantas com Humboldt, em seus traços diversos de interação com o ambiente, espelha no mundo real, particularmente, tais ideias de *imagem*.<sup>586</sup> Essa repercussão, na imagem, assim como na ideia, se realiza na unidade de espírito e natureza. Ao que, humboldtianamente falando, repercussão das formas vegetais sobre as determinações fisionômicas efetivada com o produto natural que lhe serve de referência para ser apresentado enquanto fisionomia.<sup>587</sup>

Como fisionomicamente a *imagem* (ideia) da planta se sustenta no mundo real? Sustenta-se com a participação de elementos da natureza, fundamentais para estabelecer seus traços, as impressões que temos dela, que, de maneira interativa, participam para a sua expressividade imagética. Referimo-nos à água e à luz que, pontuadas suas importâncias na *Fisionomia das Plantas*<sup>588</sup> e na *Geografia das Plantas*<sup>589</sup>, dão-nos evidências de outra relação entre formas das plantas e ambiente, agora para condicionarem as fisionomias das plantas. Estas últimas, como uma das *imagens* superiores no mundo real<sup>590</sup>, com grau variado de complexidade, *organizam* a natureza, e diz, enquanto particular desta, da riqueza vegetal dos lugares. A fisionomia das plantas, nessa análise, é a unidade apresentacional entre espírito e matéria, entre ideal e real<sup>591</sup> que traduz imgeticamente as variadas expressões da vida vegetal. A aproximação com o escrito do naturalista alemão mora aí, ao justamente vermos o

---

<sup>585</sup> Tem-se, em diálogo com Jean-Marc Besse, que depreendemos que a fisionomia é uma expressão, uma realidade inscrita no globo terrestre pela diversidade da vida orgânica (humana, vegetal e animal). (BESSE, *op. cit.*, p. 67).

<sup>586</sup> O termo imagem (*Bild*), para nós, em diálogo com umas das explicações feitas por Nicola Abbagnano, guarda íntima conotação com o termo ideia (*Idee*). O que no primeiro termo confirma-se “a origem sensível” da ideia, a mesma perde terreno para esta que, com Schelling, apresenta-se como ponto de encontro e identificação entre infinito e finito ou, por entendimento, ponto de encontro (união) entre organização da natureza que põe a si infinitamente e os objetos orgânicos enquanto expressões do finito. (ABBAGNANO, *op. cit.*, p. 610; p. 620).

<sup>587</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 287. HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, p. 22-23.

<sup>588</sup> A importância da água, p. ex., é mencionada, assim, por Humboldt: “[...] As formas orgânicas penetram no seio da terra a grandes profundidades, onde quer que as águas, espalhadas na superfície, se infiltrem através de cavidades que provêm da natureza ou têm sido abertas pelo trabalho dos homens [...]” (HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 277) (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 6).

<sup>589</sup> A importância da luz (incidência de luz solar), p. ex., assim é mencionada Humboldt: “[...] A grande transparência do ar nos trópicos significa que, mesmo na altura, a luz é mais brilhante ou menos fraca do que na Europa [...]” (tradução nossa) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 104). No original em alemão, o texto situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 122).

<sup>590</sup> Observando em termos schellinguianos que outra *imagem* superior no mundo real é o ser humano. (SCHELLING, 2001, p. 139) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 69).

<sup>591</sup> Em uma mediação de entendimento sobre a Natureza ser decifrada na unidade de espírito e matéria, de ideal e real, aludimos aqui ao comentário de Lucia Ricotta sobre idealismo e realismo em Humboldt, que, da parte deste, tem no reconhecimento de que na Natureza está presente tanto “o dado imediato do real” quanto “a consciência imediata do empírico”, *decifrados* idealmente (pela “intuição interna”). (RICOTTA, *op. cit.*, p. 88).

mosaico das formas vegetais que vão envolvendo a superfície terrestre para inteligibilidade da organização da natureza, em sua distribuição una e diversa. Una, pois a natureza vai contendo todas as formas orgânicas (inclusive, as formas vegetais) que a realizam enquanto totalidade de mundo experimentado e inteligível ao mesmo tempo. Diversa, pois estão contidas as várias determinações individuais (o mundo vegetal, uma delas) que, enquanto particulares, estão ligadas ideal-objetivamente à totalidade da natureza. Figurativamente, como nos faz pensar Humboldt<sup>592</sup>, as plantas constituem a riqueza natural de todos os habitantes – sejam dos trópicos ou das zonas temperadas – e se moverem elas mesmas a cada tempo em que poderão – já adaptadas – espontaneamente (ou por influência de outros seres) se deixarem verter em alimentos, é uma pequena alusão do quão essas formas vegetais são *imagens* que efetivam, na particularidade, a organização da natureza de diversas maneiras no real.

Em termos de mediação schellinguiana, a fisionomia das plantas não é entendida como um modo de apresentação da *imagem* da planta no mundo real que está preso a uma força mecânica que negaria esta, por sua vez, à natureza, seu elo ineliminável com o espírito.<sup>593</sup> Os modos de inteligência que contribuem para a organização da natureza<sup>594</sup> têm, nas plantas, a realização de suas fisionomias cuja medida de adaptabilidade ao ambiente só lhe é conferida devido à possibilidade das mesmas se efetivarem com modos diversos de espírito. Através do percurso de sua fisionomia, as plantas já não são níveis de inteligência desconexos do curso da natureza, mas unidos a ele como expressões de si e da própria natureza. A *imagem* da planta, aí, quer-se enquanto modo de apresentação em que a unidade de natureza e de espírito já lhe é inescapável para ser mostrada. A ciência humboldtiana das plantas estaria ligada a esse aspecto, quando planeja expor o percurso fisionômico com o qual formas vegetais enfrentam para se distribuírem de maneiras diversas na superfície terrestre, e, com modo de inteligência específico, se convertem em formas orgânicas que fazem aparecer o equilíbrio

---

<sup>592</sup> Em *Geografia das Plantas*, a distribuição das plantas sobre a superfície terrestre e sua constituição enquanto riqueza natural em todos os lugares se expressa no que podemos chamar de *encontro* sistemático das formas vegetais com a cultura humana propriamente dita (a imagem que os viajantes *produzem* sobre os lugares), e, aí, relata-se desde culturas de centeio em Creta, bem como culturas de milho localizadas às margens do Rio Negro, indo até culturas de batata em partes da Europa. Tal *encontro*, deixa-nos entender Humboldt, será exposto com maior profundidade no *Kosmos* (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 28-29) (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 22-23).

<sup>593</sup> Nas *Ideias*, Schelling mostra-nos que o “modo comum de representar” torna as representações meros produtos de uma ação exterior (sob os imperativos da força de um mecanismo), opondo sujeito ao mundo (por equivalência, opondo espírito à natureza). (SCHELLING, 2001, p. 49) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 19). (SCHELLING, 2001, p. 51) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 20). (SCHELLING, 2001, p. 79) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 35). Cf. notas de rodapé 122 e 123.

<sup>594</sup> Tomando do sistema de Schelling, admite-se (e alude-se, mais uma vez) aqui que, durante o curso da natureza, seres orgânicos com modos de inteligência (consciente ou inconsciente) que contribuem à produtividade e organização da mesma, quando não mais é tomada como pura exterioridade, mas força que põe a si própria e os produtos naturais em modos diversos de espírito inconsciente e consciente. Cf. notas de rodapé 100 e 101.

entre as demais forças naturais e os princípios de inteligibilidade que possam ser intuídas a partir delas.<sup>595</sup> Como preceito filosófico, a unidade ofertada pela fisionomia, em Humboldt, é um princípio que encaminha teoria e experiência, juntas. Daí, na própria *Geografia das Plantas*, o percurso fisionômico das plantas se fazer completo, quando elementos como água e luz são convocados para interagirem a ele.<sup>596</sup> A *imagem* (ideia) da planta no mundo real, nesse plano, ganha mais vida, então, à medida da participação de tais elementos que são, também, meios para mantê-la intelectualmente intuída.<sup>597</sup>

A água como um elemento da natureza,<sup>598</sup> que interage à expressividade imagética das plantas, revela, através das figurações humboldtianas em *Fisionomia das Plantas*, momentos decisivos para a determinação das fisionomias vegetais e, por consequência, das impressões diversas ao seu enfeixe intelectual-real.<sup>599</sup> O caráter de fluidez da água é conforme a fluidez

<sup>595</sup> Pensando à luz de Schelling, a necessidade de abandonar o modo comum de representar traz à tona o estabelecimento de outro *modo de representar*, cuja intuição intelectual exerceria o papel de moduladora do equilíbrio entre as forças da natureza e os princípios racionais que as intelectualiza, ordenados, ambos, por uma força interna que os unifica – o espírito. Cf. notas de rodapé 122 e 125.

<sup>596</sup> Esse percurso fisionômico das plantas é aludido por Humboldt, em *Geografia das Plantas*, quando o mesmo faz menção a quinze formas vegetais (no original em alemão, Humboldt menciona dezessete formas vegetais) sintetizadoras das fisionomias das plantas pelo mundo afora (o que depois, em *Fisionomia das Plantas*, e tomando o original francês como comparativo, o naturalista alemão faz o acréscimo a mais uma forma vegetal condicionadora da fisionomia da natureza) e que água, pressão atmosférica, luz, temperatura do ar são apenas alguns elementos naturais que acompanham as formas vegetais à conformação de suas expressões imagéticas. Nos originais em francês e alemão, Humboldt cita as (quinze/dezessete) formas vegetais sintetizadoras das fisionomias das plantas, são elas: “[...] 1) la forme des scitaminées (*musa, heliconia, strelitria*); 2) celle des palmiers; 3) les fougères arborescentes; 4) la forme des *arum*, des *pothos* et des *dracontium*; 5) celle des sapins (*taxus, pinus*); 6) tous les *folia acerosa*; 7) celle des tamarins (*mimosa, gleditsia, porlieria*); 8) la forme des malvacées (*sterculia, hibiscus, ochroma, cavanillesia*); 9) celle des lianes (*vitis, paullinia*); 10) celle des orchidées (*epidendrum, serapias*); 11) celle des raquettes (*cactus*); 12) celle des casuarines, les *equisetum*; 13) celle des graminées; 14) celle des mousses; 15) enfin, celle des lichens.” (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 31, colchetes nosso). “[...] 1) *Bananenform*; 2) *Palmenform*; 3) *Form der baumartigen Farrenkräuter*; 4) *Aloe-Form*; 5) *Pothosform*; 6) *Form der Nadelhölzer*; 7) *Form der Orchideen*; 8) *Mimosenform*; 9) *Malvenform*; 10) *Rebenform*; 11) *Lilienform*; 12) *Cactusform*; 13) *Casuarienform*; 14) *Gras-und Schilf-Form*; 15) *Form der Laubmoose*; 16) *Form der Blätterflechten*; 17) *Form der Hutschwämme* [...]” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 26-28, colchetes nosso).

<sup>597</sup> Em analogia a Schelling, tanto nas *Ideias* (SW, I, 2, 29) quanto na *Introdução ao Projeto* (SW, I, 3, 319), quando em observação de como o oxigênio é parte fundamental na retenção de luz e calor à atração (ou repulsão) dos corpos orgânicos, a água, que quimicamente resulta da combinação de dois volumes de hidrogênio e um volume de oxigênio (H<sub>2</sub>O), é primordial à reprodução das plantas, pois, *enlaçada* à luz (seja em dinâmica de vapor d’água, seja por refração etc), libera oxigênio necessário à respiração das plantas. Esses processos, ainda schellinguianamente falando, realizam a *imagem* da planta no mundo real *conectada* a princípios que abarcam a unidade entre idealidade e objetividade, deduzíveis do espírito. Cf. notas de rodapé 262 e 266.

<sup>598</sup> Sobre esse elemento da natureza, com Tales de Mileto, que a vê como substância material primordial (“tudo é água”), passando por Platão (*Timeu*), ao identificá-la como um dos quatro elementos essenciais da matéria (ar, fogo, água, terra) que a tudo impregna de vida, e depois por Feuerbach (*A essência do cristianismo*), que a entende como o espelho natural do homem, pondo – este – nela o que é, e chegando até Bachelard (*A água e os sonhos*), que a tem como órgão do mundo, a água é um elemento vital a toda reprodução dos seres orgânicos, impregnando desde as células desses organismos até os graus de desenvolvido para manutenção de suas vidas.

<sup>599</sup> Jean-Marc Besse, ao analisar geograficamente a questão da fisionomia da paisagem em Humboldt, deixa-nos entender que o aspecto da natureza (a sua fisionomia) não é uma mera aparência sensível, vinda do mundo do exterior, mas uma aparência da ordem intelecto-sensível, cujo problema do espectador (de quem vê a natureza) consistiria em se ajustar perceptivamente e intelectualmente à fisionomia. Com as palavras do comentador,

da própria natureza no que, como afirma o naturalista: “[...] A natureza dorme periodicamente na zona glacial, porque a fluidez é a condição da vida [...]”.<sup>600</sup> Ambas sendo fluídas, as condições da vida em geral se estabelecem e com ela fica estabelecida a vida das formas particulares (a das plantas, algumas delas). Dessa sentença, Humboldt deixa-nos compreender que o conjunto das formas vegetais são, ora mais ora menos, suscetíveis à presença da água como elemento que incide sobre a magnitude de suas fisionomias<sup>601</sup>, o que nos faz afirmar que ela é um elemento natural que conduz a *imagem* da planta, *dirigindo-a* ao seu grau *específico* de complexidade já unida à natureza organizada. Juntamente com a luz, de todos os elementos da natureza que incidem sobre a variação da densidade fisionômica das formas vegetais, a água se torna indispensável à modelação da aparência das plantas.<sup>602</sup>

Atuando na dinâmica formativa de todos os seres orgânicos (humano, vegetal, animal)<sup>603</sup>, a água age interativamente em um aspecto abrangente sobre as formas vegetais: *entramando-se* às rochas, dissolvendo nutrientes orgânicos e inorgânicos que penetram o solo e que vão nutrir os corpos das plantas, fazendo-os respirar através do oxigênio liberado no processo fotossintetizante.<sup>604 605</sup> Eis, aí, o ciclo do qual esse elemento natural participa para o delineamento dos aspectos fisionômicos das plantas, imprimindo a elas as diversas expressões

podemos derivar o enlace *real* da fisionomia da vegetação, no sentido particular, humboldtianamente falando, da seguinte maneira: “[...] Se ela [a natureza] possui uma fisionomia, é preciso compreendê-la como uma totalidade expressiva, animada por um ‘espírito interno’, do qual se pode extrair o sentido [...]”. (BESSE, *op. cit.*, p. 72).

<sup>600</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 281. HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p.12.

<sup>601</sup> Na primeira sentença, de grande suscetibilidade à presença de água, têm-se os casos das formas vegetais das palmeiras e das bananeiras, e na segunda sentença, de baixa suscetibilidade à presença de água, tem-se o caso das formas vegetais cactos. Coaduna-se essa busca de Humboldt, modernamente, em caso específico brasileiro, no que Orlando Graeff estudou sobre a determinação de fisionomias de certos domínios vegetais estarem suscetíveis à presença de quantidades arrazoadas para magnitude de sua apresentação. (GRAEFF, *op. cit.*, p. 131).

<sup>602</sup> Em termos de modernos estudos morfogenéticos sobre as plantas, Carlos Rizzini ressalta que a água potencializa as formas, as estruturas e as fisionomias de certas formas vegetais (o comentador refere-se às formações vegetais denominadas “xerofíticas” e “xeromórficas”), que, conjugada com a radiação solar, concorre com a luz advinda daí como fator dirigente da evolução das plantas. (RIZZINI, *op. cit.*, p. 230).

<sup>603</sup> Relembremos com Mohamed Larbi Bouguerra que água forma 75% do corpo humano, controlando a sua temperatura interna. (Cf. BOUGUERRA, M. L. A ciência e água: as pesquisas continuam. *In*: BOUGUERRA, M. L. *As batalhas da água: por um bem comum da humanidade*. Tradução de João Batista Kreuch. Porto: Campo das Letras, 2005, p. 59-71). E também relembremos com José Carlos Bruni que um elefante e uma espiga de milho contêm aproximadamente 70% de água. (Cf. BRUNI, J. C. A água e a vida. *Tempo Social. Rev. Sociologia*. USP, 5 {1-2}: p. 53-65, 1993). Em todos esses seres orgânicos, a água contribui para dissolver e transportar nutrientes, distribuindo-os em todas as partes dos organismos (humano, vegetal, animal), abastecendo todo sistema vital à manutenção de suas vidas. (BOUGUERRA, *op. cit.*, p. 63) (BRUNI, *op. cit.*, p. 55).

<sup>604</sup> Em análise sobre o atual entendimento científico em torno da água, Mohamed Larbi Bouguerra deixa-nos entender a propensão desse elemento em permitir a vida, pois, agregando para si fenômenos químicos e físico-químicos, transita em todos os seres (orgânicos e inorgânicos): rochas, oceanos, rios, plantas, corpo humano, animais etc. (BOUGUERRA, *op. cit.*, p. 62-63).

<sup>605</sup> A partir de Lincoln Taiz, e em termos de estudos fisiológicos das plantas, a água, sendo o elemento mais abundante que as formas vegetais necessitam, durante a fotossíntese, e como *fator* que evita a desidratação das plantas e a dissecação das folhas, é absorvida pelas raízes e transporta-se para o corpo da planta, o que mantém o desenvolvimento das formas e das fisionomias destas. (TAIZ *et. al.*, *op. cit.*, p. 83).

à sua vida que *volta a si* para continuar se organizando. A água se *intrusa* na terra, entre vales e montanhas, e participa – por umidade, por congelamento ou como vapor d’água – na sustentação da *imagem* da planta no mundo real. Em abundância ou escassez no solo, torna-se fator de maior ou menor densidade dos caracteres fisionômicos das plantas, imprimindo aparências diversas sobre a superfície terrestre a cada passo da maior ou da menor quantidade de água existente.<sup>606</sup> Isso é observado quando Humboldt, na *Geografia das Plantas*, deixa-nos perceber que a maior densidade de distribuição vegetal que impacta diretamente na forma e na fisionomia se dá nas zonas equinociais cujas florestas têm grande teor de umidade. O naturalista, ao relatar a densidade das florestas, existente no entorno dos rios Orinoco e Amazonas<sup>607 608</sup>, permite-nos pensar que, em se tratando de zonas equinociais, a umidade – essa disposição variada de vapor d’água sobre qualquer porção do planeta – propicia que as plantas presentes ali desenvolvam uma fisionomia densa.

Sendo um dos principais elementos da natureza observado pelo naturalista alemão na *Geografia das Plantas*<sup>609</sup>, seja na maior disposição de vapor d’água sobre plantas de alguns lugares, seja na forma de influência de rios sobre a cobertura vegetal, a água é uma base importante para se compreender os processos de adaptação das plantas ao ambiente. Processos esses que giram em torno de variáveis fisiográfico-climáticas (clima, altura, localização) em que a água interage em termos de distribuição análoga das formas vegetais; umas mais próximas das outras ou umas mais distantes das outras, a depender da presença de condições climáticas para a adaptação.<sup>610</sup> Nesse aspecto, deixa-nos tomar Humboldt da *Geografia das*

---

<sup>606</sup> Em termos de moderna fitogeografia, Orlando Graeff, ao pontuar a participação da água na distribuição geográfica, nos diz que a densidade (da presença) de plantas ocorre em função da disponibilidade de água no solo. Disponibilidade de água essa que, se em abundância ao solo, faz as formas vegetais se agruparem num lugar com maior densidade. Caso contrário, se em escassez de água ao solo, as formas vegetais se afastam umas das outras. Em ambas as situações, a variação de umidade é que faz as espécies se adaptarem, prosperarem e exercerem certo domínio ao ambiente. (GRAEFF, *op. cit.*, p. 130).

<sup>607</sup> Alusão à passagem: “[...] Das margens do Orinoco até as do Amazonas e do Ucayale, em mais de quinhentas léguas, toda a superfície do solo é coberta por densas florestas [...]” (tradução nossa) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 15).

<sup>608</sup> Completa-se essa assertiva, ainda, com o que Orlando Graeff deixa-nos pontuar sobre zonas úmidas e zonas áridas. As vegetações com fisionomias densas nas zonas úmidas competiriam menos pela água, devido sua abundância no solo, enquanto as vegetações de zonas áridas, a competição pela água é maior, fazendo-as se distanciarem umas das outras pela busca do líquido. (GRAEFF, *op. cit.*, p. 131).

<sup>609</sup> No Prefácio intitulado “Humboldt y la botánica”, que acompanha a 2ª edição espanhola da *Geografia das Plantas*, José Sarukhán informa-nos que Humboldt, junto com o pintor e botânico francês Aimé Bonpland e outros colaboradores na viagem pelas Américas (1799-1804), coletou um vasto material botânico, zoológico, geológico e, ainda, uma enorme quantidade de dados sobre fenômenos naturais, tais como: temperatura do ar, umidade, oxigênio, água, correntes marinhas, magnetismo e pressão atmosférica, etc.) (Cf. SARUKHÁN, J. Prefácio: Humboldt y la botánica. In: HUMBOLDT, A. von. *Ensayo sobre la Geografía de las Plantas. Acompañado de un cuadro físico de las regiones equinocciales*. 2. ed. México: Siglo XXI/Universidad Autónoma de Sinaloa, 2016, p. 9-15).

<sup>610</sup> Mais uma vez essas informações de cunho fisiográfico e, principalmente, climático são pontuadas novamente aqui, pois contribuem para entendermos que a disposição fisionômica das plantas em se distribuírem na

*Plantas* que a analogia une um grupo de plantas diferenciando-o de outro grupo por meio do contorno e da fisionomia distintos, assumidos por cada “agrupamento de formas das plantas”.<sup>611</sup> Cabendo também a essa ciência examinar o quão formas vegetais precedentes, as ditas “formas primitivas”, como nomeia o naturalista, “[...] são reconhecidas através da imensa variedade de formas vegetais [...]”.<sup>612</sup>

Com Humboldt, na *Fisionomia das Plantas*, podemos inferir que cada agrupamento adaptado aos lugares só é possível por meio da conjugação de água e de luz (esta, na forma de radiação solar) que incidem na fisionomia das plantas, e que contribuem à beleza individual de cada espécie, à distribuição da forma e ao agrupamento das espécies, assim, formando tais processos a aparência própria da vegetação, os seus traços impressos e já adaptados a cada lugar.<sup>613</sup> O porquê, portanto, de certos grupos de plantas estarem em um lugar e não em outro tem no processo de adaptação com que vários elementos naturais (água e luz, apenas alguns deles) incidem sobre as formas vegetais que, ao longo do tempo, sob processo adaptativo, se transformam (degenerando-se e recriando-se) e assumem outras formas vegetais com outras fisionomias (transicionando-as, ao que outrora eram formas constantes, para formas accidentais).<sup>614</sup> Ao participarem na formação dos contornos (e traços) das plantas, imprimindo fisionomias (e impressões) distintas ao agrupamento das formas vegetais, água e luz também influenciam na dinâmica da beleza individual de cada espécie vegetal. No que Humboldt observa, então, a importância de tais elementos para a conformação dos traços e das impressões das formas das plantas:

Para determinar esses tipos [de plantas], cuja beleza individual, distribuição e agrupamento decidem do caráter próprio da vegetação de um país, não devemos guiar-nos pelos órgãos apenas visíveis da reprodução, nem pelos

---

superfície terrestre leva em conta a conjugação de elementos como água e umidade para sua maior ou menor capacidade de adaptação ao ambiente. Essa afirmação é corroborada com o destaque dado por José Sarukhán ao observar que, para Humboldt, a relação entre clima e distribuição das formas das plantas nas regiões tinha como consequência encontrar os mecanismos pelos quais o clima poderia definir os padrões de distribuição da vegetação. Padrões estes, relacionados às qualidades de participação de fenômenos naturais como água e umidade (na forma de vapor d’água) que assumem papéis modeladores para adaptação das formas das plantas ao ambiente. (SARUKHÁN, *op. cit.*, p. 12).

<sup>611</sup> Nos originais em francês e alemão, Humboldt, em uma série de perguntas sobre o que é análogo e diferente às plantas em termos de sua distribuição na natureza, incidem uma pista elucidatória no tocante a identificar os “agrupamentos das formas das plantas” (*Gruppierung der Pflanzenformen*) que compõem a superfície terrestre. (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 30-31) (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 25).

<sup>612</sup> HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 20. No original em alemão, o texto situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 10).

<sup>613</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 287. HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 22.

<sup>614</sup> Esse aspecto da pergunta sobre o quanto o ambiente interage com a natureza adaptando formas e fisionomias é uma antecipação humboldtiana, deixa-nos ler Sylvie Romanowski, à teoria da evolução de Darwin por meio da seleção natural. (ROMANOWSKI, *op. cit.*, p 67-68).

invólucros florais ou frutos; mas sim pelos traços que sobressaem e determinam a impressão geral produzida pelas grandes massas de vegetais.<sup>615</sup>

Humboldtianamente, as figurações da participação da água se fazem ecoar entre algumas formas de plantas, condicionando as mesmas a se apresentarem em graus diferentes de aparência, tipo: a *palmeira*, que se apresenta como forma mais elevada e nobre de todos os vegetais nas regiões equinociais<sup>616</sup>; a *bauínia*, que sobre as margens do rio Orinoco, apresenta-se com os seus ramos que crescem longamente<sup>617</sup>; a *samambaia*, com folhagem delicada e de textura transparente se enobrecendo nos trópicos.<sup>618</sup> Tais formas vegetais apresentam-se sobre intensa variação de umidade, na qual um incremento na temperatura faz a água atmosférica evaporar, fazendo, por consequência, as plantas transpirarem<sup>619</sup>, exigindo que estas se adaptem ao ambiente. Com Humboldt, a fisionomia de seres organizados (plantas e animais), assumida e recriada ao longo do tempo sobre condições climatéricas variadas, expressa a magnitude de seu poder adaptativo para a renovação de sua vida, pois, derivada de tal arranjo, é condição para que a vida de tais seres ocorra.<sup>620</sup> Particularmente, no aspecto relacional entre formas vegetais e ambiente, podemos inferir que o desenvolvimento de tais formas depende muito de sua relação com a água. Daí vem o caráter de fluidez engendrado por esse elemento natural para contribuir na expressividade das plantas. Junto com a luz, a distribuição da água sobre a superfície terrestre está, em muito, ligada à subordinação aos regimes climáticos (às dinâmicas de massas de ar que influem em precipitações pluviométricas, p. ex.), subordinados, por sua vez, às diversidades latitudinais nos lugares

---

<sup>615</sup> No original: “[...] Zur Bestimmung dieser Typen [von Pflanzen], von deren individueller Schönheit, Verteilung und Grupierung die Physiognomie der Vegetation eines Lands abhânt, muss man nicht auf die kleinsten Fortpflanzungsorgane, Blütenhüllen und Früchte, sondern nur auf das Rücksicht nehmen, was durch Masse den Totaleindruck einer Gegend individualisiert [...]” (HUMBOLDT, *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 22, colchetes nosso) (HUMBOLDT, *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 287, colchetes nosso).

<sup>616</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 289. No original, o texto situa-se: (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 26).

<sup>617</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 295. No original, o texto situa-se: (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 34).

<sup>618</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 296. No original o texto situa-se em: (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 36).

<sup>619</sup> Quem nos faz observar sobre essa tópica da relação entre umidade, temperatura e água é Carlos T. Rizzini, quando fala-nos que nas zonas tropicais, estando sujeitas às variações de umidade, encontram-se sempre temperaturas adequadas ao crescimento das plantas (excetuando-se as montanhas altas aí presentes, quando a relação temperatura e umidade muda). (RIZZINI, *op. cit.*, p. 23).

<sup>620</sup> Um trecho que expressa essa condição de adaptação de animais e plantas conforme às zonas climatéricas é: “Os animais e as plantas, com exceção dos musgos e outras criptógamas, permanecem, durante muitos meses, sepultados no sono do Inverno.” (HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 281). No original o texto situa-se em: (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 12).

(mais próximas dos trópicos, mais densas as formas, p. ex.). Ou seja, humboldtianamente, a dinâmica adaptativa das plantas nos trópicos, no âmbito de sua expressividade (contornos e cores), leva em conta os graus variados de incidência de temperatura, umidade e água que impactam nas suas formas e, conseqüentemente, na sua “vida orgânica”.<sup>621</sup> Em termos figurativos, e nas palavras de Humboldt, essa vida orgânica quanto mais próxima dos trópicos: “[...] vê-se aumentar a variedade das formas, a graça dos contornos e a combinação das cores [...]”.<sup>622</sup>

A luz também marca a fisionomia das plantas e dá evidências de sua capacidade de potencializar a variedade dos movimentos qualitativos às formas vegetais e às suas partes.<sup>623</sup> O processo fotossintético que adentra nas suas folhas, dentre várias contribuições, serve tanto para alterar a posição das plantas ao acompanhamento do movimento do sol através do céu quanto para alterar os traços das formas vegetais induzidos pela incidência de luz solar.<sup>624</sup> Humboldt, na *Geografia das Plantas*, figura esses movimentos ao relatar que, com a presença solar, “[...] a mudança periódica da pressão atmosférica nos lugares depende quase exclusivamente da posição do sol [...]”,<sup>625</sup> para se fazer sentirem as mudanças nas formas dos organismos, e, com “[...] a mistura química dos elementos e da força estimulante dos raios solares [...]”,<sup>626</sup> os caracteres assumidos pelas plantas variam em intensidade de cores. É inevitável não pensarmos que, se não houver plantas para fazer o processo fotossintético, cuja presença da luz é ineliminável, e se o fluxo de energia solar metabolizado em forma química diminuir, por consequência, o ritmo de reprodução de outros seres orgânicos (inclusive, os seres humanos) diminuirá igualmente.<sup>627</sup> A natureza, aí, incorrerá no risco de voltar ao estágio de objeto morto, nem forma nem fisionomia, na particularidade, dirão alguma coisa de sua organização. A conexão ideal-real com a natureza como organismo vivo não se completará,

<sup>621</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 281. HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 12.

<sup>622</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 281. No original o texto situa-se em: (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 12).

<sup>623</sup> Aludimos com Schelling que a luz, enquanto expressão da segunda potência da natureza, é que potencializa o movimento qualitativo dos corpos [orgânicos] que, estes, são o particular (ou singular) do universal que se projeta como luz. (SCHELLING, 2001, p. 139) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68). Cf. nota de rodapé 243.

<sup>624</sup> Em temos de moderno estudo sobre fisiologia das plantas, Lincoln Taiz et. al. apontam que, dentre as várias contribuições que a luz solar dá ao desenvolvimento das plantas, dois fenômenos muito importantes: 1) o fenômeno conhecido como *acompanhamento do sol* (de que as folhas de espécies de plantas são capazes de alterar sua posição acompanhando o movimento do sol através do céu); e 2) a *fotomorfogênese* (fenômeno que causa mudanças fenotípicas induzidas pela luz). (TAIZ et al. *op. cit.*, p. 447).

<sup>625</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 108.

<sup>626</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 33.

<sup>627</sup> Anota-se que, à luz dos estudos de biologia vegetal de Peter Raven, Ray Evert e Susan Eichhorn, essa é a rota em que praticamente toda a energia do sol é convertida em energia química, que, se elidida, o ritmo da vida do planeta tende a diminuir rapidamente, o que a faria cessar completamente. (RAVEN; EVERT; EICHHORN, *op. cit.*, p. 90).

pois esse *todo*, assim, já estará reduzido a um mecanismo, sem a presença da luz que a tudo torna vivaz.<sup>628</sup> Ao retirar a luz, e com ela a retirada de toda uma dinâmica que a faz ser transportada pelo ar até – despossuída da companhia da água em qual estado esta estiver (gasoso, líquido, sólido) – não mais alcançará as plantas em suas várias formas e fisionomias, pois a organização da natureza não mais atingirá sua completude. Em aproximação a preceito schellinguiano sobre a organização, quando perdidos o enfeixe ideal-real entre forças naturais como oxigênio e ar atmosférico – onde por elas transicionam a água e a luz – e os organismos em seus modos de inteligência (consciente, inconsciente), descobrir-se-á que o caminho que a natureza poderia atingir sua completude estaria muito longe de ser realizada.<sup>629</sup>

Sobre específica questão no entorno da luz, diz-nos Humboldt: “[...] A luz do sol e das estrelas enfraquece em sua passagem pelo ar atmosférico [...]”.<sup>630</sup> Que significa essa afirmação em termos de incidência de luz solar à aparência das formas vegetais? Em uma pista schellinguiana, em muito a luz se realiza na oposição entre processos (elétricos, químicos etc) que, mesmo sem a nossa interferência, vem até nós<sup>631</sup> enfraquecidas ou não. A sua incidência, na forma de produção efetivada pelo sol, realiza essa oposição através da intensidade com que a radiação solar se repercute em organismos como as plantas. Nesse sentido, água e ar atmosférico se tornam meios propagadores da luz que, ainda que por resistência (por refração, p. ex.), passam a modular os traços fisionômicos das plantas.<sup>632</sup> Humboldt, na *Geografia das Plantas*, ao mencionar a participação da luz no tocante à fisionomia e à fisiologia das plantas (a cor e a respiração, p. ex.), afigura que a intensidade de luz a que estão expostas as plantas no topo de montanhas equinociais acaba por contribuir para as suas características resinosas e aromáticas.<sup>633</sup> Carácterísticas estas, em paralelismo

<sup>628</sup> Relembrando, em termos schellinguianos, que enquanto terceira potência da natureza, o organismo (*Organismus*) constantemente diz da natureza enquanto *todo* que se auto-organiza infinitamente, fazendo o enfeixe ideal-real aos produtos naturais em seus modos de inteligência, afastando, assim, qualquer elo mecânico entre esse *todo* e esses produtos naturais. (SCHELLING, 2001, p. 103-105) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 49). Cf. notas de rodapé 268 e 273.

<sup>629</sup> Aí fazemos uma alusão schellinguiana, em admissão de contrariedade, sobre os processos físico-químicos que compoem a natureza. (SCHELLING, *Ideen*, SW, I, 2, 29) (SCHELLING, 2001, p. 69). Cf. notas de rodapé 262 e 265.

<sup>630</sup> O texto no original em francês é: “[...] La lumière du soleil et des astres s’affoiblit dans son passage par l’air atmosphérique [...]” (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 104).

<sup>631</sup> Diz Schelling, em passagem da *Introdução ao Projeto* ao falar da condição da luz e do processo químico (galvânico) à produtividade enquanto tal: “[...] A condição da luz, assim como do químico, é uma oposição entre os processos elétrico e galvânico; mesmo a luz que, sem nossa intervenção, vem até nós (o fenômeno da produtividade exercido pelo sol à sua volta) pressupõe aquela oposição [...]” (*Introdução Projeto*, 2010, p. 282) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 299). Cf. notas de rodapé 246 e 247.

<sup>632</sup> A onda de luz solar tem sua velocidade alterada, quando encontra resistência à entrada na atmosfera. Em muito, isso corre quando a onda de luz transita de um meio transparente para outro, o exemplo mais notório, fitogeograficamente falando, é quando a onda de luz passa do ar para a água. (RIZZINI, *op. cit.*, p. 116).

<sup>633</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 105. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Géographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 123.

schellinguiano, que são adquiridas (e impulsionadas, a cada passo da adaptação ao ambiente) por meio de processos elétricos e químicos que interagem com as plantas para comunicarem suas aparências a quem as quer ver.<sup>634</sup> Eis o exemplo do oxigênio à pista schellinguiana que, como produto da luz<sup>635</sup>, participa tanto na água quanto no ar atmosférico, expressa causa e início daqueles processos, misturando-se qualitativamente aos corpos das plantas (na superfície terrestre) para condicionarem seus traços. As aparências, aí, já são comunicadas via as faculdades contidas nas plantas, dizendo-nos como foram (ou são) atingidas pelos processos elétricos e químicos que levaram à sua adaptação ao ambiente.

A influência da luz solar na determinação da aparência das formas vegetais, para Humboldt, resulta na diferença entre agrupamento de plantas, pois leva-se em consideração as diferenças dos aspectos das plantas com o ambiente (se em montanhas ou não), e não uma relação atribuída somente ao calor para a conformação da diferença das formas vegetais em cada agrupamento. Essas considerações atestadas pelo naturalista, assim são expostas:

Estas considerações nos levam a suspeitar com razão que a grande intensidade de luz a que as plantas estão expostas no topo das montanhas, deve contribuir para dar-lhes aquele caráter resinoso e aromático que um grande número de plantas alpinas nos apresentam. Citei, em meu trabalho sobre os nervos, experiências em que a luz solar parece produzir efeitos estimulantes na fibra nervosa que seria difícil atribuir apenas ao calor.<sup>636</sup>

A água e a luz, integradas aos organismos das plantas, exercem funções de impulsionar neles faculdades para manutenção da sua aparência, bem como a manutenção de sua vida reprodutiva. Diante dessa afirmação, em mediação schellinguiana, são-nos apresentadas certas faculdades impulsivas, inseparáveis, que enfeixam uma parte da orientação dos movimentos materiais dos produtos orgânicos: falamos das qualidades orgânicas da irritabilidade e da sensibilidade.<sup>637</sup> <sup>638</sup> Se a incidência de luz orienta certos

---

<sup>634</sup> Faz-se um paralelismo à compreensão schellinguiana em torno de que, mesmo em oposição de forças (atração e repulsão), os processos químicos (tanto quanto os magnéticos e elétricos) permanecem presentes para a continuada produção da natureza. (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 50) (SCHELLING, 2001, p. 105) (SCHELLING, 2010, p. 297) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 316). Cf. notas de rodapé 267 e 263.

<sup>635</sup> Menção enquanto processo químico ao oxigênio ser produto da luz quanto da matéria. (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 29) (SCHELLING, 2001, p. 69).

<sup>636</sup> No original em francês: “[...] Ces considérations nous laissent soupçonner avec raison que la grande intensité de lumière à laquelle les végétaux sont exposés sur la cime des montagnes, doit contribuer à leur donner ce caractère résineux et aromatique que nous présentent un grand nombre de plantes alpines. J’ai cite, dans mon ouvrage sur les nerfs, des expériences dans lesquelles la lumière solaire paroît produire sur la fibre nerveuses des effets stimulans qu’il seroit difficile d’attribuer à la chaleur seule [...]” (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 105). O texto no original em alemão situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 123).

<sup>637</sup> Sendo recíprocas, irritabilidade e sensibilidade são partes explicativas da *vida*, faculdades impulsivas mencionadas por Schelling em *Ideias*. Diz o filósofo alemão: “[...] Não é possível irritabilidade sem

movimentos de órgãos das plantas<sup>639</sup>, bem como água no subsolo estimula as raízes das plantas a irem à sua busca<sup>640</sup>; as faculdades de irritabilidade (principalmente, no caso das plantas) e de sensibilidade (exclusivamente, no caso dos animais) interagem aos corpos orgânicos – de plantas e de animais, respectivamente – para lhes conduzirem a seu próprio movimento de reprodução e, daí, *pari passu* na interação, receberem mais estímulos que são trazidos de *fora* até os organismos (até as suas partes e/ou ao seu todo) se tornarem novamente excitação/contração (irritabilidade) e impressão/reação (sensibilidade) ao seu desenvolvimento<sup>641</sup> e ao desenvolvimento da natureza como um todo.

É um ciclo infinito, no qual a nova irritabilidade indica o início de outro impulso de formação<sup>642</sup>, de manutenção da vida reprodutiva. Em leitura schellinguiana, essa nova irritabilidade é impulsionada por nova produtividade, quando a natureza, nestes termos, põe seus produtos orgânicos à construção do organismo vivo.<sup>643</sup> Em Humboldt, na *Fisionomia das Plantas*, as anuanças dessa interação entre formas orgânicas (plantas e animais) e as faculdades que lhe impulsionam a vida para reprodução são figuradas em passagens em que água e luz apresentam-se como meios efetivos de estímulo com os quais os caracteres

sensibilidade, nem sensibilidade sem irritabilidade [...]” (SCHELLING, 2001, p. 101) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48).

<sup>638</sup> Marcia Gonçalves, lendo Schelling, posiciona o biólogo Karl Friedrich von Kiemeyer como um dos influenciadores da concepção schellinguiana de organismo, principalmente no tocante à ideia de “desenvolvimento” orgânico presente na teoria do biólogo sobre as três forças orgânicas fundamentais (sensibilidade, irritabilidade e reprodução). (GONÇALVES, 2010, p. 10). Em similar interpretação, Jair Barbosa, lendo Kiemeyer, diz que as três forças biológicas (sensibilidade, irritabilidade e reprodução) *animam* o “desenvolvimento” (*Entwicklungsbahn*) do mundo orgânico de onde se identifica as três forças orgânicas fundamentais nas quais: 1) a *sensibilidade*, converter-se-ia na capacidade de reação à excitação recebida; 2) a *irritabilidade*, converter-se-ia na capacidade dos músculos de se contraírem; e 3) a *força reprodutiva*. A partir daí, absorvida essa teoria por Schelling – e imbricada à concepção de Goethe sobre a metamorfose das plantas e a concepção de Kant sobre a noção de “ser organizado” com “fim natural” – o seu conceito de organismo se completa. (BARBOZA, *op. cit.*, p. 261-262).

<sup>639</sup> Em termos de biologia vegetal, Peter Raven, Ray Evert e Susan Eichhorn falam-nos da habilidade de folhas e flores de plantas se moverem durante o dia, orientando-se de maneira perpendicular ou paralelamente em relação aos raios solares (fenômeno chamado de *heliotropismo*). (RAVEN; EVERT; EICHHORN, *op. cit.*, p. 549). Em termos de fisiologia das plantas, Lincoln Taiz *et. al.* nos demonstram o quanto é comum ramos de plantas próximas à janela crescerem em direção ao local de incidência da luz (fenômeno chamado de *fototropismo*), fazendo com que as plantas se movimentem, mudando seus padrões de crescimento. Isso, por irritabilidade, em resposta ao estímulo (excitabilidade) recebida pela incidência de luz. (TAIZ *et al.*, *op. cit.*, p. 447).

<sup>640</sup> Ainda em termos de fisiologia das plantas, verifica-se que a água orienta as raízes a perceberem o ambiente do subsolo (fenômeno chamado de *hidrotropismo*), dando-lhes condição de orientar seu crescimento em direção aos recursos (nutrientes inorgânicos e orgânicos, p. ex.) que existem no subsolo. (TAIZ *et al.*, *op. cit.*, p. 137).

<sup>641</sup> Complementa Schelling no tocante às faculdades: “[...] Pois as faculdades dos órgãos animais – sensibilidade, irritabilidade etc. – pressupõem um princípio impulsivo, sem o qual o animal não seria capaz de opor reações e excitações exteriores, e só através desta livre reação dos órgãos, é que o estímulo trazido de fora se torna excitação e impressão [...]” (SCHELLING, 2001, p. 101) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48).

<sup>642</sup> Em Schelling, na *Introdução ao Projeto*, a nova irritabilidade indica o início de outro impulso de formação. (SCHELLING, 2010, p. 305) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 324).

<sup>643</sup> Nas palavras do filósofo alemão, essa questão anuncia-se, assim: “[...] O ato da produtividade é somente a centelha de um novo processo de irritação: o produto da produtividade é uma *nova produtividade* [...]” (SCHELLING, 2010, p. 305) (SCHELLING. *Einleitung zu dem Entwurf*, SW, I, 3, 324).

daquelas formas são realçados. Exemplos como: “[...] graças sem dúvida ao oxigênio que a água sempre contém, *esta comunica* aos órgãos [de microorganismos suspensos no ar] nova irritabilidade [...]”<sup>644</sup> e “[...] a vegetação desenvolve as suas formas mais majestosas debaixo ao ardente fogo que irradia o céu dos trópicos [...]”,<sup>645</sup> são pequenas figurações que apresentam o dinamismo que involucram as formas orgânicas na sua dinâmica com as faculdades que lhes são inerentes para, juntas, interagirem entre si e com o ambiente para manter a vida orgânica se reproduzindo.

Com as faculdades inerentes às formas orgânicas e, em particular, com a faculdade da irritabilidade partícipe às formas das plantas, a *imagem* (ideia) destas no mundo real completa apenas uma parte do seu percurso fisionômico. A outra parte, lendo de maneira schellinguiana, requer um princípio que vá além da matéria da vida orgânica sugestionada por estímulos exteriores<sup>646</sup>, remetendo-nos a pensar, para o caso das formas vegetais, na apresentação da *imagem* (ideia) das plantas no mundo real cujas faculdades que as qualificam e as impulsionam já são agora intelectualmente intuídas e não meramente reflexionadas. E que, portanto, há a exigência de encontrar um princípio que explique a *vida* para além das conexões biológicas (fibras, nervos etc.), dadas por meio de princípios externos. Eis, pois, que a irritabilidade só pode ser um elo qualificativo nas formas orgânicas (as plantas, em nossa exposição), quando seus atributos físico-químicos são reunidos por princípio que ordena e concentra todos os movimentos particulares da interação entre ela (essa faculdade) e as formas orgânicas (as plantas, em nossa análise). Princípio tal schellinguianamente falando, ordenador e centralizador dos produtos (das formas orgânicas) da natureza, e que tem no *espírito* (ideia)<sup>647</sup> a expressão da união de natureza – na investigação empírica propriamente dita – e de liberdade – na apreensão dos seus significados.

Esse princípio é traduzido figurativamente por Humboldt, quando se anuncia o espírito (atraves de nível de consciência outro) que perscruta a natureza organizada, em sua construção e em sua fisionomia: “[...] Quando o homem interrogar a natureza com a sua penetrante curiosidade, ou mede na imaginação os vastos espaços da criação orgânica, a mais

---

<sup>644</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 281. HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 2-3.

<sup>645</sup> HUMBOLDT. *Quadros da Natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 297. HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 38.

<sup>646</sup> Conferir notas de rodapé 287 e 288 sobre a explicação da *vida* para além das conexões biológicas dadas por estímulos exteriores. (SCHELLING, 2001, p. 103). SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48.

<sup>647</sup> Schelling nos deixar a existência de um princípio mais elevado para explicar a própria matéria dos corpos orgânicos, ou seja: “[...] um princípio que ordena e concentra todos os movimentos singulares [...]” (e que expressa a “ligação absoluta entre natureza e liberdade”. Eis que se apresenta o *espírito* (ideia) como princípio de união entre natureza e liberdade. (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 48) (SCHELLING, 2001, p. 103). Cf. notas de rodapé 287 e 436.

poderosa e mais profunda de quantas emoções experimenta é o sentimento da plenitude da vida espalhada universalmente [...]”.<sup>648</sup> O impulso de formação, aí, em que participam quaisquer elementos naturais (água e luz, p. ex.), já está plenamente *espiritualizado* (intuído pela inteligência que se comunica pela ideia e pela experiência), para além (e com) da (a) matéria em si, e contribui para a realização da natureza enquanto organismo<sup>649</sup>, um organismo vivo. Os produtos orgânicos daí deduzidos, portanto, não têm mais um elo mecânico que os engendram. A água que adentra as raízes das plantas, a luz que faz florescer algumas de suas partes, o ar que elas respiram são formas de apresentar o elo dinâmico da sua organicidade com o ambiente. Formas, estas, que já se repercutem como união da especulação (livre) e da experiência (natureza) com que a natureza organizada vai sendo construída em seus vários níveis de inteligência.

A natureza, intelectualizada intuitivamente, convida o espírito a adentrar a impressão duradoura que possa atravessá-la, assim, permite-nos pensar Humboldt a partir da *Fisionomia das Plantas*. Ao interrogar a natureza, o espírito, no seu modo de inteligência mais consciente, faz a fisionomia da natureza já ser trânsito para apresentação da natureza, vertida numa idealidade de ordem pictórico-científica. Ao que é, antecipadamente, na *Geografia das Plantas*, que Humboldt dá-nos a entender (e ler) a pintura da natureza (*Naturgemälde*)<sup>650</sup> como a expressão dessa ordem que plasma os fenômenos da natureza vistos na superfície terrestre. Ela se oferta como a *imagem* superior das formas e das fisionomias da natureza (com todas variáveis fisiográfico-climáticas implicadas a elas), apresentada pictórico-cientificamente que, como expressão imagética de uma forma superior de filosofia da natureza (*Naturphilosophie*)<sup>651</sup>, é capaz de expor, através da união de ideia e empiria, a organização da natureza em sua totalidade. Humboldtianamente, como veremos, elege-se tal unidade para a apresentação da pintura da natureza. O ser humano, aí, é perquerido a investigar tanto intuitiva quanto empiricamente as mudanças dessa organização, quando estas

---

<sup>648</sup> HUMBOLDT. *Quadros da natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 275. HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 3.

<sup>649</sup> Relembremos que o organismo exprime a figuração recíproca (indiferenciação) das unidades matéria e luz. (SCHELLING, 2001, p. 139) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68). Cf. notas de rodapé 273 e 274.

<sup>650</sup> Topificada no prefácio do original em alemão como possibilidade imagética a realizar a *Naturphilosophie* schellinguiana. Cf. notas de rodapé 74 e 652.

<sup>651</sup> Em uma equivalência relativa à passagem em francês, no original em alemão um contraponto ao empirismo – com o qual Humboldt dialoga constantemente – é evocado via menção a Schelling (em seu *System des transcendentalen Idealismus*), para quem é imputado o entendimento de graus diversos de mudanças na realidade humana advindas de mudanças na natureza. Fica evidenciada a tentativa do naturalista alemão em não reduzir os fenômenos naturais às investigações empíricas, mas, sim, em seu entendimento, aproximá-las da forma superior de filosofia da natureza (a *Naturphilosophie*), conforme o sistema schellinguiano propriamente dito. (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 23-24).

já adquirem traços fisionômicos para a contemplação e cujas formas vegetais que participam nela são *direcionadas* ao olhar que quer ver com o intelecto e com a experiência.

### 4.3 Pinturas da natureza<sup>652</sup>

A pintura da natureza (*Naturgemälde*) é um modo de sintetizar o conhecimento sobre a natureza. Um modo que visualiza a ideia de natureza, apresentando suas conexões ideais-empíricas, cujo enfeixe pictórico-científico entre as partes e o todo é a razão de sua existência.<sup>653</sup> Outrossim, a pintura da natureza não é uma *imagem* estética *strictu sensu* (de obra de arte realizada por um pintor da qual resultaria uma pintura de paisagem, p. ex),<sup>654 655</sup>

---

<sup>652</sup> Jacob e Wilhelm Grimm, em seu dicionário (Cf. GRIMM, J.; GRIMM, W. *Deutsches Wörterbuch*. Leipzig: S. Hirzel, 1854-1960.), dão-nos a ler que a *Naturgemälde* (pintura da natureza) se trata de uma pintura (*Gemälde*), imagem (*Bild*) ou descrição pictórica (*malerische Beschreibung*), baseada na natureza. No que concerne especificamente a Humboldt, os irmãos Grimm mencionam que nele o efeito real da *Naturgemälde* é baseado em sua composição (Cf. *Deutsches Wörterbuch* {verbetes *Naturgemälde* e *gemälde*}, em: <https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB#2>). No original em francês *Essai sur la Géographie des Plantes*, o seu equivalente é *Tableau* e tem, a partir de alguns dos significados atribuídos no dicionário *Le Robert Poche* (Cf. LE ROBERT-SEJER. *Le Robert Poche*. Paris: Le Robert, 2016.), como substantivos operativos aqui, para nós, a imagem (*image*), a pintura (*peinture*), a cena real (*scène réelle*) e a descrição pictórica enquanto evocação imagética (*description ou évocation imagée*). No que os próprios irmãos Grimm já tinham mostrado equivalência do termo “tableau” com a “Gemälde”. O comentador Stephen T. Jackson, em introdução à edição inglesa da *Geografia das Plantas*, deixa-nos inferir e observar que, de fato, os significados que Humboldt tinha em mente eram “imagem” ou “pintura”, que na composição da obra, além do prefácio e do ensaio que dá título a ela, aparece como perfil das montanhas Chimborazo e Cotopaxi [situados no Equador] e como colunas com informações fisiográfico-climáticas, literalmente a imagem (a *Naturgemälde* em si, que no original em francês tem o nome de *Tableau physique des Andes et Pays voisins*), e o texto *Naturgemälde der Tropenländer* (que no original em francês chama-se *Tableau physique des Régions Équatoriales*), sendo um ensaio explicativo sobre a imagem. (JACKSON, *op. cit.*, p. 18). Cf. a imagem no “ANEXO B – Reprodução da *Naturgemälde* que acompanha os originais (1805 [1807])”.

<sup>653</sup> Chegamos, em parte, a essa mediação sobre o termo pintura da natureza, com Andrea Wulf que encara a *Naturgemälde* como a visualização da ideia que Humboldt concebeu sobre a América do Sul, em ter esta “[...] uma natureza composta de interconexões e unidade [...]”. De acordo, ainda com a comentadora, é uma imagem de 90 x 60 centímetros que mostra “[...] a correlação de zonas de climas e de plantas, de acordo com a latitude e a altitude [...]”. (WULF, *op. cit.*, p. 192).

<sup>654</sup> Sylvie Romanowski, ao observar que a palavra *Tableau* aparece apenas uma vez no sentido estético *strictu sensu* de uma obra de arte realizada por um pintor, permiti-nos pensar a *Naturgemälde* (o *Tableau*), no caso particular em *Geografia das Plantas*, como uma dimensão intelectual-empírica com a qual a ideia de natureza (na forma de imagem) dos países tropicais (*Tropenländer/Régions Équatoriales*) atinge o espírito humano. No original da comentadora, tem-se: “[...] Let us note that the word *tableau* appears only once in this *Essay* in the esthetic sense of a work of art done by a painter [...]” (ROMANOWSKI, *op. cit.*, p. 158). Quanto à revelação do “sentido estético” propriamente dito, observamos que, nos cursos sobre filosofia da arte em Jena (1802-1803) e Würzburg (1804-1805) de Schelling (que depois em 1859 resultariam em sua *Philosophie der Kunst*), dentre os níveis de exposição pictórica dos objetos na sua relação com a luz está a “pintura da paisagem” (*Landschaftsmalerei*) que se conformaria em ser um gênero de pintura totalmente empírico (*que busca a verdade empírica sem expor na totalidade a Ideia*), no qual a luz é externamente inorgânica, mas móvel, viva. Nas palavras de Schelling, tem-se: “[...] O nível seguinte da arte [os outros níveis são: *natureza morta*, *pintura de flores e frutas*, *pintura de animais e figura humana*] é aquele em que a luz é exterior, inorgânica, mas móvel e, nessa medida, viva. É a *pintura da paisagem* [...] A pintura da paisagem busca necessariamente a verdade

ela é muito mais uma espécie de pictorialização da ideia de natureza<sup>656</sup>, sendo uma síntese imagética que resulta do enlace de uma intuição *ativa* com a experiência.<sup>657</sup> Nesse sentido, a *Naturgemälde* em *Geografia das Plantas* diz da pictorialização do olhar que se direciona à natureza, concernente à apresentação de uma *imagem* construída intelectual e empiricamente. Humboldt, ainda que de maneira hesitante, encontra na *Naturphilosophie* schellinguiana o estofo filosófico que, sem prejuízos e repudios entre empiristas e filósofos naturais, dá suporte para dirimir outros caminhos às investigações empíricas. Essa aproximação delinea os desafios gerais de sua geografia das plantas, enquanto uma ciência que pretende fazer dialogar os preceitos da “ciência da natureza empírica” (*empirischen Naturforschung*) com “o espírito do sistema de Schelling” (*dem Geiste des Schellingischen Systems*).<sup>658</sup> E, ao pretender estreitar o diálogo entre tais preceitos, Humboldt confessa aquilo que pensamos ser um dos maiores desafios de sua ciência: fazer da pintura da natureza (*Naturgemälde*) expressão imagética da filosofia da natureza (*Naturphilosophie*). Em suas palavras, tem-se:

Esta confissão, que indica o ponto de vista a partir do qual posso esperar ser julgado, pretende ao mesmo tempo indicar que um dia será possível apresentar uma pintura da natureza [*Naturgemälde*] de um tipo completamente diferente e, ao mesmo tempo, superior de uma forma filosófica natural.<sup>659</sup>

---

empírica [...] Mas o que se expõe é tão-somente o véu: o verdadeiro objeto, a Ideia, permanece sem figura [...]” (Cf. SCHELLING, F. W. J. *Filosofia da arte*. Tradução, introdução e notas de Márcio Suzuki. 1. ed. 1. Reimpr. São Paulo: EdUSP, 2010, p. 192, colchetes nosso) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 544).

<sup>655</sup> Ao pintor de paisagem (*Landschaftsmaler/peintre paysagiste*), Humboldt alude na *Geografia das Plantas*, numa breve passagem, o quanto o estudo da fisionomia das plantas é importante para ele. A passagem se subscreve assim: “[...] Eu me contento aqui em mencionar dezessete agrupamentos de formas vegetais, cujo estudo deve ser particularmente importante para o pintor de paisagem [*Landschaftsmaler/peintre paysagiste*] [...]” (tradução nossa) (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 25) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 31). Importante, ainda, apontar com Lucia Ricotta que, na acepção goethiana, Humboldt se situa na condição de ser um cientista-artista ou “um artista dominado pelas quimeras científicas e filosóficas.” (RICOTTA, *op. cit.*, p. 69). Deixa-nos ler a comentadora, que a ideia de ciência no naturalista alemão transita entre uma forma estética (uma prosa lírica), no âmbito da comunicação das descobertas, e a forma sintética, no âmbito da apresentação dos resultados (uma imagem produzida a partir de um esforço teórico-empírico).

<sup>656</sup> O sentido de pictorialização, mencionado, guarda relativa analogia com a pictorialização (estetizante) do olhar sobre a natureza da qual Jean-Marc Besse faz alusão a partir de leitura do conceito de paisagem em Humboldt. (BESSE, *op. cit.*, p. 61).

<sup>657</sup> Esse sentido de relação dessa intuição *ativa* com a experiência fora pontuado por Lucia Ricotta que nos deixa depreender que a concepção de ciência de Humboldt se aproxima da concepção de ciência de Schelling, sendo que a *apresentação* (*Darstellung*) assume uma forma onde o “natural” é intuído intelectualmente. Essa aproximação de concepções de ciência, na fala da comentadora, “[...] ajudará a compreender a intuição intelectual como um ato de construção [...]” (RICOTTA, *op. cit.*, p. 197).

<sup>658</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. V. No prefácio do original em francês, esse traço schellinguiano é totalmente eclipsado, não existe. Conferir os apêndices: “APÊNDICE A – Versão de Estudo do ‘Prefácio’ e do ‘Ensaio sobre a Geografia das Plantas’ a partir dos originais ‘Préface’ e ‘Essai sur la Géographie des Plantes’ (1805 [1807])” e “APÊNDICE B – Versão de estudo do ‘Prefácio’ a partir do original ‘Vorrede’ em ‘Ideen zu einer Geographie der Pflanzen’ (1807 [1805])”.

<sup>659</sup> No original em alemão: “[...] Dieses Geständnis, welches den Standpunkt bezeichnet, von welchem ich beurtheit zu werden hoffen darf, soll zugleich auch darauf hinweisen, dafs es möglich seyn wird, einst ein

De certa forma, na *Geografia das Plantas*, o naturalista alemão tenta, com a *Naturgemälde*, apresentar uma pintura da natureza diferente e superior. Diferente, porque se quer tributária de uma intuição que atua como uma força que vai em direção ao mundo objetivo, até chegar como idealidade objetiva (e compreensiva) dentro do *espírito*, algo que se evidencia em paralelo à noção schellinguiana de intuição intelectual.<sup>660</sup> Superior, porque, sendo expressão imagética de uma filosofia da natureza, também diferente (a *Naturphilosophie*), enfeixa ideal-realisticamente a apresentação dos fenômenos que envolvem a superfície terrestre e a atmosfera.<sup>661</sup> Desse paralelismo entre a ciência humboldtiana e essa filosofia da natureza, deriva-se um princípio importante que é a expressão da finalidade da composição da pintura da natureza em apresentar os fenômenos naturais – como particulares da natureza enquanto *todo* – sobre a superfície do planeta e a atmosfera. Sendo, assim, expressa, nas palavras de Humboldt, a forma de situar tal finalidade da pintura da natureza: “[...] Nesta pintura da natureza reúno todos os fenômenos apresentados pela superfície do nosso planeta e pelo círculo de ar que o envolve [...]”.<sup>662</sup> Tem-se, a partir daí, uma imagem cuja especulação e experiência participam para sua construção. Ao que humboldtianamente só pode se fazer diferente e superior a *Naturgemälde* quando se estão reconhecidos nela, não como polos em conflito, a participação do conhecimento do “filósofo da natureza” (*Naturphilosophen*) e do conhecimento do “empirista” (*Empiriker*) para a sua produção.<sup>663 664</sup>

---

Naturgemälde ganz anderer und gleichsam höherer Art naturphilosophisch darzustellen [...]” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. IV) (tradução nossa).

<sup>660</sup> Nas *Ideias*, a intuição intelectual, se quer a conexão das ideias (da ideia de natureza) com o mundo da matéria, deduzida do *espírito*, e realizando a identidade sujeito e objeto. Cf. principalmente notas de rodapé 4 e 124, mas também, as notas 127 e 134.

<sup>661</sup> No prefácio à edição em alemão da *Geografia das Plantas* é que a *Naturgemälde* se anuncia como elo importante de diálogo da ciência humboldtiana com a *Naturphilosophie*. Cf. a nota de rodapé 652.

<sup>662</sup> O texto no original em alemão é: “[...] Ich stelle in diesem Naturgemälde alle Erscheinungen zusammen, welche die Oberfläche unsers Planeten und der Luftkreis darbietet, der jenen einhüllt.” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. III) (tradução nossa). O texto no original em francês o equivalente *Tableau à Naturgemälde* não é explicitamente anunciado. Assim lemos: “J’y embrasse tous les phénomènes de physique que l’on observe tant à la surface du globe que dans l’atmosphère qui l’entoure [...]”. (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. V).

<sup>663</sup> No original alemão a menção à aproximação da ciência humboldtiana à ciência schellinguiana, lemos assim: “[...] und als sollten ewig Empiriker und Naturphilosophen als streitende Pole sich einander abstoßen [...]” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. V). No original em francês essa passagem é eclipsada.

<sup>664</sup> Nas *Vorlesungen über die Methode des akademischen Studiums* (1803 [1997]), texto contemporâneo às *Ideias* que corresponde a um dos cursos ministrado por Schelling na Universidade de Jena em 1802-1803, o filósofo alemão deixa-nos ler que o comum entre teoria e experiência é sempre o objeto determinado e não uma ciência em geral, limitando-se, ambas, à exposição dos fenômenos mesmos que, como na construção filosófica, não se ocupem a explicar. (SCHELLING. *Vorlesungen über die Methode*, SW, I, 5, 322). Daí remete-nos pensar Schelling que, *unidas*, não mais se ofertam a uma compreensão reflexionante da natureza, quando, ao permanecerem separadas, assim se remeteria tal conhecimento sobre a mesma. E é nessa oposição que Schelling não vê sentido, ao dizer mais uma vez: “[...] A oposição que geralmente se faz entre teoria e experiência não tem sentido real porque o conceito de teoria já contém a relação com uma particularidade e, portanto, com a experiência [...]” (tradução nossa) (SCHELLING. *Vorlesungen über die Methode*, SW, I, 5, 322).

E, para se fazer expressão imagética maior da *Naturphilosophie*, o que deve apresentar a *Naturgemälde*? Enquanto pintura da natureza ela “[...] deve estabelecer visões gerais, certos fatos que podem ser expressos por números [...]”<sup>665</sup>, assim prefacia Humboldt na *Geografia das Plantas*. As “visões gerais” (*allgemeine Ansichten*) resumidas por uma “imagem geral” (*allgemeines Bild*), esta que, por mediação, ordena ideia (o pictórico, intelectualizado) e ciência empírica (o empírico, matematizado) ao conhecimento sintético da natureza e que apresenta os resultados dos fenômenos naturais observados por Humboldt.<sup>666</sup> Os caracteres de ousadia do naturalista alemão moram aí, pois pretende apresentar as interações das partes (os fenômenos naturais) com o todo (a organização da natureza sobre a superfície terrestre e com a atmosfera que a envolve) via intelecto e experiência. Com a pintura da natureza de regiões tropicais, Humboldt apresenta todos os fenômenos fisiográfico-climáticos, que, em sua concepção, interagem para a forma e a fisionomia da natureza presente nessas regiões. Alguns desses fenômenos naturais apresentados pictórico-cientificamente são: vegetação, altura, localização, clima, temperatura do ar, pressão atmosférica, enfraquecimento da luz ao passar pelas camadas de ar, radiação solar, condições de fervura da água em diferentes alturas etc.<sup>667</sup> Enquanto uma *imagem* geral igualmente, para nós, é a síntese imagética dos resultados de fenômenos observados por Humboldt durante a sua viagem pelas Américas entre os anos de 1799-1804.<sup>668</sup> Resultados estes que trazem princípios matemáticos (a exposição numérica de parte dos fenômenos observados) em sintonia com a exposição intelectualizada da imagem em si.

Por derivação schellinguiana, temos que na *Naturgemälde* o ideal é posto pelo real, via seus materiais intelectuais e empíricos apresentados pictoricamente, fazendo estes materiais chegar de maneira ideal objetivada a quem for vê-los como elementos que compõem a apresentação pictórica. Admitindo-se como uma expressão imagética da *Naturphilosophie*, e, ao modo schellinguiano, assumindo para si que a “imagem *ideal* perfeita” da “idealidade

---

<sup>665</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. II.

<sup>666</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. I-II.

<sup>667</sup> Tais fenômenos fisiográfico-climáticos são indicados na pintura da natureza. São eles: vegetação, animais, considerações geológicas, cultura (produção agrícola), temperatura do ar, limites da neve perpétua, composição química da atmosfera, tensão elétrica, pressão barométrica, diminuição da gravidade, intensidade da cor azul do céu, enfraquecimento da luz ao passar pelas camadas de ar, refrações horizontais e o grau de água fervente em diferentes alturas. (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 38-39) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 41-42).

<sup>668</sup> Para Andrea Wulf, a *Naturgemälde* conforma-se numa *imagem* que retrata o Chimborazo num corte transversal, bem como a distribuição das plantas dos vales até a linha de neve. Segundo a comentadora, essa seria uma forma completamente nova de olhar as plantas, na sua interação total com outros fenômenos. (WULF, *op. cit.*, p. 192-193).

absoluta”<sup>669</sup> do espírito com a natureza (através das suas potências: matéria, luz e organismo) está *em curso*, a *Naturgemälde* apresenta-se como momento que *figura* o universal (a natureza como *todo*) através dos particulares (produtos orgânicos *figurados*), à maneira alegórica.<sup>670</sup> O que podemos aludir, ainda especificamente na *Geografia das Plantas*, é que a pintura da natureza, via outra pista schellinguiana, apresenta uma *imagem* concreta que é determinada de todos os lados, com um modo de exposição alegórico que a atravessa para realizar o particular como universal, este sendo intuído por aquele.<sup>671</sup> Em diálogos ainda a um ponto schellinguiano, a *imagem* pode ser alegorizada pelo modo de expor alegórico que oferta, este, a intuição necessária para aquela – que ainda como “puramente particular” (*rein besonder*)<sup>672</sup> – *realizar-se* como particular que significa o universal. Ao que depreendemos, também, ser essa *imagem* um modo de exposição que realiza o real no ideal objetivado, realiza os produtos orgânicos nas interações entre eles e nas interações com a natureza como todo. Ao que a faz estar mais próxima da alegoria<sup>673 674</sup> cujos pensamentos se apresentam na elaboração dessa

---

<sup>669</sup> Nas *Ideias*, a “imagem *ideal* perfeita” (*vollkommene ideale Bild*) da “idealidade absoluta” (*absoluten Identität*), unidas, se mostra no “organismo perfeito” (*vollkommensten Organismus*). (SCHELLING, 2001, p. 139) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 69).

<sup>670</sup> Na filosofia da arte schellinguiana, o modo de exposição alegórico, junto com o modo de exposição simbólico, é meio que existe na pintura para expor as *Ideias*. (SCHELLING, 2010, p. 196) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 549).

<sup>671</sup> Schelling, em sua filosofia da arte, ao explicar os meios (modos de exposição) existentes na pintura para expor as ideias (e aí, nessas passagens, ele está pensando muitas vezes no que pode a arte da pintura de figuras humanas, principalmente, mas não só – vide menção à flor, forma vegetal –, revelar em termos de *Ideia* sobre o ser humano), imputa à alegoria ser um meio pictórico artístico que “[...] só pode *significar* o universal por meio do particular [...]” (SCHELLING, 2010, p. 197) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 550). Essa significação está na natureza e contém os particulares, pois: “[...] a natureza é ela mesma alegórica em todos aqueles seres aos quais incorporou o conceito infinito deles mesmos [do ser humano ou da flor, p. ex.] (SCHELLING, 2010, p. 197) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 550). Ainda em Schelling, “[...] a imagem é sempre concreta, puramente particular e determinada por todos os lados [...]” (SCHELLING, 2010, p. 70) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 407).

<sup>672</sup> “[A imagem] puramente particular [*rein besonder*]”. (SCHELLING, 2010, p. 70) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 407).

<sup>673</sup> Em termos schellinguianos, das artes plásticas, a pintura é a que tende mais para o alegórico, expondo a ideia como ideia através de objetos – aqui, para nós, a *Naturgemälde* objeto como gravura 90 x 60 centímetros, intelectual e empiricamente concebido – que as significam, e as significando, as aparências dos objetos (reunidos, na gravura em nosso estudo) tornam a *pintura universalmente alegórica*. Em Schelling, na sua filosofia da arte, o fragmento que contempla essa mediação, é: “[...] De todas as artes plásticas, a pintura é a que mais tende para o alegórico. Pois somente pode expor *Ideias* como *Ideias* por meio de objetos, quando faz estes significar aquelas. Uma vez que não expõe todos os objetos, em geral, imediatamente e em-si mesmos, mas por meio da aparência deles, a pintura é universalmente alegórica [...]” (SCHELLING, 2010, p. 403).

<sup>674</sup> Hipoteticamente, para trabalhos futuros, no tocante ao percurso científico de Humboldt, há indícios de que a *Naturgemälde* oscila entre um modo de sintetizar alegórico sobre o conhecimento da natureza, sustentado aqui à interpretação da *Geografia das Plantas* (1805[1807]), e um modo de sintetizar simbólico sobre o conhecimento da natureza, tomando como referência a essa suposição principalmente o *Kosmos. Entwurf einer Physischen Weltbeschreibung* (1845-1862). A unidade entre universal e particular ao ponto de indiferença entre ambos – no plano de concepção simbólica da arte, p. ex. – realiza a *Naturgemälde* como *imagem* simbólica realçada no *Kosmos* (primeiras evidências ao Tomo I), nas suas descrições do mundo celestial e do mundo terrestre. Sob este aspecto, a análise sobre o *Kosmos* feita por Lúcia Ricotta deixa-nos vislumbrar os desafios abrangentes da pintura da natureza, em significar, esta, a “visão geral dos fenômenos”, o “lugar” de onde “[...] o universo

imagem concreta para, adicionado a ela o *empírico* que é mediado pelas representações matemáticas (números, fórmulas, equações e medidas) de *matiz* igualmente alegórico<sup>675</sup>, deixar que o universal seja apresentado (e significado) pelo particular.

A apresentação das cadeias montanhosas dos Andes, nas alegorias da diversidade vegetal no entorno do (e no) Chimborazo e do (e no) Cotopaxi, é forma pictórica construída, que tem sua completude *em curso* apreendida, quando a matemática, sob formas aritméticas (número, fórmula, equação, tabela), traduz a contribuição empírica. E a forma pictórica faz ambas – ciências empíricas e matemáticas – serem colaborativas ao movimento da ideia objetivada.<sup>676 677</sup> Como alegorias, no particular, Chimborazo e Cotopaxi expressam universalmente a natureza como um *todo*, cujos produtos orgânicos (vegetais e animais) que participam nelas dão-lhes o aspecto de *particulares* não isolados (montanhas, em sua inorganicidade), mas recíprocos a outros *particulares* (organicidade que se encrusta nessas montanhas), que expressam o todo já organizado<sup>678</sup>, a visão geral concebida. Aí, tem-se uma alusão àquele movimento schellingiano de que o *todo* (natureza organizada) subsiste somente na ação recíproca das partes (produtos orgânicos) que o compõe, e, sendo assim, nenhuma parte (que se queira) isolada pode surgir senão no todo.<sup>679</sup> A *Naturgemälde*, nestes termos, intelectual e empírico-matemáticamente, apresenta, então, um só mundo (*als Eine Welt*), no qual a natureza como *todo*, universal, é construída pelos seus produtos naturais, o

---

pudesse ser percebido em seu conjunto, em suas duas esferas, a dos céus [mundo celestial] e a do mundo terrestre [...]” (RICOTTA, L. *op. cit.*, p. 64).

<sup>675</sup> Em observação de Schelling, a matemática (em termos de aritmética) é modo de exposição alegorizante, significando o universal por meio do particular. Nos termos do filósofo alemão, tem-se: “[...] A aritmética é alegorizante, pois significa o universal por meio do particular. A geometria pode ser chamada de esquematizante, desde que designa o particular por meio do universal. Finalmente, a filosofia é simbólica entre essas ciências [...]” (SCHELLING, 2010, p. 73) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 411).

<sup>676</sup> Importante observar com Sylvie Romanowski que a completude da impressão (de quem olha/lê) à *Naturgemälde* é feita em conjunto pelo intelecto e a visão, de forma colaborativa. Diz a comentadora, em uma parte do texto: “[...] A dualidade deste volume força o público a ler e olhar, a se envolver intelectual e imaginativamente com as idéias e o espetáculo [...]”, para completar, logo a seguir: “[...] A natureza pode ser compreendida, representada e dominada, e exige movimento constante do olho e do intelecto [...]”. No original: “[...] The duality of this volume forces the public to both read and look, to be engaged intellectually and imaginatively with ideas and spectacle. Nature can be understood, represented, and mastered, and it demands constant movement of the eye and intellect [...]” (ROMANOWSKI, *op. cit.*, p. 162-163).

<sup>677</sup> Em termos de tópica à origem dos nomes Chimborazo e Cotopaxi, Humboldt permite-nos falar que se trata de nomes indígenas: a) da língua quíchua, região dos Andes, que para Chimborazo o significado é *a neve de Chimbo* (“passar um rio”); e b) de outra língua (provavelmente a língua purnay anterior à língua quíchua), o nome Cotopaxi, que não tem significado no idioma dos Incas. (HUMBOLDT. *Quadros da natureza, Fisionomia das Plantas*, 1965, p. 305-306) (HUMBOLDT. *Ansichten der Natur*, II, *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse*, 1849, p. 275).

<sup>678</sup> Conferir sobre a natureza como um *todo* organizado na subseção “A natureza como um *todo*” da parte da tese intitulada “A ideia de natureza”.

<sup>679</sup> Nos termos de Schelling, o referido movimento se subscreve assim: “[...] Cada produto orgânico tem *em si mesmo* o fundamento da sua existência, pois é causa e efeito de si mesmo. Nenhuma parte isolada poderia surgir senão neste todo e este mesmo todo subsiste somente na ação recíproca das partes [...]” (SCHELLING, 2001, p. 89) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 40).

particular<sup>680</sup> e, ambas, conformam-se em visões gerais concebidas. A partir da *Geografia das Plantas*, em termos de mediação schellinguiana, esse “um só mundo” é alegoricamente apresentado pela pintura da natureza das cadeias montanhas dos Andes e suas vizinhanças. Essa unidade é realizada quando o universal (a natureza *inteira*) se efetiva através dos particulares (os produtos da natureza).

Dessa ordem alegórica à *Naturgemälde* humboldtiana, emanam duas forças compreensivas à sua elaboração: a primeira diz respeito ao pictórico propriamente dito. Aí, compreende-se que o alegórico tem uma significação que advém dos produtos naturais (pincelada alegórica da “fumaça” expelida pelo Cotopaxi e da “neve pérfetua” do Chimborazo, pinceladas distorcidas das inclinações, declives e da cobertura vegetal do Chimborazo, pincelada disforme do limite da água oceânica, exageros das distâncias entre as montanhas, pincelas contrapontísticas de “nuvens” sobre diversos gradientes do céu azul, p. ex.)<sup>681</sup> para apresentar ativamente intelectualizada as interconexões fisiográfico-climáticas com o todo. Nesse plano da pintura da natureza propriamente dita, a exposição alegórica do elo entre os produtos naturais e a natureza organizada têm na cor e na luz meios *espirituais*, schellinguianamente falando, que apresentam ambos como imagens alegorizadas<sup>682</sup>, fazendo todos os atributos materiais (corpóreos) retornarem idealmente à apresentação da natureza, já na unidade significada do seu todo pela parte.<sup>683</sup> Tanto “fumaça”, saída do Cotopaxi aos céus, quanto “neve pérfetua”, que cobre o pico do Chimborazo, são postas alegoricamente e constitui partes da apresentação pictórica que voltam, via meios *espiritualizados* (cor e luz), para o sujeito que intelectualiza (pictoricamente) o mundo (a natureza) dentro de si. O que se apresenta, então, a quem vê ideal-objetivamente a *Naturgemälde* humboldtiana, é a *imagem* alegórica do organismo vivo que é a natureza, na sua unidade de luz e matéria<sup>684</sup> onde as

<sup>680</sup> Aqui uma aproximação a partir da compreensão schellinguiana de que a natureza não mais separa o mundo ideal (*ideelle Welt*) e mundo real, conformando-os em um só mundo (*als Eine Welt*). Cf. de maneira complementar as notas de rodapé 325 e 326.

<sup>681</sup> Esses caracteres dialogam com Sylvie Romanowski, na sua análise da apresentação pictórica (*Naturgemälde*) do Chimborazo e Cotopaxi. (ROMANOWSKI, *op. cit.*, p. 184-192).

<sup>682</sup> Schelling, em sua conferência sobre a relação das artes plásticas com a natureza, faz-nos ler que a pintura se constitui de maneira diferente da escultura, ao ter na luz e na cor, meios espirituais e incorpóreos, as expressões dos objetos enquanto imagens. Diz ele: “[...] A pintura, no entanto, parece constituir-se de um modo inteiramente diferente da escultura. Pois, à diferença desta última, ela não expõe seus objetos mediante coisas corpóreas, mas mediante luz e cor, e, portanto, através de um meio incorpóreo e, em certa medida, espiritual; também não oferece suas imagens, em absoluto, como os objetos são em si mesmos, mas conta apresentá-los expressamente apenas enquanto imagens [...]” (SCHELLING, 2011, p. 62) (SCHELLING. *Über das Verhältnis der bildenden Künste zu der Natur*, SW, I, 7, 317).

<sup>683</sup> Reforçamos nessa passagem, em lema schellinguiano aludido sobre a pintura, que a luz preenche idealmente os corpos materiais e, portanto, como diz o filósofo alemão, “[...] na luz todos os atributos da matéria retornam idealmente [...]” (SCHELLING, 2010, p. 397).

<sup>684</sup> Nesse trecho, fazemos um claro paralelismo à circuncrição de que tipo pintura alegórica se realiza em quadros: 1) uma pintura alegórica física, ao se referir a produtos naturais, 2) uma pintura alegórica moral, ao se

partes que participam nele se dissipam nele sob a *coordenação* da cor e da iluminação. As inserções da “fumaça” e da “neve perpétua”, nessa *imagem* alegórica, são figuras da simplicidade e da clareza<sup>685</sup> com as quais as montanhas dos Andes (Chimborazo e Cotopaxi) e o conjunto de produtos orgânicos (vegetais e animais) que lhes avizinham, em realce aos seus contornos e traços, tornando as próprias fisicalidades vivazes, pois idealizadas objetivamente. Tais figuras, de certa forma, indicam a harmonia da organização da natureza nos trópicos (*Tropenländer/Régions Équatoriales*) vista por Humboldt.

A segunda força compreensiva emanada da ordem alegórica da *Naturgemälde* humboldtiana diz respeito ao empírico na sua representação matemática. Humboldt é um empírico *strictu sensu* na *Geografia das Plantas*, em pensar que toda ideia adquirida sobre a natureza advém da sensação? Não. O naturalista alemão é um pitagórico, para quem todas as coisas são números? Também não. Humboldt, numa mediação schellinguiana, permite-nos pensar que a posição da matemática, como meio representacional da fatualidade empírica, é de ser uma expressão de ideias manifestadas no mundo visível.<sup>686</sup> Ela, a matemática, enquanto aritmética, expõe a investigação empírica por meio de números, fórmulas, equações e medidas. Quando subordinadas por uma relação sensível reflexionante<sup>687</sup>, matemática e investigação empírica concorrem para que o caráter puramente exterior do mundo seja

referir a conteúdos humanos e históricos. Para nós, essa alegoria física contém os aspectos de organismo vivo, este determinando todos os outros produtos (sejam orgânicos ou inorgânicos.). Em Schelling, o diálogo é com a pequena passagem: “[...] Aliás, nos quadros, a alegoria pode ser física e se referir a produtos naturais, moral ou histórica [...]”. (SCHELLING, 2010, p. 198) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 552).

<sup>685</sup> Deve-se a Johann Joachin Winckelmann, mencionado por Schelling na filosofia da arte, o *sentido* de na alegoria, a “simplicidade” e a “clareza” serem provas da qualidade da pintura alegórica, pois explicariam, na imagem, muito com [muito] pouco. Na passagem: “[...] ‘Na alegoria’, diz Winckelmann, ‘a simplicidade é como o ouro sem mistura e a prova de sua qualidade, porque então pode explicar muito com pouco’ [...]” (*Filosofia da Arte*, 2010, p. 198) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 551).

<sup>686</sup> Nas *Ideias*, a menção à matemática se dá através de, juntamente com a filosofia, ter sua cientificidade realizada na “indiferença do real e do ideal” (*Indifferenz des Realen und Idealen*). Entretanto, ao que na matemática se põe como subordinação a uma relação sensível que opera em tal indiferença, na filosofia, se vale apresentar o sentido mais *superior* da indiferença do real e do ideal, por meio do “pensamento absoluto” (*absolute Denken*) que opera a intuição intelectual. (SCHELLING, 2001, p. 125) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 60). Essa *sentença* é exposta com mais clareza nas *Vorlesungen über die Methode* (da lição IV – que trata do estudo das ciências racionais puras, das matemáticas e da filosofia), quando o filósofo alemão diz que é importante considerar as matemáticas enquanto “formas da razão e como a expressão de ideias” (*als Formen reiner Vernunft und Ausdrücke von Ideen zu begreifen*), caminho, este, necessário não mais para conectar tal saber ao mundo através de leis puramente mecânicas, mas *meio* que efetive a exposição idêntica (indiferente) da inteligência (razão) com o seu objeto (o mundo). (SCHELLING. *Vorlesungen über die Methode*, SW, I, 5, 254).

<sup>687</sup> Resumidamente, Schelling permite-nos ler sobre essa relação nas *Ideias*, quando, ainda que aceita subordinadamente a indiferença entre real e ideal, a “idealidade absoluta” (*absolute Idealität*) nas ciências matemáticas não é completa, pois não está *afastada* da relação sensível e reflexionante [mecânica] entre a ideia e o objeto. O *afastamento* das ciências matemáticas, tanto quanto o *afastamento* do empírico, da relação sensível e reflexionante, em termos schellinguianos, só a filosofia [por extensão, a *Naturphilosophie*] é capaz de produzir através da relação intuída intelectualmente entre ideia e objeto e, por consequência, realizar a idealidade absoluta. (SCHELLING, 2001, p. 125.) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 60). Em nota à edição bilíngue, Carlos Morujão observa que Schelling aproxima o método filosófico do método matemática para remeter contraposição ao método empírico das ciências da natureza em seu elo mecânico. (*Ideias*, MORUJÃO, p. 158).

apresentado. Do contrário, quando aderentes a um modo de pensar ativo<sup>688</sup>, matemática e investigação empírica tornam-se colaborativas ao modo de exposição alegórico da natureza, fazendo com que o caráter de ideal significado pelo real, em sua completude, seja apresentado. Na *Geografia das Plantas*, em outra pista schellinguiana, a matemática e a investigação empírica ganham *sentidos* mais elevados,<sup>689</sup> quando a especulação, unidas a elas, contribui à apresentação pictórica. Combinadas, especulação e experiência, ao se conformarem numa linguagem diferenciada, tornam a pintura da natureza um modo de exposição diferente do conhecimento da natureza.<sup>690</sup> O empírico, aí, sendo *decifrado* matematicamente, expõe-se de maneira colaborativa à ideia com a qual esta última, por consequência intuitiva, intelectualiza a experiência *organizada* imgeticamente. A fórmula barométrica de Laplace utilizada por Humboldt<sup>691 692</sup> para calcular a pressão do ar sobre os lugares ilustra, aritmeticamente, as alturas das montanhas, que, como ideia, tem nessa representação matemática (a fórmula barométrica) um meio alegórico que comunica a informação adquirida durante a investigação empírica do naturalista alemão no Chimborazo e no Cotopaxi. Nessa relação, a aritmética *significa* alegoricamente o empírico, que, com a ideia, completam o ciclo de *significação* da natureza organizada, como universal apresentado.

Nas palavras de Humboldt: “[...] Esta pintura da natureza toca assim todos os fenômenos com os quais lidei por cinco anos durante minha expedição aos países tropicais [...]”.<sup>693</sup> Desse percurso científico-expedicionário, a gama de conhecimentos empíricos expostos na *Geografia das Plantas* têm nas figuras dos números, das fórmulas e das medidas

<sup>688</sup> O *afastamento* das ciências matemáticas, tanto quanto o *afastamento* do empírico, da relação sensível e reflexionante [mecânica], em termos schellinguianos, só a filosofia [por extensão, a *Naturphilosophie*] é capaz de lhes imprimir a uma relação intuída intelectualmente entre ideia e objeto e, por consequência, realizar a idealidade absoluta. (SCHELLING, 2001, p. 125) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 60).

<sup>689</sup> Os *sentidos* mais elevados que a empiria e a matemática podem alcançar, nas *Ideias* de Schelling, se dão quando a filosofia opera intelectualmente, junto a elas, para afastá-las da relação sensível e lhes prouver as explicações dos seus sistemas na idealidade absoluta.

<sup>690</sup> Em outra chave de leitura sobre a *Geografia das Plantas*, Sylvie Romanowski, em ensaio introdutório à edição inglesa da obra, deixa-nos entender que texto e imagem são inseparáveis para compreensão da totalidade da *Naturgemälde* humboldtiana, e, apenas, combinados entre si transmitem o conhecimento sobre a natureza. (ROMANOWSKI, *op. cit.*, p. 161).

<sup>691</sup> Humboldt, na *Geografia das Plantas*, deixa ler a importância da fórmula de Pierre-Simon Laplace (1749-1827) ao seu trabalho desde o prefácio (*Vorrede/Préface*), passando pelos dois ensaios que compõem o volume (*Ideen zu einer Geographie der Pflanzen/Essai sur la Géographie des Plantes* e *Naturgemälde der Tropenländer/Tableau Physique des Régions Équatoriales*) e apresentando-a, ao final, como um elemento alegórico que, significando a determinação das alturas das montanhas, integra a *Naturgemälde*.

<sup>692</sup> Em termos aritméticos, conforme apresentada por Humboldt, a fórmula barométrica de Laplace é composta de duas partes: a)  $\text{Log. } m = \frac{x}{18393 \left(1 + \frac{2(T+t)}{1000}\right)}$ , e b)  $h = \frac{H}{m \left(\frac{1+T-t}{5412}\right)}$ . Ambas as partes marcam as alturas calculadas

de acordo com a fórmula e assumem as temperaturas médias registradas na escala termométrica. A representação matemática é explicada por Humboldt, e tem como resultante final, para a sua pintura da natureza, as medidas de alturas das montanhas apresentadas na *imagem*. (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 99) (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 87).

<sup>693</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 39.

meios ao trânsito da sua participação à composição pictórica mais abrangente. Enquanto meios, elas se inserem ao modo alegórico de sintetizar o conhecimento sobre a natureza, quando os preceitos quantitativos, no plano de um pensamento reflexivo que a princípio lhes acompanham, são inseridos numa ideia maior de compreensão da totalidade da natureza.<sup>694</sup> O que se constrói, aí, é uma unidade dos fenômenos naturais com a natureza organizada em que números, fórmulas e medidas são arregimentados para, já imersos no fluxo de apresentação pictoricamente construída, se unirem à *imagem* em si como efetividades alegóricas da exposição da natureza e de seus fenômenos.

Humboldt, ao apresentar a *Naturgemälde* das montanhas Chimborazo e Cotopaxi – onde nela se pode ler (e ver) a um só tempo (em uma pincelada intelectual-empírica) os traços da neve eterna sobre as montanhas, a variação de cobertura vegetal, o limite do nível do mar, os filetes de água oceânica e as informações empírico-matemáticas sobre as variáveis fisiográfico-climáticas – deixa-nos inferir a visualização do ser natural *inteiro* (a natureza organizada, na unidade e na diversidade) nos produtos naturais (em seus particulares) como uma imagem *determinada por todos os lados* que se torna a expressão imagética da *Naturphilosophie*, sendo esta a sua tarefa principal. Como a uma ascense ao conhecimento da natureza, em que, na *Geografia das Plantas*, a significação do ideal pelo real é uma verdade inescapável, a tarefa da construção da pintura da natureza completa-se. Ao que Humboldt, ciente de tal tarefa, convoca os esforços do filósofo natural para a combinação ideal-objetiva dos fenômenos naturais com a natureza organizada, fazendo-nos apreender o que é comum a ambos – fenômenos e natureza – e remontar os seus princípios numa unidade pictórico-científica<sup>695</sup> que tem por finalidade atingir o espírito. Assim, remete-nos o naturalista alemão a apresentar algumas variáveis fisiográficas-climáticas que, interconectadas entre si, plasmam os princípios pictoricamente intelectualizados na *Naturgemälde*. São elas: o clima, a altura, a localização, a água e a luz em interação com as formas e fisionomias das plantas.

---

<sup>694</sup> Importante anotar com A. C. Vitte e R. W. D. da Silveira, em comentário à *Geografia das Plantas*, que o apelo aos números e à perspectiva quantitativa do conhecimento se insere na ideia maior de uma unidade de diversidade natural, de exposição dessa diversidade. (VITTE; SILVEIRA, *op. cit.*, p. 185). Ao que Lúcia Ricotta, já em observação inicial a um trecho do *Kosmos*, no que poderíamos inferir o caminho inevitável seguido por Humboldt, dado os seus diálogos com o Romantismo e a *Naturphilosophie* (bem como com o Iluminismo), faz-nos pensar que o naturalista alemão busca uma *descrição física do mundo* não reduzida aos fenômenos dados pela empiria, mas que inclua a ciência num quadro mais amplo permitindo que outras modalidades de conhecimento sobre a natureza (a literatura, as artes plásticas, p. ex.) possam contribuir a um paradigma científico totalizante. (RICOTTA, *op. cit.*, p. 15).

<sup>695</sup> Humboldt, sempre relembra que a *Naturgemälde* diz respeito à apresentação tanto da “distribuição das plantas” (*Vertheilung der Gewächse*) quanto das “condições físicas” (*physikalischen Verhältnissen*) variáveis pela “altitude local” (*Höhe des Standorts*), sendo comuns esforços do “filósofo da natureza” (*Naturphilosophen*) e do “empirista” (*Empyriker*) para contribuírem à sua construção (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 89-90).

Na análise de Humboldt, todas essas variáveis atribuídas à investigação tanto do filósofo natural (*Naturphilosophen*) quanto do empirista (*Empyriker*) são, enquanto ações da matéria, conformadoras do organismo do mundo (*Weltorganismus*), a natureza organizada propriamente dita, fundada na luta de forças opostas, e cuja unidade é imagetivamente exposta pela pintura da natureza. O que ao empirista resulta contar, ao filósofo natural resulta apresentar o que é comum à construção da matéria. O esforço do filósofo da natureza é identificar aquilo que o empirista desconsidera. É identificar o que se pressupõe ser a busca pelo elo não mecânico entre as “aparências” (*Erscheinungen*) dos fenômenos naturais e o organismo do mundo. Isso é o mais importante a ser feito. Os termos dessa questão, o naturalista os marca assim:

Posso apenas elogiar o fato de que mesmo o filósofo natural, que atribui toda a multiplicidade da natureza às ações elementares de uma matéria, e que vê o organismo do mundo [*Weltorganismus*] como fundado na luta nunca resolvida de forças opostas, tal combinação de fatos deve ser importante. O empirista conta e desconsidera o que os fenômenos imediatamente apresentam: cabe à filosofia da natureza apreender o que é comum a todos e remontá-lo aos princípios.<sup>696</sup>

Das tantas variáveis fisiográficas-climáticas que compõem a *Naturgemälde* humboldtiana, a figura do “calor do ar” (*Luftwärme*) tem na “escala de ar” (*der Luft Scale*), na “escala de temperatura” (*Échelle de température*), a apresentação intelectual-empírica da relação climática com as formas vegetais presentes nos trópicos.<sup>697</sup> Matematicamente, é expressa na *imagem* através das medidas tiradas por termômetros ao que concernem às temperaturas médias dos lugares, levando-se em conta as investigações empíricas praticadas em diferentes alturas. Medidas, estas, inscritas na pintura da natureza em demonstração à “temperatura do ar” (*Température de l’Air*) que varia de 500 a 500 metros. Essas medidas se

<sup>696</sup> No original em alemão é: “[...] Ich darf nur schmeicheln, daß selbst dem Naturphilosophen, der alle Mannigfaltigkeit der Natur den Elementaractionen Einer Materie zuschreibt, und der den Weltorganismus durch den nie entschiedenen Kampf widerstrebender Kräfte begründet sieht, eine solche Zusammenstellung von Thatsachen wichtig seyn muß. Der Empyriker zählt und mißt, was die Erscheinungen unmittelbar darbieten: der Philosophie der Natur ist es aufbehalten, das allen Gemeinsame aufzufassen und auf Principien zurückzuführen [...]” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 89-90). No original em francês (p. 80), essa passagem é totalmente eclipsada, o traço schellinguiano não aparece.

<sup>697</sup> No original em alemão é: “[...] Die, in dem Naturgemälde, der Luft gewidmete Scale drückt den höchsten und niedrigsten Thermometerstand aus, welcher von fünf hundert zu fünf hundert Meter (250 Toisen) Höhe unter den Tropen beobachtet wird [...]” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 90). No original em francês *Essais des Plantes*, o termo utilizado é *Échelle de température*, deixando a entender Humboldt que se trata de uma escala matemática que representa, em números, o máximo e o mínimo que o termômetro em centígrados aufere, no caso, a mudança de temperatura do ar (*Température de l’Air*) de 500 em 500 metros. O texto no original em francês é: “[...] Cette échelle présente de maximum et le minimum de chaleur que le thermomètre centigrade indique de cinq cents à cinq cents mètres (250 toises) [...]”. (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 80).

completam em composição com informações climatéricas (regiões a temperaturas abaixo de zero e acima de 5.000 m, neve caindo entre 4.000 a 4.500 m e temperatura média de 3,7°, abundância de granizo entre 3.000 a 3.500 m e temperatura média de 9°, granizo muito forte e neblina baixa entre 2.000 a 2.500 m e temperatura média de 18,7°, granizo muito raro e céu enevoadado entre 1.000 a 1.500m e temperatura média de 21,2°, sem granizo e areia frequente entre 0° a 500° e temperatura média de 25,3°),<sup>698</sup> que lhe são adicionadas para que a exposição empírica, por meio dos números, se torne partícipe intelectualmente da apresentação pictórica.

Aquela relação sensível que, outrora, captaneava os esforços empírico-matemáticos para uma compreensão *cisionante* do mundo (natureza e objetos formalmente postos) é afastada, como podemos pensar de maneira schellinguiana, quando um conjunto de figuras numéricas que representam fenômenos naturais (a água nos três estados na sua relação com as condições altitudinais, p. ex.), associados às variações do tempo da atmosfera terrestre em um determinado local (o clima), é *redirecionado* em prol da identificação da inteligência (do conhecimento sobre a natureza, como universal) com o objeto (produtos naturais, como particulares, que dizem respeito a esse universal), e assim a apresentação alegórica da ideia de natureza é construída intelectualmente. Alude-se, nesse contexto, à compreensão de que a *Naturphilosophie* schellinguiana *afasta* toda relação sensível presente no entorno de um pensamento mecânico sobre a matemática, em prol da unidade do “absolutamente ideal” (*absolut-Ideale*) e do “absolutamente real” (*absolute-Reale*) como condição de aceitação de não mais estarem subordinadas à ideia exteriormente construída, mas unidas a uma ideia intelectualmente intuída.<sup>699</sup>

Em seu aspecto bidimensional, a *Naturgemälde* humboldtiana faz com que o espaço em branco das montanhas pictorializado seja preenchido por palavras, que dizem respeito aos nomes científicos das formas vegetais apresentadas na pintura da natureza, expressando, em quais níveis de altura vegetam gêneros e espécies de plantas ao redor da cordilheira dos Andes.<sup>700</sup> As medidas, orientadas por instrumento específico (o compasso), situam a altura

<sup>698</sup> Informações referentes a esta tópica estão no texto *Naturgemälde der Tropenländer* (bem como no texto *Tableau physique des Régions Équatoriales* situadas no original em francês, à p. 80-87), que se encontram no original em alemão (à p. 90-99) e completam as sínteses pictórico-científicas da *Naturgemälde* que compõem, estas últimas, a coluna “Temperatura do ar” (*Température de l’Air*).

<sup>699</sup> Dialoga-se com a passagem nas *Ideias* em que Schelling menciona a cientificidade da filosofia, da geometria, bem como da matemática em geral (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 60) (SCHELLING, 2001, p. 125).

<sup>700</sup> Sylvie Romanowski, em sua leitura sobre a *Naturgemälde* humboldtiana do Chimborazo e do Cotopaxi – composta por textos, imagens, números e tabelas – deixa-nos ler a importância de se fazer uma leitura conjunta dos elementos na qual palavra e olhar são convocados para esse intento. Em uma passagem da comentadora, esses aspectos são aludidos assim: “[...] The intellect and the eye are also drawn to the columns framing the central panel. They provide a strong contrast with the profile, which thereby appears much more representational than it would by itself [...]” (ROMANOWSKI, *op. cit.*, p. 163).

(em metros ou braças, figuradas na imagem) com que os nomes das plantas são traçados no espaço em branco, sendo eles inscritos em pleno acordo com o medidor que fornece a posição da planta, levando-se em conta o aspecto altitudinal. Essas medidas para determinação da altura à planta, Humboldt diz em seus termos: “[...] Com o compasso em mãos, segundo nossos manuscritos, entrei especialmente no perfil da América do Sul e naquelas plantas para as quais a natureza parece ter limites de altura muito específicos [...]”.<sup>701</sup> Do que, para a *Naturgemälde*, o naturalista alemão afirma que uma planta, ao ocupar uma vasta área na encosta da cordilheira andina, tem-se a figuração de um traço oblíquo que lhe identifica na imagem.<sup>702</sup> Pictoricamente dispostas, desde espécies de plantas criptógramas subterrâneas que vegetam na escuridão do oceano (como *fucus* e *ulva*)<sup>703</sup> indo até espécies de plantas que crescem em locais próximos ao nível do mar, em baixas alturas (*Switenia*, *Cæsalpinia*, *Bombax*, *Rizophara*) e a grandes alturas (*Escallonia*, *Wintera*, *Befaria*, *Brathys*) da cadeia dos Andes<sup>704</sup>, o efeito, com imagem e palavras, faz com que visão e pensamento se interpenetrem colaborativamente para que a ideia possa arguir melhor os produtos naturais (orgânicos e inorgânicos) a serem apresentados pela pintura da natureza. Aí, o enfeixe intelectual-empírico concorre para *significar* que, em certas altitudes, o conjunto de formas de plantas assumem fisionomias específicas, levando-se em conta a extensão de área que ocupam na cordilheira. Assim nos permite compreender Humboldt, quando fala da extensão das zonas que cada espécie poderá ocupar no entorno de montanhas.<sup>705</sup> Extensão de área, essa, figurativamente mostrada através de traços oblíquos que preenchem o espaço em branco, e que dizem, ao mesmo tempo, da ideia e da empiria apresentadas pictoricamente.

A interação das formas vegetais com as diversas alturas, para a determinação de suas fisionomias no entorno das (e nas) montanhas andinas, tem em exercício de representação matricial bidimensional com a “tabela de alturas” (*Table des Hauteurs*)<sup>706</sup> que expõe aritmeticamente a “visão global” (*Übersicht*)<sup>707</sup> das medidas altitudinais, um meio que conduz

<sup>701</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 56.

<sup>702</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 57. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 56.

<sup>703</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 59. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 59.

<sup>704</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 57. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 57.

<sup>705</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 57. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 57.

<sup>706</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 144.

<sup>707</sup> A visão global (*Übersicht*) das alturas, na comparação das alturas das montanhas andinas com as montanhas europeias, dá à *Naturgemälde*, neste caso, condição de fazer o enlace matemático-ontológico, da medida em si com a altura *experienciada*. As alturas *significadas* na pintura da natureza, assim como pensou Humboldt,

a experiência de Humboldt a compreender tal interação através das especulações com que os particulares (as diversas alturas nas cadeias dos Andes) *significam* o universal (as demais variáveis fisiográfico-climáticas conectadas às diversas alturas no globo terrestre) para, em termos de analogia das formas, diferenciar a dinâmica de organização da natureza por meio dos seus produtos naturais (orgânicos e inorgânicos). Ou como destaca o naturalista alemão na apresentação das alturas indicadas na *Naturgemälde*: “[...] O próprio desenho indica as maiores alturas às quais os homens ascenderam da superfície do mar [...]”.<sup>708</sup> As alturas medidas nas diferentes partes do globo (que na imagem é “*Hauteurs mesurées dans différentes parties du globe*”),<sup>709</sup> produzida por Humboldt, servem para comparação entre as alturas encontradas na Cordilheira dos Andes com o continente europeu.

O intuito é mostrar a dinâmica de interação entre os fenômenos da natureza (incidência de luz solar, pressão atmosférica etc.) na determinação de formas vegetais, tanto quanto indicar as maiores alturas que os seres humanos ascenderam à superfície do mar. Na pintura da natureza, igualmente, inscreve-se tais medidas em que várias vezes Humboldt utilizou – para suas expressões numéricas – a fórmula barométrica de Laplace para se chegar a resultados possíveis, e não exatos, das alturas dos lugares.<sup>710</sup> Assim o fez para determinar a altura sobre o nível do mar das montanhas Chimborazo (6.544 m) e Cotopaxi (5.753m), bem como de outras montanhas apresentadas na imagem.<sup>711</sup> O que se lê (e vê), a partir das alturas medidas, é um entramado de informações matemáticas que são conjugadas com a apresentação pictórica, numa unidade que situa, sob lente geográfica humboldtiana, os

---

permitem fazer comparações das interações dos fenômenos naturais com cada parte do globo terrestre. (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 175).

<sup>708</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 144.

<sup>709</sup> No texto *Tableau physique des Régions Équatoriales* (que no original em alemão chama-se *Naturgemälde der Tropenländer*), que compõe o ensaio *Geografia das Plantas* no original em francês, a descrição sobre as alturas medidas nas diferentes partes do globo situa-se em: (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 144-145).

<sup>710</sup> Antes de se conformar numa fórmula *em si*, a fórmula numérica (determinada aritmeticamente), a partir de Schelling (nas *Ideias* e nas *Vorlesungen über die Methode*), é a expressão de uma ideia que em muito está regida por intuição de base reflexionante, a princípio. O esforço aqui é *afastar* a relação prementemente sensível entre a inteligência e o objeto (na determinação da fórmula numérica, p. ex), e alçá-la, através da teoria, a uma relação intelectual em que a unidade do absoluto [entre inteligência e objeto] seja sua figuração maior. Eis, onde se assenta o foro de nossa pequena observação no tocante a “resultados possíveis” e “não exatos”.

<sup>711</sup> Na *Naturgemälde*, além das alturas medidas do Chimborazo e Cotopaxi, estão apresentadas na coluna *Alturas medidas em diferentes parte do globo* (*Hauteurs mesurées em différentes parties du globe*) as seguintes montanhas: Cayambe, Antisana, Tunguragua, Popocatépetl, Hacienda de Antisana, Rucu Pichincha (estas duas últimas medidas pela fórmula de Laplace), bem como as montanhas europeias de Mont Blanc, Finsterhorn, Grofsglockner. No texto *Naturgemälde der Tropenländer* (que no original em francês chama-se *Tableau physique des Régions Équatoriales*), a tabela de alturas de montanhas completa, com diversas medições feitas por Humboldt e outros naturalistas em várias partes do globo, encontra-se ao final do original em alemão (à p. 177-182) e do original em francês (à p. 147-152).

diversos fenômenos naturais ao longo de um gradiente de elevação (a fisiografia em si).<sup>712</sup> Ao seu fim, tal unidade tem-se construída a idealidade objetivada que chega ao espírito, e que a experiência, aí, é revogada para fazer parte dessa unidade filosófico-matemática, estando subsumida a ela.

Através dessa unidade, Humboldt, ao apresentar os experimentos feitos sobre fervor da água no topo da cordilheira dos Andes, conjugando representações matemáticas da altura (determinada em metros e por cálculo barométrico) e da água fervente (determinada em graus centígrados), traduz intelectual-empiricamente, na *Naturgemälde*, a compreensão de que o peso da atmosfera sobre os lugares (o peso que a gravidade exerce sobre uma área) acelera ou retarda o fervor da água até seu ponto de ebulição (100°C) ao nível do mar.<sup>713</sup> <sup>714</sup> As ocorrências alegóricas na pintura da natureza com a exposição de cada altura com seus referentes matemáticos dos estados de fervura da água (à altura de 7.000 m, grau de água fervendo à 77°C; à altura de 6.000 m, grau de água fervendo à 81°C; à altura de 5.000 m, grau de água fervendo à 84,7°C; à altura de 4.000 m, grau de água fervendo à 88,1°C; à altura de 3.000 m, grau de água fervendo à 91,3°C; à altura de 2.000 m, grau de água fervendo à 94,3°C; à altura de 1.000 m, grau de água fervendo à 97,1°C; à altura de 0 m, ao nível do mar, grau de água fervendo à 100°C, ponto de ebulição)<sup>715</sup> permitem-nos pensar, à uma pista schellinguiana, que aos olhos de quem lê (e vê) tais alegorias têm *diante de si* a apresentação pictórica da natureza, sendo deduzida do espírito que conduz o mundo da experiência (no caso, a experiência da interação dinâmica entre altura e estados químico-físicos assumidos pela água no horizonte de sua ebulição à reprodução de plantas, p. ex) a participar da *significação* da natureza organizada, à maneira de que a própria experiência já está integrada à

<sup>712</sup> Está no entendimento, a partir da leitura de Stephen T. Jackson, que a ciência humboldtiana reúne, juntamente com a *Naturgemälde*, todos os aspectos físico-humanos à determinação dos fenômenos para variação da cobertura vegetal. Nas palavras do comentador, tem-se: “[...] The *Essay*, together with its pictorial representation of physical, ecological, and societal properties arrayed along an elevational gradient, changed the way western culture viewed the world. Science was provided a new lens — a geographic lens in which diverse phenomena could be seen to covary systematically across the face of the earth [...]”. (JACKSON, *op. cit.*, p. 4).

<sup>713</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 114. HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 161.

<sup>714</sup> Em termos de uma climatologia elementar, J. O. Aoyade permite-nos entender que matematicamente nas escalas termométricas Celsius e Fahrenheit o ponto de ebulição da água ao nível do mar ocorre, respectivamente, a uma temperatura de 100°C e 212°F. (AYOADE, *op. cit.*, p. 50). Na antiga escala termométrica Réaumur, apresentada na *Naturgemälde* humboldtiana junto com a escala Celsius (em centígrados), o ponto de fervura da água ocorreria a uma temperatura de 80R.

<sup>715</sup> Informações referentes a essa tópica da água fervendo a alturas diversas estão no texto *Naturgemälde der Tropenländer*, que se encontram no original em alemão (à p. 161-163) – bem como, no texto *Tableau physique des Régions Équatoriales*, que se encontra no original em francês *Essai sur la Géographie de Plantes* (à p. 114-115) – e completam as sínteses pictórico-científicas da *Naturgemälde* que compõem, estas últimas, a coluna “Graus de água fervente em diferentes alturas” (*Degrés de l'eau à différentes hauteurs*).

idealidade objetivada do ser *natural* inteiro já significado.<sup>716</sup> E estando integrada ao conceito da *Naturgemälde*, a experiência se faz *parte* constituinte (e subsumida) dessa composição pictórica-científica na qual, acompanhada do intelecto, realiza o conhecimento sobre a natureza numa expressão imagética diferente, que expõe a unidade da experiência com o número e, destas, com a teoria.

Sendo potência vital às funções das plantas, Humboldt permite-nos observar, na apresentação pictórica, que a luz, figurada como atenuação da luz solar, assim como no processo de fervor da água, oscila de acordo com os aspectos altitudinais dos lugares: diminuição da luz solar menos intensa no cume das montanhas (no caso, o Chimborazo e o Cotopaxi) e diminuição da luz solar mais intensa no nível do mar (no caso, o limite oceânico dos trópicos).<sup>717</sup> Na pintura da natureza, os resultados dos cálculos dizem respeito a essa intensidade de luz que atravessa o ar atmosférico em várias alturas (expressa na coluna *Intensité de la Lumière dans l'air à diverses Hauteurs*)<sup>718</sup> sob um ar completamente transparente (visível pelos tons de céu azul ora mais claro ora mais escuro, na *Naturgemälde*) e sem névoa (onde na imagem não se vê – e nem se lê – nenhum traço pictórico que sirva de referente a uma nuvem rente ao solo, caracterizando a névoa)<sup>719</sup>, e que são aritmeticamente expressos em unidades numéricas simples (a 7.000m referente de intensidade de luz no ar de 0,9164, a 6.000m referente de intensidade de luz no ar de 0,9047, a 5.000m referente de intensidade de luz no ar de 0,8922, a 4.000m referente de intensidade de luz no ar de 0,8787, a 3.000m referente de intensidade de luz no ar de 0,8640, a 2.000m referente de intensidade de luz no ar de 0,8478, a 1.000m referente de intensidade de luz no ar de 0,8309, a 0 m, no nível do mar, referente de intensidade de luz no ar de 0,8123).<sup>720</sup>

---

<sup>716</sup> Schelling fala que vai fazer aparecer o conceito de filosofia da natureza “diante dos olhos do leitor” (*einen solchen Begriff selbst erst vor den Augen des Lesers entstehen zu lassen*). Algo que se dá por intermédio da construção intelectual *ativa* do conceito de filosofia da natureza, cuja realização se efetiva da apresentação dos fenômenos físico-químicos (das conexões não mecânicas destes com a natureza) à exposição teórica dos princípios constituintes de tal filosofia. Em sua busca, anuncia que “[...] o conceito de natureza será deduzido da totalidade do mundo da experiência não manuseada analiticamente [...]” (*setze ich indeß voraus, eine Philosophie der Natur solle die Möglichkeit einer Natur, d. h. der gesammten Erfahrungswelt, aus Principien ableiten*) (SCHELLING, 2001, p. 35) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 11).

<sup>717</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p.162. HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 115.

<sup>718</sup> Informações referentes a essa tópica da atenuação da luz solar a determinadas alturas no texto *Naturgemälde der Tropenländer* que se encontram no original em alemão (à p. 121-124) – bem como, no texto *Tableau physique des Régions Équatoriales*, que se encontra no original em francês (à p. 104-106) – e completam as sínteses pictórico-científicas da *Naturgemälde* que compõem, estas últimas, a coluna “Intensidade de Luz no ar em várias alturas, tendo como unidade sua intensidade no vazio” (*Intensité de la Lumière dans l'air à diverses Hauteurs en prenant pour unité son intensité dans le voidé*).

<sup>719</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 121-122. HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 104.

<sup>720</sup> Esses valores numéricos encontram-se na coluna *Intensité de la Lumière dans l'air à diverses Hauteurs* que compõe a *Naturgemälde*, e, como indicado nos textos *Naturgemälde der Tropenländer* (HUMBOLDT, 1807

Com mais este aspecto matemático em evidência, o valor alegórico da *Naturgemälde* é realçado para que a exposição pictórica dos fenômenos naturais (orgânicos e inorgânicos) ocorra em prol de mostrar a interconexão entre os próprios fenômenos e destes com a organização da natureza no plano geral. Ao que a luz, na forma de incidência de luz solar, esteja interconectada às várias interações fisiográfico-climáticas que atuam nas formas das plantas e estas na determinação de suas fisionomias; é uma pequena evidência de que a experiência não se encerra numa relação sensível, necessitando da *significação* intelectual-matemática para se fazer chegar até o espírito que a apreende em prol do conhecimento da natureza. O que isso significa numa aproximação em termos schellinguanos? Significa que tal exposição filosófica eleva os referentes matemáticos – não mais *strictu sensu* compreendidos na relação sensível –, fazendo-os se valer no mais elevado sentido de compreensão da ideia de natureza quando esta, conhecida através de ciência superior (a *Naturphilosophie*) e exposta por imagem superior (a *Naturgemälde*), já é a realidade que se exige idealidade, já é o real que *realiza* o ideal.<sup>721</sup>

Então, uma última vez: Como pode a *Naturgemälde*, enquanto expressão imagética da *Naturphilosophie*, apresentar o conhecimento sintético sobre a natureza? Através da unidade entre especulação e experiência por meio de exposição alegórica da natureza, permite-nos inferir o naturalista alemão. Em apontamento feito no prefácio à edição alemã da *Geografia das Plantas*, Humboldt deixa transparecer sua simpatia pelo diálogo entre “filosofia da natureza” schellinguiana (*Naturphilosophie*) e a “ciência da natureza empírica” (*empirischen Naturforschung*), com o qual, à luz de sua compreensão, os fenômenos naturais, impulsionados pelo conflito sem fim das forças fundamentais da matéria (forças de atração e forças de repulsão), justificam o empreendimento que levaria a unidade entre especulação e experiência.<sup>722</sup> A *Naturgemälde*, no sistema humboldtiano, apresenta ainda o conhecimento

---

[1805], p. 122) e *Tableau physique des Régions Équatoriales* (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 104), são resultados de cálculos que seguem ideias expressas por Laplace no seu *Exposition du Système du Monde* (Tome Premier, 1796), como referidas por Humboldt.

<sup>721</sup> Faz-se claro diálogo com a passagem nas *Ideias* sobre a filosofia se afirmar na indiferença do “absolutamente ideal” (*absolut-Ideale*) e o “absolutamente real” (*absolute-Reale*), como condição de toda a cientificidade superior. Só é possível quando a filosofia, valendo-se de sentido mais elevado geral, “afasta a indiferença do real e do ideal” (*Dieselbe Indifferenz des Realen un Idealen*), aceita no plano sensível pelas ciências matemáticas para *redirecioná-las* à “idealidade absoluta” (*absolute Idealität*), realizada, esta, pela intuição intelectual. (SCHELLING, 2001, p. 125) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 60).

<sup>722</sup> No tocante ao prefácio da edição alemã da *Geografia das Plantas*, Humboldt menciona a ousadia do empreendimento de Schelling que levaria a produção de um conhecimento cuja unidade entre especulação e experiência seria o fundamento, e em quem o naturalista via “um dos homens mais profundos do nosso século”. Em suas palavras: “[...] Tal possibilidade que quase duvidei de mim mesmo antes de meu retorno à Europa. Essa redução de todos os fenômenos naturais, de todas as atividades e formações, ao conflito sem fim entre as forças fundamentais opostas da matéria, foi justificada pelo empreendimento ousado de um dos homens mais profundos de nosso século [Schelling] [...]” (tradução nossa). (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. IV-V).

sintético sobre a natureza, *significando* as interconexões dos produtos naturais com a totalidade orgânica que é a natureza, por meio de uma imagem filosófico-matemáticamente concebida e intelectualmente construída. Assim, a busca por uma conciliação do mundo intelectual com o mundo empírico possível, nesse primeiro projeto de Humboldt, se efetiva porque o *empírico* é mediado pela representação matemática, o que o faz se aproximar do *intelectual*, por meio da significação alegórica da natureza organizada. A *Naturgemälde* humboldtiana aglutina essa conciliação *em torno de si* para, como modo de conhecimento alegórico da natureza, mostrar a composição das partes (os produtos naturais) ao todo (com a superfície terrestre e a atmosfera que a envolve). O exame pictórico-científico do organismo vivo, que é a natureza, é regido humboldtianamente pela apresentação das relações entre plantas, clima e localização.<sup>723</sup> Na pintura da natureza, o intermédio de texto, de número e de imagem, que concorrem para a unidade intelectual-empírica, mostra-se como meio que realiza *imageticamente* a unidade entre o ideal e o real. Isto dá à *Naturgemälde* o referendo de que só em termos de *Naturphilosophie* é possível continuar investigando: o conhecimento da natureza deduzido do espírito.<sup>724</sup> E tal conhecimento, sob lastro humboldtiano, é apresentado numa forma pictórica igualmente deduzida do espírito.<sup>725</sup>

---

<sup>723</sup> Ao comentar o quanto a *Geografia das Plantas* era uma forma diferente de compreender a natureza, Andrea Wulf identifica na relação entre plantas, clima e geografia [classicamente, o estudo da localização e da paisagem] cujos organismos do mundo, via “ideia de zonas de vegetação”, estão em todo globo terrestre. (WULF, *op. cit.*, p. 194).

<sup>724</sup> Faz-se, nessa passagem, clara alusão, mais uma vez, à intuição intelectual, em trazer a possibilidade de se conhecer a natureza a partir do prisma da unidade do absoluto (do espírito e da natureza).

<sup>725</sup> Ao que como chave de leitura, é mencionada tal forma pictórica (a *Naturgemälde*) por Humboldt no prefácio do original alemão, na sua posição unificadora de especulação e experiência, ser a realização de “[...] uma pintura da natureza de um tipo completamente diferente [...]” e tipo “[...] superior de uma forma filosófica natural a ser apresentada [...]” (*einst ein Naturgemälde ganz anderer und gleichsam höherer Art naturphilosophisch darzustellen.*) (tradução nossa) (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. IV).

## 5 FECHO – ESCORÇO SOBRE NATUREZA E IMAGINAÇÃO EM SCHELLING E HUMBOLDT ATRAVÉS DE ALGUMAS PASSAGENS

### 5.1 Termos do problema

Muitas vezes a imaginação é reduzida a um sentido negativo, compreendida como atividade espiritual desordenada e produtora de imagens fictícias,<sup>726</sup> quando não, percebida apenas como desempenhando uma função psicológica.<sup>727</sup> Entretanto, no âmbito das investigações de Schelling e de Humboldt, podemos, com eles, compreender no contexto de leitura das *Ideias* e da *Geografia das Plantas*, respectivamente, que a imaginação comunica outras formas de conhecer a natureza.<sup>728</sup> Ao fim e *a posteriori* às *Ideias* e à *Geografia das Plantas*, depreendemos a possibilidade de *captar* da natureza o elo de sua significação via outras formas cognitivas (nomes) assumidas pela imaginação. No bojo dessa possibilidade é que, em projeto filosófico seguinte de Schelling, observamos que a intuição intelectual se torna uma intuição que se objetiva via arte.<sup>729</sup> E em trabalho posterior de Humboldt, depreendemos que o artista se relaciona com a natureza para descrever artisticamente os produtos desta.<sup>730</sup> Esse movimento dual de conhecimento da natureza, que podem vir a se espelhar um no outro, revela para nós o seu íntimo elo com a imaginação. Movimento este

---

<sup>726</sup> Nicola Abbagnano aponta que, no século XVIII, a imaginação como imaginação desregrada, como uma imagem fictícia e, portanto, como uma forma inferior de faculdade, será concebida. Apenas no século XIX é que ganhará conotação de elemento positivo, com característica de liberdade criadora. (ABBAGNANO, *op. cit.*, p. 498).

<sup>727</sup> Rubens Rodrigues Torres Filho indica essa conotação recebida pela imaginação como *Einbildungskraft*, em ser um “[...] nome que sempre evoca uma função meramente psicológica [...]”. (p. 128) (Cf. TORRES FILHO, R. R. O simbólico em Schelling. In: TORRES FILHO, R. R. *Ensaio de filosofia ilustrada*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 109-133).

<sup>728</sup> Do lado de Schelling, como observaremos a partir de algumas passagens em *Ideias*, a imaginação como *Einbildung* – o que do infinito é comunicado pelo finito – será realçada. Do lado de Humboldt, em passagens finais da *Geografia das Plantas*, o aceno a um elo mais íntimo-poetizador dos povos com a natureza se dará por intermédio da imaginação como *Phantasie*. No trânsito entre ambos os significados, a imaginação como *Einbildungskraft*, apresenta-se como atividade criadora mais abrangente à *ressignificação* do conhecimento sobre a natureza.

<sup>729</sup> Faz-se alusão à tese da “intuição estética” objetivar a intuição intelectual via produção artística. O sexto capítulo do *System* de 1800 (*Deduktion eines allgemeinen Organs der Philosophie, oder Hauptsätze der Philosophie der Kunst nach Grundsätzen des transscendentalen Idealismus*) permite-nos compreender o percurso da dedução do produto artístico advinda da intuição estética. (SCHELLING. *System des transzendentalen Idealismus*, SW, I, 3, 612-629).

<sup>730</sup> Menciona-se a exposição das maneiras com que os povos apreciam a natureza através de pinturas feitas pelos artistas, e que está presente no volume 1 do *Kosmos. Entwurf einer Physischen Weltbeschreibung* (1845). (Cf. HUMBOLDT, A. von. *Kosmos. Entwurf einer Physischen Weltbeschreibung*. Erster Band. Tübingen, F. G. Cotta, 1845).

que tem como resultante máxima de sua significação a unidade dos esforços da especulação e da experiência à construção de uma imagem simbólica.

A síntese apresentada, a seguir, é um esboço de argumento sobre essa unidade ser mobilizada com a imaginação. Para tanto, lastrea-se as formas cognitivas assumidas por esta última nos nomes *Einbildung*, *Einbildungskraft* e *Phantasie*, que são comentados a partir de algumas passagens das *Ideias* schellinguianas e da *Geografia das Plantas* humboldtiana. Percurso, este, feito com o objetivo de demonstrar que tais formas assumidas pela imaginação impulsionam e fazem variar, por exemplo, a maneira como a intuição intelectual é produzida para compreensão da natureza. Esta última, em aproximação ao sistema de Schelling, transita da forma de conhecer a natureza deduzida do espírito<sup>731</sup> à forma de conhecer a natureza deduzida do espírito artístico<sup>732</sup>. Para nós, em aproximação ao sistema de Humboldt, ideia e imaginação conduzem à apresentação da natureza via uma *Naturgemälde*, que transita como modo de visualizar a ideia da natureza através das partes *significando* o todo<sup>733</sup> alegórico até se converter em modo de visualização da ideia da natureza quando todo e partes são *um*<sup>734</sup>, unidos simbolicamente.

## 5.2 A natureza e a imaginação

Com a análise das filosofias da natureza schellinguiana e humboldtiana, depreendemos um duplo movimento de compreensão da imaginação. Qual seja? Com Schelling, a forma como in-formação do infinito no finito, em direção à “unidade absoluta” (*absolute Einheit*),<sup>735</sup> é comunicada. Ou seja, em suas palavras, “[...] a forma será distinguida como particular, por exemplo, como a in-formação do infinito no finito, mas aquilo que se torna objetiva através

<sup>731</sup> Assim compreendida em uma das primeiras exposições nas *Ideias*, ser a intuição intelectual intermédio, forma de conhecimento que conduz à dedução do mundo da matéria pelo espírito. Cf. notas de rodapé 4 e 5.

<sup>732</sup> Assim compreendemos a “intuição estética” que, no *System* de 1800, trata-se da intuição intelectual objetivada artisticamente. (SCHELLING. *System des transzendentalen Idealismus*, SW, I, 3, 612-629).

<sup>733</sup> Esse modo de visualizar a ideia da natureza – que denominamos modo de sintetizar alegórico sobre o conhecimento da natureza – fora amplamente exposto na subseção “Pinturas da natureza” da parte da tese intitulada “A apresentação da natureza.”

<sup>734</sup> Esse modo de visualizar a ideia é anunciado nesta seção e diz respeito a um início de diálogo com o *Kosmos*. Tal diálogo é exposto como hipótese interpretativa para outra investigação sobre o conhecimento da natureza e tem no capítulo do volume 1, “*Einleitende Betrachtungen über die Verschiedenartigkeit des Naturgenusses und eine wissenschaftliche Ergündung der Weltgesetze*” (HUMBOLDT. *Kosmos*, 1845, p. 3-48), uma maneira para realizá-la.

<sup>735</sup> SCHELLING, 2001, p. 133. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 65.

desta forma é, todavia, apenas, a própria unidade absoluta [...]”.<sup>736</sup> A imaginação como *Einbildung* (in-formação) é assim entendida.<sup>737</sup> Com Humboldt, forma e aspecto convidam a uma compreensão criativa da natureza, por meio da qual, em suas palavras, “[...] aqui o indivíduo elimina a sede de conhecimento, ali as massas [formas] afetam a imaginação [...]”.<sup>738</sup> A imaginação entendida como *Phantasie*, e imiscuída a ela a *Einbildungskraft* (imaginação criadora),<sup>739</sup> <sup>740</sup> é assim lida. E esta última, não tendo sua compreensão reduzida à função psicológica “tomada na subjetividade”,<sup>741</sup> é, também, lida como “força da imaginação”.<sup>742</sup>

Do lado de Schelling, nas *Ideias*, esse percurso de compreensão da forma permite-nos entender que a natureza nos fala de maneira mais inteligível, quando menos pensamos nela de maneira reflexionante<sup>743</sup>. É a restituição dessa maneira de compreender univocamente a comunicação das formas finitas da natureza (as formas vegetais, algumas delas p. ex.) que

<sup>736</sup> SCHELLING, 2001, p. 133. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 65.

<sup>737</sup> Assim, faz-nos ler Morujão, ao traduzir *Einbildung* por “in-formação”. Atribuindo, assim, um significado “não recorrente” à imaginação, de *in-formar* o infinito no finito, cuja compreensão dessa identidade *comunica* o significado existencial do infinito “no seu outro” (no finito) ou na sua própria *imagem (Bild)*. (*Ideias*, MORUJÃO, 2001, p. 158-159). Conferir também a nota de rodapé 197.

<sup>738</sup> O texto no original em alemão é: “[...] Hier reitzt das Einzelne die Wissbegierde, dort wirken Massen auf die Phantasie [...]” (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 25).

<sup>739</sup> Importante pontuar que, em uma das tópicas ao verbete *Phantasie*, os irmãos Grimm, em seu dicionário, observam ser ela uma *imaginação criadora, especialmente poética (die schöpferische, besonders dichterische einbildungskraft)*. Ao verbete *Einbildungskraft*, no que diz respeito a Schelling, os irmãos Grimm pontuam, dizendo que ele usa o termo em sentido amplo ao tomá-lo como significando toda *geração de ideias (erzeugung von vorstellungen)*, incluindo as que são involuntárias. Quanto à *Phantasie*, os irmãos Grimm deixam-nos ler que se trata de *uma força, uma faculdade da alma (die phantasie ist eine kraft, ein vermögen der seele)*. (Consultar a versão digital do *Deutsches Wörterbuch* {no que tange aos verbetes *Phantasie* e *Einbildungskraft*}, no link: <https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB#1>.) Nas *Ideias*, o que Schelling deixa-nos apreender é que a própria *Einbildungskraft (imaginação criadora)*, como força que *apresenta* a natureza, via linguagem simbólica, restitui, de maneira inteligível, a forma de compreender unitariamente (e não por *cisão*) a natureza. (SCHELLING, 2001, p. 99-101) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47).

<sup>740</sup> É com Hegel, depois na sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio – Volume III. A filosofia do espírito* (1830), que, enquanto determinações da inteligência, a imaginação e a fantasia serão de fato distinguidas entre si. A inteligência como imaginação é reprodutora, vinculada ao conteúdo a ser reproduzido via *referência associativa* de imagens (§ 455, p. 239-240). A inteligência como fantasia é criadora, simbolizante, alegorizante ou poética, e, portanto, uma imagem com conteúdo próprio (§ 456, p. 243). Na fantasia, universal e ser, interior e exterior, estão unidos em uma só coisa (§ 457, p. 245). (Cf. HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio: 1830*. V. 3. Tradução e Adendos Oraís de Paulo Meneses com a colaboração do Pe. José Machado. São Paulo: Loyola, 1995).

<sup>741</sup> Essa função dada a *Einbildungskraft* é tributária de filosofias subjetivas (principalmente a de Fichte), às quais Rubens Rodrigues Torres Filho tece comentários. (TORRES FILHO, *op. cit.*, p. 127).

<sup>742</sup> É com esse entendimento, no glossário produzido por Márcia Gonçalves à edição brasileira dos *Aforismos para Introdução à Filosofia da Natureza* e *Aforismos sobre a Filosofia da Natureza*, que se dá a tradução para o português ao nome *Einbildungskraft*. (GONÇALVES, 2010, p. 167).

<sup>743</sup> Nos termos de Schelling, essa questão se põe da seguinte maneira: “[...] Aqui, pela primeira vez, assalta o homem um castigo da sua própria natureza, na qual intuição e conceito, forma e objeto, ideal e real, são originariamente uma e mesma coisa. Daí, a aparência peculiar que rodeia estes problemas, uma aparência que a mera filosofia da reflexão, que parte apenas da *cisão*, não é capaz de desenvolver, enquanto a pura intuição, ou antes, a imaginação criadora, há muito encontrou a linguagem simbólica que precisa apenas de ser interpretada para se ver que a natureza nos fala de uma forma tanto mais inteligível quanto menos pensarmos nela de um modo meramente reflexionante [...]” (SCHELLING, 2001, p. 99-101) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 47).

aquela unidade absoluta ascende aos olhos de quem as vê. Do lado de Humboldt, na *Geografia das Plantas*, formas e aspectos proporcionam um olhar prazeroso sobre a natureza, que busca um conhecimento que afeta a própria imaginação de quem *decifra* criativamente os seres organizados (como as plantas, p. ex.) que constituem a natureza como um todo.<sup>744</sup> É o apelo a um modo de sintetizar simbólico sobre o conhecimento da natureza que é interposto e que se faz ecoar através de quem a observa artisticamente – uma pintora ou um pintor, por exemplo. Ambos os lados, transmitem caracteres de univocidade (intuição e conceito, forma e objeto, ideal e real) que sugestionam uma forma de compreender ideal-objetivamente a natureza, na qual especulação e experiência são plasmadas, de maneira unívoca, para produção de tal conhecimento.

Não se tem com a imaginação como *Phantasie* necessariamente uma imaginação desregrada, reprodutora de imagens fictícias, mas uma imaginação criadora, cujas imagens são ideias.<sup>745</sup> Humboldt acena, ao fim da *Geografia das Plantas*, o quanto a visão sobre prados, árvores e florestas atua na imaginação criadora, impulsionando, de certa forma, a produção de imagens sobre a natureza que se conforma em verdadeiras ideias de como se conhece tais formas vegetais (os prados, as árvores e as florestas).<sup>746</sup> Numa pista schellinguiana, em diálogo às *Ideias*, conhecer a natureza passa pelos graus de in-formação (*Einbildung*) com que formas finitas realizam o infinito, até o alcance da “absoluta indiferença” (*absoluter Indifferenz*)<sup>747</sup> entre universal e particular no real se tornar possibilidade efetivada de maneira simbólica. No que podemos entender daí que, formas

---

<sup>744</sup> Esse aspecto de fruição e prazer (*jouissance*) de quem observa a natureza é bem pontuado no original em francês da *Geografia das Plantas*, apresentando-se, como a um espelhamento ao original em alemão, da seguinte maneira: “[...] O mero aspecto da natureza, a visão de campos e bosques, induz a uma fruição que é essencialmente diferente da impressão causada pelo estudo particular da estrutura de um ser organizado. Aqui, é o detalhe que nos interessa e que desperta a nossa curiosidade; aí está o todo, são as massas que agitam a nossa imaginação [...]” (tradução nossa). O texto no original em francês situa-se em: (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 30).

<sup>745</sup> Assim, afirma Nicola Abbagnano, no tocante à reabilitação positiva do termo fantasia que, após Kant, passa a ser entendida como imaginação criadora (assim como a *Einbildungskraft*) e se diferenciar, em qualidade, da imaginação reprodutora comum. (ABBAGNANO, *op. cit.*, p. 498).

<sup>746</sup> O aceno é feito em termos de perguntas e se subscreve no original em francês da seguinte forma: “[...] Que impressão diferente causa o aparecimento de um vasto prado rodeado por alguns grupos de árvores e o aparecimento de uma floresta densa e escura misturada com carvalhos e abetos? Que contraste notável entre as florestas das zonas temperadas e as do equador, onde os troncos nus e delgados das palmeiras se erguem acima das árvores de mogno em flor e apresentam majestosos pórticos no ar? [...]” (tradução nossa). O texto no original em francês situa-se em: (HUMBOLDT, 1805 [1807], p. 30).

<sup>747</sup> Em Schelling, os graus de in-formação do infinito no finito tornam a unidade absoluta (*absolute Einheit*), objetivada através da “forma particular” (*besondere Form*). (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 65) (SCHELLING, 2001, p. 133). No plano da filosofia da arte schellinguiana, a absoluta indiferença do universal e do particular no real [no particular] se concretiza com a exposição simbólica do absoluto. Ou seja: “[...] Exposição do Absoluto, com absoluta indiferença [*absoluter Indifferenz*] do universal e do particular no particular, só é possível simbolicamente [...]”. (SCHELLING, § 39, 2010, p. 69) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, § 39, I, 5, 406).

particulares – como as plantas, p. ex. –, são formas objetivadoras da natureza como todo. As suas imagens como ideias sintetizam a identidade absoluta da essência e da forma, ou seja, de maneira exemplificada, a planta (como uma forma particular, forma finita) é, no real, posta de modo idêntico à natureza organizada, aqui, tomada como essência.<sup>748</sup> Assim, a “imagem *ideal*” (*ideale Bild*) da natureza<sup>749</sup>, in-formada através da planta como forma particular, é resultante da absoluta indiferença entre universal e particular no real, e tem no modo de sintetizar simbólico o conhecimento da natureza, o grau máximo de sua apresentação (*Darstellung*). A imaginação com sua função criadora (a *Einbildungskraft*) se põe como conduto dessa forma de expor tal conhecimento sintético da natureza. Por sua vez, em mediação humboldtiana, essa imaginação encontra, na *Naturgemälde*, a forma apresentacional de conduzir simbolicamente a ideia de natureza, quando dos seus aspectos imaginativos, livres, os mesmos são realçados (a *Phantasie*).

A *Naturgemälde* simbólica, assim, anuncia-se.<sup>750</sup> Não mais apenas a pintura da natureza construída através do universal, sendo intuído pelo particular, não mais apenas uma *imagem* que visualiza a ideia de natureza pela parte que *significa* o todo.<sup>751</sup> Formas de conhecer que podem in-formar as formas finitas do infinito, cuja ideia e experiência imergem na exposição simbólica da natureza, para, já unidas no intelecto criativo, significarem a natureza organizada (como infinito) e suas formas orgânicas (como formas finitas) de outra maneira. A *Naturgemälde* se converte, tal qual mediação schellinguiana, em um modo de exposição sintético do conhecimento sobre a natureza onde o universal e o particular são *um*, numa “forma absoluta” (*absolute Form*), unidos pela imaginação criadora (*Einbildungskraft*).<sup>752</sup> A pintura da natureza, nesse sentido, é construída através do particular

<sup>748</sup> Em termos schellinguianos, ideias, como sínteses da identidade absoluta do universal e do particular, da essência e da forma, apresentam tais resultantes que se renovam no âmbito da forma particular ser posta de modo idêntico à forma absoluta ou à essência. (SCHELLING, 2001, p. 131) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 64).

<sup>749</sup> Essa “imagem *ideal*” (*ideale Bild*) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 69), que varia sua penetração no mundo real de acordo com variação de ideia sobre o organismo. Realizando o organismo perfeito (a natureza organizada) – sua infinitude – através dessa variação de ideia nas *imagens* superiores – finitas – no mundo real (planta, ser humano). Cf. nota de rodapé 307.

<sup>750</sup> Como já aludimos em nota de rodapé anterior (674), é essa hipótese interpretativa que dá forma simbólica de conduzir a *Naturgemälde*. Ela ganha indícios de sua elaboração no *Kosmos*. Em Lucia Ricotta, há um entendimento da pintura natureza em se conformar em uma “apresentação” (*Darstellung*) simbólica, que caracteriza um modo de conhecer intuitivo e estético do universo. (RICOTTA, *op. cit.*, p. 76-77).

<sup>751</sup> Questão amplamente dialogável com os termos do modo de exposição alegórico das ideias, anunciado por Schelling na *Filosofia da arte*, ao dizer que: “[...] Aquela exposição na qual o particular significa o universal, ou na qual o universal é intuído por meio do particular, é *alegórica* [...]”. (SCHELLING, 2010, p. 69) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 406); e que, aqui, repetindo mais uma vez, são mediados para construção da *Naturgemälde* alegórica, apresentada, esta, na subseção “Pinturas da natureza” da parte da tese intitulada “A apresentação da natureza”.

<sup>752</sup> No que concerne à filosofia da arte schellinguiana, a *Einbildungskraft* é comum aos modos de exposição (esquemático, alegórico e simbólico). Mas somente o modo de exposição simbólico, via *Einbildungskraft*, traz para si o *gêrmen* para exposição indiferente (unida) do universal e do particular no *real*, quando a “forma

que já é o próprio universal, e vice-versa, e a *imagem* já atinge a ideia simbolicamente.<sup>753</sup> Empírica, matemática e intelectual, todas as formas de conhecer são plasmadas pela imaginação criadora que atinge a ideia de maneira simbólica, e a *imagem*, convocada daí, retém tal ideia como expressão imagética da indiferença entre universal e particular. Tem-se, com esse movimento, a realização da *Naturgemälde* simbólica, que, para nós, alude igualmente à unidade entre *Natura naturans* e *Natura naturata*, na mesma medida que expõe as partes (idealidade e experiência das formas orgânicas, construídas) significando e sendo o todo (a natureza organizada, simbolicamente apresentada), e este, significado e sendo a parte; ambos, universais no real. Nesse movimento, em fim da *Geografia das Plantas*, aquele pedido de Humboldt, por meio da imaginação como faculdade da alma (*Phantasie*),<sup>754 755</sup> faz-se ouvir à remissão da unidade simbólica de ambas as naturezas.

Schelling, nas *Ideias*, faz-nos ler a *Natura naturans* e a *Natura naturata* em unidade simbólica. A natureza como princípio de conhecimento (*Natura naturans*) e a natureza como mero corpo (*Natura naturata*), nessa leitura, são uma só natureza, símbolo que se mostra no real [particular].<sup>756</sup> Originalmente unidas no absoluto, alma e corpo da natureza mostram-se como símbolo do ato de conhecimento e do corpo mesmo da natureza<sup>757</sup>, princípio de tal *Naturphilosophie* schellinguiana que, para nós, encontra na *Naturgemälde* simbólica, num reposicionamento humboldtiano posterior<sup>758</sup>, seu referente imagético que apresenta

absoluta” (*absolute Form*) se mostra simbolicamente. Nas palavras de Schelling, tem-se: “[...] Esses três diferentes modos de exposição [esquemático, alegórico, simbólico] têm isto em comum, que são possíveis somente mediante imaginação [criadora], e são formas dela, mas só a terceira é, exclusivamente, a forma absoluta [...]” (SCHELLING, 2010, p. 69) (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 407).

<sup>753</sup> Essa passagem é plenamente mediável com aquele sentido schellinguiano de que, na pintura como forma artística, o modo de exposição simbólico das ideias apresenta “[...] o particular significando o universal, sendo ao mesmo tempo o próprio universal [...]” (SCHELLING, 2010, p. 196). (SCHELLING. *Philosophie der Kunst*, SW, I, 5, 549).

<sup>754</sup> Pedido que se anuncia da seguinte forma na *Geografia das Plantas*: “[...] Que influência teve a distribuição das plantas no solo, e a sua visão, sobre a imaginação [*Phantasie*] e o sentido artístico dos povos? [...]” (tradução nossa). O texto no original em alemão situa-se em: (HUMBOLDT, 1807 [1805], p. 24).

<sup>755</sup> Condição esta que, já em nota anterior anunciada pelos irmãos Grimm, em tópica sobre a *Phantasie*, no que concerne a Schelling, consiste em ser ela uma faculdade da alma (*ein Vermögen der Seele*). (Consultar a versão digital do *Deutsches Wörterbuch* {ao verbete *Phantasie*}, no link: <https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB#1>).

<sup>756</sup> Nas *Ideias*, a “natureza como mero corpo” (*Natur als der blosse Leib*) (*Natura naturata*) se mostra símbolo do “ato absoluto de conhecimento” (*absolute Erkenntnisakt*) (*Natura naturans*). No que, como Schelling finaliza: “[...] no absoluto, nem a natureza é como natureza, nem o mundo ideal como mundo ideal, mas sim ambos como um só mundo [...]” (SCHELLING, 2001, p. 137) (SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 67).

<sup>757</sup> Em seu texto *Die Genese der Naturphilosophie des jungen Schellings aus der Frage nach der Möglichkeit der Konstruktion eines Systems der Philosophie* (2016), à análise de princípio da natureza, Márcia Gonçalves permite-nos ler o absoluto da natureza como unidade de *Natura naturans* e *Natura naturata*. A primeira, alma da natureza como infinito ato de cognição; e a segunda, o corpo da natureza. Ambas, alma e corpo da natureza absoluta (do ato de conhecimento), estão unidas simbolicamente no absoluto. (p. 329) (Cf. GONÇALVES, M. C. F. *Die Genese der Naturphilosophie des jungen Schellings aus der Frage nach der Möglichkeit der Konstruktion eines Systems der Philosophie*. *Revista Portuguesa de Filosofia*, 2016, v. 72 (2-3), p. 321-338).

<sup>758</sup> Lucia Ricotta deixa-nos entender que o que se evoca, em termos de imagem, no percurso da elaboração do *Kosmos*, é a visualização de uma ideia de natureza que seja expressa em uma “pintura do universo”

simbolicamente aquela unidade absoluta. Ao que a pintura da natureza, nesse sentido, converte-se em emblema pictórico da absoluta indiferenciação do ideal e do real<sup>759</sup>, construída, também, através da unidade de especulação e experiência que in-formam o infinito. Isto permite-nos acenar para uma mobilização da tese schellinguiana dentro do sistema humboldtiano: se o infinito *é* expresso ele próprio no finito, então, a *Natura naturans* *é* ela própria expressa na *Natura naturata*, ao que só através de uma *imagem* simbólica pode ser mostrada tal unidade. Visualização, essa, a ser construída pela *Naturgemälde* simbólica. Com Humboldt, essa visualização da unidade simbólica das naturezas, ganha, através da pintura da natureza, uma apresentação (*Darstellung*) que abarca tanto a realidade experienciada, na sua forma de fenômenos empíricos da natureza, quanto a intuição vivida, na sua forma de natureza *espiritualizada*.<sup>760</sup> *Natura naturans* e *Natura naturata*, como emblema conduzido pela *Naturgemälde* simbólica, só podem, assim, ser conhecidas por meio de uma intuição intelectual enquanto conhecimento absoluto<sup>761</sup>; esta, que, ao realizar-se esteticamente<sup>762</sup>, contribui à exposição de tal emblema.

Além de deduzir o mundo da matéria via espírito<sup>763</sup>, a intuição intelectual busca objetivar-se em mais alta potência via faculdade poética<sup>764</sup>, criadora. Em termos schellinguianos posteriores às *Ideias*, a intuição intelectual torna-se “intuição estética”

(*Weltgemälde*). Ao que podemos inferir que a *Naturgemälde* *é* parte dessa pintura universal (*Weltgemälde*), e que uma analogia entre o “mundo terrestre” e o “mundo celeste”, daí pode ser imaginada. O reposicionamento da compreensão da primeira (*Naturgemälde*) se imiscuiria à segunda (*Weltgemälde*). (RICOTTA, *op. cit.*, p. 86).

<sup>759</sup> Do comentário de Márcia Gonçalves no *Die Genese der Naturphilosophie* sobre a descrição da “absolute Indifferenzierung’ des Idealen und Realen” (*absoluta indiferenciação do ideal e real*), por meio da tese da “Einbildung des Unendlichen in das Endliche” (*in-formação do infinito no finito*), fica evidenciado que o próprio organismo *é* um símbolo (ou emblema) da produtividade infinita e absoluta na natureza finita e sensível. (GONÇALVES, 2016, p. 332). Ao que, para nós, no entendimento dessa leitura, a *Naturgemälde* simbólica, como a um referente pictórico que apresenta o organismo, mostra-se como a um emblema da indiferença entre especulação e experiência, quando a imaginação (*Einbildung/Einbildungskraft/Phantasie*) expõe o organismo capturado simbolicamente numa imagem.

<sup>760</sup> A apresentação (*Darstellung*) que abarca experiência e intuição, nos termos do estudo de Lucia Ricotta sobre o *Kosmos* de Humboldt, *é* uma apresentação simbólica. Nesta, a imaginação surge como força que se adéqua para o espelhamento do real e do ideal. (RICOTTA, *op. cit.*, p. 92).

<sup>761</sup> Márcia Gonçalves, em comentário ao *System* de 1800, permite-nos compreender que a intuição intelectual como princípio da filosofia schellinguiana que iguala absolutamente o finito e o infinito, e sendo ela “conhecimento absoluto” (*absoluten Erkennen*), conduz à indiferença entre essência (*Wessen*) e forma (*Form*), objeto (*Objekt*) e sujeito (*Subjekt*) do conhecimento. (GONÇALVES, 2016, p. 335).

<sup>762</sup> A intuição intelectual, que nas *Ideias* *é* exposta de maneira “não sistemática”, no *System* de 1800 ganha em exposição sistemática, quando *é* apresentada como uma “intuição interna” (*ist selbst bloß eine innere*) que transita até a sua objetivação para *fora de si* e que se dá através de uma segunda intuição: a “intuição estética” (*ästhetische Anschauung*). (SCHELLING. *System des transzendentalen Idealismus*, SW, I, 3, 625; 627).

<sup>763</sup> Essa compreensão se dá a partir das *Ideias*. Conferir em termos complementares a nota de rodapé 127.

<sup>764</sup> Schelling, assim, deixa-nos compreender no *System* de 1800, a partir do original como faculdade poética que enleva a intuição intelectual ao movimento de produção artística, sendo ela convertida, também, em “intuição produtiva” (*produktive Anschauung*). (SCHELLING. *System des transzendentalen Idealismus*, SW, I, 3, 626).

(*ästhetische Anschauung*), quando objetivada pela arte.<sup>765</sup> Uma intuição produzida pela imaginação enquanto faculdade criadora (*Einbildungskraft*) na qual o próprio sentido poético conduzido por ela permite-nos compreender que o contraditório do mundo simbolizado está entre a realidade e o sonho.<sup>766</sup> Como intuição estética, a intuição intelectual medeia as formas da natureza por meio da arte e de sua linguagem simbólica. Assim, para nós, como resultantes de mediações, a intuição estética é uma intuição produtiva em potência máxima, produto da imaginação como faculdade criadora de ideia (no nome *Einbildungskraft*) e com força anímica (à maneira de *Phantasie*) que a *modula*, redirecionando a *in-formação* do infinito no finito (enquanto *Einbildung*) para o plano estético de sua simbolização, já convertida em uma pintura da natureza simbólica (a *Naturgemälde*). Ao que pensamos, então, que para se fazer ecoar na imaginação criadora (*Einbildungskraft*) a própria natureza, no seu caráter objetivo, atravessa ativamente quem a vê (uma pintora ou pintor, p. ex.), para pôr suas formas finitas artisticamente (planta simbolizada, como obra de arte, p. ex.), realizadas, estas, no âmbito subjetivo-objetivo da existência. Na senda humboldtiana posterior à *Geografia das Plantas*<sup>767</sup>, essas resultantes encontram igual eco na liberdade criadora (*Phantasie*)<sup>768</sup> dos diversos povos, em épocas diversas, para poder manter eles anímicos com a natureza, imprimindo, tais elos, sentimentos variados para com esta. O mundo natural, assim, desperta a possibilidade da beleza artística a ser decifrada pela imaginação dos povos.

A natureza, em sua infinitude, é realizada pelas suas formas finitas (seus produtos particulares), que, em modos de inteligência mais ou menos conscientes, fazem a intuição intelectual se transmutar até uma forma totalmente objetivada, a intuição estética que unifica, no símbolo, natureza e espírito.<sup>769</sup> Portanto, a atividade da experiência estética da natureza

<sup>765</sup> No *System* de 1800, a intuição intelectual como intuição estética é assim definida: “[...] Essa objetividade da intuição intelectual, universalmente reconhecida e de nenhum modo negável, é a arte. Na verdade, a intuição estética é precisamente a intuição intelectual objetivada [...]” (tradução nossa). (SCHELLING. *System des transzendentalen Idealismus*, SW, I, 3, 625).

<sup>766</sup> Trecho em diálogo à passagem, no *System*, de que ainda que o intelectualmente *ativo* (na forma intelectual ou estética, ambas produtivas) unifica em si “o contraditório”, a imaginação (como *Einbildungskraft*). Na passagem, lê-se: “[...] O ativo em ambas [intuições intelectual e estética] é uma e a mesma coisa, o único pelo qual somos capazes de pensar e unificar inclusive o contraditório: a imaginação [*Einbildungskraft*] [...]”. (tradução e colchetes nosso) (SCHELLING. *System des transzendentalen Idealismus*, SW, I, 3, 626).

<sup>767</sup> Faz-se alusão ao capítulo “*Einleitende Betrachtungen über die Verschiedenartigkeit des Naturgenusses und eine wissenschaftliche Ergründung der Weltgesetze*” do volume 1 do *Kosmos*, no qual Humboldt expõe o quanto, em vários momentos da história humana, os seres humanos desenvolveram elos anímicos com a natureza, norteados principalmente pela imaginação criadora que *investiga* artisticamente a produção no entorno da natureza.

<sup>768</sup> Como liberdade criadora, o termo *Phantasie* passa a assumir uma conotação positiva no século XIX. Esta assertiva encaixa-se na observação feita por Nicola Abbagnano, como se pode ler na segunda parte da nota de rodapé 726.

<sup>769</sup> Em termos de preâmbulo, o arco interpretativo ao *System* de 1800, tem-se que o princípio de identidade entre natureza (produzida por uma “atividade não consciente” – *bewußtlosen Thätigkeit*) e espírito (manifesto por “atividade consciente” – *bewußten Thätigkeit*) encontra na “atividade estética” (*Thätigkeit ästhetische*) sua

anuncia-se, para, em aproximação ao pensamento sobre a natureza, apresentá-la ao espírito que lhe quer investigar simbolicamente. A imaginação, aí, terá a tarefa de, a um só tempo, *comunicar* a infinitude da natureza nas suas formas finitas (*Einbildung*) através de sua função criadora (*Einbildungskraft*) que, enlaçada a uma alma poetizadora (*Phantasie*), impulsiona a exposição da ideia via uma imagem na forma simbolizadora (*Naturgemälde*). O que parece fim é outro começo, em que a intuição intelectual passa a elaborar um pensamento estético sobre a natureza. É outro início que, após as *Ideias*, subscrever-se-á para compreendermos “[...] o que chamamos natureza é [ser] um poema trancado em maravilhoso roteiro secreto [...]”.<sup>770</sup> E que, em verdade, após a *Geografia das Plantas*, é outro começo, “[...] do qual todas as criaturas e forças se manifestam como um todo natural, animado por um impulso íntimo [interno] [...]”,<sup>771</sup> que acabarão por revelar a poeticidade da natureza advinda de um conhecimento elevado sobre a mesma. Ao que adicionamos, por fim, que apresentar tal poeticidade da natureza em *desvendamento* simbólico é descortinar a si própria (o *poema trancado*) e seus produtos (o seu *roteiro secreto*) aos olhos de quem as vê na indiferença de tais potências: a ideia e a experiência. Isto é porvir, tendo no *System des tranzendentalen Idealismus* de Schelling e no *Kosmos. Entwurf einer Physischen Weltbeschreibung* de Humboldt algumas das *figurações futuras* a mediar outra hipótese interpretativa sobre o conhecimento da natureza.

---

realização “com consciência” (*mit Bewußtseyn*). (SCHELLING. *System des tranzendentalen Idealismus*, SW, I, 3, 349). Uma realização simbólica, por apreensão. Nela, na atividade estética, o “mundo ideal da arte” (*idealische Welt der Kunst*) e o “real dos objetos” (*reelle der Objekte*) são produtos do princípio de identidade entre natureza e espírito. Ao que, daí, anuncia-se a “Filosofia da arte” (*Philosophie der Kunst*) como “órganon geral da filosofia” (*allgemeine Organon der Philosophie*) que *decifra, em nós* (espírito), a poesia originária e não consciente que é o mundo objetivo (a natureza). Essa *decifração*, ainda na leitura do *System* de 1800, é impulsionada pela “intuição estética” (*ästhetische Anschauung*) (SCHELLING. *System des tranzendentalen Idealismus*, SW, I, 3, 349; 625-628).

<sup>770</sup> SCHELLING. *System des tranzendentalen Idealismus*, SW, I, 3, 628.

<sup>771</sup> HUMBOLDT. *Kosmos*, I, 1845, p. 39.

## CONCLUSÃO

No presente trabalho, indicamos as *linhas sintéticas* para a compreensão da natureza a partir de estudos filosófico-científicos de Schelling (as *Ideias* e a *Introdução ao Projeto*) e de Humboldt (a *Geografia das Plantas* e a *Fisionomia das Plantas*). A hipótese interpretativa foi desenvolvida em torno da construção de conceitos que apareceram no percurso de duas partes (*A ideia de natureza* e *A apresentação da natureza*) e de três momentos intervalares (*Preâmbulo*, *Interlúdio* e *Fecho*) cuja primeira comparação entre as filosofias da natureza schellinguiana e humboldtiana fora produzida para a investigação sobre o conhecimento subjetivo-objetivo da natureza. Para nós, em muito, tal investigação ganhou em efetividade através do diálogo entre ideia e experiência que, juntas, contribuíram ao enlace filosófico durante toda a tese. Esse diálogo trouxe, também, o significado de que a construção dos conceitos envolveu premissas pautadas na *unidade* entre espírito e natureza.

Como um momento intervalar, no *Preâmbulo*, apresentamos preliminarmente a ideia central de aproximação entre as ciências filosóficas de Schelling e de Humboldt: dois saberes que privilegiam o conhecimento unitário da natureza, cujos fundamentos para a sua interpretação concorreram para analisá-la como um organismo vivo *impulsionador* de uma rede de vida na qual estão interconectados os produtos naturais (orgânicos e inorgânicos). As cartas trocadas entre os dois autores foram utilizadas neste trabalho como expressões precípuas de suas respectivas ideias de natureza. Assim, enquanto recursos expositivos, as cartas deixaram-nos ler os comentários gerais de ambos os intelectuais sobre a compreensão da natureza, atrelada a um fundamento científico que tem na *união* de ideia e experiência a *força motriz* capaz de reconfigurar a doutrina da natureza (*Naturlehre*) em sua maneira de conceber o mundo natural através de uma proposição unificadora. A esta última, o fundamento científico que lhe dá esteio chama-se filosofia da natureza.

Esse campo científico permitiu-nos, na imanência das *Ideias* de Schelling, analisar as teses da “*natureza como um todo*”, das “*potências da natureza*” e da “*organização da natureza*”, no horizonte de uma investigação cujo modo de pensar a *unidade* de sujeito e de objeto é uma resposta às doutrinas da natureza que condicionam seus estudos científicos à filosofia da reflexão (*Reflexionsphilosophie*). A resposta schellinguiana aos sistemas científicos apoiados na *mera* reflexão passou pelo exame de compreensão da ideia (*Idee*) – e com ela a ideia de natureza – como “*síntese da identidade absoluta do universal e do*

particular”<sup>772</sup> cujo objeto é a natureza. Assim, na parte *A ideia de natureza*, iniciamos com a construção conceitual no que diz respeito à tese da “*natureza como um todo*”, em que o princípio unificador do mundo ideal e do mundo real está contido no *saber* da natureza que realiza tal princípio ideal-objetivamente no curso da natureza (*Naturlauf*). A natureza no seu todo, nesse sentido, foi pensada como uma totalidade que *une* objeto e representação (do sujeito) para a elaboração dessa concepção *idêntica* de ambos os mundos. E por *promover* tal união, a natureza no seu *todo* “[...] decorre da própria essência do absoluto e das ideias [...]”.

773

Em seguida, da tese das “*potências da natureza*”, a construção conceitual *girou* em torno da demonstração de três potências equivalentes às unidades que *in-formam*, via modos de inteligência inconsciente e consciente, os graus de desenvolvimento da natureza. Nessa perspectiva, analisamos a matéria (*Materie*), a luz (*Licht*) e o organismo (*Organismus*). A matéria, sendo a potência que comunica a originalidade da natureza através de forças opostas (de atração e de repulsão) que constrói o espaço físico do mundo. A luz, sendo a potência que faz variar a qualidade dos corpos na singularidade para a construção da matéria. E, por último, o organismo, sendo a potência que é o princípio da natureza e que expõe a *indiferença* entre as outras potências. Essas potências, que são “potências da filosofia da natureza”,<sup>774</sup> permitiram-nos entender que a *Naturphilosophie* schellinguiana *decifra* a dinâmica da natureza na *unidade* de ideal e real, fazendo progredir, cada qual a seu modo, o sistema da natureza. Ao fim dessa parte, a tese da “*organização da natureza*” levou-nos a uma construção conceitual *centrada* na ideia de organização, cujos sentidos remontam ao princípio de que a natureza produz a si mesma, regressando infinitamente a si. Isso fez-nos entender que seus produtos orgânicos (o organismo planta, p. ex.), no âmbito de suas particularidades, também produzem a si mesmos, auto-organizando-se de acordo com leis próprias de suas vidas à busca pela conexão ideal-objetiva com a natureza. Nestes termos, afinal, a organização senão se pode explicar através de um elo intelectual *ativo* com o mundo natural, “[...] tão-pouco se pode explicar de forma mecânica [...]”.<sup>775</sup>

Esses modos de pensar a natureza trouxeram-nos o desafio de anunciar os elos dinâmicos entre a produtividade e os produtos orgânicos para sua construção. Enquanto um produto orgânico que sucede da infinita produtividade da natureza, a planta não está *só* em repouso, movida por uma causa externa, mas *também* em movimento, movida por uma força

<sup>772</sup> SCHELLING, 2001, p. 131. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 64.

<sup>773</sup> SCHELLING, 2001, p. 143. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 71.

<sup>774</sup> SCHELLING, 2001, p. 139. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 68.

<sup>775</sup> SCHELLING, 2001, p. 91. SCHELLING. *Ideen*, SW, I, 2, 41.

própria que impulsiona sua organização e a liga dinamicamente à natureza como um todo. Essa é a circunstância na qual mobilizamos a exposição feita no segundo momento intervalar que o chamamos de *Interlúdio*. Nele, elaboramos um *parecer* que acenou para um *ponto de convergência* entre as filosofias da natureza de Schelling e de Humboldt, qual seja: a concepção unificadora entre especulação e experiência onde se restitui a interação dinâmica dos produtos naturais (orgânicos e inorgânicos) e dos fenômenos naturais (clima, água, luz solar etc.) com a natureza sobre o prisma tanto da filosofia da natureza, enquanto uma física especulativa (*spekulative Physik*), quanto da geografia das plantas (*Geographie der Pflanzen/Géographie des plantes*), como ciência *especial* da física geral (*physique générale*). Assim concebida tal convergência, esses campos científicos acabaram por vislumbrar a *possibilidade* de compreensão dos movimentos dinâmicos dos produtos orgânicos (da planta, p. ex.) que ocorrem tanto no movimento quanto no repouso ao interagirem com fenômenos naturais (com a luz solar, p. ex.) para se distribuírem diferentemente sobre a superfície terrestre.

A investigação sobre o conhecimento unitário da natureza resultou, através dos conteúdos da *Geografia das Plantas* e da *Fisionomia das Plantas* de Humboldt em base comparativa com o sistema de Schelling, nas maneiras de *conduzir* a apresentação (*Darstellung*) das formas, das fisionomias e das pinturas naturais em seu encadeamento ideal-real com os fenômenos naturais que as envolvem. Na parte *A apresentação da natureza*, fizemos uma elaboração teórica a partir da análise dos conceitos de Humboldt sobre “*formas da natureza*”, “*fisionomia da natureza*” e “*pinturas da natureza*”. Conquanto, nesse plano, a compreensão humboldtiana sobre a natureza passou necessariamente pela análise da planta como centralidade à apreensão intelectual-empírica do mundo em resposta ao preceito *reflexivo* das ciências da natureza estritamente empíricas. Assim, a “[...] impressão causada pelo estudo particular desse ser organizado [...]”<sup>776</sup> que é a planta, resultou nas disposições ideais-reais de sua apresentação. A partir deste estudo, iniciou-se a elaboração teórica, tomando o conceito de “*formas da natureza*” como ponto de partida. No âmbito de formas orgânicas particulares da natureza, o estudo das formas das plantas (*Pflanzenformen*) fez-nos compreender como a sua distribuição contribui para a organização da natureza na superfície terrestre. Ao que evidenciamos ser isto possível, porque participam da interconexão das plantas com o *todo* orgânico as variáveis de interação de ordem fisiográfico-climática (clima, altura, localização) que incidem na morfologia vegetal. Foram essas variáveis que nos fizeram

---

<sup>776</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 30.

entender que “o conhecimento das formas”,<sup>777</sup> vai para além da história natural descritiva e mecanicamente concebida.

Com o conceito de “*fisionomia da natureza*”, a elaboração teórica enfeixou uma compreensão de que os contornos da matéria, os aspectos fisionômicos das formas são partes da apresentação mais geral da natureza. E, para que assim fossem compreendidos, estudamos como tais contornos e aspectos surgem no curso da natureza – na relação mútua entre sucessão e fenômeno. Centramos atenção na fisionomia das plantas (*Physiognomie der Pflanzen*) e de como esta se *sustenta* no mundo real através de fenômenos naturais, como água e luz que lhes são fundamentais, para estabelecerem seus traços sobre a superfície terrestre. A partir deste estudo, reconhecemos como ser organizado, que é a planta, que sua fisionomia é o “[...] fundamento mais importante de toda descrição da natureza [...]”<sup>778</sup> e que, no âmbito da particularidade, ela é subjacente a um elo interno e dinâmico que se dá com a mesma. Portanto, sob os auspícios de uma descrição não mecânica sobre a natureza. Ao fim dessa parte, o conceito de “*pinturas da natureza*” levou-nos a elaboração teórica sobre uma *imagem* que se mostrou a forma mais trabalhada da apresentação da natureza – o seu nome, *Naturgemälde*. Os esforços em “[...] apresentar uma pintura da natureza de um tipo completamente diferente [...]”,<sup>779</sup> que é a *Naturgemälde*, concorreram para, identificados os elos interno-dinâmicos dos contornos e dos traços das plantas, mostrar uma imagem que faz convergir especulação e experiência para sua própria realização. Assim foi feito, quando um *contexto* de alegorização dos dados empírico-matemáticos sobre as variáveis fisiográfico-climáticas e os fenômenos naturais (tabelas de alturas, escala de ar, medidas de fervor da água etc.) se fez presente para a constituição da imagem pictórico-cientificamente concebida. Eis, então, que tal imagem fora decifrada como um modo de exposição sintético sobre a natureza, cuja finalidade é atingir o espírito (a ideia).

Esse espírito é atingido em sua completude, quando especulação e experiência se relacionam com a imaginação para elaborarem uma imagem simbólica da natureza. Esse foi o *mote* do último momento intervalar que o denominamos de *Fecho*. Nele, expusemos uma síntese de como a imaginação, assumida em formas cognitivas variadas (*Einbildung*, *Einbildungskraft* e *Phantasie*), *comunica* um modo de conhecimento sobre a natureza, via uma *Naturgemälde* simbólica, que visualiza a ideia de natureza na qual o todo e as partes são *um*. Verificou-se que essa imagem simbólica está em consonância com a intuição intelectual

---

<sup>777</sup> HUMBOLDT. *Essai sur la Géographie des Plantes*, 1805 [1807], p. 13.

<sup>778</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. 1.

<sup>779</sup> HUMBOLDT. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*, 1807 [1805], p. VI.

(*intellektuelle Anschauung*) objetivada pela arte, a intuição estética (*ästhetische Anschauung*). Nesse sentido, imagem simbólica e intuição estética nos fizeram compreender que a comunicação das formas finitas da natureza (as formas vegetais, p. ex.) se realiza em uma dinâmica criativa das partes com o *todo* orgânico, unidos simbolicamente. Ao que, no fim do *Fecho*, nossa hipótese interpretativa se confirmou, apontando ainda para uma aproximação entre o conceito schellingiano de intuição estética (desenvolvido a partir de 1800 em sua obra *System des tranzendentalen Idealismus*) e o conceito humboldtiano de pinturas da natureza (desenvolvido a partir de 1845 em sua obra *Kosmos*). Acreditamos, contudo, ter conseguido demonstrar nossa tese sobre a unificação da ideia de natureza de Schelling com a experiência da natureza de Humboldt, a partir da teoria da unificação de espírito e natureza presente na filosofia da natureza, que serviu de base para o desenvolvimento filosófico e científico de ambos os autores.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos por Ivone Castilho Benedetti. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- AYOADE, J.O. *Introdução a climatologia para os trópicos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- BARBOSA, R. Sobre a tarefa da filosofia da natureza: uma reflexão a partir de Schelling. In: PUENTE, F. R.; VIEIRA, L. A. (orgs.). *As filosofias de Schelling*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 243-244.
- BARBOZA, J. Polaridade, alma cósmica, graus de desenvolvimento da natureza: o nascimento da *Naturphilosophie* de Schelling. *Discurso: Revista de Filosofia*. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo-USP, n. 32, p.255-256, 2001. p. 249-287.
- BECKENKAMP, J. A penetração do panteísmo na filosofia alemã. *O que nos faz pensar, Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio*, [S.l.], v. 14, n. 19, p. 7-27, set. 2004.
- BESSE, J-M. A Fisionomia da Paisagem, de Alexander von Humboldt a Paul Vidal de La Blache. In: BESSE, J-M. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BICCA, L. Do Eu Absoluto à Filosofia da Natureza: a trajetória da primeira filosofia de Schelling (1794-1804). *Síntese Nova Fase*, n. 45, p.85, 1989. p. 71-88.
- BOLLE, W. *Fisiognomia da metrópole moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2000.
- BOUGUERRA, M. L. A ciência e água: as pesquisas continuam. In: BOUGUERRA, Mohamed Larbi. *As batalhas da água: por um bem comum da humanidade*. Tradução de João Batista Kreuch. Porto: Campo das Letras, 2005. p. 59-71.
- BRUNI, J. C. A água e a vida. *Tempo Social. Rev. Sociologia*. USP, 5 (1-2): p. 53-65, 1993.
- CHALMERS, A. F. *O que é a ciência afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1993.
- DANZ, C. Schelling in Würzburg. Ein Prospekt. In: DANZ, Christian (Hrsg). *Schelling in Würzburg*. Stuttgart: Bad Cannstatt, 2017, p. 1-20.
- DISTASO, L. V. *The paradox of existence: philosophy and aesthetics in the Young Schelling*. Kluwer Academic Publishers: New York: Boston: Dordrecht: London: Moscow: 2004. Topoi Library: v. 5.
- ESPINOSA, B. de. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Tradução e notas: Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. Coleção FILÔ/Espinosa.

FICHTE, J. G. *Fundamento de toda la Doctrina de la Ciencia - 1794*. Tradução, Introdução e notas: Juan Cruz Cruz. Pamplona, 2005.

GONÇALVES, M. C. F. Die Genese der Naturphilosophie des jungen Schellings aus der Frage nach der Möglichkeit der Konstruktion eines Systems der Philosophie. *Revista Portuguesa de Filosofia*, 2016, v. 72 (2-3), p. 321-338.

GONÇALVES, M. C. F. Construção, criação e produção na filosofia da natureza de Schelling. *Dois pontos: Revista dos Departamentos de Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos*. Curitiba, São Carlos, v. 12, n. 2, p.16, out. 2015. p. 13-26.

GONÇALVES, M. C. F. A construção do conceito schellinguiano de natureza a partir do diálogo crítico com a filosofia transcendental. *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 46, 2014, p. 317-348.

GONÇALVES, M. C. F. Introdução. In: SCHELLING, F. W. J. *Aforismos para introdução à filosofia da natureza e aforismos sobre filosofia da natureza*. Tradução e introdução de Márcia C. F. Gonçalves. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio: Loyola, 2010. p. 7-39.

GONÇALVES, M. C. F. Schelling: filósofo da natureza ou cientista da imanência? In: PUENTE, F. R.; VIEIRA, L. A. (orgs.). *As filosofias de Schelling*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 71-90.

GOETHE, J. W. Von. *Versuch die Metamorphose der Pflanzen zu erklären*. Gotha, Carl Wilhelm Ettinger, 1790.

GRAEFF, O. *Fitogeografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

GRIMM, J.; GRIMM, W. *Deutsches Wörterbuch*. Leipzig: S. Hirzel, 1854-1960, versão digital do *Deutsches Wörterbuch*. Disponível em: <https://woerterbuchnetz.de/>. Acesso em: 15/03/2021.

HARTMANN, N. *A filosofia do idealismo alemão*. Tradução de José Gonçalves Belo. 2. ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1983.

HEGEL, G. W. F. *Diferença entre os sistemas filosóficos de Fichte e de Schelling*. Tradução, introdução e notas de Carlos Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio: 1830*. V. 3. Tradução e Adendos Oraís de Paulo Meneses com a colaboração do Pe. José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.

HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções, 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HUMBOLDT, A. von. Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse. In: HUMBOLDT, Alexander von. *Ansichten der Natur*. Sweiter band. Stuttgart und Tübingen: F. G. Cotta Verlag, 1849 [1808].

HUMBOLDT, A. von. *Kosmos. Entwurf einer Physischen Weltbeschreibung*. Erster Band. Tübingen, F. G. Cotta, 1845.

HUMBOLDT, A. von; BONPLAND, A. *Essai sur la Géographie des plantes. Accompagné d'un Tableau Physique des Régions Équinoxiales*. Paris: Chez Levrault, Schoell et Compagnie, Libraires, 1805 [1807].

HUMBOLDT, A. von; BONPLAND, A. *Ideen zu einer Geographie der Pflanzen nebst einem Naturgemälde der Tropenländer*. Tübingen, F. G. Cotta, 1807 [1805].

HUMBOLDT, A. von. *Florae Fribergensis Specimen. Plantas cryptogamicas praesertim subterraneas*. Berolini: Henr. Augustum Rottmann, 1793.

HUMBOLDT, A. von. *Cartas americanas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1998.

HUMBOLDT, A. von. Livro Quarto – Da Fisionomia das Plantas. In: HUMBOLDT, A. von. *Quadros da Natureza*. v. 1. Tradução de Assis de Carvalho. Rio de Janeiro, 1965, W. M. JACKSON, p. 273-343.

JACKSON, S. T. Introduction: Humboldt, Ecology, and the Cosmos. In: HUMBOLDT, A. von; BONPLAND, A. *Essay on the Geography of Plants*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Tradução de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valerio Rohden e António Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

KANT, I. *Primeiros Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza*. Lisboa: Edições 70, 1990.

LE ROBERT-SEJER. *Le Robert Poche*. Paris: Le Robert, 2016.

LEIBNIZ, G. W. *Monadologia*. Tradução e apresentação: Adelino Cardoso. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

MERLEAU-PONTY, M. *A Natureza: curso do Collège de France*. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINGUET, C.; DUVIOLS, J-P. Introducción. In: HUMBOLDT, A. von. *Ensayo sobre la Geografía de las Plantas. Acompañado de un cuadro físico de las regiones equinociales*. 2. ed. México: Siglo XXI/Universidad Autónoma de Sinaloa, 2016.

MORUJÃO, C. *Schelling e o problema da individuação*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2004.

OSTARIC, L. The concept of life in early Schelling. In: OSTARIC, Lara (Edit.). *Interpreting Schelling: Critical Essays*. Cambridge University Press, 2014, p. 48-70.

PEREIRA, J. A. A percepção em Thomas Reid. *Kínesis*, v. I, n 2, out. 2009. p. 133-143.

PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Tradução do grego, introdução e notas Rodolfo Lopes. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2010.

RAVEN, P.; EVERT, R.; EICHHORN, S. *Biologia vegetal*. 5. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 1996.

RICOTTA, L. *Natureza, ciência e estética em Alexander von Humboldt*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RIZZINI, C. T. *Tratado de Fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Âmbito Cultura Edições Ltda, 1997.

ROMANOWSKI, S. Humboldt's Pictorial Science: An Analysis of the Tableau physique des Andes et pays voisins. In: HUMBOLDT, A. von; BONPLAND, A. *Essay on the geography of plants*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

SARUKHÁN, J. Prefácio: Humboldt y la botânica. In: HUMBOLDT, A. von. *Ensayo sobre la Geografía de las Plantas*. Acompanhado de un cuadro físico de las regiones equinocciales. 2. ed. México: Siglo XXI/Universidad Autónoma de Sinaloa, 2016.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SCHELLING, F. W. J. *Sobre a relação das artes plásticas com a natureza*. Introdução, tradução e notas de Fernando R. de Moraes Barros. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2011.

SCHELLING, F. W. J. *Aforismos para introdução à filosofia da natureza e aforismos sobre filosofia da natureza*. Tradução e introdução de Márcia C. F. Gonçalves. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio: Loyola, 2010.

SCHELLING, F. W. J. *Filosofia da arte*. Tradução, introdução e notas de Márcio Suzuki. 1. ed. 1. Reimpr. São Paulo: EdUSP, 2010.

SCHELLING, F. W. J. Introdução ao Projeto de um Sistema da Filosofia da Natureza Sobre o Conceito da Física Especulativa e a Organização interna de um Sistema desta Ciência. Tradução de Kleber Carneiro Amora. *Princípios*, Natal, v. 17, n. 28, jul./dez. 2010, p. 257-307.

SCHELLING, F. W. J. *Ideias para uma filosofia da natureza*. Prefácio, Introdução e Aditamento à Introdução. Tradução, prefácio, notas e apêndices de Carlos Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

SCHELLING, F. W. J. von. *F. W. J. Von Schellings sämtliche Werke (1856-1861)*. Hrsg. Karl Friedrich Schelling. Elektronische Version, Total Verlag, 1997.

SCHELLING, F. W. J. von. *Schelling. Ausgewählt und vorgestellt von Michaela Boenke*. München: Diederichs, 1995.

SCHELLING, F. W. J. *Schelling-Obras Escolhidas*. Seleção, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Os pensadores.

SCHELLING, F. W. J./FICHTE, J.G. *Escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SCHELLING, F. W. J. von. *Von der Weltseele: Eine Hypothese der höhern Physik zur Erklärung des allgemeinen Organismus*. Hamburg, 1798 [1806].

SILVA, M. M. da. Sobre o lugar sistemático da ‘Dedução geral do processo dinâmico ou das categorias da física’ na concepção schellinguiana da filosofia da natureza. In: SCHELLING, F. W. J. *Dedução geral do processo dinâmico*. Tradução de Gabriel Almeida Assumpção. São Paulo: LiberArs, 2018. p. 7-30.

TAIZ, L. et al. *Fisiologia e desenvolvimento vegetal*. Tradução de Alexandra Antunes Mastroberti. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

TILLIETTE, X. *Schelling: une philosophie en devenir. I Le Système vivant*. 2. édition augmentée. Paris: Librairie Philosophique, 1992.

TILLIETTE, X. La nature, l’esprit, le visible et l’invisible: Note sur une sentence de Schelling. In: TILLIETTE, X. *L’Absolu et la philosophie: essais sur Schelling*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987, p. 44-55.

TORRES FILHO, R. R. O simbólico em Schelling. In: TORRES FILHO, R. R. *Ensaio de filosofia ilustrada*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 109-133.

VIEIRA, L. A. *Schelling*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

VITTE, A. C.; SILVEIRA, R. W. D. Natureza em Alexander von Humboldt: entre a ontologia e o empirismo. *Revista Mercator*, n. 20, v. 9, p.185, set./dez. 2010.

WULF, A. *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt*. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Planeta, 2016.

**APÊNDICE A** – Versão de estudo do “Prefácio” e do “Ensaio sobre a Geografia das Plantas” a partir dos originais “*Préface*” e “*Essai sur la Géographie des Plantes*” (1805 [1807])

a) Prefácio (*Préface*)

Afastado da Europa durante cinco anos, tendo viajado por países muitos dos quais nunca haviam sido visitados por naturalistas, eu deveria ter me apressado talvez em publicar o relato resumido de minha viagem aos trópicos e a série de fenômenos que sucessivamente se apresentaram à minha pesquisa. Eu poderia ter me gabado de que essa ânsia seria aprovada pelo público, uma parte da qual marcou o mais generoso interesse, tanto para minha preservação pessoal quanto para o sucesso de minha expedição. Mas pensei que antes de falar de mim e dos obstáculos que tive de superar no decorrer das minhas operações, seria melhor fixar os olhos dos físicos nos grandes fenômenos que a natureza apresenta nas regiões que eu viajei. É o todo deles que considerei neste ensaio. Oferece o resultado das observações que são desenvolvidas detalhadamente em outros trabalhos que preparo para o público.

Eu abraço todos os fenômenos físicos que observamos tanto na superfície do globo quanto na atmosfera que o cerca. O físico que conhece o estado atual da ciência e, principalmente, da meteorologia, não ficará surpreso ao ver tantos objetos tratados em tão poucas folhas. Se eu pudesse trabalhar por mais tempo nesses escritos, meu trabalho teria se tornado ainda menos extenso; pois uma tabela deve apresentar apenas amplas visões físicas, certos resultados capazes de ser expressos em números exatos.

Foi desde a minha juventude que tive a ideia deste livro. Comuniquei o primeiro esboço de uma *Geografia das Plantas*, em 1790, ao famoso companheiro de Cook, o Sr. Georges Förster, a quem a amizade e a gratidão me haviam intimamente ligado. O estudo que fiz desde então de vários ramos das ciências físicas, serviu para estender minhas primeiras idéias. Minha viagem aos trópicos me forneceu material valioso para a história física do globo. Foi ao ver os grandes objetos que tive de descrever, foi ao pé do Chimborazo, na costa do Mar do Sul, que escrevi a maior parte desta obra. Achei que deveria deixar para ele o título de *Ensaio sobre a geografia das plantas*; pois qualquer denominação menos modesta, ao descobrir mais a imperfeição de minha obra, também a teria tornado menos digna da indulgência do público.

É sobretudo pelo estilo que devo reclamar esta indulgência: obrigado por muito tempo a exprimir-me em várias línguas que não são mais minhas do que o francês, não me atrevo a

esperar expressar-me sempre com esta pureza de estilo que se poderia exigir em uma obra escrita na minha própria língua.

A imagem que estou apresentando hoje é baseada em minhas próprias observações e nas do Sr. Bonpland. Unidos pelos laços da mais íntima amizade, trabalhando juntos por seis anos, compartilhando os sofrimentos aos quais o viajante está necessariamente exposto nos países incultos, resolvemos que em todas as obras que são fruto de nossa expedição deverão constar nossos dois nomes de cada vez.

É na revisão dessas obras, com as quais tenho lidado desde meu retorno da Filadélfia, que muitas vezes recorri a homens famosos que me honram com sua bondade. Sr. Laplace, cujo nome está acima do meu elogio, teve a gentileza de mostrar o mais lisonjeiro interesse tanto pelo trabalho que trouxe de volta quanto por aqueles aos quais acreditei ter me dedicado desde minha chegada à Europa. Iluminadora e revigorante, por assim dizer, pela força de seu gênio, tudo o que o rodeia, sua benevolência tornou-se tão útil para mim quanto para todos os jovens que se aproximam dele.

Se é para mim um prazer prestar-lhe o tributo da minha admiração e da minha gratidão, a amizade compromete-me a cumprir deveres não menos sagrados. O Sr. Biot teve a gentileza de me honrar com seu conselho ao escrever este livro. Reunindo a sagacidade do físico com a profundidade do geômetra, seu negócio também se tornou uma fonte fecunda de instrução para mim: apesar do grande número de suas ocupações, ele teve a gentileza de calcular as tabelas de refrações horizontais e a extinção da luz, ligada à minha pintura.

Os fatos que declarei sobre a história das árvores frutíferas são retirados da obra do Sr. Sickler, que reúne, o que raramente se encontra junto, grande erudição e visões muito filosóficas.

Sr. Decandolle forneceu-me um material interessante sobre a Geografia das plantas de Hautes-Alpes: Sr. Ramond me comunicou alguns sobre a Flora dos Pireneus: extrai outros das obras clássicas de Sr. Wildenow. Era importante comparar os fenômenos da vegetação equinocial com aqueles apresentados pelo nosso solo europeu. Sr. Delambre teve a gentileza de enriquecer minha tabela com várias medidas de altura que nunca foram publicadas. Um grande número de minhas observações barométricas foi calculado por Sr. Prony a partir da fórmula de Sr. Laplace, levando em consideração a influência da gravidade. Este respeitável cientista teve a gentileza de ter mais de quatrocentas medidas de minha altura calculadas diante de seus olhos.

Atualmente, estou trabalhando no esboço das observações astronômicas que fiz no decorrer de minha expedição, uma parte das quais foi apresentada ao Bureau das longitudes

para que sua exatidão fosse examinada. Seria imprudente publicar de antemão ou os mapas que elaborei sobre o interior do continente, ou o próprio relato de minha viagem; porque a posição dos lugares e sua altura influenciam todos os fenômenos das regiões que visitei. Ouso gabar-me especialmente de que as observações de longitude que fiz durante a navegação no Orinoco, no Cassiquiare e no Rio Negro, interessarão aos que se preocupam com a geografia sul-americana. Apesar da descrição exata que o Pe. Caulin fez do Cassiquiaré, os geógrafos mais modernos lançaram novas dúvidas sobre a comunicação que existe entre o Orinoco e o rio Amazonas. Trabalhando no local, não esperava que fosse censurado com amargura por ter encontrado na natureza o curso dos rios e a direção das montanhas muito diferente do que indica o mapa de La Cruz; mas é o destino dos viajantes desagradar quando observam fatos que são contrários às opiniões recebidas.

Após a redação do volume astronômico, a de minhas outras obras pode seguir rapidamente; e só depois de publicar os frutos da minha última viagem é que cuidarei de um novo empreendimento que planejei e que poderá lançar a maior luz sobre a meteorologia e os fenômenos magnéticos.

Não posso publicar este ensaio, primeiro fruto de minhas pesquisas, sem oferecer a homenagem de minha profunda e respeitosa gratidão ao governo que me honrou com tão generosa proteção no decorrer de minhas viagens: gozando de uma licença que nunca foi concedida a nenhum indivíduo, vivendo por cinco anos no meio de uma nação franca e leal, não conheci nas colônias espanholas outros obstáculos além dos apresentados pela natureza física. A memória desta benevolência do governo permanecerá gravada em minha alma tão perpetuamente quanto as marcas de afeto e interesse com que todas as classes de habitantes me honraram durante minha estada nas duas Américas.

Alex. de Humboldt.

b) Ensaio sobre a Geografia das Plantas (*Essai sur la Géographie des Plantes*) (1805 [1807])  
(*Ler para a aula de ciências físicas e matemáticas do Instituto Nacional, a 17 nivoso do ano 13*).

As pesquisas de botânicos são geralmente direcionadas a objetos que abrangem apenas uma parte muito pequena de sua ciência. Eles estão ocupados quase exclusivamente com a descoberta de novas espécies de plantas, o estudo de sua estrutura externa, os caracteres que as distinguem e as analogias que as unem em classes e famílias.

Esse conhecimento das formas em que os seres organizados aparecem é sem dúvida a principal base da história natural descritiva. Deve ser considerado indispensável para o avanço das ciências que lidam com as propriedades médicas das plantas, sua cultura ou sua aplicação às artes: mas se é digno de ocupar exclusivamente um grande número de botânicos, mesmo que seja capaz de ser considerado do ponto de vista filosófico, não é menos importante fixar a geografia das plantas; ciência da qual apenas o nome existe e que, no entanto, constitui uma parte essencial da física geral.

É essa ciência que considera as plantas sob as relações de sua associação local em diferentes climas. Vasto como o objeto que abraça, pinta de maneira ampla a imensa extensão ocupada pelas plantas, desde a região de neve perpétua até o fundo do oceano e até o interior do globo, onde vegetam, em cavernas escuras, criptógramas tão pouco conhecidas quanto os insetos que alimentam.

O limite superior da vegetação varia, como o do gelo perpétuo, de acordo com a distância dos locais do pólo ou com a obliquidade dos raios solares. Não sabemos até que ponto o limite inferior das plantas se estende: mas observações exatas, feitas na vegetação subterrânea nos dois hemisférios, provam que o interior do globo é animado onde quer que os germes orgânicos encontrem um espaço específico para o seu desenvolvimento, um alimento análogo à sua organização. Esses cumes cumes pedregosos e cobertos de gelo que os olhos dificilmente conseguem distinguir acima das nuvens, são cobertos apenas por musgos e plantas líquenes. Criptógramas semelhantes, às vezes etiolados, às vezes coloridos, ramificam-se nas abóbadas das minas e na terra subterrânea. Assim, os dois limites opostos da vegetação produzem seres de estrutura semelhante e cuja fisiologia também é desconhecida para nós

A geografia das plantas não apenas classifica as plantas de acordo com as diferentes zonas e alturas em que são encontradas; não está satisfeito em considerá-los de acordo com os graus de pressão atmosférica, temperatura, umidade e tensão elétrica sob os quais vivem: distingue entre eles, como entre os animais, duas classes que têm um modo de vida, e se ousarmos dizer, hábitos muito diferentes.

Algumas crescem isoladas e dispersas: na Europa estão o *solanum dulcamara*, o *lychnis dioica*, o *polygonum bistorta*, o *anthericum liliago*, a *crateaegus aria*, a *weissia paludosa*, o *polytrichum piliferum*, o *fucus saccharinus*, a *clavaria pistillaris*, a *agaricus procerus*; nos trópicos, *theophrasta americana*, *lysianthus longifolius*, *cinchona*, *hevea*. Outras plantas, unidas na sociedade como formigas e abelhas, cobrem imensos terrenos, dos quais excluem espécies heterogêneas: como os morangos (*fragaria vesca*), os mirtilos

(*vaccinium myrtillus*), o *polygonum aviculare*, o *cyperus fuscus*, *aira canescens*, *pinus sylvestris*, *sesuvium portulacastrum*, *rhizophara mangle*, *croton argenteum*, *convolvulus brasiliensis*, *brathys juniperina*, *escallonia myrtilloides*, *bromelia karatas*, *sphagnum palustre*, *polytrichum commune*, *fucus natustre*, *sphaeria digitata*, *lichen haematomma*, *cladonia paschalis*, *thelephora hirsuta*.

Essas plantas associadas são mais comuns em zonas temperadas do que nos trópicos, cuja vegetação menos uniforme é, portanto, mais pitoresca. Das margens do Orinoco até as do Amazonas e do Ucayale, em mais de quinhentas léguas, toda a superfície do solo é coberta por densas florestas; e se os rios não interrompessem sua continuidade, os macacos, que são quase os únicos habitantes dessas solidões, poderiam, correndo de galho em galho, se mover do hemisfério norte para o hemisfério sul. Mas essas imensas florestas não oferecem o espetáculo uniforme das plantas sociais; cada parte produz várias formas. Aqui encontramos mimosas, *psicotria* ou melastomas, louros, cesalpinos, *ficus*, carolines e hevea, que entrelaçam seus ramos: nenhuma planta exerce seu império sobre as outras. Não é o mesmo nesta região dos trópicos que faz fronteira com o Novo México e o Canadá. Do 17 ° ao 22 ° de latitude, em toda meseta de Anáhuac, todo esse platô elevado de mil e quinhentos a três mil metros acima do nível do mar, é coberto de carvalhos e uma espécie de abeto que se assemelha ao *Pinus strobus*. Na encosta oriental da Cordilheira, nos vales de Xalapa existe uma vasta floresta de barras líquidas [*liquibamdar*]: o solo, a vegetação e o clima assumem o caráter de regiões temperadas; uma circunstância que em nenhum lugar é observada na mesma altura na América do Sul.

A causa desse fenômeno parece depender da estrutura do continente americano. Esse continente se amplia em direção ao pólo boreal e se estende nessa direção muito mais que a Europa; o que torna o clima do México mais frio do que deveria, de acordo com a latitude e a elevação em relação ao nível do mar. As plantas do Canadá e as das regiões mais ao norte diminuiram em direção ao sul e as montanhas vulcânicas do México são cobertas com os mesmos abetos que parecem pertencer apenas às fontes de Gila e do Missouri.

Na Europa, pelo contrário, a grande catástrofe que abriu o Estreito de Gibraltar e escavou o leito do Mediterrâneo impediu que as plantas da África passassem desde então no sul da Europa: também encontramos muitas poucas espécies ao norte dos Pirinéus. Mas os carvalhos que coroam as alturas do vale de Tenochtitlan são espécies idênticas às existentes no quadragésimo quinto grau [45°], e o pintor que viajasse por esta parte dos países nos trópicos, para estudar o caráter da vegetação, não encontraria ali a vegetação e a variedade de formas apresentadas pelas plantas equinociais. Ele encontraria, no paralelo da Jamaica,

florestas de carvalhos, abetos, *cupressus disticha* e *arbutus madronno*; florestas que exibem o caráter e a monotonia das plantas sociais do Canadá, Europa e Ásia boreal.

Seria interessante designar em mapas botânicos as áreas onde vivem esses grupos de plantas da mesma espécie. Eles se apresentariam ali por longas faixas, cuja extensão irresistível diminui a população dos estados, separa as nações vizinhas e coloca em sua comunicação e ao seu comércio obstáculos mais fortes que as montanhas e os mares. Os *bruyères* [urzes], essa associação da *Erica vulgaris*, da *Erica tetralix*, do *Lichen icmadophila* e *hematomma*, espalham-se do extremo norte da Jutlândia, passando por Holstein e Lüneburg, até 52° de latitude. De lá, eles vão para o oeste, pelas areias graníticas de Munster e Breda, até as costas do oceano.

Essas plantas, por uma longa série de séculos, espalham esterilidade sobre o solo e exercem um império absoluto sobre essas regiões: o homem, apesar de seus esforços, lutando contra uma natureza quase indomável, lhes roubou pouco terreno para cultura. Esses campos arados, essas conquistas da indústria, os únicos benéficos para a humanidade, formam, por assim dizer, pequenas ilhotas no meio da urze: lembram à imaginação do viajante esses *oásis* da Líbia, cuja vegetação sempre fresca contrasta com as areias do deserto

Um musgo comum aos pântanos dos trópicos e aos da Europa, o *sphagnum palustre*, uma vez cobriu grande parte da Alemanha. É esse musgo que tornou a vasta terra inabitável para esses povos nômades cujos costumes Tácito nos descreveu. Um fato geológico apóia esse fenômeno. As turfeiras mais antigas, aquelas que são misturadas com muriato de soda e conchas do mar, devem suas origens a *ulvae* e *wrack* [*fucus*]: as mais novas, ao contrário, e as mais difundidas, surgem do esfagno e do *mnium serpillifolium*; e sua existência prova o quanto esses criptógramas abundaram, outrora, no mundo. Ao derrubar florestas, os povos agrícolas reduziram a umidade do clima; os pântanos secaram e as plantas úteis ganharam gradualmente as planícies ocupadas por essas criptógramas prejudiciais ao cultivo.

Embora o fenômeno das plantas sociais paroquiais pertença principalmente a zonas temperadas, os trópicos, no entanto, oferecem vários exemplos. Nas costas da longa cadeia dos Andes, a três mil metros de altura, estendem-se o *Brathis juniperina*, o jarava (gênero de gramíneas próximas ao papporophorum), a *Escalloia myrtilloides*, várias espécies de *molina* e, principalmente, a *tourettia*, cuja medula dá comida que o índio indigente às vezes luta com os ursos. Nas planícies que separam o rio Amazonas e o Chinchipe, encontramos o *Croton argenteum*, as *bougainvillea* e os *godoya*; como nas savanas do Orinoco, a palmeira *mauritia*, os sensitivos herbáceos e as *kyllingia*. No reino de Nova Granada, a *bambusa* e a *heliconia* oferecem faixas uniformes e não são interrompidas por outras plantas: mas essas associações

de plantas da mesma espécie são constantemente menos extensas lá, menos numerosas do que em climas temperados.

Para se pronunciar sobre a antiga conexão dos continentes vizinhos, a geologia se baseia na estrutura análoga das costas, nas águas rasas do oceano, e na identidade dos animais que as habitam. A geografia das plantas fornece um valioso material para esse tipo de pesquisa: ela pode, até certo ponto, identificar as ilhas que, antes unidas, se separavam umas das outras; anuncia que a separação da África e da América do Sul ocorreu antes do desenvolvimento dos seres organizados. É novamente essa ciência que mostra quais plantas são comuns ao leste da Ásia e às costas do México e da Califórnia; se houver alguma sob todas as áreas e em qualquer elevação acima do nível do mar. É com a ajuda da geografia das plantas que podemos voltar com alguma certeza ao primeiro estado físico do globo: é esta que decide se, após o recuo dessas águas cujas rochas concheadas atestam a abundância e agitação, toda a superfície da terra é coberta ao mesmo tempo por várias plantas, ou se, de acordo com as tradições de diferentes povos, o globo, voltou a descansar, primeiro produziu plantas apenas em uma única região, da qual as correntes do mar os transportaram, seguindo os séculos e com uma marcha progressiva, nas zonas mais distantes.

É esta ciência que examina se, através da imensa variedade de formas vegetais, podemos reconhecer algumas formas primitivas, e se a diversidade de espécies deve ser considerada como o efeito de uma degeneração que a tornou constante, com o tempo, variedades inicialmente acidentais.

Se ousasse tirar conclusões gerais dos fenômenos que observei nos dois hemisférios, os germes dos criptógramas me pareceriam os únicos que a natureza desenvolve espontaneamente em todos os climas. O *dicranum scoparium* e o *polytrichum commune*, a *verrucaria sanguinea* e a *verrucaria limitata* de Scopoli, vêm em todas as latitudes, na Europa como sob o equador, e, não apenas nas cadeias das montanhas mais altas, mas ao nível do até mar, onde houver sombra e umidade.

Nas margens do Madeleine, entre Honda e *Egyptiaca*, em uma planície onde o termômetro centígrado é sustentado quase constantemente de 28 a 30 graus, ao pé do *macrocnemum* e do *ochroma*, os musgos formam um gramado tão lindo, tão verde quanto o apresentado pela Noruega. Se outros viajantes nos asseguraram que os criptógramas são muito raros nos trópicos, essa assertiva baseou-se, sem dúvida, no fato de eles apenas visitarem costas áridas ou ilhotas cultivadas, sem penetrar suficientemente no interior dos continentes. Plantas liquênicas da mesma espécie são encontradas em todas as latitudes: sua forma parece ser tão independente da influência dos climas quanto a natureza das rochas que habitam.

Ainda não conhecemos nenhuma planta fanerogâmica, cujos órgãos sejam suficientemente flexíveis para se adaptar a todas as áreas e alturas. Em vão, tem-se afirmado que *alsine media*, *fragaria vesca* e *solanum nigrum* gozam dessa vantagem, que parece reservada apenas ao homem e a alguns mamíferos que o cercam. O morango dos Estados Unidos e do Canadá difere do da Europa. Acreditamos, senhor Bonpland e eu, descobrir alguns pés deste último na Cordilheira dos Andes, passando do vale da Madeleine ao de Cauca, pelas neves de Quindiu. A solidão dessas florestas, compostas de estirax, maracujás em árvores e palmeiras de cera, a falta de cultivo nas redondezas, e outras circunstâncias, parecem excluir a suspeita de que esses morangos tenham sido espalhados ali pelas mãos do homem ou pelos pássaros; mas talvez, se tivéssemos visto esta planta com flor, a teríamos achado especificamente diferente da *fragaria vesca*, como a *fragaria elatior* difere da *fragaria virginiana* por nuances muito leves: pelo menos, durante os cinco anos que colhemos plantas nos dois hemisférios, não coletamos nenhuma planta européia produzida espontaneamente pelo solo sul-americano. Devemos nos limitar a acreditar que o *alsine media*, o *solanum nigrum*, o *sonchus oleraceus*, o *apium graveolens* e a *portulaca oleracea* são plantas que, como os povos das raças do Cáucaso, estão muito difundidas na região boreal do velho continente. Ainda sabemos tão pouco sobre as produções do interior da terra, que devemos nos abster de qualquer conclusão geral: também correríamos o risco de cair no erro desses geólogos que constroem todo o globo segundo o modelo das colinas. que os cercam mais de perto.

Para resolver o grande problema da migração das plantas, a geografia das plantas desce ao interior do globo: ali consulta os monumentos antigos que a natureza deixou na petrificação, nos bosques fósseis e nas camadas de carvão da terra, que são o túmulo da primeira vegetação em nosso planeta. Ela descobre frutas petrificadas da Índia, palmeiras, samambaias, scitamineae e bambu tropical, enterrados nas terras geladas do Norte; ela pondera se essas produções equinociais, bem como os ossos de elefantes, antas, crocodilos e didelfos, recentemente encontrados na Europa, poderiam ter sido trazidas a climas temperados pela força das correntes em um mundo submerso, ou se estes mesmos climas outrora nutriram a palmeira e a anta, o crocodilo e o bambu. Inclina-mos a esta última opinião, quando consideramos as circunstâncias locais que acompanham estas petrificações da Índia. Mas podemos admitir mudanças tão grandes na temperatura da atmosfera, sem recorrer a um deslocamento dos astros, ou a uma mudança no eixo da Terra, que o estado atual de nosso conhecimento astronômico torna improváveis? Se os fenômenos mais marcantes da geologia nos atestam que toda a crosta de nosso planeta estava anteriormente em estado líquido; se a

estratificação e a diferença das rochas nos indicam que a formação das montanhas e a cristalização das grandes massas em torno de um núcleo comum não ocorreram ao mesmo tempo em toda a superfície do globo; pode-se conceber que sua passagem do estado líquido para o estado sólido deve ter liberado uma imensa quantidade de calórico, e aumentado por um certo tempo a temperatura de uma região independente do calor solar: mas esse aumento local de temperatura teria durado tanto quanto exigido pela natureza dos fenômenos a serem explicados?

As mudanças observadas à luz dos astros levantaram a suspeita de que aquele que forma o centro de nosso sistema sofre variações análogas. Um aumento na intensidade dos raios do sol teria, em certos momentos, espalhado o calor dos trópicos sobre as zonas próximas ao pólo? Essas variações, que tornariam a Lapônia habitável para plantas equinociais, elefantes e antas, são periódicas? Ou são o efeito de algumas causas transitórias e perturbadoras de nosso sistema planetário?

São discussões pelas quais a geografia das plantas está ligada à geologia. É ao lançar luz sobre a história primitiva do globo que ela oferece à imaginação do homem um campo tão rico quanto interessante de cultivar.

As plantas, tão análogas aos animais quanto à irritabilidade de suas fibras e aos estimulantes que as excitam, diferem essencialmente em relação à sua mobilidade. A maioria dos animais não deixa suas mães até que se tornem adultos. As plantas, ao contrário, fixadas ao solo após seu desenvolvimento, só podem viajar enquanto ainda estão contidas no ovo, cuja estrutura promove a mobilidade. Mas não são apenas os ventos, correntes e pássaros que ajudam na migração das plantas; é o homem acima de tudo que cuida disso.

Quando ele [o homem] abandona a vida errante, ele reúne ao seu redor animais e plantas úteis que podem vesti-lo e servir de alimento. Essa transição da vida nômade para a agricultura é tardia entre os povos do Norte. Nas regiões equinociais, entre o Orinoco e o Amazonas, a espessura das matas impede o selvagem de se alimentar da caça: ele é obrigado a cuidar de algumas plantas, alguns pés de *jatropha*, banana e *solanum*, que são utilizadas para sua subsistência. O pêssego, os frutos das palmeiras e essas pequenas terras cultivadas (se me atrevo a chamar de cultura o conjunto de um número tão pequeno de plantas), são as fontes de alimentação desses índios sul-americanos. O estado selvagem é modificado em toda parte pela natureza do clima e do solo em que [se] habita. Foram essas modificações que distinguiram os primeiros habitantes da Grécia dos pastores beduínos e estes últimos dos índios do Canadá.

Algumas plantas, que foram objeto de jardinagem e agricultura desde os primeiros tempos, acompanharam o homem de uma extremidade a outra do globo. Assim, na Europa, a

videira seguiu os gregos, o trigo, os romanos, e o algodão, os árabes. Na América, os tultecas carregaram milho: batatas e quinua são encontradas por onde passavam os habitantes da antiga Cundinamarca. A migração dessas plantas é evidente; mas sua primeira pátria é tão pouco conhecida como a das diferentes raças humanas, que já encontramos em todas as partes do globo, no período mais remoto a que remontam as tradições. Ao sul e a leste do Mar Cáspio, às margens do Oxus, na antiga Cólquida, e especialmente na província de Curdistão, cujas altas montanhas estão perpetuamente cobertas de neve e, conseqüentemente, têm mais de três mil metros de altitude, o terreno é coberto por limoeiros, romãs, cerejeiras, pereiras e todas as árvores de fruto que colhemos nos nossos jardins. Não sabemos se este é o seu sítio nativo, ou se, uma vez cultivados, se tornaram selvagens e atestam por sua existência a cultura ancestral dessas regiões. São esses países férteis localizados entre o Eufrates e o Indo, entre o Mar Cáspio, o Pont-Euxin e o Golfo Pérsico, que fornecem as produções mais valiosas para a Europa. A Pérsia nos enviou a noqueira, o pessegueiro; Armênia, a árvore de damasco; A Ásia Menor, a cerejeira e o castanheiro; Síria, a figueira, a pereira, a romãzeira, a oliveira, a ameixeira e a amoreira. Na época de Cato, os romanos ainda não conheciam cerejas, pêssegos ou amoras.

Hesíodo e Homero já mencionam a oliveira cultivada na Grécia e nas ilhas do Arquipélago. Sob o reinado de Tarquin, o velho, esta árvore ainda não existia na Itália, Espanha ou África. Sob o consulado de Appius Claudius, o azeite ainda era muito escasso em Roma; mas no tempo de Plínio a oliveira já havia passado pela França e Espanha. Os fócios o trouxeram para o sul da França: os romanos o plantaram no sul da França: os romanos o plantaram nas margens do Reno. As espécies de videiras selvagens encontradas na América do Norte e que deram o nome de terra do vinho (*Winenland*) à primeira parte do novo continente que os europeus descobriram são muito diferentes da nossa *vitis vinifera*

Uma cerejeira carregada de frutas adornou o triunfo de Lúculo; foi a primeira árvore desta espécie a ser vista na Itália. O ditador sequestrado na província de Pont, durante a vitória que conquistou sobre Mitrídates. Em menos de um século, a cerejeira já era comum na França, Alemanha e Inglaterra. Assim, o homem muda a superfície do globo à vontade e reúne ao seu redor as plantas dos climas mais distantes. Nas colônias européias das duas índias, um pequeno terreno cultivado apresenta café da Arábia, cana-de-açúcar da China, índigo da África e uma série de outras plantas pertencentes a ambos os hemisférios. Essa variedade de produções torna-se ainda mais interessante, pois lembra ao imaginário do observador uma série de acontecimentos que espalharam a raça humana por toda a superfície do globo, da qual se apropriou de todas as produções.

É assim que o homem ansioso e trabalhador, ao percorrer as várias partes do mundo, forçou um certo número de plantas a habitar todos os climas e todas as alturas; mas esse império exercido sobre esses seres organizados não alterou sua estrutura primitiva. A batata, cultivada no Chile a três mil e seiscentos metros (1936 braças) de altura, tem a mesma flor que aquela que foi introduzida nas planícies da Sibéria. A cevada que alimentava os cavalos de Aquiles era sem dúvida a mesma que semeamos hoje. As formas características de plantas e animais presentes na superfície atual do globo não parecem ter sofrido qualquer mudança desde os tempos mais remotos. O íbis enterrado nas catacumbas do Egito, esta ave cuja antiguidade remonta quase à das pirâmides, é idêntica à que pesca hoje nas margens do Nilo; identidade que evidentemente prova que os enormes restos de animais fósseis que o seio da terra contém não pertencem a variedades de espécies atuais, mas a uma ordem de coisas muito diferente daquela em que vivemos, e muito velha para que nossas tradições possam voltar lá.

O homem, favorecendo plantas as recém-introduzidas pelo cultivo, as fez dominar sobre as plantas nativas; mas essa preponderância, que torna o aspecto do solo europeu tão monótono, e que desespera o botânico em suas excursões, pertence apenas à pequena parte do globo onde a civilização se tornou mais perfeita, e na qual, por consequência necessário, a população aumentou mais. Nos países vizinhos ao equador, o homem é fraco demais para domar a vegetação que esconde o solo de seus olhos e não deixa nada livre a não ser o oceano e os rios. A natureza carrega consigo esse caráter selvagem e majestoso, perto do qual desaparecem todos os esforços da cultura.

A origem, pátria primeira, destas plantas, as mais úteis ao homem e que o acompanharam desde os tempos mais remotos, é um segredo tão impenetrável como a primeira morada de todos os animais domésticos. Ignoramos a pátria das ervas que fornecem o principal alimento para os povos da raça Mogul e do Cáucaso; não sabemos qual região produziu espontaneamente cereais, trigo, cevada, aveia e centeio. Esta última grama até parece não ter sido cultivada pelos romanos. Alegou-se ter encontrado cevada selvagem nas margens de Samara na Tartária, *triticum spelta* na Armênia, centeio em Creta, trigo em Baschiros na Ásia: mas esses fatos não parecem suficientemente estabelecidos; pois é muito fácil tomar como plantas produzidas espontaneamente aquelas que, fugindo para longe do império do homem, recuperaram sua antiga liberdade. As plantas que constituem a riqueza natural de todos os habitantes dos trópicos, a bananeira, a *Carica papaya*, a *Jatropha manihot* e o milho, nunca foram encontradas na natureza. Já vi alguns pés dela nas margens do Cassiquiaré e do Rio Negro: mas o selvagem dessas regiões, tão melancólico quanto desconfiado, cultiva pequenas terras nos lugares mais solitários; ele as abandona pouco

depois, e as plantas que ele deixou lá logo parecem naturais ao solo que as produz. A batata, planta benéfica na qual se baseia em grande parte a população dos países mais estéreis da Europa, apresenta o mesmo fenômeno da bananeira, do milho e do trigo. Seja qual for a pesquisa que pude fazer no local, nunca soube que nenhum viajante o teria achado selvagem, nem no cume da Cordilheira do Peru, nem no reino de Nova Granada, onde esta planta é cultivada com *Chenopodium quinoa*.

Tais são as considerações apresentadas pela agricultura e seus vários objetos de acordo com as latitudes, ou a origem e as necessidades das pessoas. A influência da comida, mais ou menos estimulante, no caráter e na energia das paixões, na história das navegações e guerras empreendidas para disputar as produções do reino vegetal; são objetos que ligam a geografia das plantas à história política e moral do homem.

Esses relatos sem dúvida seriam suficientes para mostrar a extensão da ciência da qual estou tentando traçar os limites; mas o homem sensível às belezas da natureza ainda encontra aí a explicação da influência que o aspecto da vegetação exerce sobre o gosto e a imaginação das pessoas. Ele gostaria de examinar em que consiste o que é chamado de caráter da vegetação e a variedade de sensações que ela produz na alma de quem a contempla. Essas considerações são tanto mais importantes quanto afetam de perto os meios pelos quais as artes da imitação e da poesia descritiva conseguem nos influenciar. O mero aspecto da natureza, a visão de campos e bosques, induzem a uma fruição que é essencialmente diferente da impressão causada pelo estudo particular da estrutura de um ser organizado. Aqui, é o detalhe que nos interessa e que desperta a nossa curiosidade; aí está o todo, são as massas que agitam a nossa imaginação. Que impressão diferente causa o aparecimento de um vasto prado rodeado por alguns grupos de árvores e o aparecimento de uma floresta densa e escura misturada com carvalhos e abetos? Que contraste notável entre as florestas das zonas temperadas e as do equador, onde os troncos nus e delgados das palmeiras se erguem acima das árvores de mogno em flor e apresentam majestosos pórticos no ar? Qual é a causa moral dessas sensações? são produzidas pela natureza, pelo crescimento das massas, pelo contorno das formas ou pelo crescimento [porte] das plantas? Como esse crescimento, essa visão de uma natureza mais ou menos rica, mais ou menos alegre, influencia os costumes e principalmente a sensibilidade das pessoas? Qual é o caráter da vegetação dos trópicos? que diferença de fisionomia distingue as plantas da África das do novo continente? que analogia de formas une as plantas alpinas dos Andes às dos altos picos dos Pirineus? São questões que até hoje não foram suscitadas e que, sem dúvida, merecem ocupar o físico.

Na variedade de plantas que cobrem a estrutura de nosso planeta, podemos facilmente distinguir algumas formas gerais às quais a maioria das outras se reduz, e que apresentam tantas famílias ou grupos mais ou menos semelhantes. Limito-me a nomear quinze desses grupos, cuja fisionomia oferece um importante estudo ao paisagista: 1) a forma das citaminas (musa, heliconia, strelitria); 2) palmeiras; 3) samambaias arbóreas; 4) a forma de arum, pothos e dracôncio; 5) a dos abetos (taxus, pinus); 6) toda folia acerosa; 7) o dos tamarindos (mimosa, gleditsia, porlieria); 8) a forma de malvaceae (sterculia, hibiscus, ochroma, cavanyllisia); 9) o de lianas (vitis, paullinia); 10) o de orquídeas (epidendrum, serapias); 11) o nopal (cactus); 12) o dos casuarins, o equisetum; 13) o das gramíneas; 14) o dos musgos; 15) finalmente, o dos líquenes.

Essas divisões fisionômicas quase nada têm em comum com aquelas que os botânicos fizeram até hoje de acordo com princípios muito diferentes. Trata-se aqui apenas dos grandes contornos que determinam a fisionomia da vegetação e da analogia da impressão que recebe o contemplador da natureza, enquanto a botânica descritiva une as plantas segundo a afinidade que as partes apresentam o menor, mas o mais essencial, do corpo de frutificação. Seria um empreendimento digno de um distinto artista estudar, não em estufas e em livros de botânica, mas na própria natureza, a fisionomia dos grupos de plantas que enumerei. Que objeto interessante para uma pintura do que o antigo tronco de uma palmeira balançando suas folhas variegadas acima de um aglomerado de helicônias e bananeiras? Que contraste pitoresco uma samambaia arbórea rodeada de carvalhos mexicanos não ofereceria?

É na beleza absoluta das formas, é na harmonia e no contraste que surgem de sua combinação, que reside o que se chama o caráter da natureza em tal ou qual região. Algumas formas, e as mais belas (as das citamineas, das palmeiras e dos bambus), faltam totalmente nas zonas temperadas; outros, por exemplo, árvores com folhas pinadas, são muito raros e menos elegantes. As espécies arborescentes são muito poucas ali, menos grandes, menos carregadas de flores agradáveis à vista. Também a frequência das plantas sociais mencionadas acima, e o cultivo do homem, tornam a aparência do solo mais monótona. Nos trópicos, ao contrário, a natureza tinha prazer em reunir todas as formas. As dos pinheiros parece faltar à primeira vista; mas nos Andes de Quindiu, nas florestas temperadas de Oxa e no México, existem ciprestes, abetos e zimbros.

As formas das plantas perto do equador são geralmente mais majestosas, mais imponentes; o verniz das folhas é aí mais brilhante, o tecido do parênquima mais solto, mais suculento. As árvores mais altas são constantemente adornadas com flores que são mais belas, maiores e mais perfumadas do que as das plantas herbáceas das zonas temperadas. A casca

queimada de seus velhos troncos forma o mais agradável contraste com o verde jovem dos cipós, com o do *pothos* e, principalmente, com as orquídeas, cujas flores imitam o formato e a plumagem dos pássaros que sugam o néctar. No entanto, os trópicos nunca oferecem aos nossos olhos a vastidão e o verde dos prados que margeiam os rios nos países do Norte: mal conhecemos aí esta doce sensação de uma primavera que desperta a vegetação. A natureza, benéfica para todos os seres, reservou dons específicos para cada região. Um tecido de fibras mais ou menos soltas, cores vegetais mais ou menos vivas, dependendo da mistura química dos elementos e da força estimulante dos raios solares: estas são algumas das causas que dão à vegetação em cada área do globo um caráter particular. A grande altura a que se elevam as terras junto ao equador, dá aos habitantes dos trópicos o curioso espetáculo de plantas cujas formas são as mesmas das plantas da Europa.

Os vales dos Andes são adornados com bananeiras e palmeiras; mais acima está a árvore benéfica, cuja casca é o febrífugo mais rápido e benéfico. Nesta região temperada das *quinquinas*, e mais acima em direção às *escallonia*, erguem-se carvalhos, abetos, berberis, *alnus*, *rubus* e uma série de gêneros que acreditamos pertencer apenas aos países do Norte. Também o habitante das regiões equinociais conhece todas as formas vegetais que a natureza arranhou ao seu redor: a terra desenvolve aos seus olhos um espetáculo tão variado quanto a abóbada azul do céu, que a ele não esconde nenhuma de suas constelações.

Os povos da Europa não gozam da mesma vantagem. As plantas lânguidas que amam a ciência ou o luxo refinado fazem com que sejam cultivadas em estufas, apresentam-lhes apenas a sombra da majestade das plantas equinociais; muitas formas permanecem para sempre desconhecidas para eles, mas a riqueza e perfeição de suas linguagens, a imaginação e a sensibilidade de poetas e pintores, são para eles meios de compensação. São as artes da imitação que retratam aos nossos olhos a imagem variada das regiões equatoriais. Na Europa, um homem isolado em uma costa árida pode desfrutar em sua mente o aspecto de regiões distantes: se sua alma é sensível às obras de arte, se sua mente culta é ampla o suficiente para se elevar a grandes concepções da física geral, do fundo da solidão, sem sair de casa, apropria-se de tudo o que o intrépido naturalista descobriu ao percorrer o ar e o oceano, ao entrar em cavernas subterrâneas ou escalar em picos gelados. É por meio disso, sem dúvida, que as luzes e a civilização mais influenciam nossa felicidade individual: elas nos fazem viver tanto no presente quanto no passado; eles reúnem ao nosso redor tudo o que a natureza produziu em vários climas e nos colocam em comunicação com todos os povos da terra. Apoiados nas descobertas já feitas, podemos lançar-nos ao futuro e, prevendo as consequências dos fenômenos, fixar para sempre as leis a que a natureza se submeteu. É em

meio a essa pesquisa que preparamos para nós um gozo intelectual, uma liberdade moral que nos fortalece contra os golpes do destino e que nenhum poder externo pode prejudicar.

**APÊNDICE B** – Versão de estudo do “Prefácio” a partir do original “*Vorrede*” em “*Ideen zu einer Geographie der Pflanzen*” (1807 [1805])

Depois de uma ausência de cinco anos da Europa, depois de uma estada em países muitos dos quais nunca foram visitados por naturalistas, talvez eu devesse ter me apressado em dar uma breve descrição de minha viagem. Eu poderia até mesmo ter me lisonjeado com o fato de que essa pressa estaria de acordo com os desejos do público, grande parte do qual expressou uma contribuição tão encorajadora para minha preservação pessoal e o progresso de meus empreendimentos. Mas tenho acreditado que antes de falar de mim mesmo e dos obstáculos que tive de superar naquelas regiões distantes do mundo, seria mais útil para as ciências resumir em uma imagem geral os principais resultados dos fenômenos que observei. Essa pintura da natureza é o trabalho que agora ousou apresentar aos físicos, e cujas partes individuais serão desenvolvidas mais de perto em meus trabalhos subsequentes.

Nesta pintura da natureza reúno todos os fenômenos apresentados pela superfície do nosso planeta e pelo círculo de ar que o envolve. Os naturalistas que conhecem o estado atual de nosso conhecimento empírico, especialmente o da meteorologia, não ficarão surpresos de ver tantos assuntos tratados em tão poucas folhas. Se eu pudesse passar mais tempo trabalhando nisso, meu trabalho só teria ficado mais curto: por causa do meu. A pintura da natureza deve apenas estabelecer visões gerais, certos fatos que podem ser expressos por números.

Eu tinha ideias para esse tipo de trabalho desde a minha juventude. Apresentei o primeiro rascunho de uma Geografia das Plantas ao meu amigo Georg Forster, cujo nome nunca pronuncio sem o mais profundo sentimento de gratidão. O estudo de várias partes das ciências físico-matemáticas, às quais me dediquei posteriormente, deu-me a oportunidade de ampliar minhas primeiras ideias. Acima de tudo, devo o material deste trabalho à minha viagem aos países tropicais. Diante dos objetos que devo retratar; cercado por uma natureza poderosa, mas benevolente mesmo por meio de suas lutas internas; ao pé do Chimborazo, anotei a maior parte dessas folhas. Achei que deveria dar a eles o título de *Ideias sobre uma Geografia das Plantas*. Qualquer outro título mais imodesto teria tornado a imperfeição de minha tentativa mais evidente e ainda mais sem valor para a indulgência pública.

Fiel ao campo da ciência da natureza empírica ao qual minha vida anterior foi devotada, também nesta obra enumerei mais de perto os fenômenos múltiplos do que, penetrando na natureza das coisas, descrevendo-os em sua interação interna. Esta confissão,

que indica o ponto de vista a partir do qual posso esperar ser julgado, pretende ao mesmo tempo indicar que um dia será possível apresentar uma pintura da natureza de um tipo completamente diferente e, ao mesmo tempo, superior de uma forma filosófica natural. Tal possibilidade que quase duvidei de mim mesmo antes de meu retorno à Europa. Essa redução de todos os fenômenos naturais, de todas as atividades e formações, ao conflito sem fim entre as forças fundamentais opostas da matéria, foi justificada pelo empreendimento ousado de um dos homens mais profundos de nosso século. Não totalmente familiarizado com o espírito do sistema de Schelling, estou longe da opinião de que o estudo genuíno da filosofia da natureza poderia prejudicar as investigações empíricas e que empiristas e filósofos naturais deveriam repudiar-se para sempre como polos em conflito. Poucos físicos reclamaram mais alto do que eu sobre a natureza insatisfatória das teorias anteriores e de suas imagens; poucos expressaram tão definitivamente sua descrença na diferença específica entre os chamados materiais básicos. (*Experiências no músculo irritado e fusor de nervo*, B. I, p. 367 e 422; B. II, p. 34, 40) Quem pode, portanto, alegrar-se e compartilhar de maneira mais sincera do que eu, em um sistema que mina o atomismo e a forma unilateral de pensar que uma vez segui, toda diferença de matéria a ser rastreada até a mera diferença no preenchimento e densidade do espaço, distante, prometia espalhar luz brilhante sobre o organismo, calor, fenômenos magnéticos e elétricos tão inacessíveis à pequena história natural?

A pintura da natureza que estou fornecendo aqui é baseada em observações que fiz parcialmente sozinho e parcialmente com Sr. Bonpland. Por muitos anos unidos por laços de amizade íntima, compartilhando as múltiplas enfermidades a que se está exposto em países incultos e sob a influência de climas malévolos, decidimos que todos os trabalhos que devem ser considerados como frutos de nossa expedição deveriam ser nossos, deve ter [nossos] nomes ao mesmo tempo.

Durante a edição desta obra em Paris, muitas vezes solicitei o conselho de homens excelentes com quem tenho a sorte de estar em contato próximo. O Sr. Laplace, cujo nome não requer meu elogio, desde meu retorno da Filadélfia testemunhou a mais calorosa participação na elaboração de minhas observações reunidas entre os trópicos. Iluminando o que o cerca por meio da abundância de seu conhecimento e da força de seu gênio, sua companhia tornou-se uma influência tão revigorante e benéfica para mim quanto para todos os jovens a quem ele de bom grado sacrifica seu pequeno dever.

Os deveres de amizade exigem que chame o Sr. Biot, membro da primeira turma do Instituto Nacional, não menos grato. A perspicácia do físico está tão felizmente unida a ele com a força do matemático que ele também se tornou muito útil para mim no trabalho de

minhas observações de viagem. Ele mesmo calculou as tabelas de refração horizontal e redução de luz.

Muitos dados sobre a migração das árvores frutíferas eu tomei de empréstimo do excelente trabalho do Sr. Sickler. O Sr. Decandolle e o Sr. Ramond me deram observações interessantes sobre o estado das plantas nas montanhas da Suíça e dos Pirineus. Devo outros aos escritos clássicos de meu amigo e professor de longa data Willdenow. Não pareceu sem importância lançar um olhar reflexivo, para a zona temperada, e comparar a distribuição das plantas europeias com a da América do Sul.

O Sr. Delambre aumentou meu quadro de alturas de montanhas com várias medidas próprias que nunca foram divulgadas. Uma parte da minha foi calculada pelo Sr. Prony de acordo com a nova fórmula do barômetro de Laplace. A mesma pessoa assumiu o cálculo de mais de quatrocentas medidas com a mais agradável disposição.

Atualmente, estou trabalhando no volume que conterá minhas observações astronômicas. Uma parte dela já foi submetida ao escritório da Längen em Paris para exame. Antes da conclusão deste volume astronômico, seria prematuro publicar os mapas geográficos que desenhei, ou o próprio diário de viagem, uma vez que a posição e a altitude de um lugar têm uma influência aproximada ou distante em quase todos os fenômenos físicos e morais. Posso gabar-me de que sobretudo as determinações da longitude, que tive oportunidade de fazer durante a árdua navegação do Orinoco, do Cassiquiarc e do Rio Negro, interessarão aos que se preocupam com o estado inadequado da geografia do interior sul-americano conhecer. Apesar da descrição precisa que o padre Caulin fez do Cassiquiarc, geógrafos recentes voltaram a manifestar as maiores dúvidas sobre a forma como o Orinoco se conecta com o rio Amazonas. Como eu mesmo trabalhei com ferramentas astronômicas nessas regiões, certamente não esperava ser repreendido com amargura se nem sempre encontrasse o curso das montanhas e rios na natureza como mostrado no mapa de La Cruz: mas é o destino usual dos viajantes ficarem descontentes quando eles contradizem as opiniões tradicionais. Após a conclusão de minhas observações astronômicas, como as das medições barométricas e geodésicas, meus outros trabalhos poderão ser apresentados ao público rapidamente um após o outro: pois só depois de processar todos os materiais agora em estoque irei lidar com a nova expedição, cujo plano eu sou que, espero, forneça muitas informações sobre os fenômenos magnéticos e meteorológicos mais importantes.

Não posso anunciar os primeiros resultados da minha viagem aos países tropicais sem aproveitar esta oportunidade para prestar uma homenagem ao Governo espanhol, que durante cinco anos concedeu à minha empresa uma protecção tão especial, a homenagem do meu

profundo e respeitoso agradecimento. Trabalhando com uma liberdade que nunca antes foi concedida a um estrangeiro ou a um homem privado, sob uma nação nobre que recebeu sua peculiaridade no impulso dos acontecimentos, não conheci quase nenhum outro obstáculo senão o que naquelas regiões distantes do mundo a natureza se opõe ao homem. Assim, a memória da minha permanência nos novos continentes será sempre acompanhada dos mais vivos sentimentos de gratidão pelo tratamento amoroso que recebi de todas as classes de habitantes das colônias espanholas de ambos os hemisférios, como no Estado Livre da América do Norte.

Roma, em Julho de 1805. Al. von Humboldt

**ANEXO A – Transcrição dos originais das cartas entre Schelling e Humboldt (1805)**

## a) Carta de Schelling a Humboldt

Brief an Humboldt

Würzburg, im Jan. 1805

Unter den Vielen, welche mit Sehnsucht Ihre Rückkehr nach Europa erwartet haben, darf ich auch mich zählen. Nicht nur das viele Herrliche, das Sie, einem Eroberer ähnlich, aus entfernten Regionen zurückgebracht haben, wird die Epoche Ihrer Wiederkehr ewig denkwürdig machen für die Wissenschaft: auch in Bezug auf den Zustand, in dem Sie die Naturlehre im Vaterland finden, wird Ihre Rückkehr von den wohlthätigsten Folgen sein.

Ich wage, Ihnen von Naturphilosophie zu sprechen, da mir versichert worden ist, dieser neue Gang der Philosophie, wodurch sie ihr altes Besitzthum, die Natur, wieder ergriffen hat, habe bereits auch Ihre Aufmerksamkeit erregt. Man hat sich in Deutschland gegen diese Sache, wie noch immer gegen alles Neue, benommen. Man hat sie erst misverstanden und verdreht und die gröbsten Vorurtheile dagegen verbreitet. Man hat vorgegeben, die Naturphilosophie verschmähe die Erfahrung und hemme ihre Fortschritte, und dies zu gleicher Zeit, als einzelne Naturforscher von den Ideen derselben den besten Gebrauch zu ihren Experimenten machten und diese darnach regulirten. Man hat sich in Deutschland gegen diese Sache, wie noch immer gegen alles Neue, benommen. Es hat bis jetzt in Deutschland von Seiten der empirischen Forscher an dem Mann gefehlt, der die Ansicht im Ganzen und Großen aufgefaßt und darnach beurtheil hätte. Höchstens hatte man gegen einzelne Punkte, vielleicht mit Recht, Zweifel erhoben: aber diese können nichts im Total der Ansicht ändern, welche tiefer gegründet ist.

Wenn ein Mann Ihres Geistes, von dieser Tiefe und Fülle der Erkenntnis, daß in ihm, wenn dies überhaupt möglich wäre, die Totalität derselben erreicht scheinen könnte, dessen Wissen nicht bloß auf das jetzige und die nächstvorhergehende Zeitalter eingeschränkt ist, der das Große verflossener Jahrhunderte kennt und vom Geiste des Alterthums genährt ist - wenn ein Geist von solcher wahrer Universalität diese neue Ansicht der Probe unterwerfen wollte, welche schnelle Entscheidung, welcher Gewinn für den menschlichen Geist!

Vernunft und Erfahrung können sich nie anders als bloß scheinbar widerstreiten, und so habe ich das festeste Zutrauen, Sie werden in vielen Punkten die überraschendste Übereinstimmung der Theorie mit der Erfahrung in der neuen Lehre nicht verkennen. Ihr Geist hat, schon mitten im Zeitalter des Empirismus, so mächtig über die Schranken der damaligen Physik hinausgestrebt, daß Ihnen die kühneren Ideen der jetzigen Ansicht wie Bekannte sein müssen, und unmöglich fremd sein können. Wenn Sie, Ihrem Charakter als empirischer Naturforscher getreu, mit weiser Enthalsamkeit, jenen Ideen in Ihren Werken keinen Eingang verstatteten, als so weit sie sich durch Erfahrung bestätigten: so werden Sie deßhalb ihren Werth jetzt nicht verkennen, nachdem Sie die Sanction der Vernunft, durch Philosophie, erhalten haben.

Ich bin so frei, die Ankündigung eines Unternehmens für organische Naturlehre und Medicin Ihnen zusenden zu lassen, für welches ein großer Theil der besten Köpfe besonders von der neuen Generation sich vereinigt hat. - Ich würde es für das größte Glück achten, wenn Sie diesem Unternehmen Ihren Beifall schenken wollten und, auf welche Art es Ihnen gefiele, zu demselben mitzuwirken sich entschließen könnten.

Mit Sehnsucht erwarte ich den Augenblick Ihrer Rückkehr nach Deutschland, wo ich so vieles von Ihnen lernen und erfragen zu dürfen vielleicht das Glück habe, das mir wichtig ist.

Der Gipfel meiner Freude wäre erreicht, wenn ich das Ganze der naturphilosophischen Ansicht Ihnen mündlich entwickeln und an Ihrem scharfen Geist prüfen könnte.

Indeß erbitte ich mich zu jeder literarischen Mittheilung aus Deutschland, die Sie während Ihrer Entfernung wünschen könnten, und bitte Sie schließlich, die Versicherungen der größten Verehrung, welche mir dieses Schreiben eingegeben hat, gütig aufzunehmen von.

Ihrem ganz geh. Diener

Schelling

## b) Carta de Humboldt a Schelling

Brief von Humboldt an Schelling

París, den 1 Febr. 1805.

Wie kann ich und soll ich Ihnen genugsam für den geistvollen und zugleich schmeichelhaften Brief danken, mit dem Sie mich gestern beehrt haben! Meiner Abreise nach Rom so nahe und durch chemische Arbeiten, die ich früher vollenden soll, zerstreut, eile ich Ihnen so schnell als möglich die Versicherung meiner tiefsten Bewunderung und Hochachtung an den Tag zu legen. Herr Walter, durch dessen Freundschaft ich mich überaus geehrt fühle, hat Ihnen unstreitig gesagt, wie sehr ich mir anzueignen wünsche, was Sie durch Begründung einer Naturphilosophie in den letzten Jahren Großes und Schönes errungen haben. Was sollte auch in der That mehr meine Aufmerksamkeit auf sich ziehen, als eine Revolution in denjenigen Wissenschaften, denen mein ganzes Leben gewidmet ist. Seit sechs Jahren von Europa abwesend, ohne Bücher, blos mit der Natur beschäftigt, ist mir eine unbefangnere ansicht gewährt, als manchem Physiker, dem durch die Sittenverderbnis, welche die literarischen Kriege nach sich ziehen, seine alten Meinungen lieber als das Object selbst, die Natur, geworden sind. Nein! ich halte die Revolution, welche Sie in den Naturwissenschaften veranlaßt, für eine der schönsten Epochen dieser raschen Zeiten. Zwischen Chemismus und Erregungstheorie schwankend, habe ich stets gehant, daß es noch etwas Besseres und Höheres geben müsse, auf das Alles zurückgeführt werden könne, und dies Höhere verdanken wir nun Ihren Entdeckungen.

Lassen Sie es sich aber nicht anfechten, daß diese Entdeckungen, wie alles Wohlthätige in der Welt, Vielen zum Gift geworden sind. Die Naturphilosophie kann den Fortschritten der empirischen Wissenschaften nie schädlich sein. Im Gegentheile, sie führt das Entdeckte auf Principien zurück, wie sie zugleich neue Entdeckungen begründet. Steht dabei eine Menschenklasse auf, welche es für bequemer hält, die Chemie durch die Kraft des Hirnes zu treiben, als sich die Hände zu benetzen, so ist das weder Ihre Schuld noch die der Naturphilosophie überhaupt. Darf man die Analysis verschreien, weil unsere Müller oft bessere Maschinen bauen als die, welche der Mathematiker berechnet hat? Nicht die Mathematik, nein, ihre voreilige, unphilosophische Anwendung und die fehlenden Zwischenglieder haben allein die Schuld.

Hier haben Sie, vortreffliche Mann, eine freimüthige Erklärung über einen für die Menschheit so wichtigen Gegenstand. Immer nach außen strebend, fühlt doch Niemand mehr als ich Bewunderung für das, was der Mensch aus seiner eignen Tiefe un Fülle schöpft und hervorbringt. Aber was kann meine Stimme, was soll sie in Deutschland bewirken? Die Wahrheit strahlt endlich doch durch die Finsternis durch, und wir haben ja das Glück einer Nation anzugehören, deren Geistesthätigkeit mit jedem Jahrzehnt neubeflügelt scheint.

Ehe ich mich aufs Neue aus Europa entferne und in das Polar-Eis vergrabe, hoffe ich Sie noch in der Nähe genossen zu haben. Versichern Sie Herrn Walter, Herrn Marcus, Herrn Steffens meiner tiefsten Hochachtung. Ich sehe mit Sehnsucht Ihrem Journale entgegen, in dem Sie uns das Geheimnis des Organismus enthüllen werden.

Ihr

Alex. Humboldt.

